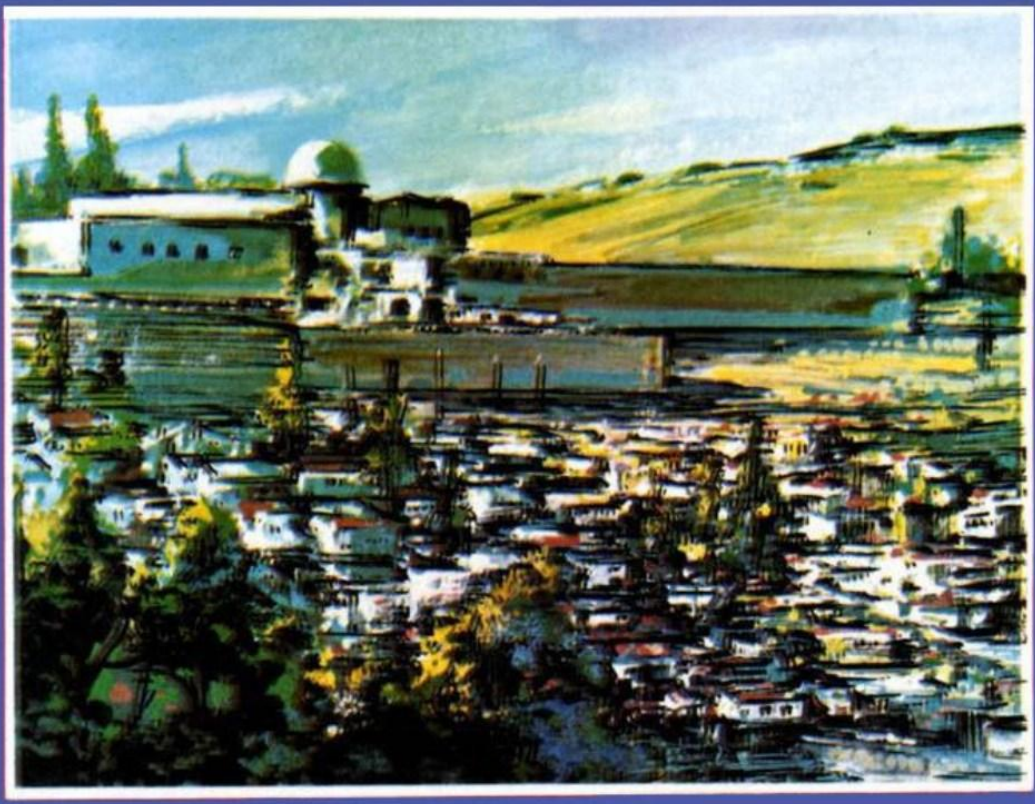


2 OS QUATRO EVANGELHOS

Revelação da Revelação

J.-B. Roustaing

C o n t e ú d o

MATEUS, Cap. VII, v. 7-11-LUCAS, Cap. XI, v. 5-13. 55

MATEUS. Cap. VII, v. 12 — LUCAS. Cap. VI. v. 31 60
Justiça. — Amor e Caridade..... 60

MATEUS. Cap. VII, v. 13-14..... 61
Porta estreita que conduz à vida..... 61

LUCAS, Cap. XIII, v. 23-30..... 62
Esforçai-vos por entrar pela porta estreita 62

MATEUS, Cap. VII, v. 15-20 —LUCAS, Cap. VI, v. 43-45..... 66
Falsos profetas. — Frutos da mesma natureza que a árvore..... 66

MATEUS, Cap. VII, v. 21-29 —LUCAS, Cap. VI, v. 46-49..... 68
Deus julga pelas obras..... 68

MATEUS, Capítulo VIII, v. 1-4 — MARCOS, Cap. I, v. 40-45. —
LUCAS, Cap. V, v. 12-16..... 71
O leproso 71

MATEUS, Cap. VIII, v. 5-13. —LUCAS, Cap. VII, v. 1-10 75
O centurião 75

LUCAS, Cap. VII, v. 11-17..... 84
O filho da viúva de Naim 84

MATEUS, Cap. VIII, v. 14-17. — MARCOS, Cap. I, v. 29-34. —
LUCAS, Cap. IV, v. 38-41..... 92
Cura da sogra de Pedro. — Enfermidades curadas 92

MARCOS, Cap. I, v. 35-39. —LUCAS, Cap. IV, v. 42-44 96
Retirada para o deserto. —Prece. — Pregação..... 96

MATEUS, Cap. VIII, v. 18-22. —LUCAS, Cap. IX, v. 57-62..... 98
Seguir a Jesus. —Deixar que os mortos enterrem seus mortos.
—Não olhar para trás..... 98

MATEUS, Cap. VIII, v. 23-27. —MARCOS, Cap. IV, v. 35-41. —
LUCAS, Cap. VIII, v. 22-25..... 104
Tempestade aplacada..... 104

MATEUS, Cap. VIII, v. 28-34. -- MARCOS, Cap. V, v. 1-20. — LUCAS, Cap. VIII, v. 26-40 114
Legião de maus Espíritos expulsos. —Libertação dos subjugados. — Porcos precipitados no mar 114

MATEUS, Cap. IX, v. 1-8. — MARCOS, Cap. II, t'.1-12. — LUCAS, Cap. V, v. 17-26 130
Paralítico 130

MATEUS, Cap. IX, v. 9-13. — MARCOS, Cap. II, v. 13-17. — LUCAS, Cap. V, v. 27-32 133
Vocação de Mateus 133

MATEUS, Cap. IX, v. 14-17. — MARCOS, Cap. II, v. 18-22. — LUCAS. Cap. V, v. 33-39 137
Jejum. —Pano novo. — Odres velhos. — Vinho novo. — Vinho velho 137

MATEUS, Cap. IX, v. 18-26. — MARCOS, Cap. V, v. 21-43. — LUCAS, Cap. VIII, v. 41-56 145
A filha de Jairo. —A hemorroíssa 145

MATEUS, Cap. IX, v. 27-31 152
Cegos curados 152

MATEUS, Cap. IX, v. 32-34. — LUCAS, Cap. XI, v. 14-20 156
Possesso mudo. — Blasfêmia dos fariseus 156

MATEUS, Cap. IX, v. 35-38 159
Ovelhas sem pastor. — Seara. — Trabalhadores 159

MATEUS, Cap. X, v. 2-4. —*MARCOS,* Cap. III, v. 13-14, 16-19. — LUCAS, Cap. VI, v. 12-16 162
Nomes dos apóstolos. — Suas vocações 162

LUCAS, Cap. VI, v. 17-19 164
Descida do monte. — Curas 164

MATEUS, X, v. 1 e 5-15. — MARCOS, III, v. 15 e VI, v. 7-13. — LUCAS, IX, v. I-6 165
A missão, o poder, a pobreza, a pregação dos apóstolos. — Instruções que lhes foram dadas 165

MATEUS, X, v. 16-22. —LUCAS, XII, v. 11-12 182
Prudência. — Simplicidade. —Desassombro diante dos homens. —Assistência e concurso do Espírito Santo 182

MATEUS, X, v. 23-27. —LUCAS, XII, v. 1-3 e VI, v. 39-40 189
Fugir às perseguições. — Imitar a Jesus. — Predição da revelação nova. —Fermento dos fariseus. A hipocrisia; nada oculto a Deus — Cego conduzindo outro cego 189

MATEUS, Cap. X, v. 28-31. — LUCAS, Cap. XII, v. 4-7 199
Só temer a Deus, sem cuja vontade nada sucede 199

MATEUS. Cap. X, v. 32-36. —LUCAS, Cap. XII, v. 8-9 e 49-53 205
Jesus veio trazer fogo à terra. —Não veio trazer a paz e sim o gládio, a divisão, a fim de que chegue a ser conhecido e até que o seja 205

MATEUS, Cap. X, v. 37-39. *LUCAS,* Cap. XIV, v. 25-27 209
Amor da família. — Cumprimento do dever acima de todas as coisas. — Paciência e resignação nas provações terrenas 209

LUCAS, Cap. XIV, v. 28-33 214
Examinar antes de obrar. —Não parar na estrada do progresso. —Não dar apreço aos bens materiais senão como meio de fazer caridade 214

MATEUS, Cap. X, v. 40-42 e Cap. XI, v. 1 216
Aquele que cumpre a lei de amor e de caridade terá sua recompensa 216

LUCAS, Cap. X, v. 1-12 e 16 217
Missão e instrução dadas aos setenta e dois discípulos 217

LUCAS, Cap. X, v. 17-20 223

MATEUS, Cap. XI, v. 2-6. —LUCAS, Cap. VII, v. 18-23 225
Discípulos de João mandados por este a Jesus 225

MATEUS, Cap. XI, v. 7-15. —LUCAS, Cap. VII, v. 24-30 e Cap. XVI, v. 16 227
João. precursor, e Jesus. — Pedra fundamental do edifício da regeneração — Missão nova e futura de João 227

MATEUS, Cap. XI, v. 16-19. —LUCAS, Cap. VII, v. 31-35 235
João e Jesus incompreendidos pelos Hebreus. João e Jesus compreendidos hoje pelos que são os filhos do Senhor 235

LUCAS, Cap. VII, v. 36-50 239
Pecadora que banha de lágrimas os pés de Jesus e os enxuga com seus cabelos, derramando bálsamo sobre eles 239

MATEUS, Cap. XI, v. 20-24. —LUCAS, Cap. X, v. 13-15 244
Cidades impenitentes 244

MATEUS, Cap. XI, v. 25-27. —*LUCAS,* Cap. X, v. 21-22 251
Cegos, tidos entre os homens por sábios e prudentes. Esclarecidos, que os homens consideram como obscuros 251

MATEUS, Cap. XI, v. 28-30 256
Jugo suave e fardo leve 256

MATEUS, Cap. XII, v. 1-8. — MARCOS. Cap. II, v. 23-28. — LUCAS, Cap. VI, v. 1-5 258
O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado. — Deus, sempre indulgente com as suas criaturas fracas e falíveis, lhes faculta o arrependimento e a reparação 258

MATEUS. Cap. XII, v. 9-14. — MARCOS, Cap. III, v. 1-6. -- LUCAS, Cap. VI, v. 6-11 264
Cura da mão paralítica, em dia de sábado 264

MATEUS, Cap. XII, v. 15-21 268
Missão do Messias. — Seus poderes. — Vias de purificação sempre abertas aos Espíritos culpados, que, como todos os outros, têm que chegar ao fim 268

MATEUS, Cap. XII, v. 22-28. — MARCOS, Cap. III, v. 20-26 272
Subjugado. — Cego e mudo por efeito da subjugação. — Blasfêmias dos fariseus. Reino dividido 272

MATEUS. Cap. XII, v. 29-37. — MARCOS. Cap. III, v. 27-30. — LUCAS. Cap. XI, v. 21-23 e Cap. XII, v. 10 283
O forte armado. —Pecado remido. —Blasfêmia contra o Espírito Santo. — Tesouro do coração. Palavra ímpia. — Quem não está com Jesus está contra ele. —Pelo fruto é que se conhece a árvore 283

MATEUS, Cap. XII, v. 38-42. — LUCAS, Cap. XI, v. 29-32 295
Prodígio pedido pelos fariseus. — Resposta de Jesus. — Prodígio de Jonas. —Ninivitas. Rainha do Meio-dia 295

MATEUS, Cap. XII, v. 43-45. — LUCAS, Cap. XI, v. 24-28 300
Dever, que tem o homem, de resistir aos maus instintos, às más paixões. — Respostas de Jesus ao que, do meio do povo, lhe disse uma mulher 300

MATEUS, Cap. XII, v. 46-50. — MARCOS, Cap. III, v. 31-35. — LUCAS, Cap. VIII, v. 19-21 307
O irmão, a irmã e a mãe de Jesus são os que fazem a vontade de seu pai, ouvindo a palavra de Deus e pondo-a em prática. 307

MATEUS, Cap. XIII, v. 1-23. —MARCOS, Cap. IV, v. 1-20 e 25. — LUCAS, Cap. VIII, v. 1-15 e 18; Cap. X, v. 23-24. 316
Parábola do semeador. —Explicação dessa parábola. 316

MATEUS, Cap. XIII, v. 24-30 337
Parábola do joio semeado entre o trigo 337

MATEUS, Cap. XIII, v. 31-35. —MARCOS, Cap. IV, v. 26-34. — LUCAS, Cap. XIII, v. 18-22 341
Grão de mostarda. — Fermento da massa. — Semente lançada à terra 341

MATEUS, Cap. XIII, v. 36-43 351
Explicação da parábola do joio 351

MATEUS, Cap. XIII, v. 44 359
Tesouro oculto 359

MATEUS, Cap. XIII, v. 45-46 360
Pérola de alto preço 360

MATEUS, Cap. XIII, v. 47-52 361
Parábola da rede lançada ao mar 361

MATEUS, Cap. XIII, v. *53-58. —MARCOS,* Cap. VI, v. 1-6 363
Nenhum profeta é desestimado senão no seu país, na sua casa e entre seus parentes 363

MATEUS, Cap. XIV, v. 1-12. —MARCOS, Cap. VI, v. 14-29. — LUCAS. Cap. III, v. 19-20 e Cap. IX, v. 7-9 366
Morte de João Batista. — Palavras que, ditas com relação a Jesus, confirmam a crença dos Hebreus na reencarnação 366

MATEUS, Cap. XIV, v. 13-22. — MARCOS, Cap. VI, v. 30-45. — LUCAS. Cap. IX, v. 10-17 371
Multiplicação dos cinco pães e dos dois peixes 371

MATEUS, Cap. XIV, v. 23-33. —MARCOS, Cap. VI, v. 46-52 380

MATEUS, Cap. XIV, v. 34-36. —MARCOS, Cap. VI, v. 53-56 387
Curas operadas pelo contacto com as vestes de Jesus 387

MATEUS, Cap. XV, v. 1-20. ¯MARCOS, Cap. VII, v. 1-23 388
Mãos não lavadas. — Tradições humanas. — Escândalo a desprezar. — Guias cegos. Verdadeira impureza. — O que vem do coração é que suja o homem, que o torna impuro. 388

MATEUS, Cap. XV, v. 21-28. —MARCOS, Cap. VII, v. 24-30 400
A mulher cananeiana 400

MARCOS, Cap. VII, v. 31-37 405
Cura de um surdo-mudo 405

MATEUS, Cap. XV, v. 29-39. —MARCOS, Cap. VIII, v. 1-10 408
Multidão de doentes curados. — Multiplicação de sete pães 408

MATEUS, Cap. XVI, v. 1-4 —MARCOS, Cap. VIII, v. 11-13 411
Recusa do prodígio pedido pelos Fariseus e Saduceus 411

MATEUS, Cap. XVI, v. 5-12. —MARCOS, Cap. VIII, v. 14-21 414
Fermento dos Fariseus e dos Saduceus 414

MARCOS, Cap. VIII, v. 22-26 416
Cura de um cego 416

MATEUS, Cap. XVI, v. 13-20. —MARCOS, Capítulo VIII, v. 27-30. —LUCAS, Cap. IX, v. 18-21 424
Palavras de Jesus confirmativas da reencarnação. Alusão às relações mediúnicas que podem existir entre os homens e as potências espirituais. Missão de Pedro na Igreja do

Cristo. Verdadeira confissão 424

MATEUS, Cap. XVI, v. 21-23. —MARCOS, Cap. VIII, v. 31-33. — LUCAS, Cap. IX, v. 22 452
Predição. — Palavras de Pedro. —Resposta de Jesus 452

MATEUS, Cap. XVI, v. 24-28. —MARCOS, Capítulo VIII, v. 34-38 e IX, v. I —LUCAS, Capítulo IX, v. 23-27 461
Meios e condições sem os quais não se pode ver na terra o reino de Deus, em todo o seu poder 461

MATEUS, Cap. XVII, v. 1-9. — MARCOS, Cap. IX, v. 2-10 — LUCAS, Cap. IX, v. 28-36 468
Transfiguração de Jesus no Tabor — Aparição de Elias e de Moisés. — Nuvem que cobriu os discípulos. — Voz que saiu dessa nuvem e palavras que proferiu 468

MATEUS, Cap. XVII, v. 10-13. —*MARCOS,* Cap. IX, v. 11-13 491
O Espírito de Elias reencarnado na pessoa de João, o Precursor, filho de Zacarias e de Isabel 491

E V A N G E L H O S

SEGUNDO MATEUS, MARCOS, LUCAS
E JOÃO

REUNIDOS E HARMONIZADOS CONTINUAÇÃO

"O Espírito é que vivifica;* a carne de nada serve; as palavras que vos digo são *,espírito e vida."

(JOÃO, VI, v. 64.)

"A letra mata e o espírito vivifica."

(PAULO, II Epíst. aos Coríntios, cap. III, v. 6.)

MATEUS, Cap. VII, v. 7-11-LUCAS, Cap. XI, v. 5-13.

A prece. — Pedi e se vos dará. — Buscai e achareis. — Batei e se vos abrirá.

MATEUS: V. 7. Pedi e se vos dará; buscai e achareis; batei e se vos abrirá; — 8, porquanto, quem pede recebe, quem procura acha e àquele que bate se abre. — 9. Qual dentre vós dá uma pedra ao filho, quando este lhe pede pão? — 10. Ou, se pedir um peixe, qual lhe dará uma serpente? — 11. Ora, se, sendo maus como sois, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, com mais forte razão vosso Pai, que está nos céus, boas coisas dará aos que lhas pedirem.

LUCAS: V. S. Disse-lhes ainda: Se alguém que tiver um amigo o for procurar alta noite dizendo: Meu amigo, empresta-me três

pães, — 6, pois um de meus amigos, que está viajando, acaba de chegar a minha casa e nada tenho para lhe dar; — 7, e o amigo lhe responder, de dentro de casa: Não me importunes; minha porta já está fechada e meus servos deitados assim como eu; não posso levantar-me para te dar o que pedes; — 8, se, apesar disso, o primeiro insistir em bater, — digo-vos que, quando o segundo não se levante para dar o que lhe é pedido por ser seu amigo o pedinte, se levantará pelo menos por causa da importunação e dará ao outro tudo o que lhe seja necessário. — 9. E eu vos digo: Pedi e se vos dará; procurai e achareis, batei e se vos abrirá; — 10, porquanto, quem pede recebe, quem procura acha e àquele que bate se abre. — 11. Se alguém de vós pedir pão a seu pai, este lhe dará uma pedra? Ou, se lhe pedir um peixe, lhe dará uma serpente? — 12. Ou, se lhe pedir um ovo, lhe dará um escorpião? — 13. Ora, se maus como sois, sabeis dar boas coisas a vossos filhos, com mais forte razão vosso Pai, que está nos céus, dará um bom espírito aos que lho peçam.

N. 98. Por estas palavras Jesus punha seus discípulos em guarda contra o desalento que muitas vezes nasce de um aparente insucesso.

Elas se aplicam a todas as gerações. A perseverança pode tocar a todos.

A perseverança vos fortifica as resoluções, vos aperfeiçoa as obras, vos dá segurança na fé e vos faz dignos da atenção do Mestre que concederá aos vossos reiterados esforços o que não vos quisera dar, enquanto não estáveis ainda seguros de vós mesmos.

O homem nada deve fazer, nem empreender, sem primeiramente implorar ao Senhor, do fundo do coração, a sua assistência.

O Senhor, cheio de bondade, sabe o que convém a seus filhos e sempre lhes dá fartamente o que convenha, se bem que estes, ingratos e cegos, só muito raramente compreendem os desígnios da Providência.

Um pai não dá uma serpente ao filho que lhe pede pão. Vosso pai não vos recusa nunca os favores

que vos são necessários. Mas, sabeis o que vos é necessário?

Estais em estado de decidir por vós mesmos qual o alimento que convém ao vosso estômago? Estais em estado de compreender *o gênero de provação por que* deveis passar? Não. Vosso pai, porém, o sabe e vos alimenta de acordo com a vossa constituição.

Quanto mais a luz se espalhar por entre vós, mais aptos estareis a compreender estas palavras: — O pai de família não dá pedras ao filho que lhe pede pão. Pedi, portanto, a vosso pai o pão da vida e ele vos facultará abundantes meios de o adquirirdes.

"Pedi e se vos dará, disse Jesus, procurai e achareis, batei e se vos abrirá: porquanto, quem pede recebe, quem procura acha e a quem bater se abrirá."

Compreendei bem estas palavras, mas, como sempre, *segundo o espírito que vivifica e não segundo a letra que mata.*

Pedi ao Senhor que vos torne compreensíveis suas verdades e o vosso entendimento se abrirá. Batei às portas da eternidade e chegareis ao santuário. Dirigi-vos ao dispensador de todas as graças puras e divinas, dirigi-vos a ele com pureza e amor, pedi-lhe a luz que esclareça os vossos irmãos e ele próprio vos colocará nas mãos o facho cujos raios iluminarão o mundo.

O homem não conseguirá jamais mudar os desígnios de Deus; mas, se pedirdes a força e a luz, lograreis compreender o porquê dos vossos sofrimentos e sabereis sofrer com paciência e resignação, mesmo com amor, *por mais rigorosas que sejam as vossas provas.*

Se puderdes, por um arrependimento sincero, apagar as faltas recentes, podereis, pela prece, rogan-

do a graça de não mais as cometerdes, alcançar, se deles vos fizerdes dignos tornando-os possíveis[1], o amparo e os conselhos que vos sustentarão e guiarão, esclarecendo-vos acerca das provações que escolhestes e acerca da maneira por que conseguireis vencê-las com felicidade aos olhos do Senhor.

Quando se vos diz: *"Pedi e se vos dará",* isto não significa que possais pedir a Deus *que mude vossas provas,* que detenha de súbito o curso dos acontecimentos cuja realização a sua sabedoria decidiu. Significa que o Senhor vos concederá a compreensão das vistas secretas da providência, que vos concederá entrar assim em comunhão de pensamento com ele e compreender o bem que, na eternidade, vos advirá dos sofrimentos morais ou físicos que vos atormentam na existência humana. O livre arbítrio do homem pode mudar a face aos acontecimentos da sua existência, mas *o fundamento sério* destes será sempre o mesmo.

Não vos podem ser contadas *como provações* as mil contrariedades oriundas da existência em comum e da vossa civilização, ainda bárbara *sob tantos pontos de vista.* São particularidades ínfimas que não têm importância alguma *no conjunto das provas* que vos cumpre suportar.

"Vosso pai que está nos céus", disse Jesus, "dará *u m bom espírito* aos que lho pedirem."

O Senhor não se mantém nunca surdo, bem o sabeis, às vozes de seus filhos, quando se dirigem a ele *com confiança e fé.* O pai da grande família nem sempre concede as graças como lhe são pedidas, porque, em vez de constituírem um bem, redundariam em confusão para o homem. Àquele, porém, que o depreca com sinceridade, ele abre o entendimento que dá o *bom espírito,* isto é, o amor de Deus, a inteligência

---

[1] **Quer por inspiração, quer por comunicação.**

das coisas sob a influência espírita, permitindo que seus mensageiros o cerquem para esclarecê-lo.

O homem a quem o pai celeste deu bom *espírito é* aquele que compreende as palavras do Mestre, que se aplica em praticá-las e nunca desespera do seu amor e da sua justiça.

MATEUS. Cap. VII, v. 12 — LUCAS. Cap. VI. v. 31

Justiça. — Amor e Caridade

MATEUS: V. 12. Tudo que quereis que os homens vos façam, fazei-o também a eles; pois é nisto que consistem a lei e os profetas:

LUCAS: V. 31. Fazei aos homens o que quereis que eles vos façam.

N. 99. Ama o teu próximo como a ti mesmo. Teu próximo, qualquer que ele seja, conhecido ou desconhecido, amigo ou inimigo, é teu irmão, pois que é filho do mesmo pai, que está nos céus.

Por toda parte e sempre, em todas as circunstâncias, coloca-te no seu lugar, a fim de procederes com ele como quererias que procedesse contigo. Assim, nunca digas ou faças o que não queiras que ele diga ou faça com relação a ti. Ao contrário, dize ou faze, do ponto de vista do que for bom e justo, na ordem material, moral e intelectual, tudo o que quiseres que, invertidas as posições, ele dissesse ou fizesse por ti, praticando a caridade material e moral, em toda a extensão do teu poder, de teus meios e das tuas faculdades, pela palavra e pelos atos e sob todas as formas: com o coração, com a boca, com os braços e com a inteligência.

MATEUS. Cap. VII, v. 13-14

Porta estreita que conduz à vida

V. 13. Entrai pela porta estreita, pois que larga é a porta e espaçoso o caminho que levam à perdição; e grande é o número dos que por ela entram. — 14. Quão estreita é a porta, quão apertado o caminho que conduzem à vida; quão poucos o encontram!

N. 100. A porta estreita e o caminho difícil indicam os esforços que o Espírito encarnado tem de empregar e as penas que tem de suportar para chegar à vida eterna, isto é, para se despojar de seus vícios, para marchar pela estrada do bem, fazendo nascer no seu íntimo os sentimentos opostos aos vícios de que se for libertando.

Os que *encontram* a porta estreita e o caminho apertado são os que praticam o trabalho, o amor, a caridade e, conseguintemente, a humildade, a tolerância, o desinteresse, o devotamento a todos; são os que, desse modo, bem cumprem as suas provações, resistindo aos maus instintos, às tendências más que precisam ser combatidas e que tornam indispensáveis as sucessivas reencarnações para a purificação e o progresso do Espírito.

A porta larga e o caminho espaçoso, que conduzem à perdição e pela qual *entram* em tão grande número os homens, são o orgulho, o egoísmo, a ambição, com todos os seus derivados, a avareza, a cupidez, a inveja, a luxúria, a intemperança, a cólera, a preguiça, o materialismo, a incredulidade, a intolerância, o fanatismo, a predominância da matéria sobre o Espírito, ou mesmo a sujeição do Espírito à matéria e, de modo geral, a maldade, pela palavra ou pelos atos, sob todas as formas e em todas as gradações.

LUCAS, Cap. XIII, v. 23-30

Esforçai-vos por entrar pela porta estreita

V. 23. E alguém lhe perguntou: Senhor, tão poucos são os que se salvam? Ao que ele respondeu: — 24. Esforçai-vos por entrar pela porta estreita; porquanto eu vos digo que muitos procurarão entrar e não poderão.

N. 101. Muitos dentre vós tentam percorrer a estrada que leva à casa do pai, mas, aborrecidos com os obstáculos a vencer, com os esforços a empregar, com os sacrifícios a suportar, param e não vão adiante. São os que não podem passar pela porta estreita. Aquele, porém, que segue a estrada que *a sua consciência* lhe traçou, não lhe suplantando *os conselhos* por meio de sofismas e subterfúgios, esse passará facilmente pela porta, por mais estreita que pareça. Quando se aproximar dela, vê-la-á larga e aberta para lhe dar passagem.

Dizemos com Jesus: *"Muitos procurarão entrar e não poderão".* São os que tentam e não perseveram.

Sobretudo a vós, espíritas, se aplicam *estas palavras.* Muitos, vendo entreaberta a porta, se encaminharam para ela, mas com passo incerto e levando atrás de si o cortejo de fraudes, de vícios, de impurezas que os acompanha. Não avançam. *Julgam* caminhar, porém a estrada de contínuo se renova diante deles e a porta se torna a fechar gradualmente.

Antes, pois, de enveredardes por esse caminho árido e pedregoso, despojai-vos de tudo quanto vos possa estorvar a marcha. Não chegareis nunca, se não fordes conduzidos por uma consciência pura.

Só esta pode ter a certeza de ver abrir-se a porta estreita e de por ela passar.

V. 25. E quando o pai de família houver entrado e fechado a porta, se, do lado de fora, começardes a bater dizendo: Senhor, abre-nos; o Senhor, respondendo, dirá: Não sei donde sois.

N. 102. Também a longanimidade do Senhor tem termo. Quando o Espírito, chamado a progredir na terra, se obstina em permanecer estacionário nas suas faltas, sem seguir a marcha ascensional impressa a tudo na natureza, não chega ao mesmo tempo que seus irmãos e não pode por conseguinte entrar com eles nas esferas dos felizes. E, se a obstinação, o endurecimento resistem a todos os esforços feitos, o Senhor repele o Espírito teimoso para planetas inferiores, onde recomeça as suas peregrinações, até compreender a necessidade do progresso.

V. 26. Se então disserdes: Bebemos e comemos na tua presença e ensinaste nas nossas praças públicas, — 27, ele vos responderá: Não sei donde sois; afastai-vos de mim vós todos que praticais a iniqüidade.

N. 103. Alusão aos que, sob a capa do culto que professam continuam a viver de modo condenado pela lei divina. Não basta intitular-se sectário de uma religião qualquer, cumpre que se lhe pratique a moral. Não basta dizer, "Senhor! Senhor!"; é preciso fazer a vontade do pai que está nos céus.

V. 28. Haverá prantos e ranger de dentes, quando virdes que Abraão, Isac, Jacob estão no reino de Deus e que vós sois repelidos de lá.

N. 104. Estas palavras de Jesus, apropriadas, pela forma da linguagem, aos homens a quem ele falava, não são alegóricas, sob o ponto de vista dos sofrimentos e torturas *morais,* simbolicamente figurados pelas expressões — *pranto e ranger de dentes.* Experimentá-los-ão os Espíritos que, por permanecerem cul-

pados, rebeldes, no momento da depuração do vosso planeta e da sua humanidade, serão enviados para planetas inferiores. Tais Espíritos não vão para o degredo sem conhecerem a causa da sua condenação. Porventura punis os culpados sem julgamento?

Sim, eles saberão que o endurecimento de suas almas é a causa *única* de suas dores. Verão a grandeza da queda e medirão a extensão da perda que sofreram. Mas, a palavra do Mestre lhes dará a esperança e a visão dos bem-aventurados lhes despertará o desejo de chegarem a ser desse número.

Haverá entre eles *prantos e ranger de dentes,* mas também haverá uma meta a atingir. O Senhor jamais condena sem deixar uma porta aberta à esperança.

Dirigindo-se aos Hebreus, Jesus falava a Espíritos encarnados, dentre os quais alguns permanecerão culpados na época da depuração.

Pertencer ao número dos selvagens da Oceânia, carecer de ciência, de inteligência, não é o que constitui motivo para ser relegado. A esses o Senhor concede tempo. O motivo consiste em *ser orgulhoso, materialista,* em causar a perda das massas populares, arrastando-as para falsos caminhos, em pregar conscientemente uma corruptora moral.

Sim, dos que cercavam a Jesus alguns há que são da vossa era, que revivem entre vós, que ainda progredirão em ciência, em inteligência, mas que, *desgraçadamente para eles,* não progredirão *em simplicidade de coração.* Acreditam possuir tudo e, *chegando o dia,* verão a nudez de *suas almas.*

V. 29. Do Oriente e do Ocidente, do Setentrião e do Meio-dia virão os que se hão de sentar à mesa no reino de Deus.

N. 105. Alusão à comunhão de pensamentos e de crenças que se estabelecerá entre os homens, na época da regeneração.

Alusão também aos Espíritos que virão de diversos planetas para a terra na época em que Jesus, espírito da verdade, aparecerá entre vós. As palavras do Mestre alcançam sempre o presente e o futuro.

V. 30. E eis que serão os últimos os que eram os primeiros e os primeiros serão os que eram os últimos.

N. 106. Muitos dos que se colocaram na frente, entre os primeiros, serão dos últimos a chegar ao fim, por não terem marchado com perseverança.

Os que confiam *em si mesmos e crêem* marchar com mais segurança e passar adiante de seus irmãos, se verão obstados pelo seu próprio orgulho e terão igualmente retardada a marcha.

Para o Senhor nada vale a duração da existência do Espírito. O arrependimento e as virtudes são tudo. Assim, o Espírito que tardiamente entrou na senda do bem, mas que caminha com perseverança, com atividade, pode, não só atingir, como ainda ultrapassar o Espírito preguiçoso, senão culpado, que nenhum esforço faz, mesmo que tenha começado mais cedo a sua rota ascensional.

MATEUS, Cap. VII, v. 15-20 —LUCAS, Cap. VI, v. 43-45

Falsos profetas. — Frutos da mesma natureza que a árvore

MATEUS: V. 15. Acautelai-vos dos falsos profetas que vêm ter convosco sob aspecto exterior de ovelhas, mas que, por dentro, são lobos vorazes. — 16. Conhecê-los-eis pelos seus frutos. Porventura se colhem uvas nos espinheiros, ou figos nas sarças? — 17. Assim, toda árvore boa dá bons frutos, e toda árvore má dá maus frutos. — 18. Uma árvore boa não pode dar maus frutos, nem uma árvore má dar bons frutos. — 19. Toda árvore que não dá bons frutos será cortada e lançada ao fogo. — 20. É, pois, pelos frutos que os conhecereis.

LUCAS: V. 43. A árvore que produz maus frutos não é boa e a árvore que produz bons frutos não é má; — 44, pois cada árvore se conhece pelo seu fruto; não se colhem figos nos espinheiros nem uvas nas sarças. - 4 5 . O homem bom tira o bem do bom tesouro do seu coração; e o homem mau do mau tesouro tira o mal; porquanto a boca fala do que está cheio o coração.

N. 107. Que aquele que prega com os lábios comece por pregar pelo exemplo. Eis tudo. Pela obra se conhece o obreiro.

Os falsos profetas são os que pregam uma moral que não praticam.

Aquele que não mostra aos outros os frutos da moral que prega é uma árvore má. Se sois boa árvore, dai bons frutos. Se, pois, regrardes os vossos atos pela moral do Cristo e pelos seus ensinamentos, serão bons os vossos frutos. Se, porém, vos afastais dessa moral e desses ensinos, sejam quais forem as vossas palavras, não estando com elas acordes os vossos atos, sois árvores más destinadas a ser cortadas *e lançadas ao fogo*, isto é, destinadas à expiação e à reencarnação, como já explicamos.

Espíritas, aos que vos chamarem falsos profetas exemplificai o que ensinais; mostrai os frutos da moral que pregais. Os cegos não admitem que possa existir o fulgor da luz. Abri-lhes os olhos e eles a verão.

MATEUS, Cap. VII, v. 21-29. —LUCAS, Cap. VI, v. 46-49

Deus julga pelas obras

MATEUS: V. 21. Nem todo aquele que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus; aquele, porém, que fizer a vontade de meu Pai que está nos céus, esse entrará no reino dos céus. — 22. Muitos me dirão nesse dia: Senhor, Senhor, *não profetizamos em teu nome, não expulsamos em teu nome os demônios e não fizemos em teu nome muitos prodígios? — 23.* Eu então lhes direi: Nunca vos conheci; Afastai-vos de mim, vós que praticais *a iniqüidade.* — 24. Aquele que escuta as minhas palavras e as pratica é comparável ao homem ajuizado que construiu sua casa sobre a rocha. — 25. Veio a chuva, transbordaram os rios, os ventos sopraram e se arremessaram contra essa casa e ela não caiu por estar edificada sobre a rocha. — 26. Aquele, porém, que ouve as minhas palavras e *não as pratica* se assemelha ao insensato que construiu sua casa na areia. — 27. Veio a chuva, os rios transbordaram, sopraram os ventos, precipitaram-se sobre essa casa e ela desabou e grande foi a sua ruína. — 28. Ora, terminando Jesus esses discursos, a multidão se admirava da sua doutrina, — 29. porque ele a instruía como tendo autoridade e não como os escribas e os fariseus.

LUCAS: V. 46. Mas porque me chamais: Senhor! Senhor! e não fazeis o que vos digo? — 47. Vou mostrar-vos a quem se assemelha aquele que vem a mim — que escuta as minhas palavras e as pratica. — 48. Assemelha-se a um homem que edifica uma casa e que, cavando fundo, lhe constrói na rocha os alicerces. Um rio, transbordadas suas águas, se arremessou contra a casa e não conseguiu abalá-la, por estar edificada sobre a rocha. — 49. Aquele, que escuta as minhas palavras e não as pratica, se assemelha a um homem que edificou sua casa sobre a terra, sem lhe cavar alicerces. O rio se arremessou sobre ela, a casa caiu logo e grande foi a sua ruína.

N. 108. Nem todos os que dizem: Senhor, Senhor! entrarão no reino de Deus. As palavras morrem no espaço sem chegar ao Senhor, quando não têm por apoio os atos. Portanto, praticai sempre o que ensinais, o que admirais, o que louvais. Não bastará que admireis a lei de Jesus, que digais: ela é perfeita, se nada fizerdes por cumpri-la e por vos aperfeiçoardes. Não vos bastará dizer: somos cristãos, se obrardes contra a vontade do Cristo. Não vos bastará declarar: somos espíritas, se continuardes a ser o que éreis antes. Não bastará declareis: somos médiuns e usamos das nossas diversas faculdades mediúnicas, *se não praticardes os ensinamentos recebidos,* se não puserdes, cordial e intencionalmente, essas faculdades ao serviço da causa de Deus, do melhoramento moral dos vossos irmãos, *dando-lhes o exemplo dos esforços* constantes e porfiados que empregais por vos melhorardes pessoalmente, se não vos utilizardes *com humildade e desinteresse* dessas mesmas faculdades para o fim exclusivo de fazer propaganda séria, útil, eficaz, da lei de Jesus e da sublime doutrina dos Espíritos do Senhor, que, despojando *da letra o Espírito,* vêm explicar essa lei, fazê-la *compreensível, amada, praticada,* preparando o cumprimento das promessas do Mestre.

Hoje, e sobretudo a vós, espíritas, *a prática é necessária.*

Quem quer que haja enveredado por esse caminho fique certo de que não mais pode deter-se, de que não mais deve desviar-se, porquanto, muito lhe tendo sido dado, muito lhe será pedido. Não terá desculpa. Não o protege mais o véu espesso da ignorância, pois que a luz o rasgou. Tampouco lhe servirá de escusa a sua fria indiferença. Dele se aproximou a caridade para aquecê-lo. Se o coração se lhe conserva enregelado é porque o quer.

Ao espírita muito será reclamado. Que ele, portanto, se prepare para prestar contas exatas do que lhe foi confiado.

No momento em que estas palavras acabavam de ser escritas, o médium, colocado espontaneamente sob nova influência medianimica. escreveu, com uma grafia *diferente e magistral,* o seguinte:

Não basta se diga que certa moral é sublime; cumpre seja posta em prática. Não basta ser-se *cristão* e mesmo *cristão-espírita,* se se não pratica a moral por mim ensinada. Assim, pois, que os que querem entrar no reino de meu pai sejam seus filhos pelo coração e não pelos lábios, obedeçam com submissão, zelo e confiança às instruções que receberam e recebam hoje dos Espíritos enviados, de acordo com as minhas promessas, para ensinarem progressivamente aos homens todas as coisas, para conduzi-los à verdade e lembrar-lhes o que eu lhes disse.

"Que digam: Senhor, Senhor! mas que o digam do fundo de seus corações; que seus atos correspondam às suas palavras e o reino dos céus lhes pertencerá.

Por aquele cuja mão protetora sustenta os humildes e os fracos e humilha os orgulhosos e poderosos.

ISABEL."

Depois, também de modo espontâneo, o médium escreveu mediunicamente e em caracteres idênticos aos com que fora traçado o ensinamento que acabava de ser recebido, esta última comunicação:

"Bendizei ao Senhor a graça que vos fez e pedi-lhe, de coração, o apoio *daquele que se vos manifestou hoje* por intermédio do seu enviado. Perseverai no caminho que trilhais, tende confiança e fé, mas fé séria, e o Senhor estenderá suas mãos por sobre vós, para afastar os obstáculos que vos pudessem deter.

JOÃO, MATEUS E LUCAS."

MATEUS, Capítulo VIII, v. 1-4 — MARCOS, Cap. I, v. 40-45. — LUCAS, Cap. V, v. 12-16

O leproso

MATEUS: V. 1. Tendo Jesus descido do monte, grande multidão o acompanhou; — 2, e, aproximando-se dele, um leproso se pôs a adorá-lo, dizendo: Senhor, se quiseres, podes curar-me. — 3. Jesus, estendendo a mão, tocou-o e disse: Quero-o; estás curado. E no mesmo instante lhe desapareceu a lepra. — 4. E Jesus acrescentou: Não fales disto a ninguém; mas vai mostrar-te aos sacerdotes e faze a oferenda prescrita por Moisés, a fim de que lhes sirva de testemunho.

MARCOS: V. 40. Aproximou-se dele um leproso e, de joelhos, o implorava, dizendo: Se quiseres, podes curar-me. — 41. Jesus se apiedou do homem e, estendendo a mão, tocou-o e lhe disse: Quero-o, fica curado. — 42. Assim que pronunciou estas palavras, a lepra deixou o homem, ficando este curado. — 43. Mandando-o embora, proibiu-lhe terminantemente Jesus que falasse do fato, dizendo: — 44. Não fales disto a ninguém, mas vai mostrar-te aos príncipes dos sacerdotes e oferece, pela tua cura, o que Moisés ordenou, a fim de que lhes sirva de testemunho. — 45. O homem, porém, tanto que dali se afastou, começou a falar da sua cura e a anunciá-la por toda parte, de sorte que Jesus não podia mais aparecer ostensivamente na cidade; permanecia fora, nos lugares desertos, mas de toda parte vinham ter com ele.

LUCAS: V. 12. Sucedeu que, achando-se Jesus em certa cidade, um homem coberto de lepra o viu, dele se aproximou e, prostrando-se, com o rosto em terra, o implorou dizendo: Senhor, se quiseres, podes curar-me. — 13. Estendendo a mão, Jesus o tocou, dizendo: Eu o quero, fica curado; e a lepra desapareceu no mesmo instante. — 14. Jesus lhe ordenou que não falasse a ninguém. Mas vai, disse-lhe, mostrar-te aos sacerdotes e oferece pela tua cura o que Moisés determinou, a fim de que lhes sirva de testemunho. — 1S. Sua fama cada vez mais se dilatava e a ele acorria grande multidão de pessoas que vinham aos bandos para o ouvir e ser curadas de suas enfermidades. — 16. Ele, porém, se retirava para o deserto e orava.

N. 109. Jesus conhecia e recompensava a fé, mas também sabia não serem chegados os tempos de publicar abertamente as graças que prodigalizava.

Ainda hoje assim é: o Senhor vos concede o seu apoio e se digna de curar a lepra dos vossos corações; mas, nem todos se acham em estado de compreender a graça que recebem. Eis porque vos dizemos: procedei com prudência.

Na indiscrição e na desobediência do leproso tendes um sinal de que os benefícios do Senhor serão conhecidos, faça-se o que se fizer.

A cura instantânea daquele homem, efeito da vontade poderosa de Jesus e da sua ação sobre os fluidos apropriados, se operou pela concentração magnética desses fluidos.

O magnetismo humano pode operar curas que ainda não compreendeis e quanto mais o homem se aproxima da vida espiritual, mais se depurará, mais em relação se porá, conseguintemente, com os fluidos que o cercam e tanto mais facilmente os dominará e empregará como meios curativos.

Ainda não sabeis o que pode o homem com o magnetismo e sobretudo *o que poderá daqui a algum tempo.*

A cura instantânea do leproso não foi, portanto, mais do que um fato natural, mais do que uma concentração dos fluidos de que Jesus podia dispor e que, penetrando a pele do doente, devoraram, aniquilaram as matérias impuras nela contidas, impedindo fossem interiormente lançadas no organismo e na circulação geral. A purificação dos fluidos sangüíneos destruiu o princípio interno da lepra. O tecido da pele foi instantaneamente limpo e o doente se achou curado. Nisso consistiu, *aos olhos dos homens,* o "milagre", pela razão de que ao homem ainda não é possível conseguir semelhante efeito em virtude da sua impureza moral. Quando for capaz de produzir por essa forma a cura física, sua cura moral estará realizada. A sub-

missão e a fé expelirão de vossos corações as influências impuras que os corroem, tornando-os limpos aos olhos do Senhor.

Repetimos: quanto mais o homem se aproximar da vida espiritual, tanto mais se depurará, tanto mais se porá em relação com os fluidos magnéticos que o cercam, tanto mais os dominará e poderá empregar como meios curativos. A depuração do homem, assim no físico como no moral, se operará mediante uma revolução lenta e progressiva, de modo, por assim dizer, insensível aos que a testemunharem; mas, a revolução moral terá que *preceder* de muito à revolução física.

Que fazem os médicos para chegarem a purificar a pele de um leproso? Tratam a massa do sangue, procurando despojá-la de tudo que a corrompe.

O mesmo trabalho nos toca: antes que o vosso organismo material se torne de natureza elevada, temos que limpar a fonte das vossas impurezas. O corpo vos mantém cativa a alma. Tempo virá em que vossas almas desferirão o vôo, elevando-vos os corpos às regiões puras.

Dizendo ao leproso: ¨Vai mostrar-te aos príncipes dos sacerdotes e oferece pela tua cura o que Moisés ordenou, a fim de que lhes sirva de testemunho", Jesus o fez para que aquele homem pudesse volver à vida comum, pois que os leprosos eram excluídos do convívio de seus irmãos. Os sacerdotes dispunham, senão da ciência, pelo menos do direito de julgar se o homem atacado de lepra estava curado e podia voltar para o meio dos seus.

Não vos admireis de que o leproso tenha podido ir, por entre a multidão, à presença de Jesus, para provocar e obter a sua cura. Jesus percorria os campos, indo constantemente de um ponto a outro. Não podeis comparar a vossa organização civil à daqueles

tempos. Os leprosos eram expulsos do recinto das cidades, mas os campos não lhes ficavam interditos. Eles se viam afastados dos seus, mas não encarcerados. Ainda não havia asilos para as misérias e os sofrimentos dos pobres.

Quanto à oferenda que devia ser feita, atenda-se a que tudo era emblemático na lei de Moisés. Assim como se sacrificavam as primícias dos rebanhos, imitando-se a consagração do primogênito das famílias, assim como se degolava a vítima propiciatória para resgatar as faltas dos povos, assim também aos leprosos se impunha a obrigação de levarem sua oferenda ao Senhor, a título de penhor da purificação alcançada e de gratidão pelo benefício recebido. Nenhuma lei inevitável dispunha sobre a natureza desse penhor. Podia ser, conforme a posição do leproso, um pássaro, um cordeiro ou frutos. Cada um oferecia o que estava a seu alcance e o que mais oferecia era, pelos homens, como hoje, considerado limpo.

Não se vê entre vós diariamente o interesse do julgador influindo no julgamento?

Quando os evangelistas dizem que, em conseqüência de haver o leproso divulgado por toda parte o que lhe sucedera, Jesus se viu impossibilitado de aparecer mais na cidade, sendo forçado a conservar-se nos lugares desertos, porque de todos os lados vinham ter com ele, isso significa que as multidões, mais curiosas de milagres materiais do que do reino dos céus, o assaltavam, forçando-o a procurar sítios espaçosos.

Destas palavras humanas: "Mas ele se retirava para o deserto e orava", já vos demos a significação, explicando que todas as vezes que Jesus *desaparecia* das vistas de seus discípulos, estes *acreditavam* que ele se retirara para algum lugar secreto, a fim de se entregar ao jejum e à oração.

MATEUS, Cap. VIII, v. 5-13. —LUCAS, Cap. VII, v. 1-10

O centurião

MATEUS: V. 5. Tendo Jesus entrado em Cafarnaum, veio ter com ele um centurião e lhe dirigiu esta súplica: — 6. Senhor, meu servo está de cama, em minha casa, atacado de paralisia e sofre extremamente. — 7. Jesus disse: Irei lá e o curarei. — 8. Mas o centurião lhe ponderou: Senhor, não sou digno de que entres em minha casa; dize apenas uma palavra e o meu servo estará curado; — 9, porquanto sou um homem submetido a outro; tenho, sob minhas ordens, soldados; — digo a um: vai lá e ele vai; a outro: vem cá e ele vem; a meu servo: faze isto e ele faz. — 10. Ouvindo estas palavras Jesus se encheu de admiração e disse aos que o seguiam: Em verdade vos digo que ainda não encontrara em Israel tão grande fé. — 11. Também vos digo que muitos virão do Oriente e do Ocidente e se assentarão à mesa no reino dos céus com Abraão, Isac e Jacob; — 12, mas que os filhos do reino serão lançados nas trevas exteriores, onde haverá prantos e ranger de dentes. — 13. E, voltando-se para o centurião, disse: Vai e seja feito como acreditaste. Nessa mesma hora o servo ficou curado.

LUCAS: V. 1. Acabando de dizer estas coisas ao povo, entrou em Cafarnaum. — 2. Um centurião tinha doente, quase a morrer, um servo que lhe era muito caro. — 3. Tendo ouvido falar de Jesus, o centurião lhe mandou suplicar, por alguns anciãos judeus, que viesse curar o seu servo. — 4. Falando a Jesus, os anciãos o imploraram instantemente, dizendo: É um homem que merece lhe faças esta graça; — 5, pois que ama o nosso povo e nos edificou uma sinagoga. — 6. Jesus se pôs a caminho com eles; mas, quando chegaram perto da casa do centurião, este lhe mandou dizer por seus amigos: Senhor, não te dês esse incômodo, pois não sou digno de que entres na minha casa, — 7, como não me julguei digno de ir ter contigo; dize uma só palavra e o meu servo estará curado, — 8, porquanto sou um homem submetido à autoridade de outro; tenho, sob minhas ordens, soldados e, se digo a um: vai lá, ele vai; a outro: vem aqui, ele vem; a meu servo: faze isto, ele faz. — 9. Ouvindo isso, Jesus se mostrou admirado e, voltando-se para o povo que o acompanhava, disse: Em verdade vos digo que ainda não vira em Israel tão grande fé. — 10. E quando para a casa do centurião voltaram os que este mandara a Jesus, encontraram curado o servo que estava doente.

N. 110. Tende fé. Para Deus não há diferença entre as suas criaturas, sejam quais forem as leis a que estejam submetidas. Todos os homens de boa vontade são seus filhos. Ide, pois, a ele com confiança, qualquer que seja o jugo humano que suporteis. Ide e ele vos aliviará. Mostrai-lhe vossas misérias, vossos sofrimentos, chamai-o em vosso auxílio e ele vos curará. Robusta seja a vossa fé e atraireis as bênçãos do Senhor.

Quanto à cura do servo do centurião, Jesus a operou pelo mesmo princípio de sempre: o princípio magnético. Todos os fatos de curas materiais qualificados de *miraculosos,* de *milagres,* emanam da mesma fonte.

A paralisia é um resfriamento dos fluidos animalizados que circulam no organismo humano. A vontade poderosa de Jesus mudou esses fluidos, modificando-os e vivificando-os de novo.

Assim como a pilha galvânica pode momentaneamente dar movimento aos músculos e aos nervos de um cadáver, também a concentração, por efeito magnético, de certos fluidos espalhados na atmosfera pode operar sobre o organismo vivo um abalo violento que o regenere.

Na força daquele que, pela ação exclusiva da sua vontade, obtinha tais efeitos é que o homem poderia ver um milagre; mas, a explicação faz ver que essa força é *natural.*

Do mesmo modo que juncou o solo que pisais de plantas benéficas, cujas propriedades curativas ainda não conheceis inteiramente, o Senhor também carregou a atmosfera que vos envolve de propriedades fortificantes, purificadoras e regeneradoras, que nem sequer suspeitais, que para vós ainda são letra morta, por isso que, para vos servirdes delas eficazmente,

tendes que fazer os estudos necessários, estudos morais, únicos que vos podem elevar à altura da ciência que desejais adquirir.

Os estudos morais que vos darão a ciência são os que, em vos elevando, vos libertarão dos instintos brutais. Quanto mais o homem se purificar, mais senhor será da sua vontade, de seus instintos, de seus sentidos, mais se aproximará da perfeição que lhe cumpre atingir, mais aumentará seus poderes.

Só a purificação moral lhe tornará possíveis os estudos necessários ao conhecimento dos fluidos magnéticos dotados dessas propriedades fortificantes, depurativas e regeneradoras, ao conhecimento da natureza e da maneira de atuar de cada um deles e das aplicações a que se prestam, sob o ponto de vista curativo, conforme à moléstia. Sim, à medida que o Espírito se desprender da matéria, ampliar-se-lhe-ão e desenvolverão os conhecimentos a respeito de tudo quanto ainda lhe é obscuro e desconhecido. Porém, muito antes de conhecer os fluidos, o homem se servirá deles com bom resultado, graças ao auxílio dos Espíritos protetores da humanidade, os quais, mediante o magnetismo espiritual, intervindo ocultamente, se sentirão felizes de lhos colocarem, por assim dizer, ao alcance da mão, a fim de que os empregue de acordo com as necessidades.

O conhecimento desses fluidos será progressivo, acompanhando o progresso do estado moral, já o temos dito. Segue-se que só será completo quando o homem houver alcançado a perfeição que pode esperar na terra.

O magnetismo humano ainda tem que progredir muito para chegar ao seu apogeu, para chegar à época em que a força da vontade do Espírito bastará para reunir ou dispersar os fluidos sobre que queira atuar.

A ciência adquirida, porém, já produziu algum bem e preparou para o futuro um bem imenso, pondo-vos em condições de ler através de todos os obstáculos e de perscrutar o seio da terra, para descobrir as riquezas que ela contém. Não falamos aqui das riquezas que o homem deve desprezar como geradoras do orgulho, do egoísmo e da sensualidade, mas das que Deus lhe concede para recobrar a saúde e a força, quando aniquiladas ou diminuídas.

Aludimos ao sonambulismo lúcido, produzido e revelado pelo magnetismo humano, às faculdades de visão espiritual e aos instintos que o sonâmbulo lúcido possui, pelo desprendimento sob a ação magnética, e às descobertas que, do ponto de vista curativo, ele pode e há de proporcionar à humanidade, nos reinos mineral, vegetal e animal e no seio mesmo da terra, entre os detritos e produtos aí sepultados.

Até que se ultime a depuração moral e, como conseqüência, a depuração tísica do homem, a ação magnética humana não bastará por si só, a maior parte das vezes, para a cura das enfermidades. Na maioria dos casos essencialmente físicos, orgânicos, serão necessários o auxílio e o concurso, tanto da ciência médica, como do sonambulismo magnético, das propriedades curativas já conhecidas e das que virão a ser descobertas, nas substâncias minerais, vegetais e animais.

Ficai sabendo: os auxílios *estranhos* aos fluidos magnéticos podem servir, *combinando-se com estes.* Há simpatia entre as plantas que curam e os fluidos que para esse fim se assimilam. Aquelas se saturam destes fluidos e os levam ao organismo. Atraí-os em seguida, por meio do magnetismo humano e obtereis duplo resultado. Eis porque os sonâmbulos lúcidos, livres, pelo desprendimento magnético, de quaisquer

influências, se mostram aptos a escolher as plantas curativas.

Não desprezeis nenhum dos meios que o Senhor vos confiou para atingirdes o fim.

A medicina não deve ser um sistema e sim um meio de restabelecer no organismo o equilíbrio desfeito, de restabelecer a harmonia das forças vitais quando perturbada. E os homens, quaisquer que sejam, que se consagram ao tratamento físico da humanidade, devem entregar-se a profundos e perseverantes estudos teóricos e experimentais, valendo-se da ciência médica, destinada a progredir sempre, do magnetismo humano e do sonambulismo magnético, lançando mão de todos os meios, usando de todos os recursos que aqueles estudos necessariamente facultam, recursos e meios tirados, pela observação e pela experimentação, das propriedades curativas das substâncias minerais, vegetais e animais, sobretudo das vegetais, e ao mesmo tempo dos fluidos de que se acha carregada a atmosfera que vos cerca.

Dissemos e repetimos: até que se complete a purificação moral e, conseguintemente, a purificação física do homem, a ação magnética humana não bastará por si só, na maioria dos casos, para a cura das enfermidades essencialmente físicas, orgânicas. Haverá, porém, casos excepcionais em que Deus permitirá ao homem adiantar-se, em que um privilegiado — privilegiado em virtude da elevação e da pureza alcançadas — com o auxílio oculto dos Espíritos superiores, produzirá, por ato de sua vontade e pela ação magnética, fenômenos de cura considerada impossível, fenômenos de cura dos que se chamam "milagres".

N. 111. Que é o que se dará com os sistemas médicos que, do ponto de vista terapêutico, dividem os homens, notadamente com os sistemas chamados "alopatia" e "homeopatia", sendo este

último aquele que, por meio de experiências no homem são, determina os sintomas morais e os sintomas físicos e mórbidos?

Todos os sistemas médicos terão que se unir para formar um único, que se aliará ao magnetismo humano e ao sonambulismo magnético, prestando-se os três mútuo apoio e constituindo o arsenal onde o homem irá buscar armas para combater a moléstia e restituir a saúde a seus irmãos.

O princípio dos contrários, o dos semelhantes, o magnetismo humano e o sonambulismo magnético são do domínio das leis da natureza.

Compete ao homem *aprender,* por estudos *teóricos e experimentais,* o caso em que deve empregar de pronto *tal ou tal* meio. A esse estudo é que tem que se aplicar para restabelecer, no organismo, o equilíbrio desfeito e a harmonia das forças vitais quando perturbada.

Remonte ele à origem do mal, sobretudo procure sempre a causa moral em todas as dores físicas, dores orgânicas — bem entendido.

Aquele que quebra um braço não pode acusar nenhuma dor secreta ou maus pendores; porém, nos inúmeros males que afligem a humanidade, pesquisai bem o fundo dos corações e das consciências e encontrareis a raiz dessa árvore que se estende por todos os membros. O coração ou a alma quase sempre estão atacados. Daí a perturbação do sistema nervoso, fonte de todas as enfermidades, de todos os sofrimentos. Perscrutai os antecedentes do que sofre e muitas vezes descobrireis o pesar oculto de uma ação, um acontecimento que interessou a saúde, viciando o sangue que devia circular puro nas veias.

Médicos, isto é, todos vós que vos consagrais a aliviar os males dos vossos irmãos, sede clarividentes e não apliqueis o remédio na chaga do doente à guisa da

criança que pensa um boneco, representação, para ela, de um homem.

N. 112. Em face destas palavras do v. 10 de MATEUS e do v. 9 de LUCAS: "Em verdade vos digo que ainda não encontrara tão grande fé em Israel", quais são, tanto com relação à época em que Jesus falava a seus discípulos, como em relação à época atual do Espiritismo, o sentido e o alcance deste versículo (MATEUS, v. 11): "Também vos digo que virão do Oriente e do Ocidente muitos que terão lugar no reino dos céus com Abraão, Isac e Jacob"?

Essas palavras encerravam um ensino visando destruir, no espírito dos Judeus, a idéia de que só eles eram filhos de Deus e tinham direito às graças divinas. Por aquela forma, Jesus lhes ensinava que, seja qual for o homem, venha donde vier, se tiver fé, é verdadeiramente filho de Deus; que, ao contrário, os que pertenciam à grande família judia, acreditando-se privilegiados, seriam repelidos, se não seguissem o caminho que o Senhor traçou e Moisés lhes mostrara, chamando-os à prática do amor de Deus e do amor ao próximo.

Podeis aplicar esse ensino à Igreja romana que repele quem não curve a cabeça ao jugo da sua lei, que o repele não só do seu seio, como também do do Senhor.

Filha orgulhosa dos bens que recebeu, não admite que possa e deva partilhá-los e assim rechaça o cãozinho que procura alimentar-se com as migalhas que lhe caem da mesa, sem *pensar que aquele que a fez pode desfazê-la.*

Vem de molde lembrar aqui a resposta da Cananeana quando, provocada por Jesus, que visava dar um ensino para o momento e *sobretudo para o futuro,* disse: "O cãozinho não se alimenta das migalhas que caem da mesa do amo?" A igreja, incumbida de continuar a obra dos primeiros cristãos, tinha uma tarefa

a desempenhar. Começou a executá-la com zelo, desprendimento e coragem; mas, o êxito a embriagou e ela se habituou à grandeza e às honras. Sacrificou a Mamon, ela que era um modelo oferecido aos filhos do Senhor. Esqueceu a humildade do chefe que a instituiu e a lei evangélica que se encarregara de ensinar. Cheia de orgulho, expulsa os que tentam *abrir-lhe os olhos.* Espessa e difícil de arrancar, é a venda que pôs sobre estes. Coragem, espíritas! Consegui-lo-eis, todavia, porque Deus o quer. Não será obra de um dia, porquanto os séculos passaram, colocando-lhe em cima, ano a ano, uma camada de obscuridade. Será, pois, tirando estas camadas uma a uma que se chegará a arrancar a venda que lhe oculta a luz.

Os Espíritos, anjos do Senhor, descem até vós, para vos ajudar no desempenho dessa missão, indicando-vos o meio de consegui-lo. Sede dóceis e sobretudo sede prudentes, por isso que demasiada precipitação poderia demorar a cura. Como médicos, tendes um tratamento importante a fazer. Consultai-vos mutuamente e procedei de acordo todos. Restitui assim a luz brilhante àquela que quer propagar a luz e fenece nas trevas de que se cercou[2].

O senhor tudo criou puro *e purificam tudo o que se viciou.*

A Igreja do Cristo tem por templo o vosso planeta, por fiéis todos os homens que praticam a sua moral simples e sublime e por sacerdotes todos os corações puros que arrebanham os Espíritos transviados para os reconduzir àquele que empunha o grande cajado de pastor.

N. 113. Quais o sentido e o alcance destas palavras do v. 12 de MATEUS: "Mas, os filhos do reino serão lançados nas trevas exteriores, onde há prantos e ranger de dentes"?

---

[2] Estas palavras foram mediunicamente ditadas no mês de maio de 1862.

Os que receberam a palavra do Senhor e dela não fizeram o uso que deviam fazer serão repelidos e compreenderão claramente o erro em que caíram. Quantos já houve e quantos há que choram as faltas cometidas e que se acreditavam salvos pela única razão de se julgarem com o direito de absolver ou de condenar! É que foram pesados nas mesmas balanças em que pesavam os outros.

Quanto às palavras "prantos e ranger de dentes" — sabeis que *alegoricamente* aludem aos sofrimentos e torturas morais, às expiações que, visando exclusivamente seu aperfeiçoamento moral e seu progresso, o Espírito tem que sofrer e sofre na erraticidade, de modo apropriado e proporcionado aos crimes e faltas que cometeu.

Sim, falando-se de sofrimentos, sempre se devem entender os sofrimentos morais do Espírito culpado e arrependido, inevitavelmente seguidos da reencarnação.

LUCAS, Cap. VII, v. 11-17

O filho da viúva de Naim

V. 11. No dia seguinte Jesus se dirigiu a uma cidade chamada Naim, acompanhado de seus discípulos e de grande multidão. — V. 12. Ao aproximar-se da porta da cidade, aconteceu-lhe ver que levavam a enterrar um morto, que era filho único de sua mãe, sendo esta viúva; grande número de pessoas da cidade a acompanhava. — V. 13. Vendo-a, o Senhor se encheu de compaixão por ela e lhe disse: Não chores. — 14. Aproximou-se e tocou o esquife; os que o levavam pararam e ele disse: Mancebo, levanta-te, eu o ordeno. — 15. No mesmo instante, aquele que estava morto se sentou e começou a falar e Jesus o restituiu à sua mãe. — 16. Todos os presentes foram tomados de espanto e glorificaram a Deus, dizendo: Um grande profeta surgiu entre nós e Deus visitou o seu povo. — 17. O rumor desse milagre se espalhou por toda a Judéia e por todas as suas cercanias.

N. 114. Conheceis a relação que existe entre o Espírito e o corpo quando este, num estado de repouso a que chamais — sono, fraqueza, catalepsia — se acha separado da inteligência que o anima. O Espírito retoma uma liberdade momentânea e restrita, mas permanece ligado ao corpo, de que se separou, por uma cadeia elétrica, que é o laço fluídico do perispírito, laço que o reconduz ao invólucro material logo que as necessidades humanas o ordenam.

A morte, a morte real não tem despertar material e a vontade imutável do Senhor jamais força o Espírito a se unir à podridão. Dizemos — podridão — porque, uma vez quebrado o laço perispirítico, começa o apodrecimento da matéria, ainda mesmo que a vida orgânica não se tenha extinguido *aos olhos dos homens. A* vossa ciência, por enquanto, é incapaz de comprovar os primeiros efeitos e indícios da decomposição, mas, não obstante, eles existem. Segue-se

que, com relação ao filho da viúva de Naim, como com relação à filha de Jairo, a Lázaro e a todos os outros "mortos", *aos olhos humanos bem entendido,* não se quebrara o laço que une o Espírito ao corpo. A morte, pois, era *apenas aparente,* mas fora considerada *real pelos homens.* Jesus chamou o prisioneiro que se afastara do seu cárcere carnal e ele, submisso e dedicado, voltou incontinenti. Não têm outra causa qualquer os fatos desta natureza, referidos tanto no Antigo Testamento, como na Boa-Nova.

Acabamos de dizer, falando do filho da viúva de Naim, que, submisso e dedicado, o Espírito voltou à sua prisão carnal. Para que ocorressem todos os fatos que se haviam de produzir pela ação de Jesus, deixando, através da narração evangélica, traços e lembranças entre os homens, os Espíritos que, por pertencerem ao grupo dos participantes da obra do Mestre, deviam concorrer para a produção desses fatos, se colocavam voluntariamente, nas condições precisas, ao longo do caminho que ele percorria e desempenhavam assim a missão que trouxeram quando encarnaram. O fato ocorrido com o filho da viúva de Naim, como os que se deram com a filha de Jairo e com Lázaro, estava no número daqueles. O Espírito do filho da viúva obedecia, portanto, com submissão e devotamento à vontade de Jesus.

O estado real em que se encontrava o mancebo era o de catalepsia completa, único estado sincopal que pode apresentar por longo tempo as aparências da morte, de modo a ser tido pelo de morte *real.*

Jesus tocou o corpo e não o esquife, que os Hebreus não usavam para enterrar os mortos, e o fez com o fim de deter a marcha do cortejo. Sua vontade, expressa por estas palavras: "Levanta-te, mancebo; eu o ordeno", reconduziu o Espírito ao corpo, que despertou do seu prolongado sono e imediatamente

readquiriu, pela volta do Espírito e pela influência benéfica do Mestre, pela ação do seu poder magnético, a força e a lucidez que perdera.

Esse Espírito, já o dissemos, submisso e devotado, estava pronto a voltar, por ordem de Jesus, ao corpo. Mas, este, não se achando sustentado pela vitalidade da matéria, desde que, em virtude do afastamento do Espírito, o laço fluídico se distendera cada vez mais e se tornara assim muito fraco, necessitava da ação poderosa do Mestre para readquirir de súbito, graças aos fluidos que o penetravam, a força e a vitalidade. A restituição da vitalidade ao corpo foi devido àquela potência magnética, que restabeleceu a harmonia entre as forças vitais.

Repetimos: uma vez morto realmente, pela ruptura do laço espírita que une o Espírito ao corpo, isto é, por se haver o Espírito, com o perispírito, separado completamente do corpo, jamais pode o homem readquirir a vida corporal humana, pela volta de um e outro à podridão chamada cadáver.

Nesse caso, desde que o Espírito volveu à sua vida primitiva, à vida espírita, não lhe é mais possível retomar a vida corporal humana senão por meio da reencarnação, de acordo com as leis naturais e imutáveis da reprodução, em vigor na Terra.

Repetimos: a vontade imutável de Deus jamais força o Espírito a se unir à podridão; jamais derroga, quer para o vosso planeta e a humanidade terrena, quer para os outros mundos e para suas humanidades, as leis naturais e imutáveis que ele mesmo promulgou desde toda a eternidade e que se executam sob a ação espírita universal.

Repetimos também: em todas as "ressurreições" de mortos segundo os homens, operadas na Terra em todas as épocas; especialmente as de que falam tanto

o Antigo Testamento como a Boa-Nova, a do filho da viúva de Naim, a da filha de Jairo e a de Lázaro, não houve mais do que a volta do Espírito a um corpo que ele não abandonara inteiramente, isto é, a que se conservara ligado e preso pelo laço fluídico do perispírito. Assim, não havia cessação da vida, morte *real,* nem cadáver. Não havia mais do que *suspensão* da *vida,* morte *apenas* aparente e, por conseguinte, um estado de catalepsia completa, que passava aos olhos dos homens por um estado de *morte real.*

Quanto ao caso do filho da viúva de Naim, o cortejo seguia silenciosamente sua marcha, Jesus o faz parar e diz à mãe do mancebo, como disse aos que choravam e se lamentavam em casa de Jairo: "Não choreis". Tendo todos parado, ordenou: "Mancebo, levanta-te" exatamente como fizera com a filha de Jairo, a quem disse: "Menina, levanta-te". E, em seguida, se afasta.

Ninguém proferiu palavra *na presença de Jesus,* diante de seus discípulos, da multidão que os acompanhava e dos que compunham o cortejo.

Ninguém afirmou, referindo-se ao filho da viúva de Naim: "Ele está morto". Jesus, portanto, nada tinha que dizer para salvaguardar a interpretação futura, *em espírito e verdade,* do ato que acabava de praticar.

Pelo seu silêncio, deixou *intencionalmente* sujeito às interpretações futuras aquele fato, tido por *milagroso* pelos que o presenciaram e pelos que dele ouviram falar. Assim procedeu porque o fato em questão tinha que contribuir para tornar aceita a sua missão e para que esta produzisse frutos naquele momento e no futuro, cabendo à revelação do Espírito da Verdade por ele predita e prometida, à revelação atual, explicá-lo.

Os que formavam o cortejo, os discípulos, a multidão que os seguia, os que ouviram narrar o fato acreditaram todos na morte real do filho da viúva

de Naim e na sua ressurreição. Para todos, o mancebo estava *morto e* Jesus *o ressuscitara* no sentido que davam a esta palavra, acordemente com seus preconceitos e tradições.

Tal crença era fruto exclusivo das opiniões, das apreciações humanas, pois que Jesus *nada* dissera sobre o estado *real* do mancebo.

Os evangelistas, narradores do fato, tiveram, como sempre, que o relatar e relataram registrando o ato e as palavras de Jesus, segundo as opiniões, apreciações e interpretações humanas a que o mesmo fato dera lugar e que eles esposavam. De modo que, conforme haveis de notar, relatam o fato tal como fora por todos compreendido. Assim é que dizem, falando do mancebo: "um morto" (v. 12), "aquele que estava morto" (v. 15).

A resposta a esta pergunta: "o rapaz estava ou não morto?" tinha que ser confiada às interpretações humanas até aos vossos dias, durante longos séculos. A revelação atual, que vos vem explicar, em espírito e em verdade, a situação real daquele que estava morto no entender dos homens, a natureza e o caráter reais do ato que Jesus praticou, responde a essa pergunta e o faz quando os progressos realizados pela ciência humana, os estudos e as observações sobre o magnetismo é o sonambulismo magnético, quando a ciência espírita, que é o facho condutor, vos puseram em condições de compreender a resposta.

Em chegando o momento, explicar-vos-emos os fatos relativos à filha de Jairo e a Lázaro, porém, desde já, a título de nota, vos diremos o seguinte:

Quanto à filha de Jairo: os servos que levaram ao chefe da sinagoga a notícia da morte da menina lhe disseram, na presença de Jesus, dos discípulos e da multidão: "Tua filha morreu, não dês ao Mestre o incômodo de ir vê-la". Jesus, porém, foi e, chegando à casa de Jairo, disse aos que choravam e se lamen-

tavam: "Não choreis; a menina não está morta, apenas dorme".

Aos tocadores de flauta e ao grande número de pessoas que lá se encontravam fazendo grande alarido, disse igualmente: "Retirai-vos, porquanto a menina não está morta, apenas dorme". Estas palavras foram por todos acolhidas com zombeteira incredulidade, por saberem, dizem os narradores, que ela estava morta. E essa opinião da massa ignorante prevaleceu sobre as declarações expressas e contrárias do Mestre. Os discípulos não viram senão um *milagre* no fato que Jesus produzira e que eles não podiam nem explicar, nem compreender. E tal opinião tinha que durar séculos, como durou. Até aos vossos dias, em que a incredulidade por sua vez a atacou e recusou admitir o fato, por não o saber explicar e não crer em milagre, o que os homens daquela época acreditaram é o que a Igreja ainda ensina: a morte real da filha de Jairo e a sua "ressurreição", no sentido da volta do Espírito a um cadáver.

Mas, já vo-lo dissemos, não censureis; tudo tem a sua razão de ser. Essas crenças constituíram uma condição e um meio de progresso para a Humanidade. Jesus conhecia o estado das inteligências, as necessidades e as aspirações da época e sabia que aquela opinião humana ia prevalecer. Por isso mesmo salvaguardou o futuro, quando disse: "A menina não está morta, apenas dorme", deixando à revelação atual o encargo de, *diante da narração evangélica,* explicar, *em espírito e verdade,* o suposto *milagre.*

Quanto ao fato relativo a Lázaro: Jesus apropriou sua linguagem à situação, ao que devia ser, e dispôs tudo por maneira a que servisse ao presente e preparasse o futuro, reservando aos tempos, então vindouros, da revelação atual, os elementos e os meios de explicar aquele fato *em espírito e verdade.*

Como no caso da filha de Jairo, ele disse: "Esta enfermidade não é mortal; não chega a causar a morte; vosso amigo Lázaro dorme — vou despertá-lo". É

verdade que disse também: "Lázaro está morto", porém disse-o respondendo a esta pergunta dos discípulos: "Mas, se ele está dormindo, curar-se-á?"

Lázaro estava morto aos olhos dos homens, estava-o *para todos,* menos para Jesus, que o sabia apenas *adormecido e* que, assim, o ia *despertar e não ressuscitar* no sentido em que os homens empregam esta palavra. A enfermidade de Lázaro não era mortal, não chegava a causar a morte. Ele, portanto, não morrera, não estava morto.

No momento oportuno, explicar-vos-emos quais são, *em espírito e verdade,* o sentido e o porquê das palavras: "Lázaro está morto", ditas por Jesus como resposta àquela pergunta dos discípulos.

Quando for ocasião, explicaremos o fato ocorrido com Lázaro e a origem da opinião humana de Marta que, como as demais pessoas, lhe acreditou na morte real, chegando a dizer: "Ele cheira mal, pois que está aí há quatro dias".

No desempenho da sua missão terrena, Jesus tudo dispunha tendo em vista a época em que pessoalmente falava aos homens e os séculos ainda distantes. Tinha por isso o cuidado de estabelecer as bases, de preparar os elementos e os meios para a explicação futura, *em espírito e em verdade,* dos seus atos e palavras, de modo que cada era recebesse o que pudesse comportar.

Não confundais nunca, nas narrações evangélicas, os atos e as palavras do Mestre com o que reflete e reproduz as opiniões, apreciações e interpretações humanas, que trazem o cunho da época e do meio em que ele desempenhou a sua missão. Quanto às suas palavras, não lhes dês nunca, querendo apreender-lhes o verdadeiro sentido, querendo penetrar o pensamento a que servem de roupagem, querendo apreciar e determinar *a natureza* e o *caráter* de seus atos, um sentido *literal* que as ponha em contradição *consigo mesmas.* Interpretai-as conforme ao espírito e

compreendei-as, como é necessário, sem as isolar umas das outras, de sorte que, consideradas na íntegra, em vez de se contradizerem, formem um composto harmonioso.

MATEUS, Cap. VIII, v. 14-17. — MARCOS, Cap. I, v. 29-34. —LUCAS, Cap. IV, v. 38-41

Cura da sogra de Pedro. — Enfermidades curadas

MATEUS: V. 14. Tendo ido a casa de Pedro, Jesus aí encontrou a sogra deste de cama e com febre. — 15. Tocou-lhe na mão e a febre desapareceu; ela se levantou imediatamente e se pôs a servi-lo. — 16. Pela tarde apresentaram-lhe muitos possessos e de todos expulsou ele com a sua palavra os maus Espíritos e curou os que estavam doentes; — 17, a fim de que se cumprissem estas palavras do profeta Isaías: Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e carregou com as nossas doenças.

MARCOS: V. 29. Saindo da sinagoga, vieram com Tiago e João *a* casa de Simão e de André. — 30. Ora, achando-se a sogra de Simão de cama com febre, logo falaram dela a Jesus; — 31, e este, aproximando-se, lhe pegou na mão e a fez levantar-se; no mesmo instante a febre a deixou e ela se pôs a servi-lo. — 32. Ao cair da tarde, quando o sol já se escondia, trouxeram-lhe muitos doentes e possessos; — 33, aglomerando-se à porta da casa todos os habitantes da cidade. — 34. E ele curou muitas pessoas atacadas de diferentes moléstias e expulsou muitos demônios aos quais não permitia que falassem, porque o conheciam.

LUCAS: V. 38. Saindo da sinagoga, entrou Jesus na casa de Simão, cuja sogra estava com muita febre e lhe pediram que se compadecesse dela. — 39. Inclinando-se sobre ela, Jesus ordenou à febre que a deixasse e a febre a deixou; ela se levantou imediatamente e começou a servi-los. — 40. Ao pôr do sol, todos os que tinham doentes atacados de moléstias diversas os traziam e ele, pondo sobre cada um as mãos, os curava. — 41. De muitos os demônios saíram gritando e dizendo: És o filho de Deus. Mas Jesus os ameaçava e não lhes permitia que falassem, por isso que sabiam ser ele o Cristo.

N. 115. São sempre doenças e enfermidades físicas a curar, subjugações, tanto corporais, como corporais e morais, a fazer cessar; e os meios empregados, quer para a cura das moléstias, quer para a libertação dos subjugados, são sempre os mesmos, para edificação dos incrédulos.

Sim, tanto a cura da sogra de Pedro, como as dos outros doentes que se apresentaram ao pôr do sol, todas se operaram pelo mesmo processo: pela ação magnética. Aproximando-se da sogra de Pedro, Jesus lhe tomou da mão e a sua vontade imprimiu a esse contacto magnético a força necessária para determinar o desaparecimento da moléstia.

Não acrediteis que Jesus precisasse usar e usasse, para obter cada uma das curas que operou, de fluidos diferentes, especialmente apropriados a cada moléstia; não. Os fluidos mais ou menos se assemelham. Fluidos purificadores e regeneradores, quando se trata de um organismo vital viciado; fluidos fortificantes, quando se trate de restabelecer a ação dos músculos, dos nervos, do mecanismo — tais são os dois princípios fundamentais dos fluidos.

Jesus aplicava o remédio adequado ao mal, qualquer que fosse a sua natureza.

Não concluais, porém, que o magnetizador, por não ter consciência nem conhecimento daqueles fluidos e dos efeitos que devam produzir, se ache impossibilitado de obrar com segurança, do ponto de vista da cura, na medida da sua elevação, da sua pureza, das suas faculdades magnéticas, uma vez que tenha fé e o impulsione a vontade de fazer o bem; não. Pelo seu próprio poder vital ele atrai os fluidos, mas nunca atua sozinho. Os Espíritos protetores da Humanidade, que o assistem, escolhem os fluidos e os dispõem para que produzam o desejado efeito, dentro dos limites do que é permitido. Ajudam a boa vontade do operador, conformemente aos desígnios do Mestre.

Pelo que respeita às curas morais, que operou afastando dos subjugados os Espíritos obsessores, fazendo assim cessar a subjugação, Jesus (como já o explicamos no n. 74, 1º vol.) expulsava os maus Espíritos pelo poder superior a que os Espíritos inferiores não podem resistir, quando é posto em ação.

Ele não permitia que os obsessores dissessem que o conheciam, que sabiam ser o Cristo quem os expulsava, porque cada coisa tinha de vir a seu tempo. Se o Mestre fora reconhecido mais cedo, os fariseus, os escribas, os príncipes da *igreja* teriam começado prematuramente a persegui-lo. Não esqueçais que ele tinha a presciência dos acontecimentos, que os Espíritos inferiores eram ignorantes, que, portanto, lhe cumpria dar-lhes ordens conformes ao fim a que desejava chegar.

Jesus não se mostrava aos maus Espíritos, aos obsessores, na glória que cerca o Santo de Deus, o Senhor e Mestre do vosso planeta e da sua humanidade. Mostrava-lhes apenas (já o dissemos no n. 74, 1° vol.) seu Espírito; mas, a força da sua vontade bastava para lhes demonstrar o seu imenso poder.

Quando, ao se afastarem, bradavam pela boca dos subjugados, então médiuns falantes: ¨És o filho de Deus", os obsessores reconheciam nele os sinais característicos dos Espíritos superiores e estes, como todos nós e vós, são filhos do onipotente, *filhos do Altíssimo.*

Chamando-lhe — "filho de Deus" — não lhe davam dessa filiação título diverso do que Jesus se atribuía diante dos homens, quando os tratava por "meus irmãos", quando lhes ensinava a dizer, referindo-se ao Senhor Deus: "nosso pai".

Os que se apóiam nestas palavras bem sabem quanto é frágil o apoio, tanto que só a tremer descansam nele a mão; não havendo um só que creia *firmemente* no princípio que apresentam como artigos de fé.

Jesus, pela sua vida humana aparente e pelo desempenho da sua missão terrena, tendo uma e outra por objeto ensinar e exemplificar, deu cumprimento a estas palavras do profeta Isaías: "Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e carregou com as nossas doenças". Desceu ao meio dos homens para lhes ensinar a sofrer a fim de se regenerarem. Curou os males que encontrou no seu caminho e, *unicamente* a título de lição e de exemplo, suportou, *aos olhos dos homens, os* males de que se carregara.

MARCOS, Cap. I, v. 35-39. —LUCAS, Cap. IV, v. 42-44

Retirada para o deserto. —Prece. — Pregação

MARCOS: V. 35. No dia seguinte, tendo-se levantado muito cedo, saiu e foi para um lugar deserto onde se pôs a orar. — 36. Simão e os que com ele estavam lhe foram no encalço; — 37, e, quando o encontraram, lhe disseram: Toda gente te procura. — 38. Ele então disse: Vamos às aldeias e cidades próximas a fim de que também aí eu pregue, pois foi para isso que vim. — 39. E assim pregava nas sinagogas e por toda a Galiléia e expulsava os demônios.

LUCAS: V. 42. Ao nascer do dia, saiu e foi para um lugar deserto; a multidão que o procurava veio ter com ele e não o largava com receio de que se fosse embora. — 43. Ele, porém, lhes disse: É preciso que também nas outras cidades eu anuncie o reino de Deus; pois para isso é que fui enviado. — 44. E pregava nas sinagogas da Galiléia.

N. 116. Não esqueçais nunca que a linguagem humana e a narração dos evangelistas são conformes, debaixo da influência e da inspiração mediúnicas, às crenças dos apóstolos, dos discípulos e da multidão que acompanhava os passos de Jesus, crenças que, como homens, eles adotaram (já o explicamos) de acordo com os tempos e as fases da missão que desempenhavam.

Jesus não estava submetido, *materialmente, às* necessidades humanas; mas, *aos olhos dos homens,* as experimentava. Quer isso dizer que elas eram aparentes e não reais. Assim, o repouso noturno não lhe era necessário. Entretanto, ao que supunham os homens, ele se levantara muito cedo, mal despontara o dia, ensinando-lhes, com o exemplo de tão grande atividade,

que não deviam dar-se a um repouso inútil, nem consagrar demasiado tempo aos cuidados pessoais.

Todas as vezes que desaparecia das vistas humanas, é que voltara, como o sabeis, às regiões superiores. Segundo os homens, porém, ele "se retirara para lugar deserto, onde se conservava em vigília, orando". Também nesse desaparecimento havia uma lição. Ensinava que todos devem estar constantemente vigilantes, a fim de se acharem sempre prontos a comparecer diante do Senhor.

De volta das regiões superiores, onde estivera durante a noite, *foi visto* saindo de casa ao despontar do dia, muito cedo, *a fim* de indicar a direção que deviam tomar os discípulos e a multidão para encontrá-lo. E, no momento em que o encontraram Simão e todos os que o procuravam, já ele retomara o seu corpo perispirítico, com a aparência da corporeidade humana.

Meditai nas palavras que lhes dirigiu, quando a multidão pretendia retê-lo. Encerram também um ensino dado a todos os apóstolos da palavra evangélica e da nova revelação. Ensinam-lhes que não se devem deixar ficar onde já tenham executado a sua tarefa, interessando a todos os seus irmãos o apostolado que desempenham.

MATEUS, Cap. VIII, v. 18-22. —LUCAS, Cap. IX, v. 57-62

Seguir a Jesus. —Deixar que os mortos enterrem seus mortos. —Não olhar para trás

MATEUS: V. 18. Vendo-se Jesus cercado por grande multidão, resolveu atravessar o lago. — 19. Então um escriba se aproximou e lhe disse: Mestre, seguir-te-ei para onde quer que fores. — 20. Jesus lhe disse: As raposas têm suas tocas; os pássaros do céu têm seus ninhos; mas o filho do homem não tem onde repousar a cabeça. — 21. Outro discípulo lhe disse: Senhor, permite que primeiro eu vá enterrar meu pai. — 22. Jesus lhe retrucou: Deixa que os mortos enterrem seus mortos.

LUCAS: V. 57. Quando iam a caminho, um homem lhe disse: Senhor, eu te acompanharei para onde quer que fores. — 58. E Jesus lhe disse: As raposas têm suas tocas, os pássaros do céu têm seus ninhos; mas o filho do homem não tem onde repousar a cabeça. — 59. E disse a outro: Acompanha-me. Ao que ele respondeu: Senhor, permite que vá primeiramente sepultar meu pai. — 60. Jesus lhe disse: Deixa que os mortos enterrem seus mortos; tu, porém, vai e anuncia o reino de Deus. — 61. Disse-lhe outro: Eu te seguirei, Senhor, mas permite que vá antes dizer adeus aos de minha casa. — 62. Jesus lhe disse: Aquele que, tendo posto a mão no arado, olhar para trás não serve para o reino de Deus.

N. 117. Por estas palavras, certamente não pretendeu Jesus prescrever aos homens que, para trilharem o caminho por ele indicado e anunciarem o reino de Deus, isto é, para mostrarem as sendas e os meios que conduzem à vida eterna, renunciassem às exigências e necessidades da existência humana, relativas tanto à habitação como aos alimentos e ao vestuário, que renunciassem ao cumprimento dos deveres para com os despojos mortais daqueles a quem os prendiam os laços do sangue ou da amizade, que rompessem as ligações de família, que a repu-

diassem os deixassem de cumprir as obrigações que lhes ela impõe.

Devendo sempre procurar *o espírito,* o homem freqüentemente esbarrou na *letra.*

O erro dos que comentam as palavras de Jesus consiste em admitirem, para umas, o símile, a figura oriental, que recusam às outras; em lhe falsearem ou modificarem o pensamento, de acordo com os tempos, desfigurando-o ao sabor das conveniências, atribuindo assim ao Mestre absurdos de que mesmo o homem se envergonharia.

Buscai nas palavras de Jesus *o espírito* sob o véu da *letra* e encontrareis sempre uma lição de justiça, de amor, de devotamento, de caridade imensa, *uma luz sempre nova* na estrada do progresso.

Tratai, pois, de compreende-las todas em espírito e em verdade, segundo o espírito que vivifica e não segundo a letra que mata.

O conjunto das que se contêm nos versículos que, neste momento, nos cabe explicar ensina que o homem antes de tudo deve cumprir as obrigações que o Mestre lhe impôs.

Cada uma de suas palavras comporta uma explicação à parte, cada uma encerra um ensinamento, um preceito.

Nas que dirigiu ao escriba, mostrava quão pouco caso devem os homens fazer das voluptuosidades da vida humana, se querem segui-lo e caminhar nas suas sendas.

Importa-lhes não procurar as doçuras e o repouso da vida material. A atividade, a energia, a confiança, tais os móveis da vida.

Ensinava-lhes a serem desprendidos de tudo, a nunca se preocuparem demasiadamente, mais do que seja preciso, com seus interesses particulares.

Por estas palavras: "Deixa que os mortos enterrem seus mortos"; e, "quanto a ti, vai e anuncia o

reino de Deus", dirigidas ao que pedia permissão para ir, antes de segui-lo, enterrar o pai, não disse Jesus: abandona às aves de rapina, aos cães famintos, os despojos mortais daqueles a quem amaste, daqueles a quem estiveste unido pelos laços do sangue ou da amizade, os despojos mortais de teus irmãos.

Deitaríeis fora, por acaso, as roupas que eles tivessem usado, os objetos que lhes fossem caros? — Não.

Fazei com os corpos mortos o que fazeis com esses nadas que vos lembram os que amastes. Não os profaneis, porquanto, se o Espírito não está mais aí, já esteve. Sepultai os mortos: que a profanação não os conspurque; que suas emanações não empestem o ar; mas, não façais do enterramento um culto, nem — o que é pior — objeto de ostentação e de luxo. A quantos dentre vós importa mais o estrépito de um enterro brilhante do que a lembrança daqueles cujos corpos são assim pomposamente levados à sepultura! Ah! deixai que os mortos enterrem seus mortos e dispensai, oh! bem-amados, ao envoltório material, a atenção devida a um objeto que o defunto amou. Amai, porém, amai com todo o vosso amor aquele que se ausentou desse corpo inanimado. Para ele os vossos cuidados, o vosso amor. Consista o vosso luxo em orações íntimas, saídas do coração. Não deixeis que arrefeça o vosso zelo por aquele que abandonou o corpo, como arrefece com relação a esse corpo.

Entrai num desses recintos povoados de cadáveres e apreciai a progressão decrescente do afeto e da lembrança. Contemplai as flores que fenecem pouco a pouco e das quais não resta o mais ligeiro sinal ao cabo de alguns anos. Vede como o musgo e os parasitas progridem na pedra, tanto quanto os vermes no corpo. Compreendereis então não ser a morte material o que atrai o homem.

Que são os despojos mortais deste? Matéria que os vermes decompõem, um composto tirado do todo universal e que a ele tem que voltar, subdividindo-se. Não deis, portanto, valor pueril a esses restos que a terra reclama. Só o Espírito que os animava não perece, só ele vê, sente, ama e sofre.

Os mortos de que Jesus falava são os que vivem exclusivamente para o corpo e não pelo Espírito e para o Espírito; são aqueles para quem o corpo é tudo e o Espírito nada, aqueles que, tendo ouvidos para ouvir e compreender, não ouvem nem compreendem, que são incapazes de ouvir e compreender, que têm olhos para ver e não vêem, que são incapazes de ver.

Abandonai, pois, os mortos. Que os mortos pelo Espírito e para o Espírito, vivos para o corpo, aos quais falecem outras consolações, se agarrem a esses amontoados de podridões. Deixai-lhos. *Deixai que enterrem seus mortos.* Abandonai-lhes esses mortos e ide vós pregar a vida eterna. Consolai, amparai, exortai os homens e fazei-os entrar nas veredas *da vida,* onde tudo é perfume e luz.

Quanto a estas palavras: "Aquele que, tendo posto a mão no arado, olha para trás de si, não serve para o reino de Deus", dirigidas ao que lhe pedia permissão para ir, antes que partisse com ele, despedir-se dos que deixara em casa, é preciso que o homem lhes busque o espírito e não sé atenha *à letra.*

Houve quem acusasse o Mestre de, por essas palavras, pregar a secura de coração, de despedaçar os laços tão brandos da família. Oh! bem longe estava isso do seu pensamento.

Como pudera Jesus, todo amor e devotamento, ensinar o egoísmo? Não, não!

O que, por aquela forma, dizia aos homens era: não olheis para trás, quando vos achardes na estrada

do bem, pois que sempre haverá um laço que vos retenha.

Refleti antes de vos pordes a caminho, antes de colocardes no sulco o arado; mas, uma vez feito isso, uma vez convencidos de que ele rasga o solo no ponto em que a semente deve ser lançada para produzir, não pareis mais, caminhai para diante.

No momento em que estas palavras acabavam de ser escritas, o médium, sob outra influência mediúnica que se fez sentir espontaneamente, escreveu, com uma caligrafia *diferente e magistral o* seguinte:

"Deixa que os mortos enterrem seus mortos e vai tu e anuncia o reino de Deus; deixa entregues a si mesmos os que se mostram incapazes de ver a luz; trata, primeiramente, de levá-la aos que *a desejam.*

"Aquele que, tendo posto a mão no arado, olha para trás de si, não serve para o reino de Deus: É preciso que as condições *pessoais, egoísticas,* não te façam voltar atrás e abandonar a obra que tens de executar. Começaste a caminhar para a frente, segue teu caminho, pois parar é recuar".

Ante tal manifestação, dirigimos aos Espíritos purificados que presidem à execução desta obra e ao que acabava de manifestar-se estas palavras: "Dignai-vos de permitir vos agradeçamos a boa vontade que tendes de nos esclarecer e de nos dar a luz e a verdade; que Deus nos conceda a graça de progredirmos sempre na senda do amor infinito que conduz a ele e na da caridade que se universaliza na imensidade das suas obras."

Espontaneamente ainda e com a mesma caligrafia magistral, o médium escreveu:

"Jesus vos abençoa".

Depois, escreveu mediunicamente, com a caligrafia de que antes usava:

.Foi um Espírito intermediário de Jesus junto de vós quem se manifestou e vos transmitiu a palavra do Mestre, encarregado, como seu mandatário, de assinar por ele. Para bem apreciardes a vossa posição em tal caso, dir-vos-emos: "É a palavra do monarca transcrita pelo secretário, mas selada com as armas reais".

Conheceis as relações que existem entre os homens e seus guias espirituais. Sendo por demais material, a natureza do homem terreno não lhe consente entrar em relação fluídica com os Espíritos de ordem muito superior. A transmissão das palavras do chefe se faz então por intermédio de Espíritos mais ou menos elevados, de conformidade com os extremos que devam ser postos em contacto. O Mestre, com vigilante ternura, olha para todos vós e seu amor leva em conta os vossos menores esforços. Mas, se, por estar Jesus muito acima dos Espíritos que vos servem de guias e protetores, estes não são por ele pessoalmente dirigidos, com mais forte razão, entre ele e vós indispensáveis são os intermediários. O Espírito que vos transmitiu as palavras do Mestre é um dos que recebem suas ordens e espalham, sob a sua direção, a luz e a ciência. Grande seja o vosso reconhecimento!

A bondade do Senhor desce sobre os que se esforçam por submeter-se às suas leis. Paciência, coragem, perseverança, fé e amor.

Mateus, Marcos, Lucas e João,
Assistidos pelos Apóstolos .

MATEUS, Cap. VIII, v. 23-27. —MARCOS, Cap. IV, v. 35-41. —LUCAS, Cap. VIII, v. 22-25

Tempestade aplacada

MATEUS: V. 23. Tomou em seguida a barca, acompanhado pelos discípulos. — 24. E eis que se levantou no mar uma tempestade tão grande que as ondas cobriam a barca. Ele, entretanto, dormia. — 25. Os discípulos então se aproximaram dele e o despertaram, dizendo: Senhor, salva-nos, que perecemos. — 26. Jesus lhes respondeu: Porque tendes medo, homens de pouca fé? E, levantando-se, mandou que os ventos e o mar se aquietassem e grande bonança logo se fez. — 27. Os homens, cheios de admiração, diziam: Quem é este a cujas ordens os ventos e o mar obedecem?

MARCOS: V. 35. Nesse dia, ao cair da tarde, disse-lhes ele: Passemos para a outra margem. — 36. E, despedida a multidão, levaram consigo Jesus na barca onde ele se achava; outras barcas o seguiam. — 37. Levantou-se grande ventania que, atirando as vagas sobre a barca, a enchiam d'água. — 38. Jesus, que se achava à popa, dormia reclinado num travesseiro. Eles o acordaram, dizendo-lhe: Mestre, não se te dá que pereçamos? — 39. Jesus. levantando-se, falou ao vento e ao mar dizendo: Cala-te, emudece; o vento cessou e logo reinou grande calma. — 40. E ele lhes disse: Porque sois tão tímidos? ainda não tendes fé? - 4 1 . E todos, cheios de temor, diziam uns aos outros: Quem julgas seja este a quem o vento e o Mar obedecem?

LUCAS: V. 22. Certo dia, tendo entrado numa barca com os discípulos, disse-lhes: Passemos para a outra margem do lago; e partiram. — 23. Enquanto faziam a travessia, ele adormeceu e grande ventania se desencadeou sobre o lago, enchendo d'água a barca e pondo-os em perigo. — 24. Os discípulos se acercaram dele e, despertando-o, disseram: Mestre, soçobramos. Jesus, levantando-se, falou ameaçadoramente ao vento e às ondas agitadas. Tudo logo cessou e reinou grande calma. — 25. Disse-lhes ele então: Onde está a vossa fé? Eles, porém, cheios de temor e de admiração, perguntavam uns aos outros: Quem julgas seja este que dá ordens aos ventos e às ondas e é obedecido?

N. 118. Jesus, vós o sabeis, não estava sujeito ao sono, nem a nenhuma outra necessidade da existência humana. Para os homens, ele adormecera e tiveram que o despertar. Na realidade, porém, apenas quis, pela demonstração do seu poder sobre os elementos, ferir a imaginação dos discípulos e desenvolver-lhes a fé. Os Espíritos encarregados das águas e dos ventos, obedecendo-lhe, como todos os outros, tudo prepararam para produzir o terror nos discípulos daquele que também lhes era o Mestre e cumpriram docilmente suas ordens, quando ele mandou que toda a agitação cessasse.

A explicação dos meios pelos quais os Espíritos prepostos produziram o tufão, a tempestade e a fizeram cessar se acha ainda muito acima do alcance das vossas inteligências.

Cada reino da natureza está submetido à direção de Espíritos especiais e cada um obra empregando os meios que o Senhor lhe facultou. A produção de tais efeitos, de tais sucessos tem sempre por base a ação do Espírito sobre os fluidos. O choque destes contribui para que sintais a influência do vento. A ação magnética exercida sobre as massas de água as levanta e, diminuída essa atração, a calma se restabelece. Não é que cada vaga do Oceano esteja submetida à ação de um Espírito encarregado de a mover como se fora um brinquedo de criança. Os Espíritos prepostos a tais efeitos concentram os fluidos atrativos nos pontos em que deverá desencadear-se a tempestade.

Tudo para nós tem uma causa explicativa, mas muitas coisas preciso é que se conservem para vós obscuras. Contentai-vos com o pouco que vos podemos dar, de acordo com o estado das vossas inteligências. Tratai de obter mais pelo estudo, pelo trabalho, pela observação, executados com desinteresse, humildade de coração e espírito, fé, amor e desejo de progredir.

Os encarregados das águas e dos ventos, como os outros Espíritos especiais a cuja direção se acha subordinado cada um dos reinos da natureza, são Espíritos purificados, incumbidos de uma missão e, para desempenhá-la, empregam, como lhes apraz, os que lhes estão inferiores, quando o concurso destes se faz necessário.

Ficai sabendo; tudo em a natureza é magnetismo, é atração e ação magnética subpostas à ação espírita e Deus não concede seus poderes senão aos que o mereceram. O Senhor não confia a aplicação e a execução das leis que estabeleceu desde toda a eternidade para a regência da vida e da harmonia universais, para a realização de seus desígnios e da sua providência, senão aos Espíritos que ele sabe serem capazes e dignos desse encargo.

N. 119. Como conciliar-se a ação dos Espíritos na produção do fenômeno das tempestades e, conseguintemente, dos naufrágios que ocasionam, num instante fatal, a morte de certas pessoas como termo de suas provações terrenas, com as descobertas pelas quais a Ciência, de antemão, determina o lugar e a época dos fenômenos e sucessos meteorológicos, atmosféricos, o que leva alguns homens a não verem nas tempestades e nos naufrágios mais do que a ação de uma força cega e necessária e, na morte dos náufragos, mais do que a obra daquilo a que chamam — *acaso,* negando assim a intervenção de Deus e a ação dos Espíritos por ele prepostos ao uso, ao emprego, à execução e à aplicação das leis naturais e imutáveis a que estão sujeitos os diversos fenômenos da Natureza?

Porventura a ciência humana também já predeterminou quais os que, ao menos na aparência, seriam vítimas desses efeitos?

Dizemos — ao menos na aparência — porque os que em tais casos perecem, conforme daqui a pouco explicaremos, são apenas *vítimas voluntárias,* no sentido de que são levados a semelhante fim em virtude da escolha, que fizeram, de suas provas; de que são levados a isso *pelos seus próprios Espíritos,* no sentido de que o que lhes sucede é conseqüência forçada das provações e *expiações* que escolheram.

Tudo é sábio, tudo é grande nas leis divinas; só vós, homens, sois pequenos nas vossas orgulhosas apreciações.

A ciência um dia vos anunciará com exatidão o momento dos fenômenos da natureza. Então, dada a vossa elevação moral, física e intelectual, não mais tereis de sofrer expiações e provações quais as do naufrágio. É preciso que seja assim, porque é preciso que tudo progrida e tudo marche regularmente na obra divina.

Dia virá em que, tendo vós alcançado a elevação necessária, todos os casos que hoje vos causam espanto se vos tornarão familiares. Mas, nem por isso menos real será a ação dos Espíritos. A ciência humana, se lhe fora possível, anularia a existência de Deus, dizendo: "Previmos as tempestades, logo, elas se desencadearam porque assim devia acontecer". De tal sorte, os fenômenos da natureza seriam apenas o resultado da ação de uma força cega e necessária e não obra de uma inteligência suprema e providencial, que age por intermédio de Espíritos ativos e devotados, aos quais incumbem o uso, o emprego, o funcionamento, a aplicação e a execução das leis naturais e imutáveis que ela estabeleceu desde toda a eternidade. Deste modo é que aquela inteligência obra, por sua vontade livre e imutável, no sentido de que age segundo essas mesmas leis que ela dirige, aplica, faz funcionar, executar, objetivando o progresso físico, moral e intelectual, dentro da vida e da harmonia universais. Prevendo-lhes e observando-lhes o

uso, a aplicação, os efeitos e a execução, essas leis são reconhecidas por aqueles mesmos que negam, porque não os vêem, o legislador que as promulgou e os agentes a quem incumbiu de as aplicar, de as fazer produzir seus efeitos, de as executar, nas condições e segundo as regras e os meios que lhes pôs nas mãos e se acham estabelecidos nas próprias leis. O legislador é — Deus; os agentes são — os Espíritos puros, aqueles que se podem aproximar do foco da onipotência e que, por sua vez, têm, como agentes submissos e devotados, conformemente à hierarquia espírita, os Espíritos superiores e os bons Espíritos.

O mesmo fora reconhecer a existência de qualquer máquina, prever-lhe e observar-lhe o uso, a aplicação, os efeitos, a execução da obra desde que o operário preposto do mecânico a fez funcionar e, ao mesmo tempo, negar, por não serem visíveis, o mecânico que a inventou e os operários, que a põem em movimento. O mecânico é Deus; os operários prepostos são os Espíritos.

Não, a natureza obedece a determinada marcha regular e, assim como o homem recebe sempre, pelas circunstâncias ou pelos acontecimentos que preparam, precedem, produzem e executam essa marcha, o aviso de que tem que morrer e, por conseguinte, de que lhe cumpre estar pronto para esse momento supremo, do mesmo modo, nas leis da natureza, todos os acontecimentos deixam prever a marcha que seguirão, por meio de sinais que a tempo compreendereis.

As tempestades como as inundações, os fatos atmosféricos e todos os fenômenos da natureza são produzidos por Espíritos prepostos à produção desses efeitos, Espíritos que, todavia, seguem a marcha que lhes traça o Senhor para os preparar, guiar e realizar pelos meios de que os armou, mas sempre segundo as leis naturais e imutáveis por ele estabelecidas desde toda a eternidade.

Já o declaramos e repetimos: Dia virá em que a ciência poderá predizer o momento exato em que se produzirão os fenômenos da natureza. Quanto, porém, à previsão dos fenômenos atmosféricos, não acrediteis que os possais anunciar com a precisão com que os ponteiros marcam num mostrador as horas. Vossos cálculos serão muitas vezes perturbados, mas chegareis a prever sempre com muita aproximação. Isso vos permitirá, desde que o orgulho humano se resolva a consenti-lo, tomar as precauções necessárias para salvar as vossas colheitas, as vossas habitações e fazer redundar em proveito da Humanidade o que, até então, ela considerara calamidade.

Nada existe na natureza sem um fim. Somente a vossa ignorância impede que o compreendais e o homem tem, até certo ponto, o direito de dizer-se o rei da criação, no sentido de que nada *há secreto* que não deva ser dele *conhecido e* nada *oculto* que não deva ser *descoberto, à* medida que for aumentando a sua elevação moral e intelectual e, concorrentemente, física, segundo a lei morosa, mas regular do progresso. A bondade divina tudo submeteu ao império do homem; preciso é, porém, que ele aprenda a reinar como Senhor, como pai de família e não como tirano. É preciso que despedace as cadeias que prendam seus irmãos, para que aprenda a acorrentar o Oceano. É preciso que esteja sempre pronto a partilhar com seus irmãos o que possuir, para aprender a preservar suas colheitas das geadas, dos ventos e dos raios de um sol demasiado ardente. É preciso, enfim, que se aperfeiçoe *moralmente,* para obter o aperfeiçoamento físico do seu planeta.

Cada um dos séculos que se escoam com tanta lentidão vos traz uma parcela de progresso moral e intelectual. Moral, sim, porque, mau grado a todas as vossas imperfeições, tendeis para o bem, tendes disposição para aceitar, *mesmo dentro da vossa cegueira,* as modificações capazes de vos melhorarem a espécie.

Conservais ainda uma parte da catarata que vos tira a vista. É exatamente do que procuramos agora curar-vos, pela nova revelação, pela influência e pela ação espíritas e com o concurso dos Espíritos encarnados aí em missão. Quando enxergardes nitidamente, caminhareis com passo firme e decidido pela via do progresso e a vossa carreira tomará então proporções vertiginosas. Coragem, coragem, bons obreiros! O amo vem visitar sua vinha e volta satisfeito por encontrar na faina os seus trabalhadores. Coragem, perseverança!

Tudo no seio da natureza tem que seguir a sua marcha regular. Longe está ainda a vossa ciência do que virá a ser. Grande poder o Senhor deu ao homem, mas é necessário que este se faça digno de exercitá-lo. Tudo é sábio, repetimos, na obra divina; tudo tem um destino e concorre, pela ação dos Espíritos do Senhor, segundo as suas vontades e sob o império de suas leis imutáveis — para a execução da obra geral, pelos fenômenos da natureza para o progresso do vosso planeta, de tudo o que nele existe e da vossa humanidade, concorrendo também para o cumprimento das vossas provações, das vossas expiações que, no conjunto da obra, representam elementos e meios de progresso. Os homens que sucumbem num naufrágio são levados a morrer assim por efeito das provações que escolheram. Portanto, seja ou não conhecida do homem a causa, o resultado existirá.

Aquele que, ao encarnar, escolheu por provação a morte violenta, precedida das angústias e alternativas que cercam os últimos momentos do náufrago, sujeito a se debater entre a submissão ao Criador, a resignação, o remorso das faltas passadas, a confiança na bondade divina e o pavor, a blasfêmia, a raiva insensata que se apodera de alguns nessa hora terrífica, será levado, pelo seu próprio Espírito, a preferir um navio a outro, a se ver urgido por um negócio a em-

barcar em determinada ocasião, a contar mesmo com um acaso feliz, com a sorte, com a sua boa estrela. E partirá porque, durante o desprendimento a que o sono dá lugar, o seu Espírito se torna consciente das sérias obrigações que contraiu e toma de novo a resolução de conduzir o corpo à situação em que, unidos, devem ambos terminar suas provas, voltando este à massa comum e libertando-se ele, o Espírito, da escravidão corporal e readquirindo a liberdade. A resolução assim retomada e da qual não resta lembrança no estado de vigília deixa no homem uma impressão vaga que vem a constituir o que se chama a sua inspiração, a determinante de seus atos.

Assim como não pode prever o seu naufrágio, também o homem não prevê a hora em que as chamas de um incêndio lhe devorarão a casa, em que será sepultado pelo desabamento da escavação, da mina, pedreira onde trabalhe e os que têm de perecer desse modo perecem. Porquê? Porque, semelhantemente ao náufrago, escolheram, para terminação da vida terrena, a morte violenta, cercada das angústias e alternativas das daquele e precedida da mesma luta entre a submissão ao Criador, a resignação, o remorso, a confiança na bondade divina e o pavor, a blasfêmia, o desespero. Como o náufrago, foram levados, pelos seus próprios Espíritos, a preferir uma habitação a outra, em certa ocasião, a preferir, para trabalhar, esta escavação àquela.

Os que tenham de perecer de qualquer desses modos, *por haver soado a hora final das suas provas* terrenas e por serem de qualquer desses gêneros *a provação e a expiação que escolheram,* perecem inevitavelmente.

Os que devam escapar à morte, por não haver soado ainda aquela hora, escapam. Os meios de salvamento lhes são facultados pela influência e pela ação dos Espíritos prepostos.

Não tendes visto duas pessoas caírem da mesma forma e nas mesmas condições e dar-se que uma pereça da queda e que a outra não morra? Não costumais dizer: foi milagrosamente salva?

Quando, num naufrágio, num incêndio, ou num desabamento todos perecem, é que todos tinham chegado ao termo de suas provações e haviam escolhido por provação e expiação aquele gênero de morte.

No mesmo dia, à mesma hora, não morre na terra uma porção de homens? Dêem-se ou não no mesmo lugar as mortes, a razão é sempre a mesma: terminação das provas terrenas.

Todos estes fatos ocorrem às vistas dos homens sem que eles procurem conhecer, quer as causas da morte, quer as causas, as influências que preparam e põem em prática os meios, quaisquer que sejam, de salvamento, fazendo-o por forma tal que tudo quanto deva suceder sucede.

Deus nada espera do que chamais — o acaso. Tudo o que tenha de acontecer, do ponto de vista da terminação das vossas provas, das vossas expiações, acontece pela ação dos vossos próprios Espíritos e sob a influência espírita.

Tudo tem, pois, a sua razão de ser: a pena de talião é muitas vezes escolhida pelo Espírito culpado. Um que, em precedente existência, cometeu o crime de assassínio friamente premeditado, pode obter, da bondade e da justiça do Senhor, expiar essa falta por uma lenta agonia, cujos transes o depurem e o reconduzam Aquele a quem ofendera.

O que acabamos de dizer não convém seja separado, quanto ao que se deva entender pelo que chamais — o *instante fatal da morte,* atento o livre arbítrio do homem, da explicação que vos daremos acerca do Quinto Mandamento do Decálogo.

No estado de inferioridade em que ainda se acha

o vosso planeta, os flagelos, a peste, a fome e a guerra contribuem para o progresso dos povos, porque são meios de provações e expiações e servem para o desenvolvimento da civilização, da ciência, do adiantamento moral e intelectual, abrindo caminhos à atividade, à prática do devotamento e da caridade.

As vítimas dessas calamidades o são voluntariamente, pois que, a título de provação, de expiação ou de missão, procuraram por si mesmas nascer num país, no seio de uma família, viver ou achar-se em um lugar onde viessem a experimentar qualquer daqueles chamados flagelos.

São efetivamente flagelos, no sentido de que atingem indistintamente grandes e pequenos, lembrando assim ao homem que, diante do poder divino, todas as cabeças se encontram à mesma altura e que, uma vez caídas, todas ficam rentes com o solo.

Não vos lamenteis, portanto, quando virdes uma calamidade pública abater-se sobre um país. Dizei, ao contrário: "Bendito seja o Senhor, que estende seu flagelo por sobre as massas e pesa na sua balança o valor de seus povos, que manda às nações o progresso e a paz aos homens de boa vontade".

Tudo segue marcha regular objetivando o progresso de ordem física, de ordem moral e de ordem intelectual.

Tudo, na natureza, é preparado e dirigido pela ação dos Espíritos prepostos, segundo a vontade do Senhor e sob o império das leis naturais por ele estabelecidas desde toda a eternidade.

Foi assim que, pela vontade do Mestre, a quem Deus tudo outorga, que de Deus recebe diretamente a inspiração e ilimitados poderes, e pela ação dos Espíritos prepostos, se desencadeou e aplacou a tempestade, sucedendo-lhe grande calma.

MATEUS, Cap. VIII, v. 28-34. -- MARCOS, Cap. V, v. 1-20. —LUCAS, Cap. VIII, v. 26-40

Legião de maus Espíritos expulsos. —Libertação dos subjugados. — Porcos precipitados no mar

MATEUS: V. 28. Ao chegar Jesus, na outra margem do lago, à terra dos Gerasenos, vieram-lhe ao encontro, saindo dos túmulos, dois possessos tão furiosos que ninguém ousava passar por aquele caminho; — 29, e se puseram a gritar: Jesus, filho de Deus, que há entre ti e nós? vieste aqui para nos atormentar antes de tempo? — Não longe dali havia uma grande vara de porcos pastando; — E os demônios suplicaram a Jesus: Se nos expulsares daqui, manda-nos para aqueles porcos. — 32. Jesus lhes disse: Ide; e eles, saindo dos possessos, passaram para os porcos; logo toda a manada partiu a correr impetuosamente e se foi precipar no lago, onde os porcos morreram afogados. — 33. Então, os que os guardavam fugiram e indo à cidade narraram tudo o que sucedera aos possessos. — 34. Todos os habitantes da cidade saíram ao encontro de Jesus e, ao vê-lo, lhe pediram que se retirasse do país.

MARCOS V. 1. Tendo atravessado o mar, desembarcaram no país dos Gerasenos; — 2, e, mal Jesus descera da barca, um homem possuído do Espírito imundo veio ter com ele, saindo dos sepulcros.— 3, onde tinha a sua morada habitual, homem esse que ninguém mais conseguia prender, nem mesmo com correntes; — 4, pois que muitas vezes já tinha estado com ferros aos pés e preso por cadeias e os quebrara, não havendo quem pudesse dominá-lo. — 5. Vivia dia ,e noite nas montanhas e nos sepulcros, a gritar e a flagelar-se com pedras. — 6. Ao ver Jesus, de longe, correu para ele e o adorou; — 7, exclamando em altas vozes: Que há entre ti e mim, Jesus, filho do Deus Altíssimo? Eu te conjuro, por Deus, a não me atormentares. 8. Isso porque Jesus lhe ordenava: Espírito imundo, sai desse homem. — 9. Perguntando-lhe Jesus: Como te chamas? respondeu:

Chamo-me Legião. porquanto somos muitos. — 10. E lhe pedia com instância que não o expulsasse daquele país. — 11. Ora, havia ali uma grande vara de porcos pastando na encosta do monte; — 12, e os demônios faziam a Jesus esta súplica: Manda-nos para aqueles porcos, a fim de que entremos neles. — 13. E como Jesus lhes desse prontamente permissão para isso, os Espíritos impuros, saindo do possesso, entraram nos porcos e toda a manada, que era de perto de duas mil cabeças, correu com grande impetuosidade e foi precipitar-se no mar, onde se afogou. — 14. Os que a apascentavam fugiram e foram espalhar na cidade e nos campos a notícia do que se passara e uma multidão saiu a ver o que acontecera. — 15. Veio ter com Jesus e, vendo o homem que estivera atormentado pelo demônio assentado, vestido e em seu juízo, os que a compunham se encheram de temor; — 16, e, ouvindo dos que presenciaram os fatos a narrativa do que sucedera ao possesso e aos porcos, — 17, se puseram a pedir a Jesus que deixasse aquelas terras. — 18. Ao volver ele para a barca, o homem que estivera atormentado pelo demônio suplicou que lhe fosse permitido acompanhá-lo. — 19. Jesus, porém, lho recusou, dizendo: Volta para tua casa, para o meio dos teus e conta-lhes tudo o que por ti fez o Senhor; e que ele de ti se compadeça. — 20. O homem partiu e começou a espalhar em Decápolis tudo o que Jesus lhe fizera, causando admiração a todos.

LUCAS: V. 26. Vieram navegando até ao país dos Gerasenos, que fica defronte da Galiléia. — 27. Ao saltar Jesus em terra, veio ter com ele um homem que desde muito tempo estava possuído do demônio, que não trazia roupa alguma e não morava em casa, mas nos supulcros. — 28. Logo que viu a Jesus, se prostrou diante dele e, em altos brados, dizia: Jesus, filho do Deus Altíssimo. que há entre ti e mim? Eu te suplico, não me atormentes. — 29. Isso porque Jesus ordenava ao Espírito imundo que saísse daquele homem que, havia muito tempo, era por ele violentamente assaltado. De nada servia prenderem-no com correntes e porem-lhe ferros aos pés; quebrava as correntes e os ferros e era impelido pelo demônio para os lugares ermos. — 30. Jesus lhe perguntou: Qual é o teu nome?

Ele respondeu: Chamo-me Legião, pois que muitos demônios tinham entrado nele. — 31. E esses demônios pediam a Jesus que os não mandasse para o abismo. — 32. Como num monte próximo estivesse pastando uma grande vara de porcos, os demônios pediram a Jesus que lhes permitisse entrar nos porcos, o que lhes foi concedido. — 33. Saíram então do homem, entraram nos porcos e logo toda a manada correu com impetuosidade a se precipitar no lago e aí se afogou. — 34. Vendo isso, os que a guardavam fugiram e foram contar na cidade e nas aldeias o que se passara. — 35. De uma e de outras acorreram muitas pessoas a ver o que sucedera e, vindo onde estava Jesus, encontraram o homem que ficara livre dos demônios, sentado a seus pés, vestido e de perfeito juízo, o que as encheu de temor. — 36. E os que tinham visto o que se passara lhes referiram como o possesso fora libertado da legião dos demônios. — 37. Então, toda a multidão de habitantes do país dos Gerasenos pediu a Jesus que se retirasse dali, por se acharem aterrorizados. Jesus tomou de novo a barca e partiu. — 38. O homem de quem os demônios tinham saído suplicava que lhe fosse permitido acompanhá-lo. Jesus, porém, o mandou embora, dizendo: — 39. Volta para tua casa; narra o que Deus fez por ti. E o homem foi por toda a cidade espalhando a notícia do que lhe fizera Jesus. — 40. Regressando este, o povo o recebeu com alegria, pois que todos o esperavam.

N. 120. A homens materiais são necessários ensinamentos de feição material.

Sabeis que horror tinham os Judeus ao porco, animal imundo no dizer das ordenações de Moisés.

Querendo dar a compreender *aos homens* até que ponto eram perigosos e repelentes os Espíritos obsessores, Jesus permitiu que os que atuavam desde tanto tempo, de modo tão cruel e violento, quanto extraordinário *aos olhos humanos,* sobre aquele "demoníaco", isto é, sobre aquele homem que traziam subjugado, assombrassem os porcos que ali perto pastavam. Os homens, crentes de que os Espíritos, abandonando o possesso, entraram nos porcos, compreen-

deram melhor o desprezo que lhes deviam inspirar tão perigosas instigações, a que podiam estar sujeitos todos os que não se esforçassem por trilhar o caminho que leva à salvação.

Notai que os Espíritos impuros se satisfizeram com o espantar os porcos; não foram habitar neles. Assim como o obsessor não habita no subjugado, limitando-se a influenciá-lo por meio de uma ação fluídica, conforme já explicamos (n. 74, 1º vol.), conservando-se-lhe ao lado e atuando moralmente sobre ele, também os Espíritos impuros que, *obedecendo à vontade* de Jesus se colocaram na sua passagem *para servirem de instrumento à lição que ele desejava dar,* se acercaram dos porcos e os espantaram, impelindo-os a se precipitarem no lago.

Não admitais nunca a união, embora momentênea, entre o Espírito e o animal, isto é, a subjugação corporal deste por aquele nem, ainda menos, *a substituição ou a possessão.*

Já explicamos (n. 74) os meios por que se opera, as condições a que obedece e os efeitos que produz a subjugação, quer corporal, quer corporal e moral, bem como a possessão ou *a substituição.* Não temos que voltar a esse assunto.

Sobre o homem subjugado a influência do Espírito obsessor é, como sabeis, fluídica.

Sobre os animais não pode ser e não é senão moral, no sentido de que a ação consiste em produzir neles o espanto, o terror.

O perispírito do Espírito não pode atuar fluidicamente sobre os animais por ser impossível a combinação dos respectivos fluidos, uma vez que os princípios não são idênticos. Para vos explicarmos as causas daquele fenômeno teríamos que entrar em particularidades que ainda não é chegado o momento de conhecerdes. Para podê-las compreender, o homem tem que se entregar a estudos preparatórios sobre *a natureza* dos fluidos, *seus efeitos,* suas

propriedades de ação, segundo as leis naturais que lhes regem o emprego, a aplicação e a disposição em cada reino da natureza. E, bem o sabeis, se Deus quer que vos ajudemos, quer também que trabalheis.

Não vos admireis de que, dirigindo-se ao obsessor chamado — *legião,* por serem muitos, Jesus tenha ordenado: "Sai *desse homem",* nem de que se vos diga que permitiu aos Espíritos impuros entrarem nos porcos e que assim aconteceu. Ë que não chegara o momento, ainda distante, de serem explicadas as causas e os efeitos da subjugação, quer corporal e moral, assim como da ação dominadora que os Espíritos podem exercer sobre os animais, e se fazia mister na ocasião usar, para com os homens, de uma linguagem adequada a seus entendimentos e às idéias em voga. À nova revelação estava reservado dar aquelas explicações na era do advento do Espiritismo.

Não vos detenhais em apreciar a acusação, tão pueril quanto fútil, que dirigem a Jesus, por ter, segundo dizem, causado um prejuízo ao dono da vara de porcos com o fazê-los precipitar-se no lago e afogar-se.

Tal acusação só pode provir de homens materiais, que não compreendem o sentido, o alcance e o fim do ensinamento, da lição que, por aquela forma, quis Jesus dar e deu.

Que vale um interesse material quando se trata de salvar os homens? Mas, ficai tranqüilos vós que, apesar das vossas boas intenções, não vos podeis libertar do jugo da matéria. Os porcos pertenciam a ricos proprietários para os quais o prejuízo foi ligeiro, insignificante, tanto que os guardadores nem sequer repreendidos foram, tão grande repercussão teve aquele fato como resultante da vontade de Jesus. Nunca o Senhor comete injustiça; tudo passa pelo crivo da sua sabedoria; tudo tem um fim que há de ser alcançado para a felicidade dos homens.

Tampouco deis atenção à diferença, destituída de importância, sem nenhum valor, sem influência alguma nos fatos e no ensinamento, na lição que deles devia decorrer, entre a narração de Mateus e as de Marcos e Lucas, consistindo em dizer o primeiro que dois eram os "possessos" e os últimos que o *'Possesso"* era um só. Havia apenas um subjugado.

Foi *para que se realizasse a obra, que Jesus tinha em mente,* que o homem tratado de "possesso do demônio, possesso de um Espírito impuro", veio ao seu encontro, sob a influência e pela ação dos obsessores, que a seu turno obedeciam à vontade do Mestre.

Tudo o que, segundo se vos diz, esse homem fazia, subjugado corporal e moralmente por uma legião de maus Espíritos, era efeito da subjugação. Ele se achava à mercê dos caprichos de seus obsessores e a subjugação lhe servia ao mesmo tempo de provação e expiação, porquanto aquele que na terra necessita de provações tem sempre o que expiar. As provações e as expiações se completam.

O obsidiado era, inconscientemente, médium de efeitos físicos e os obsessores procediam de acordo, pela subjugação corporal e moral e pelos meios que já explicamos (n. 74), servindo-se dos fluidos animalizados da vítima, mas independentemente da vontade desta.

Quando se apresentou a Jesus, *não trazia roupa* alguma, despira-se completamente. Não é que os obsessores lhe houvessem tirado com violência as roupas; apenas lhe tinham inspirado horror a todo e qualquer constrangimento. Assim, ele não podia nem queria suportar vestuário algum, sujeito como estava aos caprichos dos Espíritos impuros.

"Não habitava nas casas, passava os dias e as noites nas montanhas e nos sepulcros, gritando e supliciando-se a pedradas: estivera muitas vezes com

ferros aos pés e preso por correntes; quebrara as correntes e os ferros" .

Tudo isso era efeito dos caprichos dos maus Espíritos que formavam, pelo seu grande número, uma legião; era resultado da subjugação corporal e moral e do constrangimento produzido por essa subjugação. Como médium de efeitos físicos, mas insconsciente, o subjugado praticava por si mesmo, na opinião *dos homens,* aqueles atos. A verdade, porém, é que os maus Espíritos, com força bastante para isso, atuavam de comum acordo sobre ele, para obrigá-lo a praticar tais atos, graças à sua mediunidade, exercendo com seus perispíritos uma ação fluídica sobre a vítima, dominando-lhe a vontade, que governavam arbitrariamente.

"Quebrava as cadeias e os ferros por muito que o vigiassem; ninguém mais podia prendê-lo; nenhum homem conseguia dominá-lo".

Como bem podeis compreender, os maus Espíritos que o cercavam se divertiam em impedir que os guardas lhe pusessem peias, ou, se deixavam que o fizessem, era com o intuito de quebrarem os ferros e correntes. Para a obtenção deste resultado o homem fazia os movimentos, mas os maus Espíritos é que lhe emprestavam a força necessária, exercendo sobre ele violenta ação fluídica, resultado da combinação dos fluidos de seus perispíritos com os do subjugado.

"Era impelido pelo demônio para o deserto".

Em algumas traduções, oriundas de uma falsa interpretação da letra e do Espírito do texto original, se diz que o homem "era *arrebatado* pelo demônio".

Colocando-vos no ponto de vista dessas traduções, tomai a palavra *"arrebatado"* em sentido figurado e tê-la-eis significando: "impelido violentamente, contra a vontade". Não usais muitas vezes, referindo-vos à carreira desabalada de uma pessoa, dizer que ela *é arrebatada* pelo vento?

Sem dúvida alguma o fato fora possível. Tendes disso exemplos nos vossos dias, notadamente o do Espírito chamado — o duende de Baiona — a transportar a irmã pelos ares. No nosso caso, porém, nada se deu de semelhante. Havia apenas uma corrida desordenada, que enchia de terror os que a presenciavam. Uma transportação pelos ares houvera originado a crença de que se tratava mais de um ato *"do céu"* do que de um ato *"do inferno".*

Tendo em vista esses fatos conhecidos e notórios, foi que, subjugado corporal e moralmente pelos obsessores, os quais, a seu turno, eram, no momento, dominados e dirigidos pelos Espíritos superiores, aquele homem, tão furioso que "ninguém ousava passar por perto dele", saindo dos sepulcros, correu ao encontro do Mestre, o adorou e, como médium falante, proclamou em altas vozes, diante do povo, ser Jesus — *"filho de Deus, filho do Deus Altíssimo".* Exprimindo-se desse modo pelo órgão do subjugado, os maus Espíritos provavam a identidade do Cristo. Obedecendo às ordens do Alto, os Espíritos do Senhor lhes fizeram ver o futuro e os esplendores de Jesus, em quem reconheceram, não um homem, mas um Espírito mais puro do que os mais puros que o cercavam.

Perguntando a Jesus se viera para os atormentar *antes de tempo,* aludiam à época em que o conhecimento, que o homem havia de adquirir, das *causas e* dos *efeitos* da subjugação, o poria em condições de se escudar contra ela. Por instantes, a presciência lhes foi concedida e eles entreviram de relance o estabelecimento do reino do Senhor no vosso planeta e a sua mão potente a espalhar a luz por sobre os homens, como o sol espalha seus raios por sobre a terra, nos belos dias estivais.

A consciência que assim tiveram do porvir aqueles Espíritos impuros não durou mais que um

momento, logo se apagou. Foi como um raio de luz que brilha em meio das trevas e no mesmo instante se some, deixando que as trevas se tornem de novo espessas.

O pedido que dirigiram ao Mestre, para que os não expulsasse *daquele país,* era motivado pela preferência que certos Espíritos conservam por *tais ou tais* lugares onde viveram, *quer* na última encarnação, *quer* em outra anterior, que lhes deixou vago sentimento de apego a tais sítios.

Usando da faculdade de médium falante do subjugado e servindo-se do seu órgão vocal, os mesmos Espíritos pediam a Jesus que os não mandasse para o abismo. Esta locução — *abismo* — era alegórica e de natureza a impressionar a multidão. O abismo é a imensidade. Para os Espíritos impuros, semelhante locução tinha uma significação precisa: a imensidade onde o Espírito criminoso erra isolado, condenado às trevas e às angústias causticantes do remorso, equivale bem, ficai certos, ao abismo que a vossa imaginação vos representa como sendo uma fornalha ardente a devorar carnes fictícias, sem jamais as consumir.

Os maus Espíritos chamados *"demônios" su*plicavam mui sinceramente que os não condenassem a esse estado de insulamento, que, por assim dizer, mata moralmente o Espírito culpado, mas com o fim de o melhorar, levando-o ao arrependimento.

O Espírito condenado às trevas e às angústias do remorso não sai do espaço. É no próprio espaço que se faz o insulamento, pela vontade do Senhor. O culpado pode ser e é muitas vezes condenado a uma prisão celular de que o homem não logra formar idéia. Pode ser condenado a habitar, por bem dizer, no teatro de seus crimes, como igualmente pode ser constrangido a permanecer num insulamento completo, sem a possibilidade de praticar um ato da sua vontade, nem movimento algum, sem contato com qualquer outro Espírito e cercado de espessas trevas que, sobre a sua

organização, isto é, sobre o seu Espírito e o seu perispírito, produzem o efeito que uma atmosfera pesada e empestada produziria num homem todo amarrado.

Em suma, a expiação é, como sabeis, sempre apropriada e proporcionada aos crimes e faltas cometidos e obedece sempre às condições necessárias a incutir no culpado o remorso, a lhe despertar a consciência, a desenvolver nele, cada vez mais, as angústias, que o prepararão e levarão ao arrependimento.

Mas, notai-o bem: nenhum Espírito é condenado a servir de carrasco para seu irmão, por mais culpado que este seja.

Todas as visões do criminoso se produzem pela ação de uma vontade poderosa, que *o condena a ver o* que *devia ter* diante dos olhos até o instante do arrependimento.

É um efeito de combinação de fluidos, resultante do magnetismo espiritual, da qual ficareis inteirados quando houverdes avançado bastante para dar começo ao trabalho que queremos seja feito pelo médium sobre os fluidos e suas propriedades.

Ainda que pouco desenvolvido e precisando muito desenvolver-se, o progresso já realizado pelo magnetismo humano vos permite fazer idéia do que é capaz de conseguir a vontade poderosa do Espírito superior, no tocante aos efeitos fluídicos.

Como sabeis, o magnetizador pode, por ato de sua vontade e pela ação dos fluidos magnéticos, atuar sobre o seu paciente, achando-se este no *estado sonambúlico,* por maneira a dar-lhe, do que não passa de pura ficção, a impressão de um fato real, a fazê-lo *acreditar e ver o* que queira que ele *veja e acredite, mesmo depois do despertar,* conforme já vo-lo explicamos no n. 31. Tendes disso exemplos obtidos pelo estudo e pela observação, no campo da ciência atual do magnetismo humano.

Assim, deveis compreender qual seja o poder do Espírito superior relativamente às visões do criminoso e como aquele, com o auxílio do magnetismo espiritual, por ato da sua poderosa vontade, tirando das combinações fluídicas os desejados efeitos, consiga produzir tais visões, a fim de que o culpado veja o que está condenado a ver e tenha, do que não passa de ficção, a impressão da realidade.

Quando, pelo órgão do subjugado, diziam a Jesus: ¨Manda-nos *para aqueles porcos,* a fim de *que neles entremos",* os Espíritos impuros se achavam dominados e governados pelos Espíritos superiores. Estes é que os impeliam a sé exprimirem desse modo.

Logo que Jesus lhes concedeu a permissão pedida, eles se *acercaram dos porcos,* os espantaram por meio de uma aparição só visível para os mesmos porcos e os impeliram na direção do lago, a fim de que aí se precipitassem, perseguindo-os com aquela aparição, que revestia uma forma e fazia gestos e ameaças de natureza a os aterrorizar.

Para lhes infundir esse terror, os Espíritos impuros não se serviram da forma humana. O Espírito, como sabeis, pode tomar a forma, a aparência que julgue necessária à obtenção do resultado que deseje. Para causar terror, muitas vezes o Espírito inferior reveste a forma, a aparência de um animal perigoso e inimigo do que ele quer amedrontar. Foi o que se deu com os que assombraram os porcos e os fizeram precipitar-se no lago.

Acabamos de dizer que a aparição só era visível *para os porcos.* Se assim não fora, o povo não teria acreditado que os Espíritos entraram nesses animais.

Um médium vidente que se achasse entre a multidão não houvera, embora fosse essa a vontade dos Espíritos impuros, podido vê-los sob a forma, a

aparência que tomaram, porquanto a vontade desses Espíritos nenhum poder tinha para consegui-lo. Eles se mostraram aos porcos, porque a isso haviam sido autorizados, mas não lhes era lícito ir além. Tudo se realizava segundo a vontade de Jesus, objetivando o resultado que ele queria alcançar.

O fato de serem os Espíritos impuros visíveis para os porcos, quando não o eram para o povo, não vos deve causar mais admiração do que o de, lado a lado dois médiuns videntes, só um ver o Espírito que se manifesta. Nesse caso, a vontade do Espírito intervém.

Quanto aos animais, a visão para eles se produz exclusivamente pela vontade do Espírito, porquanto a combinação dos fluidos entre o Espírito e o animal é, como o dissemos, impossível, ao passo que, para se tornar visível ao médium vidente, o Espírito obra por ato da sua vontade e exerce sobre o médium uma ação fluídica.

Não admitais nunca, repetimos, a possibilidade de uma união, embora momentânea, entre o Espírito e o animal. Não *há* subjugação corporal deste por aquele e ainda menos possessão, substituição. Há apenas subjugação *moral,* no sentido de que o Espírito consegue espantar o animal, enchê-lo de terror, obrigá-lo a atos extravagantes, que podeis considerar materiais, mas que nem por isso deixam de tocar a inteligência relativa daquele que a sofre.

A vontade do obsessor basta *por si só* para tornar vidente o animal, pela razão de que o Espírito deste é mais apto do que o vosso a ter a faculdade da *vidência* e ainda porque a vontade do Espírito, por mais inferior que ele seja, domina sempre o Espírito do animal, a menos que a isso se oponha um Espírito superior.

Não infirais daí que o animal vidente seja médium. Não o é na *acepção exata* da palavra, pois que não pode, em caso algum, servir de intermediário ao

Espírito para se manifestar ao homem. O animal goza de uma faculdade que lhe é peculiar. É vidente, mas não médium. Todavia, em certos casos ao alcance da vossa percepção, a faculdade que o animal possui, de *ver,* pode servir, especialmente pelo terror que dele se apodera, para, da presença do Espírito, prevenir o homem, quando coisa alguma material existe, visível ou tangível para este, capaz de justificar aquele terror.

Não pergunteis por que meios e processos o Espírito obsessor atua sobre a faculdade de visão do animal, para se lhe tornar visível. Entraríeis em particularidades inoportunas. A cada dia o seu labor. Afastando-vos do quadro que se vos traçou, poríeis sobre os ombros pesadíssimo fardo, que ainda nenhum homem pode carregar.

Permitindo aos Espíritos impuros que entrassem nos porcos, Jesus lhes permitia permanecer nas regiões habitadas pelos homens, circunvolvendo a humanidade, isto é, lhes consentia aproximar-se desta e ficar em contacto com ela.

Tal permissão lhes foi concedida para que, junto, *assim* dos que a título de provação ou de expiação viriam a ser vítimas de suas obsessões e subjugações, *como* dos que se interessassem por essas vítimas, pudessem eles receber o beneficio das preces e encontrar os meios de reflexão e de encaminhamento moral. Ela lhes foi sobretudo concedida para ensinamentos dos homens, porquanto aqueles Espíritos impuros não se quedaram inativos e foram repelidos pelos discípulos de Jesus.

O subjugado por aquela legião de maus Espíritos, quando, sob o peso da subjugação corporal e moral, tinha acessos violentos de fúria, ficava num estado *aparente,* mas que para os homens era real, de alienação mental, de loucura furiosa; tornava-se in-

capaz de ter conhecimento de seus atos, perdia a consciência de seu ser. Nos momentos, porém, de menor violência, quando a calma se restabelecia, no sentido de ser menor a sua sobreexcitação, tornava-se consciente do seu estado, do constrangimento a que estava submetido e sofria com isso horrivelmente. Aí estava a punição dos crimes que cometera em anterior existência.

Logo que os *"demônios saíram dele",* isto é, logo que se viu livre da subjugação, recobrou, como observais ainda na atualidade, o uso pleno da razão, a liberdade do corpo e do Espírito.

A multidão que acorreu da cidade e dos campos, assim que teve conhecimento do que se passara pelos fugitivos guardadores dos porcos, encontrou o homem sentado aos pés de Jesus, *vestido e de perfeito juízo.* Estava vestido porque os discípulos o cobriram, tirando de suas vestes algumas peças. Uma vez liberto, ele se submetera alegremente aos costumes humanos.

"E de perfeito juízo, o que os encheu de terror". Aquele, que não podia até então ser contido, ali estava aos pés do Cristo, calmo e submisso. Tal submissão bastava para impressionar a multidão. A cessação dos sinais e manifestações de uma demência, furiosa *no entender dos homens,* traduzindo-se em atos violentos, desconexos, bizarros, em desordens e aberrações da palavra, os quais todos desapareceram com a subjugação, cedendo lugar à razão integral, à liberdade do corpo e do Espírito, foi qualificada de *"milagrosa"* por não ser compreensível, nem explicável.

Não negue a incredulidade atual, filha orgulhosa da ignorância, estes fatos autênticos que os evangelistas vos transmitiram. Que não zombe deles! que estude a ciência espírita; aprenda; observe, *sem idéias preconcebidas, com humildade e a necessária perseverança;* que se inicie na nova revelação, e acreditará, porque compreenderá.

Não tem o homem sob as vistas a revelação e a manifestação dos poderes do Espírito, ainda efeitos

físicos que se hão produzido em todos os tempos e se produzem hoje, debaixo de todas as formas, no ser humano e no que o cerca?

Não tem sob as vistas a revelação e a manifestação das faculdades dos Espíritos superiores, ministros da vontade de Deus, da sua providência e da sua justiça; do poder que eles exercem sobre os fluidos, visando a aplicação e a execução das leis naturais e imutáveis que regem a vida e a harmonia universais?

Não tem sob as vistas a revelação e a manifestação do poder dos Espíritos superiores sobre os fluidos, pelos efeitos formidáveis e terríveis a que dais o nome de *flagelos;* pelo estalar do raio que derriba os edifícios, fende o carvalho secular e muitas vezes causa a morte? pelo furacão que arranca e arrebata as árvores e destroça as habitações? pelas inundações que assolam, destroem e arrastam consigo tudo quanto encontram no seu percurso, na sua passagem? pela tempestade que arroja os navios de encontro aos arrecifes, onde se despedaçam e são tragados pelo mar?

O homem, vendo-se livre da legião dos maus Espíritos que o perseguiam, rogou a Jesus lhe permitisse acompanhá-lo. Jesus, porém, recusou, dizendo: "Volta para tua casa e conta as grandes coisas que Deus fez por ti, de quem se apiedou¨. E ele se foi embora, dando público testemunho do que Jesus fizera em seu beneficio. Era seu destino preparar os caminhos para o advento do Senhor. Jesus realizara um *"milagre",* que numerosas pessoas podiam testemunhar; por isso mesmo não ordenou ao homem que se calasse; ao contrário, o concitou a espalhar a notícia do que se dera, ao passo que em outras circunstâncias impunha silêncio aos que tinham logrado a felicidade de se ver livres de males quaisquer. É que, nestes casos, não tendo tido o fato grande publicidade, pudera ser con-

testado, se houvessem querido espalhá-lo. Deixava então que se espalhasse por si mesmo, pronta e seguramente, sob a aparência de um mistério.

MATEUS, Cap. IX, v. 1-8. — MARCOS, Cap. II, t'.1-12. — LUCAS, Cap. V, v. 17-26

Paralítico

MATEUS: V. 1. Tendo tomado de novo a barca, Jesus tornou a atravessar o lago e veio à sua cidade. — 2. E eis que lhe apresentaram um paralítico deitado no seu leito. Jesus, vendo-lhe a fé, disse ao paralítico: Filho, tem confiança; teus pecados te são perdoados. — 3. Logo alguns escribas disseram entre si: Este homem blasfema. 4. Jesus, lendo-lhes o pensamento. disse: Porque abrigais maus pensamentos nos vossos corações? — 5. Que é o que será mais fácil, dizer: "Perdoados te são os teus pecados", ou dizer: "Levanta-te e anda"? — 6. Ora, para que saibais que o filho do homem tem na terra o poder de remir os pecados, — "levanta-te", diz ele ao paralítico, "toma o teu leito e volta para tua casa". 7. Imediatamente o paralítico se levantou e voltou para casa. — 8. Vendo isso, a multidão, tomada de espanto, rendeu graças a Deus, que deu aos homens tal poder.

MARCOS: V. 1. Alguns dias depois voltou Jesus a Cafarnaum — 2. Assim ouviram dizer que ele estava em casa, reuniu-se lá tanta gente, que a casa ficou apinhada, até fora da porta; e ele pregava a palavra de Deus. — 3. Trouxeram-lhe então um paralítico carregado por quatro homens. — 4. Como, por causa da multidão, não o pudessem levar até junto do Mestre, fizeram no teto uma abertura e por aí desceram o leito em que jazia o paralítico. — 5. Observando-lhes a fé, disse Jesus a este último: Filho, teus pecados te são perdoados. — 6. Ora, estavam por ali sentados alguns escribas em cujos corações se aninhavam estes pensamentos: — 7. Que diz este homem? Ele blasfema; quem pode perdoar os pecados senão Deus Unicamente? — 8. Jesus pelo seu Espírito conheceu logo o que eles pensavam de si para si e lhes disse: Porque animais em vossos corações esses pensamentos? — 9. Que é o que será mais fácil de

dizer a este paralítico: Teus pecados te são perdoados? ou: Levanta-te, toma o teu leito e caminha? — 10. Para que saibais que o filho do homem tem, na terra, o poder de perdoar os pecados, — 11, digo-te (dirigindo-se ao paralítico): Levanta-te, toma o teu leito e volta para tua casa. — 12. No mesmo instante o paralítico se levantou, tomou o leito e partiu diante de toda a gente. Todos se encheram de espanto e, glorificando a Deus, diziam: Nunca vimos coisa semelhante.

LUCAS: V. 17. Um dia, em que estava a ensinar entre os fariseus e os doutores da lei que tinham vindo de todas as aldeias da Galiléia, da Judéia e de Jerusalém e se sentaram ao redor dele, e em que a virtude do Senhor estava com ele para os curar, — 18, eis que alguns homens, trazendo num leito um paralítico, procuravam meio de fazê-lo entrar na casa e chegar até junto do Mestre. — 19. Como não achassem por onde fazê-lo entrar, por causa da multidão, subiram ao telhado da casa e, levantando as telhas, por aí desceram o leito em que se achava o paralítico e o colocaram no meio da sala diante de Jesus. — 20. Este, observando-lhes a fé, disse ao doente: Homem, teus pecados te são perdoados. — 21. Então os escribas e os fariseus se puseram a pensar, dizendo de si para si: Quem é este que assim blasfema? Quem pode perdoar os pecados senão Deus unicamente? — 22. Jesus lhes conheceu os pensamentos e, respondendo, disse-lhes: Que é o que pensais no vosso íntimo? — 23. Que será mais fácil de dizer: Teus pecados te são perdoados, ou: Levanta-te e anda? — 24. Ora, para que saibais que o filho do homem tem, na terra, o poder de perdoar os pecados, digo-te (dirigindo-se ao paralítico): Levanta-te, toma o teu leito e volta para tua casa. — 25. No mesmo instante o paralítico se levantou diante de todos e, tomando o leito em que estivera deitado, voltou para sua casa, rendendo graças a Deus. — 26. Todos, tomados de assombro, glorificavam a Deus e, cheios de temor, diziam: Que coisas maravilhosas vimos hoje!

N. 121. Fora inútil insistirmos em explicações já dadas. Jesus curou o paralítico pelos mesmos meios

que indicamos (n. 110), quando tratamos do servo do centurião.

Operando aquela cura material, que *os escribas* ou *doutores da lei, os fariseus e a multidão* consideraram uma *maravilha,* um *"milagre",* assim como proferindo as palavras que dirigiu aos mesmos escribas e fariseus, cujos pensamentos lera, por ser sempre Espírito, embora figuradamente encarnado num corpo perispirítico com aparência de corporeidade humana, Jesus teve por fim, no momento, dar a ver aos homens que aquele que dispunha de tal poder estava acima de qualquer inteligência e forçá-los a curvar a fronte diante da autoridade divina.

¨Vendo isto, a multidão se encheu de espanto e glorificou a Deus por haver dado tal poder ao homem". A multidão, os escribas e os fariseus consideravam então Jesus, como sabeis, um homem igual aos outros. Essas palavras, inspiradas à multidão e reproduzidas por Mateus sob a influência mediúnica, tinham um fim *oculto,* que só mais tarde, por ocasião do advento da nova revelação, se tornaria *patente: o* de *preparar* de antemão os homens a compreenderem que, quando houverem atingido os limites extremos da perfeição que podem conseguir na terra, também lhes será facultado fazer, ao tempo determinado por Deus e segundo os seus desígnios, coisas como aquelas, tidas na conta de *maravilhosas,* mas na realidade *naturais.*

MATEUS, Cap. IX, v. 9-13. — MARCOS, Cap. II, v. 13-17. —LUCAS, Cap. V, v. 27-32

Vocação de Mateus

MATEUS: V. 9. Ao sair dali viu Jesus um homem de nome Mateus, sentado no telônio[3], e lhe disse: Segue-me. Logo o homem, levantando-se, o seguiu. — 10. E sucedeu que, achando-se depois Jesus à mesa na casa desse homem, vieram muitos publicanos e pecadores e se sentaram à volta da mesma mesa com Jesus e seus discípulos. — 11. Notando isso, os fariseus diziam aos discípulos: Como é que o vosso Mestre come na companhia de publicanos e de pecadores? — 12. Jesus, ouvindo-os, disse: Não são os que gozam saúde que precisam de médico e sim os doentes. — 13. Eia, pois, aprendei o que significam estas palavras: Quero a misericórdia e não o sacrifício; porquanto não vim chamar os justos, mas os pecadores.

MARCOS: V. 13. Jesus saiu de novo em direção ao mar; todo o povo o assediava e ele a todos ensinava. — 14. Ao passar, viu Levi, filho de Alfeu, sentado no telônio e lhe disse: Segue-me; e Levi, erguendo-se, o seguiu. — 15. Aconteceu que, achando-se Jesus à mesa em casa desse homem, muitos publicanos e pecadores, que em grande número o acompanhavam, se sentaram também à mesa com ele e os discípulos. — 16. Os escribas e os fariseus, vendo-o comer na companhia de publicanos e pecadores, disseram aos discípulos: Como é que o vosso Mestre come e bebe com os publicanos e os pecadores? — 17. Ouvindo o que diziam, Jesus lhes observou: Não precisam de médico os que estão bons e sim os doentes; eu não vim chamar os justos, mas os pecadores.

LUCAS: V. 27. Depois disso, Jesus partiu e vendo um publicano de nome Levi, sentado no telônio, disse-lhe: Segue-me. — 28. E o publicano, levantando-se e abandonando tudo, o seguiu. — 29.

---

[3] Escritório de cobrador de impostos.

Levi lhe ofereceu, mais tarde, um grande festim em sua casa, onde havia muitos publicanos e outras pessoas que também tomaram lugar à mesa. — 30. Os fariseus e os escribas murmuravam e diziam aos discípulos de Jesus: Como é que bebeis e comeis com publicanos e pecadores? — 31. Jesus, respondendo, lhes disse: Não precisam de médico os que gozam saúde e sim os doentes. — 32. Não foi aos justos, mas aos pecadores que vim chamar à penitência.

N. 122. Provava assim Jesus aos homens que não se deve repelir os que *pareçam* indignos, porquanto onde não vedes senão fraude ou impureza pode o Senhor ter colocado um gérmen de virtude que a cultura fará frutificar. Sede, pois, indulgentes com os vossos irmãos. Estendei mão protetora aos fracos. Esforçai-vos por exalçar os aviltados. Imitai, finalmente, o divino modelo, procurando os *doentes* e tudo fazendo para os *curar.*

Mateus, que Jesus foi buscar entre os publicanos, era um Espírito elevado, que encarnara com a missão de auxiliar o Mestre na obra que ele descera a executar na terra. Inspirado pelo seu anjo de guarda e pelos Espíritos superiores que o cercavam, obedeceu *no mesmo instante* ao chamamento do Cristo e o seguiu. E, oferecendo ao Mestre o grande festim de que falam os evangelistas, lhe proporcionou, como *devia* suceder, ocasião e meio de dar aquela lição.

Tudo tinha sido previamente preparado. Tudo se cumpria, por ordem do Senhor, sob a inspiração, a influência e a ação ocultas dos Espíritos superiores, obedientes à vontade do Mestre.

Como discípulo do Cristo, Levi, filho de Alfeu, adotou o nome de Mateus. Por Levi é que era geralmente conhecido.

"Não são os que gozam saúde que precisam de médico", disse Jesus. *"e sim os doentes".* "Não vim em busca dos justos, mas dos pecadores". Assim como

aquele que goza saúde não precisa de médico, aquele que conscientemente obedece à lei do seu Deus não precisa de ser salvo, ele se salva por si mesmo. O Cristo chamava a si os que tinham *reparações* a fazer. Se convidava ao arrependimento, o seu convite só podia ser feito aos que tinham falido.

"Eia, pois", dizia aos escribas, aos fariseus, aos discípulos, aos publicanos, às pessoas de má vida — "aprendei o que significam estas palavras: *Quero a misericórdia e não o sacrifício, porquanto não* vim *em busca dos justos, mas dos pecadores".*

As palavras do profeta Oséas (cap. VI, v. 6): "Prefiro *a misericórdia* ao sacrifício e prefiro a ciência de Deus a todos os holocaustos", confrontadas com as do profeta Samuel *(Os Reis,* liv. 1, cap. II, v. 6-10), v. 6: "O Senhor dá e tira a vida, lança nos infernos e de lá retira", encerram, veladamente, o sentido oculto destas outras, proferidas por Jesus: "Quero a misericórdia e não o sacrifício".

A nova revelação vos vem ensinar o significado de tais palavras. Vimos, em nome do Cristo, nosso Mestre, dizer: Sejam quais forem as faltas e os crimes cometidos, havendo arrependimento, não haverá, para o Espírito culpado, *sacrifício,* isto *é, penas eternas;* haverá, ao contrário, *misericórdia,* o que quer dizer — *perdão,* subordinado este apenas, conforme à bondade e à justiça infinitas de Deus e com o duplo fim de aperfeiçoamento moral e progresso, às duas únicas condições seguintes: *expiar* o culpado, na erraticidade, após a morte, os crimes e faltas praticados, mediante sofrimentos ou torturas morais apropriados e porporcionados aos mesmos crimes e faltas; *expiar, reparar e progredir,* por meio da reencarnação e de novas provações.

Sim, onde quer que haja arrependimento, há perdão. Jesus, pois, queria a misericórdia, despertando no homem o *remorso* da falta ou do crime e o desejo

da reparação. A reparação é a conseqüência do arrependimento. Convidando ao arrependimento, Jesus facilitava a expiação e salvava assim os que de outro modo estacionariam longo tempo na impenitência.

MATEUS, Cap. IX, v. 14-17. — MARCOS, Cap. II, v. 18-22. —LUCAS. Cap. V, v. 33-39

Jejum. —Pano novo. — Odres velhos. — Vinho novo. — Vinho velho

MATEUS: V. 14. Então, vieram ter com ele os discípulos de João e lhe perguntaram: Porque os fariseus e nós jejuamos freqüentemente e os teus discípulos não jejuam? — 15. Jesus lhes respondeu: Podem acaso chorar os filhos do esposo quando o esposo está com eles? Dia, porém, virá em que o esposo lhes será tirado; eles então jejuarão. — 16. Ninguém põe remendo de pano novo em roupa velha, por isso que aquele esgarçaria uma parte da roupa e lhe aumentaria o rasgão; — 17, e não se deita vinho novo em odres velhos, porque os odres se quebram, o vinho se derrama e os odres ficam perdidos; ao passo que, deitando-se vinho novo em odres novos, um e outros se conservam.

MARCOS: V. 18. Alguns discípulos de João e alguns fariseus que costumavam jejuar vieram e perguntaram a Jesus: Porque os discípulos de João e os fariseus jejuam e os teus discípulos não jejuam? — 19. Jesus lhes respondeu: Os filhos das núpcias podem acaso jejuar enquanto o esposo está com eles? Não podem jejuar, enquanto têm consigo o esposo. — 20. Mas, dia virá em que o esposo lhes será tirado; eles então jejuarão. — 21. Ninguém cose um remendo de pano novo em roupa velha, porquanto aquele arrancaria uma parte desta e tornaria maior o rasgão. — 22. Ninguém põe vinho novo em odres velhos, porquanto o vinho quebraria os odres, se derramaria e os odres ficariam perdidos; vinho novo em odres novos deve ser posto.

LUCAS: V. 33. Então, disseram-lhe: Porque é que os discípulos de João, assim como os fariseus jejuam freqüentemente e fazem orações, enquanto que os teus comem e bebem? — 34. Jesus lhes disse: Podeis obrigar os filhos do esposo a jejuar,

enquanto o esposo está com eles? — 35. Dias virão em que o esposo lhes será tirado; eles então jejuarão. — 36. Fez-lhes também esta comparação: Ninguém prega remendo de pano novo em roupa velha, porque o novo rompe o velho e assim o pedaço de pano novo não convém à roupa velha. - 37. Do mesmo modo, ninguém deita vinho novo em odres velhos, porque, se fizer isso, o vinho novo rebentará os odres, se derramará e os odres ficarão perdidos. — 38. O vinho novo deve ser posto em odres novos, porque assim tudo se conservará. — 39. E não há quem, bebendo vinho velho, prefira o novo, pois que diz: o velho é melhor.

N. 123. Todas as explicações que aqui cabem, para a compreensão do fim que Jesus objetivava com o ensinamento que deu de modo velado, entendem com o futuro espírita.

Os homens eram a roupa velha que, remendada impensadamente, teria sido destruída. Eram os odres velhos, impróprios para recipientes de um licor ativo que, fermentando, os despedaçaria.

Vós, espíritas, sois os odres novos nos quais o vinho novo é despejado abundantemente. Guardai-o como preciosidade e ele dará em vós bom produto; envelhecerá nos odres, melhorará e restituirá a força, a saúde e a vida aos que vierem bebê-lo.

O termo — *"esposo"* — pelo qual o Mestre se designava a si próprio, era tomado às idéias, às tradições e aos costumes hebraicos, pela consideração dispensada aos Hebreus que se casavam. Ora, sendo o chefe desta doutrina, que vos tem amparado apesar de todos os vossos desvios, Jesus era considerado como o mancebo puro que depõe a coroa nupcial, a fim de assumir o governo da família que constituiu para si.

Os filhos, os amigos do *esposo* são expressões sinônimas pela significação, indicando os que mais ligados e mais caros eram ao esposo.

Procurai compreender bem, *segundo o espírito que vivifica e não segundo a letra que, agora, mata,*

procurai compreender, *em espírito e em verdade,* estas palavras que Jesus dirigiu aos discípulos de João e aos fariseus:

"Podem os filhos, os amigos do esposo jejuar, enquanto com eles está o esposo? Não podem jejuar, enquanto o esposo está com eles. Mas, dias virão em que o esposo lhes será tirado. Eles então jejuarão."

A presença de Jesus entre os discípulos os mantinha na senda que deviam trilhar. Não precisavam, pois, submeter-se a privações expiatórias. Mas, o futuro se distendia aos olhos do Mestre e ele antevia os *abusos,* os *transviamentos* que não tardariam a perverter a sua *igreja,* os seus filhos, isto é, *à humanidade* e os que tomariam a si a continuação da obra dos *apóstolos* e dos *primeiros* cristãos.

Antevia, portanto, necessária a expiação como meio de reparação. E o jejum material era, entre os Hebreus, o emblema da expiação.

O jejum de que Jesus falava e que os homens teriam de praticar nos tempos que se seguiriam ao desempenho da sua missão terrena não era o jejum *material* que os discípulos de João e os fariseus praticavam. Não; Jesus aludia *às expiações* a que os homens teriam de submeter-se, para *reparar* suas faltas; aludia ao jejum *moral.* O jejum material constituía entre os Hebreus um ato expiatório, destinado a reparar os erros leves da vida. Teve sua razão de ser (como daqui a pouco explicaremos), numa época em que só *as leis materiais* podiam dominar a matéria.

Consiste o jejum *moral* no remorso das faltas graves que cometeis todos os dias para com Deus, transgredindo suas leis, deixando de praticar o amor e a caridade, entregando-vos ao orgulho, ao egoísmo, à inveja, vícios que muitas vezes não chegais mesmo a lobrigar no fundo de vossos corações, tão grande é a vossa cegueira, tanta a confiança que cada um de vós

deposita em si próprio. Ah! jejuai, mortificando vossas almas para que se purifiquem. Bom é o jejum, mas o jejum *moral.* Ele é útil à alma culpada, pois que a expurga das impurezas.

Esse jejum, *único* que o Senhor exige, consiste em a criatura não se submeter nunca aos seus maus instintos, por mais agradável que isso lhe seja, em infligir voluntariamente a si mesma humilhações; quando tenham por fim o adiantamento de seus irmãos, ou constituam para eles um exemplo; em não se entregar a ato algum de culposa leviandade; em não se dar a excessos de qualquer natureza.

Não julgueis seja muito penoso para o homem viver tranqüilamente diante de Deus. Basta-lhe estar com a sua consciência em paz e satisfeita, para ter a força e a saúde do corpo.

De onde provém, senão dos excessos de toda ordem a que sujeitais vossos corpos, a degeneração das raças humanas? Que é o que produz o apoucamento das vossas inteligências, senão o arrojo desavergonhado das vossas idéias, senão o desejo imoderado de saber prematuramente mais do que lhe deva ser dado?

Formais uma sociedade — vivei em sociedade. Sede bons, amorosos e, assim, dignos de ser amados. Não procureis o luxo material que enerva, nem adquirir *inconsideradamente a* ciência que desvaira.

Jesus não pretendeu impor e não impôs a obrigação do jejum material, disse-o ele próprio.

"O que mancha o homem não é o que lhe entra no corpo, porquanto isto não lhe vai ao coração, mas aos intestinos e daí ao lugar secreto. O que mancha o homem é o que lhe *sai do coração;* são os maus pensamentos, as más palavras, as ações más, os vícios que degradam a Humanidade, as infrações da lei de Deus consignada no Decálogo e nestas palavras que encerram *toda a lei e os*

profetas: — amar a Deus *acima de todas* as *coisas* e amar o próximo como a si mesmo."

Os mandamentos humanos relativos ao jejum material, prescrevendo a privação de alimentos ou só permitindo, em determinadas épocas e em determinados dias, certas espécies de alimentos, foram e são inúteis para o homem de inteligência e de coração. Jamais o Senhor lhe impõe a obediência a tais mandamentos. Entretanto, tiveram sua razão de ser. A observância desses preceitos, por mais ridículos que sejam em si mesmos, foi um freio posto aos excessos da gula e da luxúria, numa época em que somente as leis materiais podiam dominar a matéria. Sujeitando o corpo a um regímen rigoroso, diminuíam-se-lhe *as forças animais e continham-se* assim muitos abusos.

Mantendo as prescrições materiais do jejum e da abstinência, a Igreja romana se conservou contemporânea dos escribas e dos fariseus. Sim, ela impõe um fardo pesado, que já não é necessário. Não quis caminhar com a Humanidade e hoje se acha distanciada desta. Mas, tudo voltará aos seus eixos, porque Deus o quer e suas vontades são imutáveis.

Os v. 16 e 17 de Mateus, 21 e 23 de Marcos, 36 a 39 de Lucas encerram, como dissemos ao começar estas explicações, *alegorias espíritas.* Aos homens daquele tempo e às gerações que se seguiram até aos vossos dias, precursores da era nova, se referia Jesus, quando falava da roupa já velha à qual não convinha pôr um remendo de pano novo; quando falava dos odres velhos dos quais o vinho novo, rebentando-os, se escaparia, ficando um e outros perdidos. Quer isso dizer que aqueles homens eram incapazes de receber, aceitar e conservar a nova revelação que, assim, ficava reservada para os tempos vindouros, para quando chegasse o momento de cumprir-se esta sentença: "a *letra mata e o espírito* vivifica"; para quando os

séculos e a reencarnação, que é meio de expiação, de reparação e de progresso, houvessem *preparado* as inteligências e os corações de maneira a fazer deles *odres novos* capazes de conservarem *o vinho novo.*

Materiais, ignorantes, obstinados nos seus preconceitos e tradições, os homens daquela época teriam sido esmagados pelo peso de um fardo para eles onerosíssimo, tê-lo-iam alijado dos ombros, ou teriam cegado pelo brilho de tão *viva luz.* Convinha-lhes primeiramente a linguagem da parábola, o regímen da *letra,* sujeita a interpretações humanas e materiais, a fim de que os necessários esforços e as constantes lutas do pensamento *preparassem o advento do espírito.*

"O vinho novo deve ser posto em odres novos, porque assim tudo se conserva."

Constituem o vinho novo os ensinos dos Espíritos do Senhor, que vêm dispor as coisas de modo a que tenham fim o mundo moral do erro e da mentira, a vossa fraqueza e a vossa ignorância; que vos vêm explicar, tornar compreensível e desdobrar, *em espírito e em verdade,* a lei simples e sublime de Jesus, tirando da letra o *espírito,* escoimando-a das falsas interpretações que lhe deram e que a alteraram ou desnaturaram, impedindo-a de produzir seus frutos.

Os *odres* novos são os verdadeiros espíritas que recebem e praticam esses ensinamentos; são os Espíritos que, purificados e esclarecidos pelo Espiritismo, farão rebentar o *velho odre, incapaz* de resistir à fermentação das idéias novas.

O odre velho existe em vossos dias. São aqueles que, cegos e interesseiros, bebendo em fontes impuras ou falsificadas, procuraram, procuram e ainda procurarão entravar a obra da regeneração humana, a formação da Igreja *do Cristo, cujo* templo é o vosso planeta e à qual todos os homens se tornarão fiéis

(Judeus e Gentios) pela prática da lei do amor e da caridade.

A igreja que os homens fizeram tem que ser transformada, vós o sabeis. Preparai, pois, espíritas, os materiais que hão de servir para a reedificação, a fim de que os obreiros do Senhor encontrem talhadas as pedras, quando for tempo de levantar o edifício.

O vinho novo e o odre novo se conservarão *pela nova fé,* nova no sentido de que avançará por estrada muito diversa da que segue a igreja que tendes.

"Não há quem, bebendo vinho velho, prefira o novo, pois que logo dirá: o velho é melhor."

Compreendei bem o sentido alegórico destas palavras de Jesus, que, *veladamente,* se referia à era nova que começa.

O vinho velho que deve ser preferido é o que já se despojou de todos os corpos estranhos, é aquele cuja fermentação o livrou de todas as impurezas, é aquele que, posto em odres novos, nestes envelheceu.

Quando, pois, vós outros da nova geração houverdes deixado fermentar nos vossos corações os desdobramentos, que trazemos, da doutrina de Jesus, podereis dar a vossos irmãos, para que o saboreiem, o vinho velho, que será preferido ao novo.

Se sois odres novos, recebei o vinho novo tal como em vós o despejam os Espíritos do Senhor. Não deixeis que se altere, vicie, corrompa, obstando à fermentação que vos purificará as almas de suas leveduras. Toda doutrina não conforme à lei de amor e de caridade que o Cristo pregou e ainda manda pregar; os erros em que se esforçam por vos mergulhar os cegos ou interesseiros, erros que são vinho novo adulterado, falsificado, a fermentar nalguns cérebros, enlouquecendo-os — eis o que impediria o vinho novo de

envelhecer, ou o alteraria, viciaria e corromperia em vós, arrastando-vos a atos de demência.

Dai o exemplo a vossos irmãos pela prática dos ensinos dos Espíritos do Senhor e da lei de Jesus que eles vos explicam em toda a verdade. Solidários e ligados pelos laços da caridade e do amor recíproco, *preparai* o advento da fraternidade universal. Então, emocionados e atraídos por esse exemplo, vossos irmãos dirão: *o velho é melhor.*

Sim, porquanto o velho será realmente velho, embora muitos o considerem novo. O que vos pregamos hoje não é a mesma lei que Jesus vos deu a conhecer? Que é o que intentamos senão fazer-vos voltar atrás em busca desse vinho que, há mil e oitocentos anos, espera que os homens o saboreiem?

Ele é novo no sentido de que está hoje apropriado, pela nova revelação, aos vasos que o devem conter.

MATEUS, Cap. IX, v. 18-26. — MARCOS, Cap. V, v. 21-43. — LUCAS, Cap. VIII, v. 41-56

A filha de Jairo. —A hemorroíssa

MATEUS: V. 18. Tendo dito essas coisas, aproximou-se dele um chefe de sinagoga que, adorando-o, lhe disse: Senhor, minha filha acaba de morrer; mas vem, impõe-lhe as mãos e ela viverá. — 19. Jesus se levantou e, acompanhado pelos discípulos, partiu com o homem. — 20. Ao mesmo tempo, uma mulher que, havia doze anos, sofria de um fluxo de sangue, acercando-se dele por detrás, lhe tocou a fimbria da túnica; — 21, pois que dizia consigo mesma: Bastar-me-á tocar nas suas vestes para ficar curada. — 22. Jesus, voltando-se, a viu e lhe disse: Filha, tem confiança, tua fé te curou. E desde aquele momento a mulher se achou curada. — 23. Chegando à casa do chefe de sinagoga, disse Jesus aos tocadores de flauta e à multidão tumultuosa que lá encontrou: — 24. Retirai-vos, porquanto a menina não está morta, apenas dorme. Todos, porém, zombavam dele. — 25. Afastada a multidão, ele entrou e tomou a mão da menina, que logo se levantou. — 26. A notícia do fato se espalhou por toda a redondeza.

MARCOS: V. 21. Tendo passado na barca para a outra margem, grande multidão o cercou à beira mar. — 22. Um príncipe da sinagoga chamado Jairo, que viera à sua procura, ao vê-lo, se lhe lançou aos pés, — 23, e lhe dirigiu instantemente esta súplica: Minha filha está moribunda; vem e lhe impõe as mãos para que ela se cure e viva. — 24. Jesus partiu com ele, acompanhado pela multidão que o premia. — 25. Então, uma mulher que sofria de um fluxo de sangue, havia doze anos, — 26, e que padecera muito nas mãos de vários médicos, com os quais gastara todos os seus haveres, sem melhorar do seu mal, que antes se agravara, — 27, tendo ouvido falar de Jesus, se meteu na multidão e, aproximando-se dele por detrás, lhe tocou a túnica. — 28. Dizia: Se eu conseguir tocar-lhe apenas na roupa, estarei curada. — 29. No mesmo

instante o sangue deixou de correr e ela sentiu em seu corpo que estava curada do mal que a afligia. — 30. Jesus percebeu imediatamente que de si saíra uma virtude e, voltando-se para a multidão, perguntou: Quem tocou as minhas vestes? — 31. Os discípulos lhe ponderaram: Vês que a multidão te comprime por todos os lados e perguntas quem te tocou! — 32. Jesus, porém, passeando o olhar em torno de si, procurava descobrir quem o tocara. — 33. A mulher, que sabia o que se passara nela, atemorizada e a tremer, aproximou-se e, lançando-se-lhe aos pés, confessou toda a verdade. — 34. Jesus lhe disse: Filha, tua fé te salvou; vai em paz e fica curada de tua enfermidade. — 35. Estando ele ainda a falar, chegaram alguns familiares do príncipe da sinagoga e, dirigindo-se a este, disseram: Tua filha morreu; porque hás de dar ao Mestre o incômodo de ir mais longe? — 36. Jesus, porém, ouvindo isso, disse ao príncipe da sinagoga: Não temas; tem fé. — 37. E não permitiu que, afora Pedro, Tiago e João irmão de Tiago, mais alguém o acompanhasse. — 38. Chegando à casa do príncipe da sinagoga, deparou com um bando confuso de pessoas que choravam e soltavam grandes lamentos. — 39. Logo que entrou na casa, disse a essas pessoas: Porque vos achais aflitos e porque chorais? A menina não está morta, apenas dorme. — 40. Todos, porém, zombavam de suas palavras. Ele mandou que saíssem e, acompanhado pelo pai, pela mãe da menina e pelos que tinham vindo na sua companhia, entrou no aposento onde se achava a menina deitada. — 41. Tomando-lhe as mãos, disse: *Talitha cumi,* isto é, menina, levanta-te, eu o ordeno. — 42. No mesmo instante a menina se levantou e se pôs a caminhar, pois já contava doze anos, ficando todos admirados e maravilhados. — 43. Jesus lhes recomendou muito expressamente que ninguém viesse a saber do fato e mandou que dessem de comer à menina.

LUCAS: V. 41. Veio ter com ele então um homem chamado Jairo, que era príncipe da sinagoga e, lançando-se-lhe aos pés, lhe pediu que entrasse na sua casa, — 42, dizendo ter uma única filha de cerca de doze anos que estava a morrer. Partiu com ele Jesus, apertado pela multidão. — 43. Uma mulher que, havia doze anos,

sofria de uma perda de sangue e que gastara com médicos tudo o que possuía, sem que nenhum houvesse conseguido curá-la, — 44, se aproximou dele por detrás e lhe tocou a fímbria da túnica, com o que logo o fluxo de sangue cessou. — 45. Perguntou então Jesus: Quem me tocou? Como todos negassem ter sido quem o tocara, Pedro e os que o cercavam lhe disseram: Mestre, pois que a multidão te aperta e comprime, como podes perguntar: Quem me tocou? — 46. Jesus replicou: Alguém me tocou, porquanto percebi que uma virtude saiu de mim. — 47. A mulher, verificando assim não poder ocultar-se, aproximou-se toda trêmula e, prostrando-se aos pés de Jesus, declarou diante de todo o povo o motivo por que o tocara e que ficara imediatamente curada. — 48. Jesus lhe disse: Filha, tua fé te salvou, vai em paz. — 49. Ainda não acabara de falar, chegou alguém e disse ao príncipe da sinagoga: Tua filha morreu; não dês ao Mestre mais incômodo. — 50. Mas, ouvindo isso, Jesus disse ao pai da menina: Não temas, tem fé somente e ela será salva. — 51. Chegando à casa de Jairo, não deixou que aí entrassem senão Pedro, Tiago e João, com o pai e a mãe da menina. — 52. Todos a choravam e lamentavam. Ele, porém, disse: Não choreis, ela não está morta, apenas dorme. — 53. Zombavam, porém, dele, por saberem que estava morta. — 54. Jesus, pegando--lhe na mão, exclamou: Menina, levanta-te: — 55. Seu Espírito voltou ao corpo, ela se levantou imediatamente e Jesus mandou que lhe dessem de comer. — 56. Os pais da menina se mostraram cheios de espanto e ele lhes ordenou que não dissessem a ninguém o que sucedera.

N. 124. Aí tendes a consolação de um pai; um exemplo de fé oferecido à multidão; a continuação, em suma, por parte do Cristo, daquela vida de ensinamentos, que constituía o desempenho da sua missão terrena.

Quanto à cura da mulher doente, Jesus a operou pelos meios que conheceis, pelo seu poder magnético.

Envolto em fluidos vivificantes, distribuía-os pelos que deles necessitavam.

Quanto aos de que se serviu para fazer cessasse o fluxo sangüíneo, nada podemos dizer, por vos ser ainda impossível entrar no conhecimento das combinações fluídicas. O homem, como já o temos dito, não se acha ainda capaz de compreender *a natureza* dos fluidos, *seus efeitos e* suas *propriedades de ação.* Jesus dispunha dos fluidos vivificantes e reparadores; que isso por enquanto vos baste.

A pergunta: Quem me tocou? — pergunta que, feita pelo Mestre, pode causar estranheza, ele a formulou *intencionalmente* para provocar, diante da multidão, a confissão da mulher e assim tornar patente a todos o *"milagre".*

Pelo que respeita à filha de Jairo, o Espírito não abandonara o corpo, apenas se ausentara e Jesus o chamou. Ele tivera permissão de prolongar a sua ausência a fim de que o corpo, tornando-se completamente inerte, apresentasse todas as aparências da morte.

Para os homens, a filha de Jairo estava morta; essa era *a aparência. Aos olhos de todos,* a morte ali era indubitável, positiva. *Na realidade,* porém, não havia mais do que um estado de catalepsia completa, um estado, portanto, de morte *aparente,* de natureza a iludir os mais hábeis peritos.

Havia, dissemos, inércia completa, isto é, suspensão de todas as sensações, de todos os movimentos, da vida em suma, com ausência de pulso, de respiração, de calor, aspecto cadavérico, insensibilidade física, material, tão profunda que as pancadas, os ferimentos nenhuma impressão provocariam, nenhuma contração, nenhum sinal de vida.

Vindo ao encontro do chefe de sinagoga, seus servos lhe disseram: *tua filha morreu.* Mas, aos que choravam e faziam grande alarido Jesus disse: "Por que vos achais aflitos e porque chorais? *A menina não está morta,* apenas *dorme".*

Aos tocadores de flauta e ao grupo de pessoas que faziam grande algazarra, disse: *"Retirai-vos, pois* que *a menina* não está *morta,* apenas *dorme*". E todos, *por saberem que ela estava morta,* zombavam dele.

Afastada a multidão, disse ele à menina: *"Levanta-te".* E sua alma, tendo voltado ao corpo (uma vez que não estava morta, que apenas dormia), ela se levantou.

A menina *não está* morta, disse Jesus, *apenas* dorme — essa a *realidade.*

Não havia ali, com efeito, mais do que sono e sono natural ordinário, o que não deveis ter dificuldade em compreender, pois sabeis que a ausência do Espírito mergulha o corpo num sono profundo. Pelo desprendimento completo do Espírito se produz o estado de catalepsia.

Ao Espírito da filha de Jairo fora permitido ausentar-se, já o dissemos. Ele tivera uma permissão, não recebera uma ordem, porquanto o Espírito não precisa de ordem para se desprender do corpo. Precisa, sim, para entrar nele. O pássaro que se evade da gaiola apertada onde definhava não deseja voltar para a prisão. Procurai compreender aqui a posição do Espírito, reportando-vos aos atos da vida humana: o soldado que obtém uma licença sabe a que horas ela termina. Com mais forte razão o mesmo se dá com o Espírito em condições semelhantes.

Se o da filha de Jairo se houvera esquecido de voltar ou resistido ao regresso, os Espíritos superiores que o cercavam, vigilantes para que a ausência se prolongasse pelo tempo que necessário fosse à realização exata e integral da obra que Jesus intentava e ia realizar, o teriam impedido de frustrar por essa forma a execução do intento do Mestre. Aliás, semelhante resistência fora uma rebelião que de modo algum se verificaria contra a vontade de Jesus, acrescendo que

aquele Espírito não podia pensar em tal, uma vez que aceitara a missão que desempenhou.

O estado de catalepsia em que a menina caiu e que deu lugar à crença numa morte real e, por conseguinte, numa *"ressurreição",* no sentido que entre os homens essa palavra tem, se produziu porque entrava nos desígnios do Senhor que assim acontecesse para cumprimento da missão de Jesus e para que esta desse os frutos que devia dar naquele momento e no futuro.

Tudo o que assinalou a passagem de Jesus pela Terra fora previsto e preparado mediante as encarnações dos Espíritos que haviam de concorrer para a execução da sua obra de missionário.

Supondes, porventura, que o soberano Senhor do Universo possa esperar alguma coisa do que chamais — *efeito do acaso?*

Repetimos: o Espírito da filha de Jairo não abandonara o corpo. Completamente desprendido deste, que se achava imerso em profundo sono, estava a ele preso pelo cordão fluídico do perispírito, invisível para olhos humanos. Graças a essa ligação do Espírito com o corpo, a vida neste continuava a ser mantida, mas se achava *suspensa* pelo estado de catalepsia completa, que dava aos homens a impressão da morte *real.*

A filha de Jairo (disse-o Jesus aos que o cercavam) não estava *morta,* dormia.

Por ato de sua vontade poderosa, ele fez voltar o Espírito à sua prisão e, pela ação magnética, restituiu a saúde ao corpo da menina. Assim é que *houve o despertar e* a mocinha *foi curada.*

Para mais prender a atenção dos homens, mandou o Mestre que lhe dessem de comer.

Quanto à presença dos tocadores de flauta de que se vos fala, isso indica a observância de um uso hebraico em situações como aquela.

"O rumor da ressurreição e do restabelecimento da filha de Jairo se espalhou por todo o país; mas Jesus ordenou aos que tinham estado presentes, ao pai e à mãe da menina, que nada a ninguém dissessem do que fora feito, do que se passara."

A multidão, como sabeis, não entrara. Não se vos disse que Jesus a deixou fora?

O Mestre conhecia o que o futuro reservava e assim não queria que, *naquele momento,* sua reputação se estendesse até aos sacerdotes e levitas.

O desprezo que uns e outros votavam à credulidade e à ignorância do povo os mantinha em guarda (no sentido de que nenhum crédito lhes davam) contra os fatos ¨milagrosos¨, isto é, impossíveis, para eles, de se produzirem e que a voz pública espalhava.

Aspecto diverso, porém, tomaria o caso se a "ressurreição" da filha de Jairo fosse atestada pelo próprio Jairo, chefe de sinagoga, homem justo e estimado.

Se, a propósito da notícia emanada do povo, interpelassem a Jairo, um pretexto qualquer lhe teria bastado para tapar a boca aos inquiridores. Mas, nada disso sucedeu. Os sacerdotes e os levitas pouco se preocupavam com o que não lhes dizia respeito *pessoalmente e,* sobretudo, com os falatórios do povo, aos quais, repetimos, nenhum crédito prestavam.

MATEUS, Cap. IX, v. 27-31

Cegos curados

V. 27. Ao sair Jesus dali, dois cegos o seguiram, clamando: Filho de David, tem piedade de nós! — 28. Quando chegou a casa, os cegos se aproximaram e ele lhes perguntou: Credes que eu possa fazer o que me pedis? Os dois responderam: Sim, Senhor! — 29. Ele então lhes tocou os olhos, dizendo: Faça-se conforme a vossa fé. - 30. Os olhos de ambos se abriram e Jesus lhes proibiu terminantemente que falassem do fato, dizendo: Vejam que ninguém o saiba. — 31. Mas os dois se foram e espalharam por todo o país a fama do Mestre.

N. 125. A cura dos cegos se operou como as outras curas materiais já anteriormente obtidas: por ato da vontade do Mestre e por sua ação magnética. Ele fez convergir, sobre os olhos dos cegos e sobre os organismos de ambos, os fluidos apropriados à natureza e à causa da cegueira que os havia atacado.

Se o espírito condenado às trevas humanas, quer nascendo cego, quer cegando mais tarde, só tem que sofrer essa condenação por um certo tempo, ele encontrará, ao longo do seu caminho, a luz de que se acha privado. Tais casos são raros; porém, quanto mais a humanidade se purificar, menos longa e penosa será a expiação humana e mais apto se encontrará o homem para o emprego daqueles meios de cura que o Senhor *vos pôs nas mãos* e que ainda desconheceis.

O emprego dos fluidos magnéticos pode fazer cessar a cegueira, quaisquer que sejam a sua natureza e a sua causa, assim como a surdez e a mudez, mas *somente* no caso em que o Espírito tenha que suportar apenas uma prova passageira e a suporte de modo a obter do Senhor a sua cessação. Se murmura, se não

a sofre com paciência e resignação, o castigo pode ser prolongado e, neste caso, *os meios* de destruir o mal são postos fora do alcance do homem.

Não é impossível a este conseguir, *acidentalmente,* aquele resultado, por ato da sua vontade e pela ação magnética; mas, para isso, se faz mister que *uma grande pureza* lhe dê *tão grande poder,* com o auxílio, que então não lhe faltará, dos Espíritos superiores, os quais procedem à escolha e lhe colocam à mão os fluidos apropriados ao resultado que deva obter. É esse um tesouro que vos está *reservado e* que vos cumpre *adquirir,* porquanto mãos profanas, isto é, indignas de semelhante favor, só imperfeitamente podem usar dele. Para alcançar a pureza necessária à posse de tão alto poder, para contar com o auxílio e o concurso dos Espíritos superiores, tem o homem que se purificar, que se elevar.

Tais casos são raros, dissemos acima, mas, ficai sabendo, o Espírito que haja sido condenado a sofrer apenas por um certo tempo as trevas humanas achará no seu caminho Espíritos encarnados com a missão de pôr termo a essas provações ou expiações passageiras.

O Senhor tudo prepara e prevê, a fim de que todas as coisas se passem *como devem passar-se.*

Para chegar, de modo seguro e previsto, a curar a cegueira, a surdez, a mudez e todos os outros males e enfermidades humanas, *como as curava Jesus,* preciso é que o homem, ao mesmo tempo, *se eleve e se ponha em condições* de apreciar o valor dos fluidos de que se possa servir, de conhecer e distinguir *a natureza, os efeitos e as propriedades de ação dos fluidos* vivificantes, fortificantes e reparadores, dos fluidos purificadores e regeneradores, próprios a destruir as causas de doenças e enfermidades, tanto quando essas causas sejam internas, residam num viciamento do organismo, como quando sejam externas. Neste último caso,

os fluidos purificadores e regeneradores destroem e devoram de pronto, com muito mais eficácia e muito melhor do que por meio de uma operação cirúrgica, as substâncias estranhas causadoras do mal. Os fluidos fortificantes e reparadores se destinam a destruir as causas de enfermidades de origem *nervosa, ou paralisante.*

Toda enfermidade que contribua, de maneira *sensível,* para modificar a existência ordinária do homem *é provação ou expiação.*

A cegueira, quer permanente, quer temporária, é imposta, como provação ou expiação, segundo o grau de culpabilidade, àquele que recusou auxílio a seus irmãos, que abusou de suas faculdades, fossem elas quais fossem, e que assim ficou sujeito a sofrer a pena de talião. Terá que viver na dependência dos outros e suportar as privações resultantes da ausência daquelas faculdades, que foram sua força ou seu orgulho em precedente existência.

Quanto à proibição de Jesus aos dois cegos, de falarem da cura que neles acabara de operar, tinha por fim não dar a crer aos homens que se servira de meios humanos próprios a criar uma reputação humana. Aquele que tais coisas fazia, proibindo que as divulgassem, não podia passar, aos olhos de seus irmãos, por ser um charlatão ou um homem comum, ávido de uma reputação com que atraísse os doentes, tendo em vista vantagens mercantis.

Jesus, em certas ocasiões, como que se cercava de mistério, a fim de que a fama das grandes coisas que fazia crescesse, realçada por esse tom misterioso. Procedia sempre de acordo com as circunstâncias e com o meio em que se achava. Os efeitos tirados das leis naturais então conhecidas deviam ter um alcance moral, mas nem todos estavam aptos a recebê-lo nas mesmas condições. Para uns a publicidade era necessária, outros acolhiam mais favoravelmente o que se

lhes contava rodeado de uma sombra de mistério. O grande talento do médico está em saber aplicar o medicamento na dose proporcionada à força do doente.

MATEUS, Cap. IX, v. 32-34. — LUCAS, Cap. XI, v. 14-20

Possesso mudo. — Blasfêmia dos fariseus

MATEUS: V. 32. Logo que eles saíram, apresentaram-lhe um homem mudo, possesso do demônio. — 33. Tendo sido este expulso, o mudo falou; e a multidão admirada dizia: Nunca se viu coisa semelhante em Israel. — 34. Mas os Fariseus diziam: Ele expulsa os demônios pelo príncipe dos demônios.

LUCAS: V. 14. Jesus expulsou o demônio de um homem que estava mudo e, logo que expulsou o demônio, o mudo falou e todo o povo se encheu de admiração. — 15. Mas, entre os populares, alguns diziam: É por Belzebu, príncipe dos demônios, que ele expulsa os demônios. — 16. Outros, para o tentarem, lhe pediam um sinal do céu. — 17. Jesus, porém, conhecendo-lhes os pensamentos, disse: Todo reino dividido contra si mesmo será desolado, e casa sobre casa cairá. — 18. Se, pois, Satanás está dividido contra si mesmo, como subsistirá o seu reino? Sim, porquanto dizeis que é por Belzebu que expulso os demônios. — 19. Ora, se é por Belzebu que expulso os demônios, por quem os expulsarão vossos filhos? — Eis porque serão eles mesmos os vossos juízes. — 20. Se, porém, eu expulso os demônios pelo dedo de Deus, é que o reino de Deus veio até vós.

N. 126. Era exercendo uma ação fluídica sobre os órgãos da voz, da palavra, que o mau Espírito, obsessor daquele homem, a quem chamavam possesso do demônio, o tornava mudo, subjugando-o.

Do mesmo modo por que o obsessor do cego lhe paralisa a vista, que o do surdo lhe paralisa o ouvido, cobrindo cada um desses órgãos com uma parte do fluido que o envolve e retirando-lhe assim, momentaneamente, as faculdades, também o do mudo lhe paralisa a voz, privando-o da faculdade de falar.

Jesus ordenou ao Espírito obsessor que abandonasse a vítima e, tendo-se aquele Espírito no mesmo instante afastado, cessou a ação fluídica que produzia a mudez e o mudo falou.

A subjugação a que se achava sujeito o homem e a sua conseqüente mudez eram para ele uma provação e uma expiação.

Quando observardes uma punição, procurai do outro lado o abuso a cuja reparação e expiação ela se destina. O mudo, constrangido a guardar silêncio, quando as palavras e a necessidade de se exprimir lhe fervilhavam no íntimo, expiava um abuso de eloqüência; orador de talento, contribuíra para arrastar os povos a profundos erros. Expiava.

A provação e a expiação da mudez lhe foram impostas por limitado tempo. Sofrera o castigo sem murmurar, paciente e resignado. Jesus o libertou.

A acusação dos fariseus e dos sacerdotes era análoga à de que sois objeto hoje vós outros espíritas.

Não se vos acusa de estardes em relação com os Espíritos infernais?

Não é *ao "demônio"* que ainda hoje *acusam* de vos pregar *o amor a Deus, a renunciação* às coisas da terra quando sejam instrumento e meio de satisfação do orgulho, do egoísmo, da avareza, da intemperança, da sensualidade, da luxúria, dos vícios e paixões más? Não é *ao "demônio"* que ainda *acusam* de vos pregar *a caridade sem limites* para com vossos irmãos, o *horror* a tudo o que vos possa conduzir ao mal, *o perdão, sem restrições,* das injúrias e ofensas, qualquer que seja a gravidade delas[4]?

Assim sendo, fácil se vos torna perceber as con-

---

[4] Estas palavras foram mediunicamente ditadas no mês de Fevereiro de 1863.

seqüências que podeis tirar da acusação feita ao *Justo.*

Caminhai *nas suas pegadas,* firmando-vos na sua resposta, que é completa.

"Se expulso os demônios por Belzebu, por quem os expulsarão vossos filhos? — Eis porque serão eles mesmos os vossos juízes."

Por estas palavras, Jesus aludia aos que, seguindo-lhe os passos, procuravam purificar-se e elevar-se, expulsavam os "demônios" pelo jejum e pela prece.

Os verdadeiros espíritas *são esses* filhos dos homens, que se purificam e se elevam acima de seus pais, que se tornam seus juízes naturais e expulsam ainda os "demônios" pelo jejum (moral) e pela prece.

MATEUS, Cap. IX, v. 35-38

Ovelhas sem pastor. — Seara. — Trabalhadores

V. 35. Jesus percorria as cidades e as aldeias, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino, curando todos os males e todas as enfermidades. — 36. E, vendo todas aquelas gentes, teve piedade delas, pois estavam maltratadas e jaziam por ali como ovelhas que não têm pastor. — 37. Disse então aos discípulos: A seara é verdadeiramente grande, mas poucos os trabalhadores. — 38. Rogai, pois, ao dono da seara que mande trabalhadores para ela.

N. 127. Os homens, entregues a si mesmos, precisavam ser grupados sob uma lei a que pudessem obedecer, porquanto a lei de Moisés, excetuados o Decálogo e os preceitos do amor a Deus e ao próximo, se lhes tornara, no tocante às prescrições materiais, ao seu ponto de vista humano e sobretudo às tradições que os levaram a colocar a lei de Deus debaixo do alqueire, um jugo que repeliam, como fazeis hoje com o que, na lei *da Igreja, excetuada a lei de Jesus, é* obra humana — os mandamentos humanos, as interpretações humanas, que, fazendo aditamentos àquela lei simples e sublime, a alteraram, lhe falsearam o sentido e a aplicação.

A multidão era grande. Dispondo de limitado tempo para estar entre os homens, Jesus concitava seus discípulos a reunirem a volta de si todos os de boa vontade que pudessem pregar a moral pura que ele ensinava. Pastor vigilante, tinha necessidade de outros pastores que fossem por toda parte arrebanhar suas ovelhas.

Não nos cansaremos de repetir: tudo tem sua razão de ser. Tanto da parte dos incumbidos de continuar a obra de Moisés, como da parte da igreja encarregada de continuar a obra de Jesus, tudo o que

ocorreu tinha que ocorrer, de acordo com os tempos e as inteligências, sob a ação e por entre as lutas da razão humana e do livre arbítrio do homem a se debaterem nas mãos possantes do progresso. Tudo tem sua razão de ser, conformemente às épocas e a cada fase da vida da humanidade, que vai recebendo progressiva e sucessivamente, em cada era, nos tempos predeterminados pelo Senhor e mediante uma nova revelação, o desenvolvimento e o progresso adequados ao estado das inteligências. Hoje, passou o tempo do reinado da *letra,* que agora *mata.* Soou a hora do advento do *espírito, que vivifica.*

Nos vossos dias em que se abre uma nova era, vendo Jesus, como ao tempo da sua missão terrena, todos os povos carregados de males e dispersos como ovelhas sem pastor, deles se apiedou e nós vimos, em seu nome e de ordem do Senhor, repetir-vos estas palavras que ele dirigiu a seus discípulos: "A seara é verdadeiramente grande, mas há poucos trabalhadores; rogai ao dono da seara que mande trabalhadores para ela".

Reuni em torno de vós todos os homens de boa vontade que possam pregar a moral que Jesus ensinava.

Pastor vigilante, ele ainda necessita de outros pastores que vão por todos os pontos da terra arrebanhar suas ovelhas.

Trabalhadores novos e fiéis, verdadeiros espíritas, novos discípulos do Mestre, ide, guiados pelos Espíritos do Senhor, que se comunicam com os homens trazendo-lhes a nova revelação, que não vêm destruir a lei mas completá-la por meio dessa revelação, ide e ensinai às nações. Explicai-lhes, *em espírito e em verdade,* a lei do Mestre, explicai-lhes essa mesma revelação, os ensinos daqueles Espíritos, virtudes dos céus que de lá se abalaram; exortai vossos irmãos,

pelo espírito e pela palavra, na ordem material, moral e intelectual, à prática da virtude e do dever, do trabalho, do amor e da caridade e, desse modo, à prática da fraternidade humana. Reconduzi ao aprisco ás ovelhas desgarradas, que erram pelas charnecas áridas do erro e da mentira, presas da intolerância, do fanatismo, da superstição, do despotismo religioso, ou da incredulidade, do materialismo e, graças a essas influências deletérias, presas também do orgulho, do egoísmo, da avareza, da cupidez, da inveja, do ciúme, da sensualidade, da intemperança, da luxúria; numa palavra — dos vícios e más paixões que degradam a humanidade.

MATEUS, Cap. X, v. 2-4. —*MARCOS,* Cap. III, v. 13-14, 16-19. —*LUCAS,* Cap. VI, v. 12-16

Nomes dos apóstolos. — Suas vocações

MATEUS: V. 2. Estes são os nomes dos doze apóstolos: o primeiro, Simão, que é chamado Pedro, e André, seu irmão; — 3. Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão; Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o Publicano; Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu; — 4, Simão Cananeu e Judas Iscariotes, o que o traiu.

MARCOS: V. 13. Subindo a um monte, chamou Jesus a si os que quis e esses acudiram ao chamado. — 14. Designou doze .para estarem com ele e para serem enviados a pregar[5]. — 16. A saber: Simão a quem deu o nome de Pedro. — 17. Tiago, filho de Zebedeu, e João, irmão de Tiago, aos quais chamou Boanerges, que significa — filhos do trovão. — 18. André, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago filho de Alfeu, Tadeu, Simão Cananeu, — 19, e Judas Iscariotes, que o traiu.

LUCAS: V. 12. A esse tempo, tendo Jesus subido a um monte para orar, lá passou toda a noite orando a Deus. — 13. Quando amanheceu, chamou os discípulos, escolheu, dentre eles, doze, chamando-lhes apóstolos: — 14. Simão, a quem cognominou de Pedro, e André seu irmão, Tiago e João, Filipe e Bartolomeu; — 15, Mateus e Tomé, Tiago, filho de Alfeu, e Simão chamado o Zeloso. — 16. Judas, irmão de Tiago, e Judas Iscariotes, que foi o traidor.

N. 128. Jesus, *para os homens,* subira a um monte a fim de orar e aí passara a noite orando a Deus. *Na realidade,* porém, voltou, como já vos temos explicado, às regiões superiores de onde preside às coisas do vosso globo e distribui as ordens do soberano Mestre e lá permaneceu enquanto esteve fora das vistas humanas.

Quando amanheceu, tornando-se novamente

---

[5] *Nota da Editora* — Na Vulgata assim está escrito, no Evangelho de Marcos:

Vers. 14 — "...enviados a pregar, e deu-lhes o poder de curarem enfermidades e expulsarem demônios."

visível e tangível, chamou os discípulos e procedeu, entre eles, à escolha dos doze apóstolos.

Quanto aos apelidos que lhes deu, tinham por fundamento o caráter e a missão de cada um dos apelidados.

Entre os doze estava Judas Iscariotes que traiu a Jesus. Conforme vereis pelas explicações que mais tarde vos daremos, Judas Iscariotes era um Espírito elevado em inteligência; mas, pedindo permissão para auxiliar a Jesus, se encarregara de uma missão acima de suas forças, tomara um peso superior ao que lhe era possível suportar e faliu. Quando chegar o momento, dir-vos-emos como foi essa missão pedida por ele, como lhe foi concedida e como foi levado a falir.

LUCAS, Cap. VI, v. 17-19

Descida do monte. — Curas

V. 17. Jesus em seguida desceu com eles do monte e se deteve numa planície, cercado dos discípulos e de grande multidão de gente de toda a Judéia, de Jerusalém e das regiões marítimas de Tiro e de Sídon. — 18, gente que viera para ouvi-lo e para ser curada de suas enfermidades. Eram também curados os que se achavam possessos de Espíritos imundos. — 19. Todos procuravam tocá-lo, porque dele saía uma virtude que a todos curava.

N. 129. Relativamente à cura das enfermidades e ao afastamento dos Espíritos obsessores, já recebestes todas as explicações (n. 74). Não temos que voltar a esse assunto.

Compreendeis o que era a virtude que saía de Jesus. Eram os fluidos que, por ato de sua vontade e do seu poder magnético, ele dirigia sobre os doentes e notadamente sobre os que dele se aproximavam.

MATEUS, X, v. 1 e 5-15. — MARCOS, III, v. 15 e VI, v. 7-13. — LUCAS, IX, v. I-6

A missão, o poder, a pobreza, a pregação dos apóstolos. — Instruções que lhes foram dadas

MATEUS: V. 1. Tendo reunido os doze apóstolos, Jesus lhes deu poder sobre os Espíritos impuros, a fim de que os expulsassem, e o de curar todas as doenças e enfermidades. — 5. E enviou esses doze, depois de lhes haver dado as instruções seguintes: Não procureis os Gentios e não entreis nas cidades dos Samaritanos: — 6, ide antes em busca das ovelhas perdidas da casa de Israel; — 7, ide e pregai, dizendo: O reino dos céus está próximo; — 8, curai os doentes, ressuscitai os mortos, limpai os leprosos, expulsai os demônios; dai de graça o que de graça recebestes. — 9. Não tenhais ouro, nem prata, nem qualquer moeda nos vossos cintos, — 10, nem saco para a viagem, nem duas túnicas, nem sandálias, nem bordão; porquanto, o obreiro merece que o sustentem. — 11. Ao entrardes em qualquer cidade ou aldeia, perguntai onde há um justo e em sua casa permanecei até que partais de novo. — 12. Ao penetrardes na casa, saudai-a, dizendo: Que a paz esteja nesta casa. — 13. Se a casa for digna disso, vossa paz descerá sobre ela; e, se o não for, a vossa paz voltará para vós. — 14. Quando alguém não vos quiser receber e não vos escutar as palavras, ao sairdes da casa ou da cidade onde tal se deu, sacudi a poeira dos vossos pés. — 15. Em verdade vos digo: No dia do juízo, menos rigor haverá para com a terra de Sodoma e de Gomorra do que para com essa cidade.

MARCOS: V. 15. E lhes deu o poder de curar as enfermidades e de expulsar os demônios.

VI: V. 7. Jesus chamou os doze e começou a enviá-los dois a dois, dando-lhes poder sobre os Espíritos impuros. — 8. Recomendou-lhes que levassem consigo apenas o bordão; que não levassem nem saco, nem pão, nem dinheiro nos cintos. — 9, que calçassem unicamente suas sandálias, mas não cuidassem de ter duas túnicas.

— 10. E lhes dizia: Na casa em que entrardes, permanecei até que partais de novo. — 11. Quando encontrardes pessoas que não vos queiram receber nem escutar, sacudi, ao vos retirardes, a poeira dos vossos pés, dando assim testemunho contra elas. — 12. Tendo partido, os apóstolos pregavam aos povos que fizessem penitência; — 13, expulsavam muitos demônios e ungiam com óleo muitos doentes, curando-os.

LUCAS: V. 1. Jesus, tendo reunido os doze apóstolos, lhes deu poder e autoridade sobre todos os demônios e o poder de curar as enfermidades. — 2. E mandou que fossem pregar o reino de Deus e curar os enfermos. — 3. Disse-lhes: não leveis em viagem nem bordão, nem saco, nem pão, nem dinheiro e não tenhais duas túnicas. — 4. Na casa em que entrardes ficai e dela não saiais; — 5, e, quando encontrardes pessoas que não vos queiram receber, sacudi, ao deixar-lhes a cidade, até a poeira dos vossos pés, a fim de que isso constitua um testemunho contra elas. — 6. Os apóstolos partiram e foram de aldeia em aldeia, evangelizando e curando por toda parte os enfermos.

N. 130. Jesus mandou que os apóstolos pregassem primeiramente aos da sua nação ¨humana¨, para que mais se apertassem os laços da família, da fraternidade, da pátria. Proibiu-lhes se munissem do que quer que fosse, a fim de bem compreenderem que, missionários do Senhor, deviam tudo confiar dele no tocante às coisas da vida e nenhuma importância ligar ao bem-estar material. Recomendou-lhes que abençoassem os lugares onde encontrassem boa acolhida e que sacudissem a poeira dos pés onde os repelissem, a fim de bem os persuadir de que por toda parte os acompanhava o Mestre, ligando o que eles ligassem e desligando o que desligassem.

Jesus atuava *humanamente* sobre a imaginação humana de seus discípulos, quando, *pronunciando palavras positivas,* se dirigia àqueles a quem falava. Ao mesmo tempo, aludia figuradamente à missão de

todos os que, como os apóstolos, seriam encarregados de levar de porta em porta a palavra do Senhor. Dizemos figuradamente, porque ele se dirigia também às gerações futuras, que viriam a pôr-se nas condições necessárias à execução dessa obra. Se o preferis, podemos usar do termo profeticamente, se bem que aquela promessa devera cumprir-se em todos os séculos; porquanto, se é certo que tem havido pastores infiéis, não menos certo é que sempre houve também guardas severos de seus rebanhos, praticantes da moral que pregavam de coração e não com os lábios unicamente. Esses se punham em condições de ligar e desligar na terra como no céu.

Os discípulos tinham que espalhar a verdade, como hoje vós outros espíritas tendes que a disseminar. Ponde-vos, pois, a caminho, e segui os discípulos do Cristo, que vos preparam as estradas. Entrai nelas resolutamente.

N. 131. Em face do que acabais de dizer: que "Jesus atuava *humanamente* sobre a imaginação humana de seus discípulos e *figuradamente* aludia à missão de todos os que seriam encarregados de levar de porta em porta a palavra do Senhor" — quais o sentido e o alcance destas palavras, referentes aos discípulos: "a fim de bem os persuadir de que por toda parte os acompanhava o Mestre, *ligando* o que eles *ligassem e desligando o* que *desligassem;* e destas outras referentes a todos os que, cumprida a missão terrena de Jesus, praticavam a moral que 'pregavam: "Esses se punham em condições de ligar e desligar na terra, como no céu."?

Os verdadeiros sucessores dos discípulos de Jesus podiam alcançar os mesmos privilégios, com a condição de adquirirem e terem a mesma pureza. Assim é que aqueles dentre vós que, verdadeiros espíritas, tentarem, com todas as suas forças, elevar-se ao Senhor, *podem ligar e desligar na terra, certos de que ligaram*

e desligaram igualmente no céu. Mas, *a acepção verdadeira,* na qual a vossa humildade deve entender essa faculdade, é a seguinte: o homem não pode traçar a linha de conduta que o Senhor haja de seguir, nem, por conseguinte, lhe ditar suas maneiras de ver. O Espírito encarnado, porém, tendo atingido um certo grau de elevação, pode e deve compreender, *de antemão,* as vontades do supremo Juiz. Eis porque, pelos atos humanos, o mesmo Espírito se encontra em estado de sentir, dentro de si, a sentença que será proferida e, pela sinceridade do arrependimento, a indulgência com que o juiz sentenciará. Tal *o sentido em que* deveis compreender aquelas palavras, que o orgulho humano falseou, fazendo-as exprimir um ato arbitrário[6], um tráfico vergonhoso[7], e não uma faculdade altíssima de cujo uso os que de tais palavras abusaram sentiam bem e sentem hoje mais do que nunca ser incapazes.

Servindo-nos dos termos — *ligar e desligar,* empregamos as expressões que as escrituras adotam e que explicaremos de modo especial, quando chegar a ocasião.

Os discípulos fiéis de Jesus eram Espíritos elevados, que se não deixavam dominar pelo sentimento da animosidade pessoal, que, com segurança, julgavam do Espírito e não do homem, visto que se achavam em condições de apreciar, pela inspiração que recebiam sob a influência e ação espíritas, o valor daqueles a quem se dirigiam. Se, portanto, encontravam Espíritos *humildes e retos,* eles os abençoavam, exortando-os a seguirem a trilha que lhes mostravam. E Jesus lhes aprovava o proceder. Se, ao con-

---

[6] Arrogando-se o poder de absolver ou de condenar, concedendo ou recusando a absolvição, de perdoar ou não os pecados, não como simples declaração, mas como sentença proferida em julgamento.

[7] Pela venda das indulgências.

trário, topavam com Espíritos atrasados, cujas provas longe estavam de chegar a seu termo, rebeldes ao que lhes eles pregavam, sacudiam contra esses a poeira que traziam nos pés, isto é, se afastavam, porquanto os Espíritos de ordem superior não se juntam aos Espíritos culpados, endurecidos. E sobre estes deixava o Senhor cair o peso da expiação, por mais dolorosa que houvesse de ser.

Eis aqui os frutos do erro *da igreja:* apoiando-se nas palavras que Jesus dirigia a Espíritos encarnados, mas *em missão,* ela acreditou poder apossar-se da herança de infalibilidade que, naqueles Espíritos, o *Espírito Santo* viera *selar,* isto é, da infalibilidade que, por ordem do Senhor, lhes vinha da assistência, da inspiração, da proteção, do amparo e do concurso dos Espíritos superiores, esquecendo-se, entretanto, de chamar a si a herança de santidade, de virtudes e de elevação moral por eles deixada. Pretendeu ela, portanto, fazer uso de armas que era incapaz de manejar; ter em suas mãos, baldas da pureza das dos apóstolos e muitas vezes manchadas, a chave da morada de toda a pureza. Assim que, repeliu os *eleitos e* acolheu os *repelidos.* Voluntariamente cega, mergulhou cada vez mais nas trevas que o orgulho e a confiança em si mesmo geram. *A igreja, porém, despertará; o* sonho em que ainda se compraz, dissipar-se-á ao clarão da nova aurora.

A trombeta do *juízo final* vai retumbar para ela nos quatro cantos do mundo. Os anjos do Senhor aparecerão em sua glória, não do modo por que ela o diz nas suas errôneas interpretações, mas na glória da pureza; e os discípulos de Jesus, reencarnando outra vez para acabarem a obra que começaram, virão ainda *ligar e desligar* na terra e o Senhor *ligará e desligará* no céu, pois que tal será deles a missão. E o julgamento não se achará inquinado de nulidade.

Coragem, filhos da nossa igreja, da *Igreja do Senhor,* aproximam-se os tempos em que os discípulos e o Mestre aparecerão *de novo* entre vós, em que vossos olhos desvendados verão o Justo nas nuvens do céu, em que os anjos, isto é, os Espíritos purificados, descerão à Terra para mais eficazmente vos estenderem seus braços fraternais.

Entoai cantos de alegria, rejubilai, rejubilai — os tempos se aproximam.

MATEUS, MARCOS, LUCAS e JOÃO,
Assistidos pelos Apóstolos.

N. 132. Quais o sentido, o objeto e o fim destas palavras de Jesus aos apóstolos: "Não procureis os Gentios e não entreis nas cidades dos Samaritanos; ide antes em busca das ovelhas perdidas da casa de Israel"?

Queria *antes de tudo* ensinar o apoio aos parentes, apertar, já o dissemos, aos olhos dos homens, os laços da família, da fraternidade, da pátria. Queria *igualmente* evitar se alvorotassem desde logo os preconceitos dos Judeus, que *se julgavam os únicos aptos* a receber os benefícios do Senhor. Estes bradariam — sacrilégio, se vissem os discípulos de Jesus falar de arrependimento e pregar o amor de Deus aos que eles, os Judeus, consideravam *excluídos,* pelo pai de todos os homens, da parte da herança que lhes devia tocar.

A pregação aos Gentios se faria mais tarde, a tempo e à hora.

Os Samaritanos, como sabeis, formavam uma seita dissidente do hebraísmo. Gentios eram todos os que não professavam a fé dos Judeus.

E os destas outras palavras: "Ide e pregai, dizendo: "O reino de Deus está próximo"!

O reino de Deus está próximo todas as vezes que o

homem aceita os meios de chegar a esse reino. O Cristo ensinava aos homens as virtudes humanas que lhes abreviariam a série das provações terrenas. O reino dos céus estava próximo para os que lhe seguiam os ensinamentos.

Ainda hoje, hoje mais do que então, o Cristo, por nosso intermédio, diz aos *verdadeiros* espíritas: O reino dos céus está próximo, pois que não mais se vos indicam caminhos indiretos para lá chegar; pois que não mais podeis extraviar-vos tomando uma direção falsa. Servindo-se dos Espíritos do Senhor, que vos trazem a nova revelação, ele vos mostra a estrada *reta e contínua* por onde cumpre enveredeis. Ele vos assinala previamente, apontando-os com o dedo, mediante essa revelação, os obstáculos que vos detiveram os passos até agora, e diz: *Evitai-os; eu vos estendo as mãos para vos ajudar a transpô-los.* Mostra-vos os *sítios de repouso* onde podereis readquirir as forças prestes a vos abandonarem: *a prece, o amor e a fé praticados sinceramente* e não com os lábios apenas. Mostra-vos a fé a vos clarear o caminho com o seu facho divino, caído o *véu* que *por tanto tempo vos* impedira de ver essa claridade benfazeja, que restitui aos cegos a vista. Mostra-vos a esperança estendendo-vos a mão e vos conduzindo, filhos dóceis e submissos, ao lugar onde descansareis. Mostra-vos, enfim, o amor, o amor poderoso e vivificante do vosso Deus, abrindo-vos as portas do santuário, pensando-vos as chagas, curando-vos as feridas; o amor do vosso Deus que, no limiar da morada celeste, vos diz: Vinde todos vós que chamei dos quatro cantos do mundo; vinde aqui gozar do repouso e da frescura.

Não vos equivoqueis *quanto ao sentido* destas palavras figuradas que acabamos de vos dirigir e que a vossa inteligência humana pode facilmente compreender.

O lugar onde descansareis é o espaço infinito, onde os Espíritos bem-aventurados gozam, numa eterna atividade, da alegria dos eleitos, que todos os homens são chamados a gozar e da qual todos gozarão.

O repouso e a frescura exprimem a calma de que desfruta o Espírito que chegou ao termo de suas provações, mediante a comparação com um viajante extenuado que alcançou o lugar onde repousará, fruindo a calma e a frescura após a fadiga e os ardores do Sol. Mas, vós o sabeis, tanto para o Espírito que chegou ao termo de suas provas, como para o que percorre o caminho delas, o trabalho, e não o repouso numa inação e numa contemplação eternas, constitui a eterna lei, dentro da imensidade, na condição de obreiro e servo do pai que trabalha sempre, que criou, cria e criará por toda a eternidade. Todavia, para o Espírito que chegou ao fim de suas provações, o trabalho não é o que é para vós. Ele encontra no trabalho uma alegria, uma felicidade imensa, complemento da que lhe está prometida. O trabalho, para nós, é mil vezes mais suave do que, para vós, o repouso indolente da vossa existência.

N. 133. Qual, *despojado da letra o espírito,* em espírito e em verdade, a significação do v. 1 de Mateus: "Ele deu aos doze discípulos poder sobre os Espíritos impuros, a fim de que os expulsassem e o de curar todos os males e enfermidades"; — do V. 15 de Marcos: "E lhes deu o poder de curar as doenças e de expulsar os demônios"; — do v. 1 de Lucas: "Jesus, tendo reunido seus doze apóstolos, lhes deu poder e autoridade sobre todos os demônios e o poder de curar as enfermidades"? — Qual a destas palavras de Jesus (v. 8 de Mateus): "Restituí a saúde aos doentes, ressuscitai os mortos, limpai os leprosos, expulsai os demônios"?

Os discípulos de Jesus, como já dissemos, eram Espíritos elevados, encarnados em missão, que aceitaram as condições rigorosas da primeira fase de

suas existências humanas, da fase que lhes precedeu à vocação, a fim de concorrerem para a obra de redenção. Em seus trabalhos tiveram o auxílio dos Espíritos superiores que os acompanharam sempre, neutralizando neles a influência da carne sobre o Espírito, adicionando-lhes às faculdades as de que dispunham. Desse concurso resultaram as grandes coisas que os apóstolos realizaram.

Eles aceitaram aquela existência humana, cuja primeira parte devia transcorrer em condições tão humildes quanto vulgares, a fim de melhor fazerem sentir *a transformação* do portageiro, do pescador ignorante em *homem inspirado,* manejador de todos os idiomas e capaz de operar milagres à *vista das nações espantadas.*

Assim, Jesus deu aos apóstolos poder e autoridade sobre todos os maus Espíritos, o poder de curar todos os males e enfermidades, de restituir a saúde aos doentes, de *ressuscitar os mortos,* de purificar os leprosos, de expulsar os Espíritos maus, chamados ao mesmo tempo "demônios" e "Espíritos impuros" — dando-lhes a assistência, o apoio e o concurso dos Espíritos superiores, sustentados estes pelos Espíritos puros, que tinham poder imediato sobre todos os maus Espíritos, bem como o de curar todas as enfermidades, ressuscitar os mortos *segundo o entender dos homens.*

Os apóstolos eram médiuns, quer dizer: intermediários entre os Espíritos superiores que os assistiam e os homens. Com o auxílio das faculdades mediúnicas, sob a ação e a influência medianímicas, é que eles obraram e falaram, a fim de concorrerem para a obra de redenção.

Para expulsarem os maus Espíritos, isto é, para libertarem os homens da subjugação, *tanto* corporal, *como* corporal e moral, ordenavam aos obsessores que se afastassem da vítima, empregando as mesmas

palavras de que usava Jesus: "Sai desse homem". E os obsessores se afastavam no mesmo instante por ato da vontade dos Espíritos superiores, sustentada, se necessário, pela dos Espíritos puros.

Para restituir a saúde aos doentes, limpar os leprosos, curar todos os males e enfermidades, impunham as mãos ou ungiam com óleo os enfermos, obrando por ato da própria vontade e pela ação magnética humana. *Ao mesmo tempo, os* Espíritos superiores, associando sua vontade à deles por meio do magnetismo espiritual, escolhiam e lhes punham ao alcance os fluidos apropriados aos efeitos, aos resultados que tinham de ser obtidos, à cura que se havia de operar.

Ungiam com óleo muitos doentes apenas para tornar a ação que exerciam mais compreensível aos homens. Nenhuma necessidade tinham, para obterem a cura, de recorrer a esses meios materiais, externos, porquanto a mão do magnetizador humano, ou a vontade do *Justo* teriam enviado, sem isso, ao organismo os fluidos de que se achavam carregados os óleos empregados. Aplicando o das oliveiras, usavam dos meios postos a seu alcance, *a fim* de mostrarem que tudo pode servir para a execução dos desígnios de Deus, quando se tem a fé.

Quanto a estas palavras de Jesus aos apóstolos: "Ressuscitai os mortos", tratai de as compreender em espírito e em verdade.

As leis naturais, que Deus estabeleceu desde toda a eternidade, são imutáveis, já o temos dito, e a vontade também imutável de Deus não as derroga nunca, nem jamais força o Espírito a se unir à podridão, a um cadáver.

Jesus precisava, a bem do êxito de sua missão terrena, para que ela produzisse os devidos frutos naquele momento e no futuro, impressionar fortemente a imaginação dos homens materiais e atrasados da época, apropriando, *ao mesmo tempo,* a lin-

guagem de que se servia a seus preconceitos e crenças. Precisava *preparar* as gerações que teriam de receber, nos tempos determinados pelo Senhor e quando o indispensável progresso estivesse realizado, a nova revelação que fora predita e que hoje vos é trazida pelos Espíritos, órgãos do Espírito da verdade.

Quando Jesus dizia aos apóstolos: "Ide... e ressuscitai os mortos", empregava palavras humanas, conhecidas e compreendidas. Nenhum termo havia com que se exprimisse o estado cataléptico e a volta do Espírito ao corpo a que se achava ligado e preso pelo laço fluídico do perispírito.

O estado cataléptico, reconhecido mais tarde, era quase ignorado dos antigos que, solícitos em afastar de si os focos de infecção, queimavam seus "mortos", ou os encerravam em túmulos, logo que se apresentavam sinais indicadores, para eles, da cessação da vida. Quantas expiações pelo fogo ou pela fome se verificaram assim naquelas épocas em que a ignorância dos homens servia para que muitos pagassem crimes cometidos em anteriores existências!

Vimos de dizer que os antigos quase ignoravam o estado cataléptico, porque apenas alguns homens mais adiantados tinham dele noção. Esta era, porém, vaga, porquanto não a compreendiam, nem científica, nem espiriticamente.

Os apóstolos, os discípulos, a multidão que se premia em torno de Jesus, a turba dos escribas, dos fariseus e dos sacerdotes o desconheciam completamente.

Os evangelistas, médiuns historiadores inspirados, reproduziram, debaixo da influência e da inspiração mediúnicas, tal qual Jesus as pronunciara, estas palavras: "Ide... e ressuscitai os mortos". Empregaram as expressões de que dispunham para relatar os fatos, mas sem possuírem *o segredo* do pen-

samento que Jesus ocultara sob aquelas palavras, as quais, para eles como para os outros homens, ficavam sujeitas às interpretações humanas.

Já o dissemos e explicamos: todas as ressurreições de pessoas *consideradas mortas pelos homens,* de que falam tanto o Antigo Testamento como a Boa-Nova, não foram mais do que a cessação do estado cataléptico. Todos os indivíduos tidos por mortos se achavam nesse estado, não se havendo produzido neles o rompimento do laço que prende o Espírito ao corpo.

Considerados por todos como mortos, mortos teriam eles ficado realmente, se não fora o socorro dos Espíritos puros, dos Espíritos superiores que, com a sua vontade poderosa e com o seu poder magnético, assistiam — tanto aos profetas que, inconscientes dessa assistência e desse concurso, atribuíram, do mesmo modo que os outros homens, *a ressurreição* do morto a uma ação *direta* do próprio Deus — como aos apóstolos que, inconscientes também dessa assistência e desse concurso, atribuíam, do mesmo modo que os outros homens, *a ressurreição* a uma ação *direta* do *próprio Mestre.*

Quer com relação aos profetas, quer com relação aos apóstolos, os Espíritos puros, os Espíritos superiores obravam sob a direção de Jesus, pois, como sabeis e nunca deveis perder de vista, Jesus é o protetor e o governador do vosso planeta, é quem presidiu à sua formação e quem desde então o dirige, como também o é da humanidade terrena, que será por ele conduzida à perfeição.

N. 134. Qual o sentido destas palavras de Jesus: "Dai de graça o que de graça recebestes"?

No pensamento de Jesus, essas palavras eram ditas para aquele momento, mas também para o futuro.

A mediunidade, as faculdades mediúnicas que os apóstolos possuíam, a assistência e o concurso dos Es-

píritos puros e dos Espíritos superiores eram, ao mesmo tempo e concomitantemente, os meios pelos quais, no desempenho de suas missões, eles espalhavam a Boa-Nova, pregavam o reino de Deus, curavam as moléstias e enfermidades, ressuscitavam os que os homens consideravam mortos, expulsavam os maus Espíritos. E essa mediunidade, essas faculdades mediúnicas, essa assistência e esse concurso eram um dom gratuito de Deus.

Dizendo aos apóstolos: "Dai de graça o que de graça recebestes", Jesus lhes ensinava que as coisas de Deus *jamais* devem constituir objeto de tráfico, de especulação, de meio de existência material humana; que, no desempenho das missões de que se achavam investidos, suas palavras e seus atos não deviam ter por móvel senão o amor a Deus, o amor ao próximo, a humildade e o mais absoluto desinteresse.

Aquelas palavras *também* eram dirigidas aos que, médiuns, investidos de faculdades mediúnicas, seriam chamados a servir de intérpretes aos bons Espíritos, de seus intermediários junto dos homens; a todos os que, apóstolos da nova revelação, inspirados pelos Espíritos do Senhor, seriam chamados a pregar *a lei* de Jesus, explicada em espírito e verdade e *desenvolvida* por essa mesma revelação.

O Cristo, por nosso intermédio, diz a vós outros espíritas, médiuns, como disse aos apóstolos: "Dai de graça, seguindo-lhes as pegadas, o que de graça haveis recebido", porquanto, para vós como para eles, tudo vem de Deus e vos é dado de graça, a fim de desempenhardes a vossa tarefa.

N. 135. Em face dos termos dos v. 9 e 10 de Mateus, 8 e 9 de Marcos, 3 de Lucas, quais foram, na realidade, as palavras ditas por Jesus?

"Não tenhais e não leveis convosco nem saco, nem pão, nem ouro, nem prata, nem moeda nos vossos cin-

tos; não tenhais duas túnicas; tomai um bordão para vos apoiardes durante a viagem e colocai aos pés sandálias para suportardes a caminhada".

N. 136. Quais o sentido e o alcance dessas palavras de Jesus?

Por esse mandamento dado aos apóstolos, o Cristo ensinava a homens materiais o desprezo dos bens terrenos e a confiança na bondade do Senhor.

Para os homens dos vossos dias, para vós, espíritas, consideradas aquelas palavras como ditas por Jesus tendo em vista o futuro, o ensino é este: "Não ligueis vossa vida às coisas sem duração, mas às que não perecem; não cuideis *antecipadamente* de vos proverdes de erudição e de ciência *perecíveis* e sim de vos instruirdes no que conduz à vida eterna". Não quer isto dizer que vos concitamos a desprezar os estudos e os cuidados que a vossa existência humana reclama. Esta tem exigências a que deveis submeter-vos, é uma obrigação a cumprir; mas, não deveis torná-las o objetivo *único* da vossa vida. Armazenai, portanto, o pão que sustenta o corpo, tanto para vós como para os vossos irmãos que não tiverem podido fazer o mesmo; porém, armazenai sobretudo o pão da vida. Adquiri a instrução necessária ao desenvolvimento da vossa inteligência; mas, adquiri principalmente a instrução *preciosa* que vos *elevará o* Espírito.

N. 137. Como devem ser entendidas estas palavras de Jesus: "Ao entrardes em qualquer cidade ou aldeia, perguntai onde *há um justo e em* sua casa permanecei até que partais de novo e, ao penetrardes na casa, saudai-a, dizendo: Que a paz esteja nesta casa; se a casa for digna disso, vossa paz descerá sobre ela; se o não for, vossa paz voltará para vós"?

Entrando na casa do justo, os discípulos de Jesus pediam as bênçãos do Senhor e, por conseguinte, a proteção dos bons Espíritos para aquele que os acolhera. Se, no entanto, falsa era a apreciação humana, se o homem considerado justo por seus irmãos era velhaco e mentiroso, se era hipócrita, como o homem pode iludir os outros homens, porém não engana a Deus, as bençãos, em vez de descerem sobre ele, caíam sobre o que delas se mostrava digno, afastavam-se do coração viciado e, com solicitude, acompanhavam o coração puro.

O justo é aquele que se esforça por trilhar os caminhos do Senhor e por não sair deles; é o que pratica, em toda a extensão, as virtudes impostas aos homens como condição para chegarem a Deus; é o que pratica a verdadeira caridade; o que se oculta, vela seus atos e palavras, se faz humilde ante os homens e procura mesmo fazer-se humilde *no segredo* do coração; porquanto, se sois caridosos, mas confiais em que praticastes um ato meritório de que outros não seriam capazes, bem insignificante é o vosso mérito. O justo é aquele que faz o bem sem egoísmo, sem idéia preconcebida, sem esperar o reconhecimento dos beneficiados ou o louvor dos indiferentes e, ainda mais, sem contar com a recompensa que possa obter do Mestre. O justo é aquele que tem fé, forte e tenaz, que não pode ser abalada, que a tudo resiste, fé bondosa para com todos, que não se impõe pela força, que se insinua pouco a pouco pelo exemplo e pela prática das boas obras, fé que pode levar os outros homens a dizerem dele: "Porque não tenho a sua fé?" — "Ali está um justo aos olhos de Deus".

N. 138. Quais são, despojado da letra o espírito, *em espírito e em verdade,* o sentido e o alcance destas palavras de Jesus: "Quando encontrardes pessoas que não vos queiram receber nem escutar, sacudi, ao vos retirardes, a poeira dos vossos pés, a fim de

que isso constitua um testemunho contra elas; em verdade vos digo: No dia do juízo, menos rigor haverá para com a terra de Sodoma e de Gomorra do que para com essa cidade"?

Essas palavras, segundo o pensamento de Jesus, eram ditas para aquela época e para os tempos vindouros. Dirigiam-se não só aos discípulos de então, como também aos que viriam a ser discípulos na era nova.

Aqueles, a quem o Senhor envia a luz e que recusam aceitá-la, mais culpados são do que os que, imersos nas trevas, nenhum socorro direto recebem para sair delas. Não vos conserveis perto dos primeiros, não percais vosso tempo a pregar aos que não querem ouvir. Consagrai-o antes aos que se acham dispostos a enveredar pelo novo caminho.

Vosso tempo é precioso; ide, pois, trabalhar sempre na vinha do Senhor. Ela se abre em aléias diante de vós e borda o caminho, mas nem todas as cepas são boas. Quando houverdes tentado melhorar as que vos pareçam estéreis, se virdes que, mau grado aos vossos esforços, não dão fruto algum, deixai-as, seu tempo ainda não chegou, e passai a outras em que, com afetuosos e inteligentes cuidados, podereis observar o desenvolvimento dos sucos, que dão força e vida.

Não percais o vosso tempo. Trabalhai sempre com ardor, mas trabalhai caminhando para a frente, pois tendes que percorrer estrada longa para chegardes ao fim.

Sim, no dia do juízo, houve e *haverá* menos *rigor para com as terras de Sodoma e de Gomorra,* quer dizer: para com os Espíritos culpados que, imersos nas trevas, não tiveram socorro algum direto a fim de sair delas, do que para com "essa cidade", isto é, do que para com os Espíritos rebeldes e culpados que recusaram receber a luz que o Mestre ainda hoje lhes

envia por intermédio de seus novos discípulos, os apóstolos da nova revelação.

Sim, quem rejeitou todos os socorros para se tornar melhor é um Espírito obstinado no mal. Longa será por isso a duração das suas provas e expiações: eternidades de sofrimentos correspondendo a eternidades de faltas. Quer isto dizer que os sofrimentos ou torturas morais, apropriados e proporcionados às faltas, ao grau de culpabilidade, *suportados* na erraticidade após a morte, ao fim de cada existência sucessiva, *e a reencarnação,* nos mundos inferiores de expiação, *se reproduzirão,* para o Espírito culpado, até que, por meio de provações bem sofridas, deixe ele de se manter rebelde à lei de reparação e de progresso, segundo a qual se purificará, para tomar lugar entre os bons Espíritos, o que ocorrerá quando, por se haver tornado incapaz de praticar o mal, só o seja de praticar o bem.

Empregamos a palavra — *eternidade,* tendo em vista a vossa locução — *penas eternas.* Dizemos — *eternidades:* não percebeis que *é figurado o* sentido desse termo? A única *eternidade* existente, que se possa citar, é Deus.

MATEUS, X, v. 16-22. —LUCAS, XII, v. 11-12

Prudência. — Simplicidade. —Desassombro diante dos homens. —Assistência e concurso do Espírito Santo

MATEUS: V. 16. Eis que vos envio como ovelhas para o meio de lobos; sede prudentes, pois, como as serpentes e simples como as pombas; — 17, mas, guardai-vos dos homens, pois que eles vos farão comparecer perante seus juízos e vos flagelarão em suas sinagogas. — 18. Sereis levados, por minha causa, à presença dos governadores e dos reis para dardes testemunho de mim diante deles e das nações. — 19. E, quando vos fizerem comparecer, não vos cause inquietação o como haveis de falar, nem o que direis; o que houverdes de dizer vos será dado na ocasião. — 20. Porquanto, não sois vós quem fala, é o Espírito do vosso Pai quem fala em vós. — 21.0 irmão dará morte ao irmão e o pai ao filho; os filhos se revoltarão contra os pais e lhes darão a morte; — 22, e todos vos odiarão por causa do meu nome; mas aquele que perseverar até ao fim será salvo.

LUCAS: V. 11. Quando vos conduzirem às sinagogas e à presença dos magistrados e poderosos, não vos cause inquietação o modo por que respondereis, nem o que direis; — 12, pois o Espírito Santo vos ensinará, na ocasião, o que for preciso que digais.

N. 139. Estas palavras de Jesus, conquanto aplicáveis a todas as épocas e a todos os homens de boa vontade, eram dirigidas principalmente aos *apóstolos* e se referiam às perseguições físicas. O Mestre os prevenia da sorte a que iam estar sujeitos eles e seus imitadores, no período, nos séculos que se seguiriam ao cumprimento da sua missão terrena, até aos tempos em que a intolerância, o fanatismo, a ignorância, a superstição, a ambição orgulhosa e cúpida, o despotismo religioso deixariam de ter sob o seu domínio e

por auxiliares os governadores, os reis, os magistrados, o braço secular; em que deixariam de fazer vítimas por meio das torturas, dos autos de fé, das fogueiras, e cederiam lugar, respeitada a vida dos homens, à liberdade de consciência e à liberdade de exame, já proclamadas entre vós e desfrutadas pelos povos verdadeiramente civilizados.

"Eu vos envio, dizia Jesus aos apóstolos, como ovelhas para o meio de lobos; o irmão dará morte ao irmão e o pai ao filho; os filhos se revoltarão contra os pais e lhes darão morte". Por esta forma ele os avisava das perseguições físicas que teriam de sofrer e das dissensões que surgiriam no seio da pátria, da família e nos lugares mais íntimos do lar doméstico.

Também vós, apóstolos da nova revelação, deveis esperar as perseguições, senão físicas, pelo menos morais. Todos os que se acham mais elevados do que aqueles que os cercam provocam a inveja destes.

Em o século que atravessais, no qual predomina o amor ao dinheiro, às dignidades, às honrarias, aos gozos materiais, à superstição e à religião mal compreendida, geralmente os homens, *apenas sob o ponto de vista material,* despertam a inveja dos que os cercam, pela fortuna que possuem, ou pela inteligência que demonstram *no tocante às coisas da terra.* Contudo não vos iludais: o sarcasmo, a zombaria são muitas vezes a máscara que cobre o sentimento instintivo da inveja. Os que de vós zombam sentem no fundo de seus corações que caminhais com maior segurança do que eles e que mais depressa alcançareis a meta.

As perseguições de que já sois e ainda sereis alvo são estas: *Os escribas e os fariseus dos vossos dias vos perseguirão com seus ódios e suas injúrias,* formulando contra vós as mesmas acusações que os escribas e fariseus de outrora faziam a Jesus: as de serdes agen-

tes do demônio, do diabo, de satanás, as de charlatanismo e de loucura. *Da parte dos materialistas e dos incrédulos* tereis o sarcasmo e a zombaria.

Os homens são de tal feitio que, a fazerem qualquer esforço para galgar o cume da montanha e respirar aí um ar puro e vivificante, preferem miná-la pela base, correndo o risco de ser esmagados pelo seu desmoronamento. Essa a razão por que toda inteligência superior, por um aspecto qualquer, às das massas, se torna objeto das perseguições da ignorância, da cupidez, ou do orgulho, sempre que se constitui, na ordem moral e na ordem intelectual, órgão de uma verdade nova, de um novo progresso e, como tal, se choca com os prejuízos, as idéias aceitas, os interesses e as paixões humanas.

Sede, pois, disse também Jesus aos apóstolos, *prudentes como as serpentes e simples como as pombas.*

Tendo que fazer triunfar a divina moral que pregavam, os apóstolos, para o conseguirem, deviam empregar os meios que achassem à sua disposição, conservando íntegra *a pureza de pensamento e de ação.*

Não creiais, espíritas, que, para obterdes o triunfo das vossas máximas, das verdades imutáveis que pregais, devais falar em todas as ocasiões no mesmo tom, não. A ciência do pregador, do propagandista está em apropriar sua linguagem às inteligências daqueles a quem fala.

Se traçardes e seguirdes sempre uma só linha de proceder, em tal matéria, alcançareis êxito com uns e sereis mal sucedidos com outros.

Tende, portanto, a prudência da serpente. Não *é* que possais fazer vítimas, nem sufocar o desgraçado que apanheis. É que, dirigindo-vos a Espíritos orgulhosos e suscetíveis, cumpre *avanceis* com prudência. Enleai-os destramente com os vossos raciocínios, atai-os com os vossos exemplos, de tal sorte que,

quando perceberem que procurais apoderar-vos deles, não mais lhes seja possível evitar esse benéfico contágio da *moral prática.*

Mas, para chegardes a semelhante resultado, nunca empregueis senão os meios que a simplicidade e a doçura vos facultem. *Sobre vós mesmos* é que deveis exercer todo o vosso império, de modo que as *vossas vítimas só o sejam do vosso amor sem limites.* Sede prudentes, pois, como a serpente e brandos como a pomba.

"Sereis levados, por minha causa, dizia Jesus aos apóstolos, à presença dos governadores e dos reis, para dardes testemunho de mim diante deles e das nações. Quando vos fizerem comparecer. quando vos conduzirem às sinagogas, à presença dos magistrados e dos poderosos, não vos cause inquietação o como haveis de falar, nem o que respondereis, nem o que direis; o que houverdes de dizer vos será dado na ocasião, pois o Espírito Santo vos ensinará, no momento mesmo, o que for preciso que digais; não sereis vós quem falará, mas o Espírito de vosso pai que falará em vós."

Se os apóstolos, homens saídos do povo, sem educação, sem maneiras, não depositassem confiança na inspiração, não teriam caminhado para a frente. A desconfiança de si mesmos os houvera paralisado. Certos de que a inspiração do *Espírito Santo* os ampararia, avançaram com passo firme para todas as lutas. As ciências, latentes neles, se desenvolveram, a assistência dos Espíritos do Senhor os fortificou e a obra se executou de modo tanto mais frisante, tanto mais notável para as massas, quanto ninguém ignorava donde provinham aqueles homens que, com facilidade, falavam as línguas estrangeiras, pleiteavam com suma eloqüência sua própria causa e as de seus irmãos, mostravam, finalmente, em tudo, um saber, um cabedal de conhecimentos que ninguém pudera supor possuíssem. Notai de passagem que em

parte alguma se diz que cada um deles era senhor de todas as ciências. Cada um tinha as suas especialidades, de acordo com os *antecedentes de sua existência.*

Eram médiuns inspirados e, conforme às circunstâncias e às necessidades da situação, audientes ou falantes.

Quando inspirados, o mecanismo da palavra lhes pertencia, só o pensamento lhes era dado.

Toda vez que, excepcionalmente, se fazia necessário, eles se tornavam médiuns falantes e, como tais, instrumentos, por assim dizer, dos Espíritos superiores que os guiavam e que, pela ação de seus perispíritos sobre os deles, atuando fluidicamente sobre o órgão da palavra, se serviam deste, fazendo-os dizer o que devia ser dito.

Espíritos elevados em missão, tinham os apóstolos grande aptidão para a comunicação com os Espíritos superiores, o que tornava suas mediunidades diferentes das vossas.

Para vós, a mediunidade ainda não chegou ao seu completo desenvolvimento e nem mesmo a compreendeis.

Que é o que se dá em certos casos, com o orador cuja linguagem de repente muda, sob a inspiração do momento; com o orador que, tendo-se preparado para tratar do assunto desta ou daquela maneira, se vê arrastado por uma força irresistível a desenvolvê-lo *sob outro ponto de vista?*

Cede, dizeis, à inspiração do gênio. — Mas, de que gênio, senão do Espírito que veio em seu socorro e lhe prestou momentaneamente auxílio, fazendo dele um médium inspirado, inconsciente muitas vezes da influência espírita a que ficou sujeito?

Aquelas expressões de que se serviu Jesus dirigindo-se aos discípulos: *"o Espírito Santo", — "o Espírito de vosso pai"* significam: os Espíritos supe-

riores, inteligências superiores enviadas pelo Senhor para os guiar. Também tinham por fim fazer-lhes compreender quanto era elevada a inspiração. Não convindo que revelasse aos homens a escala espírita, Jesus não podia indicar mais do que o seu ponto de partida: *"O Pai, Deus".*

O Senhor não inspira *diretamente* o homem; envia-lhe seus Espíritos para que o guiem. Ora, os Espíritos que serviam a Jesus no desempenho da sua missão eram, temo-lo dito, Espíritos já elevados, assistidos, conseguintemente, por Espíritos ainda mais elevados.

A inspiração divina lhes vinha, pois, mais diretamente.

Pelas locuções *Espírito Santo, — Espírito de vosso pai* (vós o sabeis) se designam os Espíritos puros, os Espíritos superiores e os bons Espíritos que o Senhor envia para guiar ou inspirar os que têm por missão fazer triunfar a verdade.

Daí se segue que as palavras de Jesus, dirigidas aos apóstolos, se aplicavam também, no seu pensamento, a todos os homens de boa vontade que, *então* e de futuro, se constituíssem, *com humildade e fé,* os campeões da verdade.

Podeis e já tendes podido verificar a realidade desse apoio prestado ao fraco, quando lhe é necessário, não para que brilhe e prenda a atenção, mas sempre que seja preciso estabelecer uma verdade séria.

Ainda hoje, espíritas, *o Espírito Santo* vos ensinará o que devais dizer, ainda hoje fala em vós o Es*pírito de vosso Pai,* pois que o Senhor manda seus bons Espíritos para vos guiar e inspirar, quando falais aos homens *com humildade e fé,* tendo em mira a vitória da verdade, a propagação da lei de Jesus e da nova revelação, que vem *explicar e desenvolver* em espírito e verdade essa mesma lei.

"Todos os homens vos odiarão por causa do meu nome, dizia Jesus aos apóstolos, mas aquele que perseverar até ao fim, será salvo."

Nós, em nome do Cristo, vos dizemos a vós, espíritas: Sereis objeto do ódio e das injúrias dos homens que se acham ligados pelo interesse, pelo orgulho, pelo espírito de dominação e de intolerância, a esse passado prestes a esboroar-se e que em vão tentam manter de pé; dos sarcasmos, das zombarias e não raro das injúrias dos que, pela incredulidade, pela ignorância filha do orgulho, pelo materialismo, pelo sensualismo e pelos apetites materiais, se conservam afastados das vias do Senhor e repelem desdenhosamente e de intento, sem exame prévio e suficiente, sem o indispensável estudo teórico e experimental, a ciência espírita, a nova revelação. Certo já haveis tido ocasião de julgar do acerto destas palavras.

Imitai os discípulos de Jesus. Aquele que, verdadeiro espírita, dócil à voz do Mestre, caminhando nas pegadas dos apóstolos, perseverar até ao fim, será *salvo,* isto é, tomará lugar entre os bons Espíritos, conformemente ao grau de pureza e de elevação que haja atingido.

Nota da Editora — A palavra — *Juízos,* do versículo 17, de Mateus, foi substituída, pelos tradutores modernos, por — *tribunais, ou* por *sinédrios.*

MATEUS, X, v. 23-27. —LUCAS, XII, v. 1-3 e VI, v. 39-40

Fugir às perseguições. — Imitar a Jesus. — Predição da revelação nova. —Fermento dos fariseus. A hipocrisia; nada oculto a Deus. — Cego conduzindo outro cego

MATEUS: V. 23. Quando, pois, vos perseguirem numa cidade, fugi para outra. Em verdade vos digo: Não tereis percorrido todas as cidades de Israel antes que o filho do homem venha. — 24. O discípulo não está acima do mestre nem o servo acima de seu senhor. — 25. Basta ao discípulo ser como o mestre e ao servo como o senhor. Se ao pai de família chamaram Belzebu, quanto mais a seus domésticos. — 26. Porém, não os temais; porquanto nada há oculto que não venha a ser revelado e nada secreto que não venha a ser conhecido. — 27. O que vos digo nas trevas, dizei-o vós às claras; e o que escutais no ouvido, pregai-o de sobre os telhados.

LUCAS: V. 1. Tendo-se reunido grande multidão em torno de Jesus, de tal sorte que todos uns aos outros se apertavam, entrou ele a dizer aos discípulos: Preservai-vos do fermento dos fariseus, que é a hipocrisia; — 2, porquanto, nada há oculto que não venha a ser conhecido. — 3. Assim, o que dissestes nas trevas será ouvido às claras; e o que houverdes dito no ouvido, dentro dos aposentos, será pregado de sobre os telhados.

VI, V. 39. Propunha-lhes também esta comparação: Pode acaso um cego guiar outro cego? Não cairão ambos no fosso? — 40. O discípulo não está acima do seu mestre; mas todo discípulo será perfeito, se for como seu mestre.

N. 140. As palavras de Jesus se aplicavam principalmente, no tocante às perseguições físicas, aos apóstolos e aos seus imitadores até à época do advento da liberdade de consciência e de exame, em que já respeitada seria a vida dos homens. Aplicavam-se es-

pecialmente, atenta a profecia da vinda do filho do homem, aos tempos, marcados pelo Senhor, que se seguiriam à revelação do Espírito da verdade, da qual vos é portadora a era nova do Cristianismo *do Cristo,* a era espírita, aplicando-se igualmente à nova missão dos apóstolos e dos seus imitadores, missão que há de preceder a esse advento do Cristo, por ele próprio predito quando desempenhava a sua missão terrena. Sob todos os outros aspectos elas se referiam à época em que eram ditas e ao futuro, em todos os séculos.

Deveis *imitar* aquele que vos conduz. O amo não é mais do que o servo, quando o servo se coloca à altura do amo; altura moral bem entendido. Procedei, pois, como o vosso Mestre; praticai a moral que ele praticava e galgareis o fastígio da felicidade eterna.

"Quando vos perseguirem numa cidade, dizia ele aos apóstolos, fugi para outra!"

Com relação aos espíritas, que são e serão chamados a propagar a fé e a espalhar a nova revelação no seio dos povos verdadeiramente civilizados, os quais, portanto, não têm e não terão que temer e que sofrer senão as perseguições morais, aquelas palavras significam: Não descoroçoeis com os obstáculos e, se vos tiverdes que haver com Espíritos rebeldes e endurecidos, deixai-os por algum tempo e ide a outros a fim de os encaminhardes.

"Em verdade vos digo: "Não tereis percorrido todas as cidades de Israel antes que o filho do homem venha."

As cidades de Israel são, *sob o véu da alegoria,* todas as nações da terra, do mesmo modo que a geração a quem Jesus se dirigia é a geração de Es-

píritos que, purificados com o auxílio do tempo, das expiações e das reencarnações sucessivas, executarão, nas épocas preditas, as coisas anunciadas.

O Cristo se manifestará ainda aos homens, quando forem chegados os tempos.

Espírito protetor e governador do vosso planeta, a cuja formação presidiu, encarregado do vosso progresso e de vos levar à perfeição, ele recebeu do pai, seu e vosso pai, vosso Deus e seu Deus, três missões. As duas primeiras consistiram em preparar, entre os homens, a realização do progresso físico do vosso mundo, do progresso físico, moral e intelectual da humanidade terrena e a da regeneração humana. A terceira consiste em levar a efeito a realização daquela obra, conduzindo-vos à perfeição.

A primeira ele a cumpriu desempenhando a sua missão terrena e continuou a cumpri-la no estado de Espírito invisível aos homens, com o concurso do E*spírito Santo,* isto é, dos Espíritos puros, dos Espíritos superiores e dos bons Espíritos, que, sob a sua direção, trabalham na sua obra.

A segunda é a da nova era que se abre diante de vós pela revelação espírita: a era do *Espírito da Verdade,* que vem, por intermédio dos messias, isto é, dos enviados especiais e dos missionários, errantes e encarnados, conduzir progressivamente as gerações humanas à verdade, ensinar-lhes todas as coisas e anunciar-lhes as que hão de vir.

A terceira ele a virá cumprir nos tempos preditos, como Espírito da Verdade, trazendo o complemento e a sanção da verdade, para vo-la mostrar sem véu. Manifestar-se-á então aos homens em todo o seu poder, em toda a majestade da sua pureza perfeita e imaculada, cercado dos Espíritos puros, dos Espíritos superiores e dos bons Espíritos, que vos terão preparado e levado a esses tempos, em que sereis, do mesmo passo, capazes e dignos de receber o Mestre e de suportar a verdade *sem véu.*

Sim, tudo se cumprirá. Jesus preparou a infância, hoje prepara e vai desenvolver a inteligência da idade madura. Dentro em pouco virá colher os frutos de seus trabalhos e receber aqueles de seus discípulos que houverem aproveitado de seus ensinamentos.

Não vos equivoqueis a respeito do sentido destas palavras — *dentro em pouco,* nem do das de Jesus quando na terra falava do futuro, *da aproximação dos tempos.* Nós não contamos, sabei-o bem, os anos e os séculos na eternidade, como contais os minutos, as horas, os dias e os anos da vossa existência humana.

"O discípulo não está acima do mestre, nem o servo acima do Senhor: basta ao discípulo ser como o mestre e ao servo como o Senhor."

Aos olhos do Senhor eterno são iguais todas as condições sociais; conseguintemente, o senhor não é mais do que o servo. Só tem maior valor aquele que pratica, *com humildade,* a lei de amor que vos é ensinada. Só será igual ao mestre em moral aquele que praticar a moral.

Compreendam bem os homens, no seu princípio, no seu objetivo e nas suas conseqüências, a lei natural e divina da reencarnação, que lhes vem ensinar serem a vida humana e as condições sociais, para cada um deles, uma *provação, ou* uma *expiação.*

Compreendam e não esqueçam nunca que, pela pluralidade das existências e conformemente ao grau de culpabilidade, as provações e as expiações, tendo por fim a purificação e o progresso, são apropriadas às faltas cometidas nas encarnações precedentes. Assim, por exemplo, o senhor de ontem, duro e arrogante, que faliu nas suas provas como senhor, fossem

quais fossem, dentro da ordem social, sua posição ou seu poder na terra, é o escravo, o servo, ou o criado *de amanhã. O* sábio que *ontem,* materialista e orgulhoso, abusou da sua inteligência, da sua ciência, para desencaminhar os homens, para perverter as massas populares, é o cego, o idiota ou o louco *de amanhã. O* orador *de ontem,* que abusou gravemente da palavra para arrastar os homens ou os povos a erros profundos, é o surdo-mudo do *dia seguinte. O* que *ontem* dispôs da saúde, da força, ou da beleza física e gravemente abusou de tudo isso, é o sofredor, o doente, o raquítico, o deserdado da natureza, o enfermo *de amanhã.* Se é certo que os corpos procedem dos corpos, não menos certo é que são apropriados às *provações* e às *expiações* por que o Espírito haja de passar e que a encarnação se dá no meio e nas condições adequados ao cumprimento de tais provações e expiações. É o que explica *como e porque,* na mesma família, dois filhos, dois homens, nascidos do mesmo pai e da mesma mãe, se encontram em condições físicas tão diversas, tão opostas. De igual modo a diferença nas provações, a disparidade do avanço realizado nas existências precedentes explicam porque e como, do ponto de vista moral ou intelectual, esses dois irmãos se acham em condições tão diversas, tão opostas.

Compreenda o homem e não esqueça *nunca* que o mais próximo e mais querido parente *de ontem,* que o mais caro amigo *da véspera* podem vir a ser e são muitas vezes o estranho, o desconhecido *do dia seguinte,* que ele a todo instante poderá encontrar, acolher ou repelir.

Que, pois, os homens, cientes e compenetrados de que a vida humana e as condições sociais são *provações* e ao mesmo tempo meio e modo de amparo e de concurso recíproco nas vias da reparação e do progresso, pratiquem a lei de amor, partilhando mutuamente o que possuam de natureza material ou

intelectual, dando aquele que tem ao que não tem, dando de coração o auxílio do coração, dos braços, da bolsa, da inteligência, da palavra *e sobretudo do exemplo.* Então, quando tal se verificar, estarão cumpridas em toda verdade, sob os auspícios e a prática da fraternidade recíproca e solidária, estas palavras de Jesus: ¯*Basta ao discípulo ser como o mestre e ao servo como o senhor".*

"Pode um cego guiar outro cego? Não cairão ambos no fosso?"

O cego que guia outro cego é aquele que, em vez de praticar a lei de amor, de a ensinar e exemplificar ao que é por ele guiado, se adstringe exclusivamente às práticas materiais, exteriores, e a elas mantém adstrito o outro a quem se encarregou de guiar e cujos olhos tapa com espessa venda, obstando-lhe assim a percepção da luz e da verdade. Ambos cairão no mesmo fosso: serão ambos submetidos à expiação. Mas, o cego que se fez guia de outro cego será mais culpado do que este e *mais* terá que expiar.

Se quiserdes guiar vossos irmãos, começai por examinar o vosso proceder, que deve ser irrepreensível. Se quiserdes dar um conselho, começai *por praticar o que aconselhais, por vos absterdes do que censurais.* Ensinai, pois, o caminho, percorrendo-o sem desvio, e então sereis discípulos de Jesus.

"O discípulo não está acima de seu mestre, mas o discípulo será perfeito se for como o mestre. "

Jesus, modelo de perfeição, vos diz, dessa forma, que o mestre não está acima do discípulo, porque o discípulo pode tornar-se igual ao mestre. Ora, como será isso possível, senão trilhando o discípulo, sem desvios, as pegadas do mestre, percorrendo *passo a*

passo a estrada que lhe este abriu, seguindo sempre os movimentos e a direção do modelo que o guia?

Palavras de humildade! Não estão elas cheias de encorajamento para vós outros? A esperança de chegardes um dia, pela aquisição da pureza perfeita, a igualar àquele que o Pai vos enviou como o tipo mais perfeito da humanidade, não é de molde a vos sustentar a coragem, a vos levantar as forças e a vos fazer marchar para diante, sempre para diante?

"Se ao pai de família chamaram Belzebu, quanto mais a seus domésticos."

Também estas palavras de Jesus, dirigidas aos discípulos, se referiam àquela época e aos então futuros tempos, a vós espíritas. Assim como o Mestre não foi compreendido pelos que lhe presenciavam as obras, incompreendidos serão igualmente e escarnecidos os que hoje tentam reavivar-lhe a lembrança e seguir-lhe os passos. Mas, a paciência, a perseverança triunfarão da malignidade e da calúnia.

"Não os temais, porém; porquanto, nada há oculto que não venha a ser revelado e nada secreto que não venha a ser conhecido."

Por maiores que tenham sido os esforços dos inimigos do Justo por impedi-lo, sua admirável doutrina não deixou de atravessar os séculos, progredindo sempre, não na sinceridade da prática, mas no número dos adeptos. Pois bem! ainda hoje, sejam quais forem os esforços que façam por lhe deter o vôo, alcançareis o fim, pois que a nova revelação vem, pelo Espírito da Verdade, continuar a obra de Jesus, alargando cada vez mais o espaço e o futuro aos Espíritos progressistas. Nada, portanto, do que o homem deva

saber poderá ficar oculto. E o homem chegou ao ponto em que o seu saber tem que aumentar rapidamente.

"Preservai-vos do fermento dos fariseus, que é a hipocrisia, porquanto, nada há oculto que não venha a ser revelado e nada secreto que não venha a ser conhecido."

Em nome do Cristo, nós vos repetimos estas palavras que ele dirigiu aos apóstolos, mas que, no seu pensamento, se aplicavam a todos os tempos e eram também dirigidas a todos os que se tornariam seus discípulos, sobretudo na época da nova revelação.

. O vosso pensamento, como o vosso proceder, precisam ser sempre puros aos olhos do Senhor. De que vos servirá iludir os homens, afetando semblantes de virtudes, se aquele que sonda os corações e as entranhas somente vir no vosso íntimo a hipocrisia? Para Deus nada há oculto, nada permanecerá oculto para os homens. Todos estes lerão, no passado como no futuro, o livro que têm aberto ante seus olhos. Mas, é necessário que o homem se ache em estado de compreender. Quem dá, para ser lido, à criança que apenas soletra em francês, uma obra de Schiller na língua materna? Quem haverá que peça a previsão das tempestades a um que não distinga o dia da noite.

Sabereis tudo o que os Espíritos do Senhor têm para vos ensinar, mas somente quando fordes bastante inteligentes para compreenderdes, quando estiverdes bastante adiantados nos estudos preliminares, a fim de vos *prepararde*s para as classes de filosofia. Repetir-vos-emos as palavras ditas por Jesus a seus discípulos: Dá-se-vos o que podeis suportar; dar-se-vos-á progressivamente o que puderdes ir suportando.

"O que vos digo nas trevas, dizei-o às claras; e o que escutais no ouvido pregai-o de sobre os telhados; porquanto, o que dissestes

nas trevas será dito às claras e o que houverdes dito ao ouvido, nos aposentos, será pregado de sobre os telhados."

Pequeno sendo o número das inteligências capazes de o compreenderem, a Jesus não era possível espalhar abertamente a sua moral, por não encher de espanto e paralisar, a bem dizer, a boa vontade dos que o ouviam. Seus discípulos, porém, como homens que viviam entre os homens, esses, tendo que espargir a luz em diversos pontos ao mesmo tempo, não alarmariam tanto os espíritos fracos aos quais se dirigissem.

Falava à multidão apenas por parábolas, a fim de preparar as inteligências, sem as sobrecarregar com um fardo de peso excessivo para a fraqueza delas. Se pregasse a sua moral sublime em termos claros e precisos, houvera assustado a maioria dos ouvintes, que, percebendo o abismo entre as crenças que professavam e as novas crenças que lhes eram trazidas, não ousariam sequer uma tentativa para o transporem. As parábolas apresentavam aos espíritos orientais a vantagem de permitir que cada um procurasse dar-lhes interpretação que lhe parecesse mais apropriada e mais simpática. Desse modo se familiarizavam com as novas doutrinas ainda cobertas *por véus,* cabendo aos discípulos arrancar uma a uma, porém sempre sob o império e o *véu da letra,* as vendas que ocultavam a luz àquelas inteligências obscurecidas.

Novos apóstolos, que sois, do Cristo, chamados a propagar a nova revelação, imitai os discípulos de Jesus. O Espírito da Verdade desce para, despojando *da letra* o espírito, levantando o véu que Jesus teve que lançar e lançou sobre as suas palavras, *explicar e desenvolvera* sua doutrina simples e sublime, os fatos qualificados de *mistérios,* de *milagres,* os ensinos por ele dados, as revelações que fez, as promessas,

as predições ou profecias que formulou. Publicai e pregai o que *assim* vos ensinam os Espíritos do Senhor, missionários errantes e encarnados, órgãos do "Espírito da Verdade" no tocante à nova revelação. Arrancai uma a uma as vendas que ocultam a luz às inteligências obscurecidas. Paciência e perseverança; nós vos assistiremos.

Nota da Editora — No versículo 27, de Mateus, onde está — *nas trevas,* outros tradutores colocaram —*às ocultas,* às *escuras.* —

MATEUS, Cap. X, v. 28-31. — *LUCAS,* Cap. XII, v. 4-7

Só temera Deus, sem cuja vontade
nada sucede

MATEUS: V. 28. Não temais os que matam o corpo, mas que não podem matar a alma; temei sim aquele que pode precipitar tanto o corpo como a alma na geena. — 29. Não é verdade que dois pásseres se vendem por um asse?[8] Pois, nenhum deles cai na terra sem ser pela vontade do vosso pai. — 30. Até os cabelos das vossas cabeças estão todos contados. — 31. Nada, portanto, temais; bem mais valeis do que muitos pásseres.

LUCAS: V. 4. E eu vos digo, meus amigos: Não temais os que matam o corpo e que, depois disso, nada mais têm que fazer. — 5. Vou mostrar-vos a quem deveis temer: Temei aquele que, depois de haver tirado a vida, tem o poder de lançar na geena; a esse sim, eu vos digo, temei. — 6. Não se vendem cinco pásseres apenas por dois asses? Entretanto, não há um só deles que Deus tenha esquecido. — 7. Até os cabelos das vossas cabeças estão contados. Não temais, pois; bem mais valeis do que muitos pásseres.

N. 141. Apropriando sempre sua linguagem à época e ao estado das inteligências, de modo a impressionar fortemente aqueles a quem falava, Jesus dirigia essas palavras aos discípulos, para infundir confiança a homens que se atemorizavam com a perspectiva das missões cheias de provas e de perigos que lhes eram confiadas. Dizendo-lhes que *não temessem os que matam o corpo, mas que não podem matar a alma, que só temessem aquele que pode precipitar alma e corpo na geena,* ensinava-lhes a não se arre-

[8] Três centavos.

cearem dos homens, a não recuarem diante de nenhum perigo, de nenhuma perseguição, de nenhum ato dos homens, a só temerem a Deus. Dizendo-lhes que dois passarinhos não valem mais do que um asse, que cinco não valem mais do que dois asses, que nenhum deles cai na terra sem ser pela vontade do pai, que Deus de nenhum se esquece e acrescentando que todos os cabelos das vossas cabeças estão contados, que nada deveis temer, que valeis bem mais do que muitos passarinhos, o Mestre lhes inspirava a confiança sem limites que o homem deve depositar em Deus, os exalçava aos seus próprios olhos e lhes fazia compreender que, aos olhos do Senhor, muito mais importância tinham eles do que essas criaturas ínfimas, a cuja existência nenhum valor davam então os homens, ignorantes de que *tudo sai do mesmo princípio, por efeito da mesma vontade.*

Jesus foi o primeiro a dizer aos Hebreus que a onipotente bondade do Senhor vai ao ponto de não descurar a existência de tão fracas criaturas. Preparava-os, por essa forma, para compreenderem que muito embora o Espírito *humanizado* seja, como dizeis, o rei da criação, tudo o que se move no Universo, tudo o que existe só se move e existe pela vontade suprema de Deus que, com o mesmo paternal carinho, olha tanto para o oução, como para o rei da terra.

As palavras que dirigia a todos os homens, daquela época e do futuro, vos devem ser explicadas *em espírito e em verdade,* porquanto *a letra* mata e o *espírito* vivifica. E não foi senão por tomar a letra pelo espírito que a Igreja incorreu em todos os seus erros.

As palavras acima, objetivam mostrar ao homem que seu proceder, seus sentimentos devem ser regrados pela vontade daquele que pune ou premeia, daquele cujo infatigável amor vela continuamente pela menor das suas criaturas. Elas têm por objetivo estabelecer a

confiança que o homem deve depositar no seu Criador, cuja inteligência infinita pousa sobre o Universo, distinguindo no seio da massa geral as mínimas particularidades, sem jamais separar estas daquela. Exprimindo-nos assim, é nosso intento levar-vos a compreender a imensidade do olhar criador que paira sobre tudo, tudo envolvendo num golpe de vista infinito, sem, como vós outros, fazer distinção entre a massa, ou seja o conjunto do Universo, e os milhares de partículas que o compõem. Tudo, ainda o que se oculta nos mais recônditos escaninhos, se acha patente aos seus olhos. E, todavia, só o conjunto o toca.

"Não remais os que matam o corpo, mas que não podem matar a alma; temei, sim, aquele que pode precipitar a alma e o corpo na geena; a esse, sim, eu vos digo, temei."

Estas palavras não têm por fim, *segundo o espírito,* senão libertar o homem do amor de si mesmo e chamar-lhe a atenção para o que, nele, não pode perecer, isto é, para a inteligência, filha de Deus, que de Deus provém e que, partindo do infinitamente pequeno para chegar ao infinitamente grande, tem que voltar a ele, na individualidade e na imortalidade.

Os que tomaram *a letra* pelo *espírito* consideraram a geena um lugar material e circunscrito, um *inferno,* à maneira do Tártaro do paganismo, à maneira da cloaca, da caverna que o rei Josias mandara construir perto de Jerusalém e onde os Judeus lançavam as imundícies da cidade e os cadáveres privados de sepultura e onde se alimentava um fogo contínuo para consumir essas matérias vis e desprezíveis.

A palavra *geena,* despojado *da letra o espírito, é* uma expressão alegórica de complexa significação. A *geena* é a imensidade onde, quando errante, o Es-

pírito culpado passa pelos sofrimentos ou torturas morais apropriados e proporcionados aos crimes e faltas por ele cometidos. O termo *geena* abrange também as terras primitivas e todos os outros mundos inferiores, de provações e expiação, onde, pela encarnação ou reencarnação, se vêem lançados os Espíritos culpados, a alma e o corpo que ela reveste, corpo que, para ela, é igualmente uma *geena,* como são, na erraticidade, aqueles sofrimentos ou torturas morais.

Não temais os homens. Quando vos for preciso, para salvar a alma, sacrificar o corpo, não recueis diante dos que o podem matar e nada mais. Temei, porém, a Deus que pode, se falirdes nas vossas provas, lançar-vos, por ato da sua justiça, que se exerce para vossa melhoria e vosso progresso, em a geena dos sofrimentos, das torturas morais na erraticidade após a morte, em a geena da reencarnação na terra e nos outros mundos inferiores de provações e expiação.

Sim, o homem não deve ver no seu corpo mais do que um invólucro, o aparelho, o instrumento das provações, das expiações, da purificação e do progresso do Espírito. Se, portanto, essa emanação divina que o corpo encerra, o Espírito, correr o perigo de perder-se ou mesmo de alterar-se, deve o homem sacrificar, sem pena, o invólucro perecível. O Espírito, que provém do Senhor, lhe deve a existência e não pode dar valor real senão ao que do Senhor o aproxima. Guarda do envoltório material, cumpre-lhe isentá-lo de todas as máculas; mas, se tiver de escolher entre a pureza espiritual e a do corpo, deverá preferir sacrificar esta para conservar aquela. Se, numa emergência perigosa, a vida do corpo se achar em paralelo com a do Espírito, isto é, com a sua pureza, com o seu progresso, se o Espírito se achar na iminência de incorrer numa culpabilidade que o levará à morte moral, deve a criatura sacrificar o vaso ao precioso perfume que

ele contém, deixar que se quebre aquele para que este possa escapar-se e subir como incenso odorífero aos pés do Criador.

"Dois pásseres não custam mais que um asse e cinco mais que dois asses; entretanto, nenhum deles cai na terra sem que seja pela vontade do pai, que de nenhum modo se esquece."

Não *é* Deus a bondade infinita, cujo olhar criador, como já o temos dito, envolve, num só golpe de vista, todas as suas criaturas? *Não* é ele a vontade onipotente que governa o Universo? E tudo o que sucede não sucede com a sua permissão?

Todavia, não acrediteis que a sua grandeza infinita desça a ocupar-se com as particularidades da vossa existência ínfima. Uma vez, porém, que o seu poder regula todas as coisas, que os Espíritos prepostos à organização dos mundos, desde o ato da formação deles até as mais mínimas particularidades, não obram senão de conformidade com a impulsão superior que receberam e que, passando de um a outro, chega até vós, dizer-se pode que nem mesmo um passarinho cai na terra sem que seja pela vontade de Deus.

Não concluais desta explicação que o vosso livre arbítrio se ache assim comprometido de qualquer forma. A ação dos Espíritos, exercendo-se sob a potente direção do soberano Senhor, *em nada* altera essa prerrogativa do Espírito, encarnado ou não: — o livre arbítrio, emanação divina, eterna, que o Senhor concede a suas criaturas, fogo sagrado que nos cumpre alimentar para dele prestarmos contas *ao foco imenso donde foi tirado.*

"Até os cabelos das vossas cabeças estão contados."

Tomadas *ao pé da letra,* estas palavras de Jesus levariam à negação do livre arbítrio no homem, ao

fatalismo. Elas são alegóricas, como todas as que o Mestre, a título de ensinamento, proferiu. O homem goza da liberdade de praticar ou não um ato qualquer; mas, esse ato tem seu principio e suas conseqüências regrados nas leis naturais, imutáveis e eternas, cujas execução e aplicação ele provoca. Nada lhe sucede que não tenha sido previsto pela sabedoria infinita do Senhor, a qual, entretanto, deixa que os acontecimentos da vida humana sigam seu curso e sua marcha, conformemente ao uso que o homem faz do seu livre arbítrio. Se bem que, sujeito a experimentar as boas e más influências ocultas que de contínuo sobre ele procuram exercer-se, lhe caiba lutar entre o bem e o mal, o homem dispõe sempre do livre arbítrio, de uma vontade própria, pessoal e, pois, em virtude desse livre arbítrio, dispõe da faculdade de praticar tanto o bem como o mal. Depois da morte, procede-se à apuração dos pensamentos, palavras e atos, bons e maus.

Sim, a bondade infinita de Deus vela incessantemente pelas suas criaturas. É assim que, em lhe sucedendo qualquer coisa na existência terrena, a solicitude do Senhor, por intermédio dos bons Espíritos, faz sentir a sua influência no homem. Nenhum ato deste, nenhum dos seus mais secretos pensamentos escapam a Deus e, chegada a hora da prestação de contas, pode ele estar certo de que encontrará, no livro da vida, a sua página exatamente escriturada. O Senhor não abandona um só de seus filhos, não esquece uma só ação boa e não deixa impune nenhuma ação má.

Nota da Editora — Nas traduções modernas, a palavra — *pásseres* foi substituída por —*passarinhos.*

MATEUS. Cap. X, v. 32-36. —LUCAS, Cap. XII, v. 8-9 e 49-53

Jesus veio trazer fogo à terra. —Não veio trazer a paz e sim o gládio, a divisão, a fim de que chegue a ser conhecido e até que o seja

MATEUS: V. 32. Aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus. — 33. Aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus. — 34. Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer a paz e sim o gládio; — 35, porquanto, vim separar de seu pai o filho, de sua mãe a filha e de sua sogra a nora; — 36, e o homem terá por inimigo os de sua própria família.

LUCAS: V. 8. Ora, eu vos digo que aquele que der testemunho de mim diante dos homens, dele o filho do homem dará testemunho diante dos anjos de Deus. — 9. Mas aquele que me negar diante dos homens será também negado diante dos anjos de Deus. — 49. Vim trazer o fogo à terra; e que é o que quero senão que ele se acenda? — 50. Tenho que receber um batismo e quão ansioso estou para que ele se cumpra. — 51. Pensais que vim trazer a paz à terra? Não, eu vo-lo digo, vim trazer a separação; — 52, porquanto, doravante, se numa casa se encontrarem cinco pessoas, estarão todas divididas, três contra duas a duas contra três; — 53, estarão divididos o pai contra o filho e o filho contra o pai; a mãe contra a filha, a filha contra a mãe; a sogra contra a nora e a nora contra a sogra.

N. 142. Não deveis ter dificuldade em compreender estas palavras de Jesus, claras por si mesmas e confirmadas pelos fatos.

(V. 32 e 33 de Mateus e v. 8 e 9 de Lucas): Aquele que, simples de coração e humilde de espírito, caminha pela senda da verdade, das boas obras, do

amor e da fraternidade, lei divina outorgada aos homens por Jesus, dá testemunho dele e se acha, por conseguinte, na *única* senda que leva à salvação. Jesus, o divino modelo que devemos imitar, conduz a porto de salvamento aquele que assim escolheu a boa estrada.

Aquele que, ao contrário, se embrenha pelos caminhos tortuosos, isto é, pelos caminhos do orgulho, do egoísmo, da hipocrisia, dos vícios e das paixões que degradam a humanidade, esse se afasta do alvo, renega o bom pastor, repudiando-lhe a doutrina, a lei. Ora, o bom pastor não o pode receber na classe dos bons Espíritos, nem apresentá-lo ao rei dos reis. Esse estará, portanto, renegado, até que dê testemunho do Cristo, tomando a sua senda, pela prática da sublime moral que ele personifica.

(V. 49 e 50 de Lucas): Jesus vinha trazer fogo à terra dando, pelo desempenho da sua missão terrena, lições e exemplos de fé, de esperança, de desinteresse, de abnegação, de devotamento, de caridade e de amor, de todas as virtudes, em suma, aos homens atrasados daquela época, enleados na teia dos abusos, dos preconceitos e das tradições que a sua doutrina saparia e que eram sustentados pelos escribas, pelos fariseus; pelos sacerdotes orgulhosos e cúpidos. Queria ele *que esse fogo se acendesse,* isto é, que os homens se grupassem em seu derredor para porem em prática aquelas lições, aqueles exemplos e espalhá-los pela multidão. Manifestava ardente desejo *de receber o batismo que lhe estava reservado,* isto é, de sancionar a sua missão pelo sacrifício do Gólgota, que a faria dar todos os seus frutos e prepararia o futuro advento da nova revelação.

(V. 51, 52 e 53 de Lucas): Trazendo aos Espíritos atrasados o progresso, Jesus ia provocar a luta entre os que desejariam enveredar pelo novo caminho e os preguiçosos ou obstinados que queriam permanecer estacionários. Ele via a divisão que a marcha e a

realização do progresso *determinariam* entre os homens e *mesmo no seio das famílias. Assim foi e assim será ainda.* Preparai-vos, portanto, pois que se, ao tempo da colheita, estivésseis todos maduros, inútil seria proceder-se *a uma escolha* entre vós e trazer-vos os raios da luz vivificante que acabará de dourar a messe que os Espíritos do Senhor vêm fazer.

(V. 34 e 35 de Mateus): Jesus antevia os acontecimentos, os ódios e as inimizades que nasceriam até entre os mais próximos parentes, sob o mesmo teto. Antevia o sangue que seria derramado *em seu nome!* Antevia sua doutrina, sua lei mal compreendidas e irreconhecíveis; substituídos por uma fé *cega e falsa o* amor, a caridade e a fraternidade, que ele declarou serem, para e entre todos os homens, *toda a lei e os profetas.* Antevia os massacres levados a efeito *em seu nome,* as lutas sangrentas e fratricidas que *em seu nome* se travariam entre os homens, apesar de lhes ele haver dito: *"Vós todos sois irmãos".* Antevia as torturas praticadas, as fogueiras acesas, em seu nome! pela intolerância, pelo fanatismo, pela superstição e pela ambição dominadora.

Sim, Jesus via já então as ondas de sangue que jorrariam desde o sacrifício do primeiro mártir, até o dia vindouro da paz universal. Desgraças foram sem dúvida, pois provam a que ponto os Espíritos na terra estavam e estão ainda atrasados. Mas, foram desgraças necessárias, por isso que o sangue dá lugar à regeneração.

Dissemos — *"dia vindouro* da paz universal". O estado atual das coisas não vos dá a compreender que a paz universal, cujo reinado se há de implantar na terra, ainda está longe de espalhar seus benefícios civilizadores?

Com o abrir, para vós, a nova revelação esta era nova, os Espíritos do Senhor vêm, tal qual Jesus com o

desempenho da sua missão terrena, atear novamente *fogo à terra;* trazer, não *a paz,* mas *a divisão.*

O Espiritismo é ainda, com efeito, Jesus presente entre vós; é ainda essa influência que impele o homem para o progresso e lhe abre a estrada por onde chegará mais depressa. Quando mesmo, por último, vier o Mestre completar, pela separação do joio e do bom grão, a obra que adiantamos, haverá divisão entre vós, porquanto, qualquer que seja o vosso progresso, haverá ainda Espíritos atrasados. *A divisão* entre os homens será sempre a propulsora do progresso até ao dia em que, acabada aquela separação, completada assim a obra de Jesus, todos os Espíritos rebeldes, voluntariamente cegos, tenham sido relegados para mundos onde possam melhorar. Só então a missão do Cristo se tornará em missão *de paz.* Depois de ter sido até aí *rei da justiça,* ele será *"rei de Paz".*

Apressai, pois, espíritas, por todos os vossos esforços, o advento dessa nova era, aplainando as dificuldades que se apresentam de todos os lados. Trabalhai com ardor por arrancar os parasitas que sufocam a vinha do Senhor. Esclarecei as inteligências obscuras, sustentai os fracos, ajudai vossos irmãos a chegar ao ponto em que vos achais, a fim de que, vendo todos a luz, ela a todos igualmente ilumine.

MATEUS, Cap. X, v. 37-39. *LUCAS,* Cap. XIV, v. 25-27

Amor da família. — Cumprimento do dever acima de todas as coisas. — Paciência e resignação nas provações terrenas

MATEUS: V. 37. Aquele que ama a seu pai ou a sua mãe mais do que me ama, não é digno de mim; e aquele que ama a seu filho ou a sua filha mais do que me ama, de mim não é digno. — 38. Aquele que não toma sua cruz e me segue não é digno de mim. — 39. Aquele que acha sua vida a perderá e aquele que perder a vida por minha causa a encontrará.

LUCAS: V. 25. Jesus, voltando-se para a multidão que o acompanhava, disse: — 26. Aquele que vem a mim e não odeia a seu pai e a sua mãe, a sua mulher, a seus filhos, a seus irmãos, a suas irmãs e até a sua própria vida, não pode ser meu discípulo; — 27, e aquele que não toma sua cruz e me segue não pode ser meu discípulo.

N. 143. Muitíssimo comentados têm sido estes versículos. Foram, porém, mal compreendidos, ou não o foram judiciosamente por homens que não souberam levar em conta os tempos, os lugares e as inteligências a que Jesus falava. Sem procurarem penetrar-lhes o *espírito,* detiveram-se *na letra,* atendo-se principalmente a um termo que, com significação demasiado forte na vossa linguagem, a tradução emprestou ao Mestre. A expressão que na língua hebraica corresponde a esse termo não tem tanta energia e não encontrou equivalente da parte dos tradutores.

Compreendei, *primeiramente, em espírito e verdade, conforme ao espírito que vivifica e não segundo a letra que mata,* as palavras de Jesus, o pensamento a que servem de roupagem, o ensinamento que delas decorre.

Para o homem, o único interesse deve ser o do futuro de seu Espírito. Se, portanto, um laço *humano* qualquer é de molde a desviá-lo do caminho que deve trilhar, cumpre se liberte dele.

Não suponhais que Jesus tenha pretendido pregar e que nós vos preguemos em seu nome o egoísmo místico e a secura de coração. Longe disso, pois o homem pode amar a seu Deus acima de todas as coisas e, contudo, ou antes: *com mais forte razão,* isto *é, por isso mesmo,* cumprir todas as obrigações que os deveres para com a família lhe imponham, quaisquer que sejam as *dissensões* existentes entre o pai e o filho, a mãe e a filha: *dissensões no modo de pensar.*

Ele pode *e deve* cumprir todas as obrigações humanas no que tenham de mais escrupuloso.

O que Jesus quis fazer sentir é que, por condescendência ou por um interesse humano qualquer, a ninguém será lícito *jamais* renegar a lei de amor que ele veio pregar.

Não pratiqueis, portanto, nenhuma ação repreensível, *tendo em vista* satisfazer *a esta ou àquela* pessoa, objeto do vosso amor na terra, pois, do contrário, renegareis o vosso Mestre, que a seu turno vos renegará.

"(V. 37 de MATEUS): Aquele, disse Jesus, que ama a seu pai ou a sua mãe mais do que me ama não é digno de mim; e aquele que ama a seu filho ou a sua filha mais do que me ama não é digno de mim."

Aquele que, por agradar a seu pai ou à sua mãe, a seu filho ou à sua filha, cometer um ato *contrário* aos ensinos de Jesus não é digno dele, não pode ser seu discípulo. Jesus personificava e personifica a sua doutrina moral e, por conseguinte, a fé. Como poderia ele, modelo de amor, condenar o amor da família? Certo não vos passa tal coisa pela mente. O Mestre o que fez foi atacar o abuso. Por mais vivo que seja, o

amor da família *jamais* deverá levar o homem a um ato culposo. Admitido que haja atos desculpáveis pelo motivo que os determinou, quantos homens não se julgariam absolvidos de qualquer ação má, desde que pudessem acoitar-se por trás do devotamento à família!

Como lição, Jesus praticava, *aos olhos dos homens, o* mandamento: honra a teu pai e a tua mãe; mas também lhes lembrava que, acima de tudo, está o dever a cumprir. Recordai-vos da resposta que deu a Maria quando esta e José voltaram a Jerusalém à sua procura e o encontraram no templo entre os doutores. (Tomo I, n. 47, pág. 211-213).

"(V. 38 de MATEUS): Aquele que não toma sua cruz e me segue não é digno de mim. não pode ser meu discípulo."

Aquele, que não aceita com resignação e mesmo com reconhecimento as provações de que está cheia a vida humana, não é digno de Jesus, não pode ser seu discípulo. Jesus as aceitou, para o progresso de todos, *como lição e exemplo aos homens, pois nenhuma lhe cumpria sofrer.* Assim, cada um deve submeter-se às suas provações em proveito do seu próprio adiantamento.

"(V. 39 de MATEUS): Aquele que acha a sua vida a perderá e aquele que perder a vida por minha causa a encontrará."

Estas palavras, dirigidas *especialmente* aos discípulos, eram, *para eles,* uma advertência. Objetivavam fazer-lhes compreender que aquele que falisse no desempenho da sua missão, por conservar a vida humana, renunciaria ao acabamento da obra, perderia a vida espiritual; que, ao contrário, aquele que não recuasse diante da morte e a sofresse para levar a cabo a obra, teria a vida eterna.

De modo geral e referindo-as a todos os tempos e a todos os homens, aquelas palavras de Jesus exprimem este pensamento: a vida do Espírito é a única existência real; logo, se, durante a encarnação, o Espírito pratica um ato repreensível *tendo em vista con*servar o corpo, perderá a vida espiritual, pois fica obrigado a *recomeçar* suas provações numa *nova encarnação.* Aquele que, contrariamente, *sacrificar o* corpo, quando for *inevitável,* para não falir *nas suas provações,* receberá, num mundo melhor, a recompensa das provas bem suportadas, à custa até daquele sacrifício.

"(V. 26 de LUCAS): Aquele que vem a mim e não odeia a seu pai e a sua mãe, a seus filhos, seus irmãos, suas irmãs e até a sua própria vida não pode ser meu discípulo."

Esta expressão *"não odeia ",* oriunda das traduções, muito forte na vossa língua, não tem, já o dissemos, tanta energia na língua hebraica, onde o termo empregado não encontrou equivalente nos vossos idiomas.

Jesus lançava uma semente que tinha de frutificar em solo árido e ingrato. Precisava, conseguintemente, que fosse vigorosa, para nele enterrar as raízes. Supondes que se pudesse falar aos homens de então, sobretudo aos hebreus, a linguagem de que vos servis? Imaginais que, daqui a alguns séculos, vossos descendentes não acharão que dizer das palavras que aceitais com admiração? Não tenteis enfiar num povo as vestes de outro. *Deixai a cada um o que lhe foi, o que lhe é necessário.* Tendes a pretensão de admirar os autores antigos; admitis a linguagem de que usaram, tão diferente da vossa, sob o pretexto de que estava adequada ao século em que viveram e não quereis que seja *assim* tratando-se da era em que na terra apareceu Jesus, que não falava a sábios habi-

tuados às elegâncias e aos apuros de linguagem, mas ao povo, atrasado, material, endurecido que, *para se decidir a compreender,* precisava ouvir palavras enérgicas e observar exemplos frisantes.

Não; por aquelas palavras não pretendeu Jesus condenar e não condenou o amor da família, mas o *excesso* que, *em tudo, prejudica o* homem e o *transvia.* O homem deve consagrar-se à família, cumprir devotadamente todos os deveres para com ela, mas não deve fazer disso um culto, não deve sacrificar ao amor que consagra a seus parentes os interesses, a felicidade de seus irmãos em Deus. Fora egoísmo.

Jesus, cheio de amor e devotamento para com todos, empregava as expressões que mais impressionassem seus ouvintes, visando libertá-los *desse egoísmo* e fazer-lhes compreender que, como já o dissemos, devendo ser o futuro do Espírito o *único* interesse do homem, desde que um laço qualquer humano o possa desviar do caminho que lhe cumpre trilhar, importa que ele se desprenda desse laço. Para ser discípulo de Jesus, jamais será lícito ao homem, sob o pretexto do amor aos seus ou para conservar a vida humana, praticar um ato contrário aos ensinos do Mestre, à moral que ele personifica.

Nota da Editora — Nas traduções modernas, o verbo *odiar,* do versículo 26, de Lucas, foi substituído *por — aborrecer.*

LUCAS, Cap. XIV, v. 28-33

Examinar antes de obrar. —Não parar na estrada do progresso. —Não dar apreço aos bens materiais senão como meio de fazer caridade

LUCAS: V. 28. Qual aquele dentre vós que, desejando edificar uma torre, não orça de antemão, com vagar e calma, a despesa necessária, para saber se tem com que acabá-la, — 29, a fim de não suceder que, por não poder acabá-la depois de lhe haver lançado as fundações, todos os que a vejam entrem a escarnecê-lo, 30, dizendo: Este homem começou a construir, mas não pôde acabar? — 31. Ou, qual o rei que, tendo de entrar em guerra contra outro rei, não examina antes, com vagar e calma, se pode marchar com dez mil homens contra o inimigo que vem ao seu encontro com vinte mil? — 32. Se o não pode fazer, manda embaixadores, quando o inimigo ainda está longe, e lhe apresenta proposta de paz. — 33. Assim, pois, aquele dentre vós que não renunciar a tudo o que tem, não pode ser meu discípulo.

N. 144. (V. 28, 29 e 30): Antes de entrar em uma nova via, o homem precisa verificar se terá a enérgica vontade de percorrê-la, pois *não* é bom que pare depois de haver começado o percurso da estrada do progresso. Uma vez despojado ele do invólucro material, o tempo perdido se lhe patenteia e amargo será o seu pesar ao apreciar o caminho que houvera percorrido, se perseverara, e o que lhe resta por palmilhar. A indecisão aumenta as dificuldades.

(V. 31 e 32): Aquele que não se sentir com a força necessária para levar a cabo grandes coisas, não as empreenda. Espere e fortaleça-se; estude e trabalhe *sobre si mesmo,* mas não se aventure a tentativas infrutíferas.

(V. 33): Para marchar na via do progresso, da caridade universal, cumpre que o homem se desprenda dos bens materiais, que não lhes crie afeição, que os tenha *unicamente* como meio de conseguir o bem e o alívio de seus irmãos. *Renunciar ao que se possui* não é deitá-lo fora, não é desfazer-se de tudo. É não se apegar aos haveres, é não os querer senão visando o bom emprego que se lhes possa dar.

MATEUS, Cap. X, v. 40-42 e Cap. XI, v. 1

Aquele que cumpre a lei de amor e de caridade terá sua recompensa

MATEUS: V. 40. Aquele que vos recebe a mim me recebe; e aquele que me recebe recebe o que me enviou. — 41. Aquele que recebe o profeta como profeta receberá a recompensa do profeta; e aquele que recebe o justo na qualidade de justo receberá a recompensa do justo. — 42. E todo aquele que der de beber a um destes pequeninos, só por ser dos meus discípulos, um copo d'água fria, em verdade vos digo, não perderá sua recompensa.

XI, v. 1. Logo que acabou essas instruções a seus doze discípulos, Jesus partiu a ensinar e pregar nas cidades vizinhas.

N. 145. O sentido e o alcance destas palavras, dirigidas por Jesus, como ensino, aos homens de então e do futuro, se podem resumir da forma seguinte: Aquele que deposita fé em Deus e procede tendo em vista a vida eterna, tendo em vista cumprir a lei de amor e de caridade, obterá a recompensa reservada *ao fiel.*

As palavras do v. 40 eram endereçadas aos apóstolos: Aquele que recebe os vossos ensinamentos recebe os meus e quem recebe os meus ensinamentos recebe os daquele que me enviou.

As do v. 41 *são simbólicas:* Aquele que proceder com louvável intuito será recompensado pela sua intenção.

Quanto às do v. 42, podeis explicá-las como encerrando, *para todos os homens,* a seguinte lição: O bem que fizerdes vos será contado, por menor importância que tenha o vosso ato e seja qual for a dos irmãos que aliviardes ou socorrerdes.

LUCAS, Cap. X, v. 1-12 e 16

Missão e instrução dadas aos setenta e dois discípulos

LUCAS: V. I. Algum tempo depois, o Senhor escolheu setenta e dois outros discípulos e os enviou dois a dois, precedendo-o, a todas as cidades e a todos os lugares aonde ele próprio tinha que ir; — 2, e lhes dizia: A seara na verdade é grande, mas poucos os trabalhadores; rogai, pois, ao dono da seara que mande trabalhadores para ela. — 3. Ide; eu vos envio como cordeiros para o meio de lobos.— 4. Não leveis bolsa, nem alforje, nem sandálias e a ninguém saudeis pelo caminho. — 5. Ao entrardes em qualquer casa, dizei primeiramente: paz a esta casa. — 6. Se aí estiver algum filho da paz, a vossa paz ficará com ele; senão, voltará para vós. — 7. Permanecei na casa comendo e bebendo do que nela houver, porquanto o obreiro é digno do seu salário; não andeis de casa em casa. — 8. Quando entrardes numa cidade qualquer onde vos acolham, comei do que se vos apresentar; — 9, curai os doentes que aí encontrardes e dizei-lhes: O reino de Deus está próximo de vós. — 10. Mas, se entrando nalguma cidade, não vos receberem, ide pelas ruas e dizei: -11. Sacudimos contra vós até a poeira da vossa cidade, que se agarrou aos nossos pés; sabei, todavia, que o reino de Deus está próximo. — 12. Digo-vos que nesse dia os de Sodoma serão tratados com mais indulgência do que os de tal cidade — 16. Aquele que vos escuta a mim me escuta; aquele que vos despreza a mim me despreza; e o que me despreza despreza aquele que me enviou.

N. 146. Jesus deu aos setenta e dois discípulos as mesmas instruções que dera aos apóstolos. Já explicamos, nos ns. 127 e 139, os v. 2 e 3 e do n. 132 ao n. 138, os v. 4 a 12. Não temos necessidade de voltar a esses pontos. Todavia, algumas passagens há a respeito das quais precisamos dar-vos explicações *especiais.*

"Não saudeis a ninguém pelo caminho", disse Jesus aos setenta e dois discípulos. Preciso é tirar *da letra o espírito.* Por essas palavras, Jesus lhes recomendava: "Não vos deixeis desviar da senda em que ides; não pareis; avançai para a vossa meta até que a tenhais alcançado".

Vejamos as expressões do *v. 6: filhos da paz — a vossa paz.* Por *filhos da paz* designava Jesus os que estavam dispostos a enveredar pela nova estrada que os faria adiantarem-se nas vias do Senhor. A paz dos discípulos se deve entender no mesmo sentido. Por essa paz se compreendem *a fé e os conhecimentos* que possuíam e que para eles voltavam desde que se achassem num meio refratário a aceitá-los.

"Permanecei na mesma casa; não passeis de uma casa para outra". Por esta maneira Jesus aconselhava aos discípulos a perseverança. As mudanças comprometeriam os resultados que eles tinham de visar e que só perseverando alcançariam.

"Comei e bebei do que na casa houver e vos for apresentado; porquanto o obreiro é digno do seu salário".

Os discípulos davam o alimento do espírito e recebiam de outros o alimento do corpo. Nem só pelo Espírito vive o homem. Importa-lhe, pois, prover as necessidades do corpo. Mas os discípulos tinham que se limitar à satisfação da necessidade e davam *gratuitamente o* que *gratuitamente* haviam recebido.

Longe disso está o que fazem aqueles que, dizendo-se discípulos de Jesus e sucessores dos apóstolos, mas pretextando que o obreiro é merecedor do salário, traficam com as coisas de Deus e recebem paga pelas suas orações; que se esforçam por conseguir o bem-estar material, a voluptuosidade, o luxo, o fausto; que desse modo vivem à custa de seus irmãos, absorvendo inutilmente a alimentação, o pão cotidiano de inúmeras famílias.

Todo aquele que quiser ser discípulo de Jesus, seja padre ou pai de família, Judeu ou Gentio, tem que se contentar com *o necessário;* procurar o luxo, *nunca.* Possuindo *mais do que o necessário,* deixa o homem de ser discípulo do Mestre, que deu na terra a lição e o exemplo da humildade, do desinteresse, da abnegação, do devotamento, da caridade e do amor, que cada um deve ter e praticar com seus irmãos.

"Aquele que vos escuta, disse Jesus aos setenta e dois discípulos, a mim me escuta; aquele que vos despreza a mim me despreza; e o que me despreza a mim, despreza aquele que me enviou."

Estes dizeres se aplicavam aos apóstolos e aos discípulos escolhidos que, uns e outros, tinham sempre a assistência e o concurso do *'Espírito Santo",* isto é, dos Espíritos superiores que constantemente os acompanhavam no desempenho de sua missões e que, assim, como ecos fiéis dos ensinamentos do Mestre, os repetiam e punham em prática, juntando desse modo, entre aqueles a quem pregavam, *o exemplo à palavra.*

Apoiando-se nessas proposições de Jesus, os homens se arrogaram o direito de vida e de morte sobre a alma. Não compreenderam que não se confia a execução da *obra* senão ao operário que se *sabe* capaz de executar e que não basta tenha sido hábil o pai para que o filho o seja igualmente.

Enviando os discípulos que escolhera para transmissores da sua palavra, com autoridade para abençoar ou reprovar, Jesus não deu esse direito a quem quer que entendesse de exercê-lo. Conquanto um *Gentio* pudesse expulsar os demônios em seu nome, ainda assim preciso era que o invocasse *seriamente,* isto é, *com fé viva, humildade, caridade e amor.*

Disse Jesus aos discípulos: parti; ide levar a minha palavra a todas as cidades e a todas as povoações; ide pregar a boa nova. *A verdade vos pôs nas mãos o seu facho;* iluminai com seus *ardentes raios* todas as inteligências. Que a luz se espalhe. Ai dos que se recusarem a vê-la; em torno desses, mais densas se farão as trevas. Não condeneis os que a repelem. *Sacudi a poeira de vossos pés,* isto é, afastai-vos sem deles nada aceitar, ou levar, nem mesmo a poeira que vossos passos levantem. Esses serão tratados com mais rigor do que os de Sodoma e Gomorra, por isso que se lhes mostrou a luz e eles fecharam os olhos; por isso que se lhes fez ouvir a palavra de paz e taparam os ouvidos.

Os que, aplicando a si mesmos as palavras do Mestre, se investiram do poder de ligar e desligar, esqueceram que Jesus recomendava aos discípulos que não se munissem de duas túnicas, nem de dois pares de sandálias. Nisto, como em tudo, cada um tomou o que lhe convinha, sem se importar com o resto.

Dando *aquele* poder aos discípulos, Jesus lhes proibiu, ao mesmo tempo, que cogitassem do bem-estar pessoal, que recebessem *coisa alguma* em troca *de seus ensinamentos,* de *suas preces,* que se preocupassem com o bem-estar, de qualquer natureza que fosse.

Como procederam os que interpretaram ou aplicaram as palavras do Mestre? Como ousaram, desde o momento *em que se tiveram por herdeiros* dos poderes que Jesus conferira a seus discípulos, transgredir suas vontades ao ponto de passarem a vida no fausto e na voluptuosidade, ligando e desligando *do alto de seus tronos,* pregando o desprendimento, a abstinência, do seio do luxo e da abundância, lavando os pés de alguns desgraçados e consentindo *(cheios de humildade)* que lhes beijem os seus?

Por vergonha sua, o homem não compreende que a única maneira de erigir para si um trono consiste em assentá-lo *no exemplo de uma vida austera e humilde,* esforçando-se por trilhar as pegadas do Cristo, por imitar seus apóstolos e discípulos, praticando os ensinos e a doutrina moral do Mestre.

Quão maior seria o poder desses homens que se *dizem herdeiros* dos apóstolos, quão mais persuasivas e escutadas seriam suas vozes, quão mais obedecidos e respeitados seriam eles se, *pelo exemplo,* pregassem as virtudes que apenas lhes caem dos lábios rosados, como uma ironia atirada à face dessas pobres, macilentas e miseráveis criaturas, a quem pregam o desprendimento dos bens deste mundo!

Não está, porém, dentro deste quadro a nossa tarefa atual, por isso encerramos aqui as nossas observações. A cada dia basta o seu labor. As virtudes que hão de atrair os homens virão um dia assentar-se, ativas e benevolentes, no cume da montanha.

Somente *os que* em tudo se esforçam por seguir os passos do Cristo, os que imitam seus apóstolos e discípulos, os que praticam sinceramente suas lições, sua doutrina moral, têm o direito, sejam o que forem, padres ou leigos, Judeus, ou Gentios, de se dizerem discípulos de Jesus, herdeiros dos apóstolos e de aplicarem a si mesmos estas palavras suas: *"Aquele que vos escuta a mim me escuta; aquele que vos despreza a mim me despreza; e o que me despreza a mim despreza aquele que me enviou".*

Essas palavras do v. 16 também se aplicam hoje a vós outros, novos discípulos de Jesus, que, guiados e inspirados pelos Espíritos do Senhor, sois chamados a divulgar a nova revelação, *a pregar em espírito e em verdade e a desenvolver,* de acordo com essa revelação, a lei do Cristo, seus ensinamentos, sua moral. Sede os legítimos descendentes e herdeiros dos após-

tolos, caminhando constantemente nas suas pegadas, pela prática constante do dever e de todas as virtudes. Que nenhuma nódoa venha a sujar a branca túnica de que vossas almas se revestiram.

LUCAS, Cap. X, v. 17-20

Regresso dos setenta e dois discípulos.
Seus nomes escritos nos céus

V. 17. Os setenta e dois discípulos voltaram cheios de alegria, dizendo: Senhor, até os demônios se nos submetem em teu nome. — 1S. E Jesus lhes disse: Eu via satanás caindo do céu como relâmpago. — 19. Vedes que vos dei o poder de esmagar as serpentes, os escorpiões e todo o poder do inimigo; nada vos causará dano. — 20. Contudo, não vos alegreis por vos estarem os espíritos submetidos, alegrai-vos antes por estarem os vossos nomes escritos nos céus.

N. 147. Dizendo aos discípulos que via Satanás cair do céu qual relâmpago, Jesus lhes falava, como sempre, *figuradamente.* Toda vez que tentardes combater o mal sob qualquer forma que se apresente, mas tendo em vista o progresso e o amor universal, o mal se precipitará nos abismos insondáveis *e sua queda* servirá para vos *esclarecer.* Sempre que vos aventurardes por uma estrada desconhecida, difícil, mas ao fim da qual entrevedes o progresso da humanidade, o bem dos vossos irmãos, caminhai desassombradamente. Os reptis venenosos que se ocultam por onde passais não levantarão as cabeças malfazejas, não lançarão seus dardos contra vós. Esmagá-los-eis com os pés e eles se ocultarão envergonhados da derrota. O Senhor protege os que trabalham com zelo na obra de que os encarregou.

Jamais vos orgulheis do que o Senhor permita que façais. Vosso objetivo, vossa única ambição devem consistir em ganhar a recompensa prometida. Rejubilai-vos, portanto, se virdes que vossas obras vos autorizam a esperá-la, mas não tireis daí nenhum motivo de vaidade.

Os que caminham sinceramente nas sendas do Senhor podem rejubilar-se, pois seus nomes estão escritos no "céu". O Mestre paga sempre ao trabalhador na razão do seu trabalho. Se, portanto, sentirdes que vossas obras são boas, sentis igualmente que tendes os nomes escritos para o recebimento do salário.

Espíritas, idêntica à dos discípulos deve ser a vossa alegria, porquanto também sois designados para trabalhar na obra e conseguireis tudo o que tentardes *em seu nome,* com confiança e sinceridade, com o fim exclusivo de impulsionar o progresso da Humanidade.

MATEUS, Cap. XI, v. 2-6. —LUCAS, Cap. VII, v. 18-23

Discípulos de João mandados por este a Jesus

MATEUS: V. 2. Tendo, na prisão, sabido das obras do Cristo, João mandou que dois de seus discípulos fossem ter com ele — 3, e lhe dissessem: És aquele que tem de vir ou esperamos outro? — 4. Jesus lhes respondeu: Ide contar a João o que vistes e ouvistes. — 5. Os cegos vêem, os coxos caminham, os leprosos são curados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam; o evangelho é pregado aos pobres. — 6. Bem-aventurado o que não se houver escandalizado de mim.

LUCAS: V. 18. Os discípulos de João lhe referiram todas as coisas que Jesus fazia. — 19. E João chamou dois deles e os mandou a Jesus para lhe perguntarem: És aquele que tem de vir ou é outro o que esperamos? — 20. Esses homens encontrando a Jesus lhe disseram: João Batista nos mandou aqui para te perguntarmos se és aquele que tem de vir ou se é outro o que esperamos? — 21. Nesse mesmo instante, Jesus curou muitas pessoas de enfermidades e chagas e dos maus Espíritos e restituiu a vista a muitos cegos. — 22. Em seguida, respondendo aos discípulos de João, disse: Ide narrar a João o que vistes e ouvistes: que os cegos vêem, que os coxos caminham, que os leprosos estão curados, que os surdos ouvem, que os mortos ressuscitam, que o evangelho é pregado aos pobres. — 23. E bem-aventurado aquele que não se houver escandalizado de mim.

N. 148. A fama levara a João o rumor dos atos de Jesus. João, porém, não tinha a certeza de que Jesus fosse quem devia ser. Enviou-lhe por isso dois de seus discípulos para verificarem se se não tratava de algum hábil impostor. Foi, portanto, para comprovar-lhe a identidade que João lhe mandou seus emissários. O Precursor queria certificar-se de que Jesus era realmente aquele cuja vinda ele anunciara.

Quanto aos chamados *"milagres"* que Jesus praticou diante dos discípulos de João, nada diremos, por ser inútil repetir explicações já dadas.

Jesus disse: *O Evangelho é pregado aos pobres.* As palavras *"aos pobres"* eram ditas mais para aquela época do que para o futuro. Os pobres se viam desprezados, abandonados; ninguém com eles se importava. Falando como falou, o Mestre tinha em mira elevar aquela classe miserável e fazê-la partícipe do progresso intelectual humano.

Tomadas numa acepção geral, aplicando-as a todas as épocas, as palavras *"aos pobres"* se devem entender como abrangendo *todos* os que, sentindo a necessidade de se enriquecerem com a palavra evangélica, queiram ouvi-la.

Bem-aventurado, disse também Jesus, *aquele que não se houver escandalizado de mim.*

Quem quer que repila a moral do Cristo, repele-o. Feliz, pois, daquele que lhe acolhe os preceitos e os *põe em prática,* porque progride e não tem que temer uma repulsa.

MATEUS, Cap. XI, v. 7-15. —LUCAS, Cap. VII, v. 24-30 e Cap. XVI, v. 16

João. precursor, e Jesus. — Pedra fundamental do edifício da regeneração — Missão nova e futura de João

MATEUS: V. 7. Logo que eles se foram embora, começou Jesus a falar de João ao povo nestes termos: Que é o que fostes ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? — 8. Que é, pergunto, o que fostes ver? Um homem vestido de finas roupas? Sabeis que na casa dos reis é que vivem os que se vestem assim. — 9. Que é então o que fostes ver? Um profeta? Sim, eu vo-lo digo, e mais que profeta; — 10, porquanto dele é que está escrito: "Eis que envio, na tua frente, o meu anjo, que te preparará o caminho." — 11. Em verdade vos digo: Nenhum dentre quantos hão nascido de mulher foi maior do que João Batista, mas aquele que for o menor no reino dos céus é maior do que ele. — 12. Desde os dias de João Batista até o presente o reino dos céus sofre violência e os violentos o arrebatam; — 13, pois, até João, todos os profetas e a lei profetizaram; — 14, e, se quiserdes, compreendei: ele é o Elias que há de vir. — 15. Ouçam os que têm ouvidos de ouvir.

LUCAS: V. 24. Logo que se foram os mensageiros de João, entrou Jesus a falar deste à turba, dizendo: Que é o que fostes ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? — 25. Que é, pergunto, o que fostes ver? Um homem vestido de finas roupas? Sabeis que nas casas dos reis é que se encontram os que se vestem magnificamente e vivem nas delícias. — 26. Que é, então, o que fostes ver? Um profeta? — Sim, certamente, eu vo-lo digo, e mais que um profeta; — 27, porquanto, dele é que está escrito: Eis que envio, na tua frente, o meu anjo, que te preparará o caminho adiante de ti. — 28. Pelo que, eu vos digo que, dentre os que hão nascido de mulher, nenhum ainda houve maior do que o profeta João Batista; mas, aquele que for o menor no reino de Deus é maior do que ele. — 29. E todo o povo e os publicanos que o ouviram se submeteram aos desígnios de Deus recebendo de João o batismo. — 30. Mas os fariseus e os doutores da lei desprezaram os desígnios de Deus para com eles, não se fazendo batizar por João.

XVI. v. 16. A lei e os profetas duraram até João; a partir daí, o reino de Deus é pregado aos homens e cada um lhe faz violência.

N. 149. Falando de João naqueles termos, Jesus dava testemunho da missão que o Precursor viera desempenhar, assim como anunciava a nova e futura missão que ele desempenhará e lançava a pedra fundamental em que assentaria o edifício da regeneração, edifício que se vai erguendo, embora lentamente.

A época do aparecimento de Jesus na terra, sob a forma corporal humana, vos é indicada como sendo a base do progresso que *nas idéias* se havia de produzir. E elas se elevaram, fracamente é certo, mas o bastante para se despojarem do envoltório material que as constringia. Tendem, cada vez mais, a se elevar para as regiões espirituais. O acabamento dessa grande empresa, a continuação da obra de Jesus, tal a tarefa que desempenhamos sob as vistas e a direção do Mestre.

Referindo-se a João, dizia Jesus à multidão: Fos*tes ver um profeta? Sim, eu vo-lo digo, e mais que um profeta, porquanto, dele é que está escrito:* "Envio, à tua frente, o meu anjo, que te preparará o caminho".

Jesus se exprimia assim porque João, Espírito adiantado, já atingira um grau de elevação muito mais alto que os profetas. Contai os séculos de trabalho e de saber, decorridos depois da existência de Elias, e compreendereis que, comparando os profetas, nas diversas épocas em que apareceram, com Elias *reencarnado como precursor do Cristo,* Jesus mos-

trava a extensa linha de progresso que fora percorrida. Hoje, *Elias* é muito mais ainda do que o Elias dos *Hebreus.* Quando desempenhar a sua missão espírita, assinalando com essa missão a sua passagem pela terra, maior será ainda, não sob o aspecto da austeridade dos costumes e do Espírito, mas sob o do poder e da ciência.

Nada há imutável na criação. O progresso moral só no seio de Deus pára; ele prossegue sempre, até ao instante em que atinge, nos pés do eterno, os últimos limites da perfeição moral. Quanto ao progresso intelectual, isto é, quanto ao progresso *em ciência universal,* esse é indefinido. Para o Espírito que se tornou perfeito, vem ele *diretamente* de Deus, a quem, todavia, o Espírito *jamais* poderá igualar-se.

"Em verdade vos digo, acrescentava Jesus, falando de João ao povo, que nenhum dentre quantos hão nascido de mulheres foi maior que João Batista; mas, aquele que for o menor no reino dos céus é maior do que ele."

Expressando-se desse modo, procurava Jesus impressionar fortemente os homens materiais e atrasados a quem se dirigia. Apresentando-lhes João, que tão grande era na terra, como inferior ao que menor fosse no reino dos céus, intentava desenvolver naqueles homens as aspirações por esse reino e o desejo de alcançá-lo, ouvindo e guardando as palavras do Precursor e as suas próprias palavras, seguindo os caminhos que ambos traçaram.

A diferença estabelecida entre João *encarnado e* João *Espírito* dizia respeito aos entraves da matéria. Por mais elevado que seja, o Espírito sofre sempre a influência do corpo que o constrange. Mas, por isso mesmo, o Senhor não se serve de uma só medida, como fazeis, para julgar dos atos de seus filhos.

Quantas vezes anatematizais o vosso irmão por faltas humanas derivadas da organização da máquina e fechais os olhos às faltas graves provenientes de desvios do Espírito!

João *humanizado* era naturalmente menos do que João *Espírito* e Jesus, comparando-o ao menor no reino dos céus, queria que o homem compreendesse a diferença que existe entre *o Espírito livre de entraves e* o Espírito *aprisionado no corpo.*

Além disso, afirmava, indiretamente *e sob um véu que só a nova revelação levantaria,* que, fora da humanidade, ele Jesus *era superior a João.*

As palavras: *"Desde os dias de João Batista até o presente o reino de Deus sofre violência e os violentos o arrebatam"* encerravam uma figura destinada a fazer sentir aos Hebreus que os que pretendiam ser os *únicos* a alcançar o reino dos céus eram incapazes de entrar nele. Tais palavras, repetimos, foram empregadas *figuradamente,* porquanto o Espírito culpado jamais gozou, nem jamais gozará da felicidade celeste, enquanto não se houver *transformado.*

E *"os violentos o arrebatam",* dizia Jesus, porque os fariseus e os escribas pretendiam que *só eles* alcançavam a paz do Senhor por praticarem *ostensivamente* uma lei que *com o coração* violavam. Alardeando a posse de todas as graças de Deus, não arrebatavam eles, *aos olhos da multidão ignorante,* a morada eterna?

Não havia da parte deles nenhuma tentativa, nenhum esforço. Na sua maioria, era o que são os vossos filósofos, os vossos espíritos fortes, os vossos crentes que em nada crêem. Cegavam a massa popular, chamavam a si as honras e os proveitos terrenos e também usurpavam, *à vista daqueles pobres cegos, a* felicidade e a paz do céu.

Pois, até João todos os profetas e a lei profetizaram."

E ninguém escutou as profecias; ninguém procurou verdadeiramente ganhar a morada celeste; todos, *pelo pensamento,* a usurparam.

O João que *tinha de vir* veio. Os publicanos constituíam a classe dos empregados subalternos que, obedecendo aos chefes da sinagoga, arrecadavam os impostos, desempenhavam, portanto, funções que sempre despertam a animosidade popular. Eram os mais humildes. Receberam com o povo a palavra de João e, conseguintemente, o batismo de penitência.

Os fariseus eram os *sectários orgulhosos, que* cumpriam as mais difíceis prescrições de Moisés com o fim exclusivo de demonstrar a sua supremacia. Os doutores da lei eram os que preparavam e punham sobre os ombros de seu irmãos fardos que eles não ousariam tocar com o dedo.

Os fariseus e os doutores da lei, acastelados no seu orgulho, rejeitaram a palavra de João, repeliram os desígnios de Deus para com eles, desprezando a ocasião que se lhes oferecia de entrarem no caminho que conduz a Deus. O batismo era *um emblema,* mas a palavra de João era *o meio.*

"A lei e os profetas duraram até João; a partir daí, o reino de Deus é pregado aos homens e cada um lhe faz violência."

Cada um lhe faz violência (linguagem figurada) no sentido de que ninguém se aplica a fazer o que deve para alcançá-lo.

Desde João até os vossos dias o reino de Deus é pregado. Como aqueles de quem falava Jesus, cada um trabalha por criar para si um reino da *terra* e força o reino do céu, isto é, faz da *hipocrisia* ou do *anátema* um *meio* de conquistá-lo, mas ninguém procura penetrar nele para lá se manter.

"Se quiserdes, compreendei, acrescentou Jesus falando de João, ele é o Elias que há de vir."

E concluiu dizendo: *"Ouçam os que têm ouvidos de ouvir",* a fim de chamar a atenção, tanto dos homens daquela época como dos do futuro, para as palavras que acabava de proferir, as quais encerravam um sentido oculto, pois que o Elias que *havia* de vir *já* viera.

Dissemos que Jesus tinha a presciência do futuro, que todos os séculos vindouros se lhe patenteavam aos olhos. Essas *palavras,* portanto, devem hoje prender-vos a atenção, tal como sucedeu na época em que foram ditas.

Cumpre que todos os que começaram a obra a concluam.

Não acrediteis que, terminada a sua missão terrena, como Precursor do Cristo, Joio tenha deixado de trabalhar pelo progresso do vosso planeta e da sua humanidade. Na condição de Espírito, ele continuou e continua a desempenhar o seu cargo de Precursor.

Neste momento, em que para vós se abre a era nova, que preparará e realizará o advento de Jesus como *Espírito da Verdade,* como complemento e sanção da verdade, João, em Espírito, vem profetizar de novo. Abri os ouvidos e os corações à sua prédica. Escutai a Elias, que novamente clama ao povo, aos publicanos, aos escribas, aos fariseus e aos doutores da lei dos vossos dias e a todos os homens:

"Arrependei-vos, arrependei-vos; aproxima-se a hora do julgamento, pois que a morte, de um instante para outro, pode surpreender-vos e entregar os Espíritos culpados à expiação na erraticidade e, depois, às angústias e penas da reencarnação. Aproxima-se a hora do julgamento, pois não vem longe o instante em que o vosso planeta passará pelo cadinho da depuração, no qual os maus serão separados dos bons; o

instante em que os Espíritos que então permanecerem culpados e rebeldes, voluntariamente cegos, se verão deportados para mundos inferiores, onde terão que expiar durante longos séculos a sua rebeldia. Vigiai, vigiai, a fim de não serdes surpreendidos. Purificai-vos, porquanto, embora os ladrões tentem penetrar na morada celeste, só os eleitos serão aí recebidos. Todos sois destinados a figurar no número dos eleitos, visto que, para o Senhor, não há *eleitos,* nem *réprobos,* segundo as falsas interpretações humanas. Mas, como o que é *impuro* não se aproxima dele, os eleitos não podem ser e não são senão Espíritos *puros e os* Espíritos, para alcançarem a pureza, a perfeição, têm que galgar todos os degraus da escala do progresso, única que conduz ao cume. Purificai-vos, pois. Todos vós podeis consegui-lo. Tornai-vos puros, tornai-vos perfeitos e então, *mas só então,* sereis *eleitos e* penetrareis na celeste morada, aproximando-vos do centro da onipotência".

"João é o Elias que há de vir. Ouçam os que têm ouvidos de ouvir.'

Elias-João, o Precursor, ainda reaparecerá no meio de vós. Sua presença assinalará um imenso progresso, tanto no terreno moral, como no da ciência. Sua futura missão consistirá em alargar o círculo das vossas idéias, dos vossos conhecimentos, fortificando em vós o amor universal e a caridade que lhe é conseqüente.

Não nos é permitido, portanto não nos é dado, dizer-vos em que dia estas coisas ocorrerão, mas os tempos se aproximam. Já o dissemos (tomo 1º, n. 2, pág. 138) e repetimos: Quando puderdes acompanhar a vida de um homem, passo a passo, desde a primeira infância até os últimos extremos da existência terrena, sem lhe notardes *jamais* qualquer mácula ou fraqueza, vendo-o erguer para o céu a fronte pura, sem que *jamais* uma lembrança amarga o faça corar,

ouvindo-o pregar exatamente a moral que *todos os seus atos,* ainda *os mais ocultos,* sancionem, podereis dizer: Ali está em missão um Espírito superior. E se, em torno de vós, se multiplicarem as individualidades dessa ordem, podereis dizer: aproxima-se o momento em que o Precursor virá anunciar-nos a boa nova, preparar-nos para entrar na vida espiritual, que nos porá em condições de recebermos a Jesus como Espírito da Verdade, como sanção e complemento da verdade. Nessa época, também se repetirão na terra os casos de *aparição* idênticos ao da de Jesus quando ai foi desempenhar sua missão terrena, isto é, por incorporação puramente perispirítica, mediante o revestimento de um perispírito tangível com a aparência do corpo humano.

Nota da Editora — Algumas traduções acrescentam ao vers. 28 do Cap. 7 de Lucas, a palavra *Profeta,* que não existe no texto grego; mas as traduções modernas já corrigiram, eliminando o enxerto. Vemos na excelente Edição Brasileira: "Entre os nascidos de mulher não há nenhum maior do que João; mas o que é menor no reino de Deus, é maior do que ele." Na fidelíssima tradução em Esperanto: *"Inter naskitoj de virinoj estas neniu pli granda ol Johano: tamen tiu, kiu estas nur malgranda en la regno de Dio, estas pli granda ol li."*

MATEUS, Cap. XI, v. 16-19. —LUCAS, Cap. VII, v. 31-35

João e Jesus incompreendidos pelos Hebreus. João e Jesus compreendidos hoje pelos que são os filhos do Senhor

MATEUS: V. 16. Com que compararei esta geração? Ela se assemelha a crianças que, assentadas na praça pública e aos gritos, — 17, dizem aos seus companheiros: Tocamos flauta para vós outros e não dançastes; lamentamo-nos e não chorastes. — 18. Veio João e, porque não come, nem bebe, dizem: Está possesso do demônio. — 19. O filho do homem veio e porque come e bebe, dizem: "Ali está um comilão e bebedor de vinho, amigo dos publicanos e dos pecadores". Mas, a sabedoria é justificada pelos seus filhos.

LUCAS: V. 31. Disse o Senhor: Com que compararei os homens desta geração? A quem se assemelham? — 32. Assemelham-se a meninos que, sentados na praça pública e falando uns para os outros, dizem: Tocamos flauta para vós e não dançastes; entoamos lamentações e não chorastes. — 33. João Batista veio e, porque não come pão nem bebe vinho, dizeis: Está possesso do demônio. — 34. O filho do homem veio, come e bebe e dizeis: É um comilão e beberraz, amigo dos publicanos e dos pecadores. — 35. mas, a sabedoria é justificada por todos os seus filhos.

N. 150. Nesta linguagem apropriada à capacidade intelectual daqueles que o ouviam, Jesus fazia ver aos homens que suas inteligências rebeldes recusavam todos os testemunhos, quaisquer que fossem, procurando para o que observavam uma razão de ser estranha à bondade de Deus e não se rendendo nem à evidência.

“Mas, a sabedoria é justificada por todos os seus filhos”.

Estas palavras visavam o futuro. Os que *viram* não compreenderam. Com os séculos, os Espíritos se desenvolveram e vós hoje compreendeis. Sábios, filhos de Jesus, são os que compreendem as verdades que os cegos negaram.

João veio e, porque não come pão e não bebe vinho, dizeis: Está possesso do demônio."

João, o Precursor, vivia afastado dos homens. Sua grande sobriedade espantava os Hebreus, que sacrificavam o que lhes fosse possível à satisfação dos apetites materiais. A vida de insulamento, de contemplação, de toda sorte de continência, que João se impusera, causava surpresa ao povo. E, como não pudessem compreender que um homem voluntariamente se submetesse *a tal* existência, tinham-no por vítima de uma obsessão, que o impelia para o deserto, a viver fora de todas as leis estabelecidas.

João, porém, assim procedendo, cumpria a sua missão, dava, como Precursor, o ensinamento e o exemplo da *penitência,* que tinha por *emblema o* batismo às margens do Jordão, sendo a sua palavra o *meio* de os homens se prepararem para entrar nos caminhos do Senhor.

"O filho do homem veio e, porque come e bebe, dizeis: É um comilão e beberraz, amigo dos publicanos e dos pecadores."

Ao contrário de João, Jesus vivia no meio dos homens, a fim de mostrar a todos o que é praticar o amor e a caridade.

Vulgarizava, por assim dizer, as virtudes que pregava, a fim de as tornar mais compreensíveis. Incorporava-se nas classes desprezadas, para mostrar aos orgulhosos que o primordial dever do homem é dispensar assistência, *primeiramente* aos que estão, *ou que ele julga* estarem, abaixo de si. Assentava-se, *diante dos homens,* à mesa do pobre, para que este

aprendesse a descobrir o verdadeiro sabor do seu pão. Dormia (ao que todos supunham) sob o teto do portageiro, para lhe dar a ver a calma que resulta da pureza da consciência. Navegava com os pescadores, a fim de lhes incutir o desprezo à morte, tendo por fundamento a fé e a eternidade. "Vivia" a vida do homem na companhia do homem, mas não na do orgulhoso, razão por que os orgulhosos o acusavam de se comprazer nos centros abjetos da sociedade de então.

Haveis porventura mudado, oh! homens, que dizeis, com Jesus, que ele não veio curar os que gozam saúde, nem salvar os que não estão perdidos, nem ainda dar coragem aos que não desesperam?

Haveis porventura mudado? Estais dispostos a entrar na cabana do portageiro, a sentar-vos à sua mesa, para que ele, esquecendo a distância que vos separa, não vendo diante de si senão um homem seu igual, apenas mais instruído e, sobretudo, melhor, se decida a receber as lições de probidade, de desinteresse que lhe podeis dar? Estais dispostos a estender a mão aos de má vida, *dizendo-lhes:* "Irmãos, enveredastes por mau caminho; vinde comigo; apoiai-vos em mim, que não temo os salpicos da lama que vos cobre. Minha mão, ao contrário, vos enxugará o rosto, vos limpará os olhos obscurecidos e vos mostrará a luz que guia para fora desta estrada perigosa em que penetrastes. Irmãos, vinde comigo, eu vos abrirei caminho; levantai-vos e, pouco a pouco, crescereis e transporeis esse oceano de vasa prestes a tragar-vos"?

Homens, espíritas, fazei como Jesus, sem vos preocupardes com os orgulhosos escribas e fariseus do vosso tempo. Pois que não viveis na solidão, como o Precursor, segui o exemplo de Jesus: *comei e bebei,* como Jesus, à mesa do *pobre,* do *desprezado,* do *réprobo,* porquanto lhe levareis então uma porção

do alimento que o sustentará pelos séculos vindouros: o pão de vida que nutre a alma, clareia a inteligência e purifica o coração.

LUCAS, Cap. VII, v. 36-50

Pecadora que banha de lágrimas os pés de Jesus e os enxuga com seus cabelos, derramando bálsamo sobre eles

V. 36. Tendo-lhe um fariseu pedido que em sua casa fosse comer, Jesus entrou na casa do fariseu e tomou lugar à sua mesa. — 37. Logo uma pecadora da cidade, sabendo que Jesus estava à mesa em casa desse fariseu, aí veio ter, trazendo um vaso de alabastro cheio de bálsamo; — 38, e, colocando-se por trás dele, se pôs a banhar-lhe de lágrimas os pés, a enxugá-los com os cabelos, ao mesmo tempo que os beijava e os ungia com o bálsamo. — 39. Vendo isso, o fariseu que o convidara disse de si para si: Se este homem fora profeta, saberia quem é esta mulher que o toca, que é uma pecadora. — 40. Jesus então lhe disse: Simão, tenho alguma coisa a te dizer. Ao que ele respondeu: Mestre, fala. — 41. Um credor, disse Jesus, tinha dois devedores; um lhe devia quinhentos denários e o outro cinqüenta. — 42. Como não tivessem com que pagar, o credor perdoou as dividas a ambos. Qual dos dois, em conseqüência, mais o estimará? — 43. Simão respondeu: Creio que aquele a quem ele mais perdoou. Jesus lhe retrucou: julgaste bem. — 44. E, voltando-se para a mulher, disse ainda a Simão: Vês esta mulher? Entrei na tua casa, não me deste água para lavar os pés, enquanto que ela, ao contrário, mos banhou com suas lágrimas e os enxugou com seus cabelos. — 45. Não me deste ósculo e ela, desde que entrou, não cessa de me beijar os pés. — 46. Não me ungiste com bálsamo a cabeça, ao passo que ela me unge com bálsamo os pés. — 47. Eis te declaro que muitos pecados lhe são perdoados, pois que ela muito amou. Aquele a quem menos se perdoa menos ama. — 48. E disse à mulher: Teus pecados te são perdoados. — 49. Os que com ele estavam à mesa começaram a dizer entre si: Quem é este que até perdoa os pecados? — 50. Jesus disse ainda à mulher: Tua fé te salvou; vai em paz.

N. 151. O fato aqui referido constitui um exemplo da influência que, sobre os destinos do homem, tem o arrependimento.

Não por haver banhado os pés de Jesus com bálsamo e com lágrimas obtém a pecadora o perdão, mas porque esse ato era a conseqüência do pesar sincero e profundo que lhe causavam suas faltas e por serem imensas sua fé e sua esperança naquele diante de quem se prosternava.

Mulher de costumes livres, que vendia o corpo, ela, na sua beleza, se humilhava, enxugando com os cabelos aqueles pés que o seu arrependimento banhava de lágrimas. Ela, que era vaidosa de seus encantos, sacrificava ao arrependimento os perfumes que serviam para torná-la mais sedutora e para, pelo aroma penetrante, excitar os desejos dos que lhe pagavam as carícias. Esses perfumes, elementos das suas orgias, se santificavam ao contacto com o santo dos santos. E a pecadora se limpava das suas faltas pela satisfação com que se separava desses objetos de luxo, únicos que possuía. *Renunciava* assim ao seu passado de desordens e fazia *sinceras* promessas de reparação no futuro.

Não zombeis da pecadora aos pés de Jesus. Ao contrário, imitando-a, vinde todos, todos sem exceção, derramar na fronte do Mestre os inebriantes perfumes que vos perdem e ouvireis de sua boca palavras de paz, de consolação e de amor. A ele e só a ele o pai onipotente deu o poder de ligar e desligar na terra e no céu. Os apóstolos lhe obedeciam, eram os agentes que ele escolhera e obravam inspirados e guiados pelos Espíritos superiores, quando também ligavam e desligavam na terra e no céu.

Temos ainda que vos chamar a atenção para alguns pontos.

Como veio ao fariseu Simão a idéia de convidar a Jesus para lhe entrar em casa e sentar-se à sua mesa?

Como pôde a mulher, sendo uma pecadora, penetrar na sala do festim?

O fariseu queria sondar a Jesus para descobrir nele o ponto vulnerável. Só se aproximando do Mestre *podia* esperar consegui-lo. Mesmo a introdução de Maria na sala era uma cilada. De outra forma ela não houvera podido penetrar lá, do mesmo modo que, sem a vossa autorização, uma desclassificada não entrará em vossas casas.

Dirigindo ao fariseu Simão as palavras dos v. 41 a 46, Jesus estabeleceu uma comparação *toda material,* para ser compreendido por um homem *material. Os* fariseus não só eram orgulhosos, como também cúpidos e avarentos. O exemplo que Jesus figurou não podia, portanto, deixar de ser compreendido e apreciado por um Espírito dessa ordem.

Sim, aquele a quem mais se perdoou será certamente o mais reconhecido. Todavia, o perdão não é concedido sem ser suplicado e as súplicas devem ser fervorosas e reiteradas, pois que o Senhor não *salda a* dívida de quem se mostre propenso a contrair *outras.* Fá-lo somente aquele que seja capaz de, no futuro, manter-se sem desvio no caminho reto.

Jesus, com o que disse a Simão (v. 44-47), apontando para a mulher, aludia respectivamente aos sentimentos dele e dela. Lendo no pensamento do fariseu, conhecia a razão do acolhimento que lhe este dispensara.

Disse então à mulher: *"Teus pecados te são perdoados (v. 48)"*

A graça não é o que a igreja humana forjou. No caso da pecadora, havia remorso sincero e profundo. Seguir-se-ia a reparação, que lhe não seria duramente imposta, como sucede quando se trata de culpados *endurecidos,* mas uma reparação feita *com felicidade, com alegria,* visando alcançar o progresso

que deixara de realizar e entrar de novo em graça perante o amor do Pai.

Disse ainda Jesus à mulher: "Tua fé te salvou; vai em paz."

A fé que ela tivera em Jesus é que lhe abrira os olhos para o seu proceder. A comparação entre a vida sem mácula do Mestre e os excessos inumeráveis da sua própria vida de pecadora foi o que a impressionou e impeliu a vir suplicar o perdão de suas faltas, aos pés daquele que ela considerava um enviado celeste.

Nas suas interpretações, os homens se equivocaram completamente quanto ao sentido destas palavras de Jesus ao fariseu Simão:

"Eis te declaro que muitos pecados lhe são perdoados, porque ela muito amou."

Dizendo de Maria que muito lhe era perdoado *por haver ela amado muito,* Jesus não entrava em nenhuma das considerações a que deram lugar as interpretações humanas. O amor de que ele falava era o amor considerado *do ponto de vista da caridade.* Conquanto mulher de vida dissoluta, Maria tinha um coração sensível às misérias de seus semelhantes. De natureza fraca e impressionável, sua existência de deboche era mesmo devida ao excesso do seu amor à família, com a qual repartia, em larga proporção, o produto do seu vergonhoso comércio. Grande era a sua caridade; jamais um infortúnio apelara em vão para a sua piedade. Sua própria queda fora um ato de devotamento. Aí tendes o que se não vos havia dito; aí tendes ainda o que será encarado como encorajamento ao vício, sob o pretexto do devotamento a pais pobres; aí tendes, todavia, a fonte de tantos vícios que repelis das vossas vistas com horror, quando, muitas vezes, um conselho, um socorro fariam o que fizeram as santas palavras de Jesus.

Espírito fraco, Maria quisera lutar contra a sua fraqueza, quisera o combate excessivamente rude. Sucumbiu a princípio, porém levantou-se mais forte e mais valorosa, *não aos. olhos dos homens,* que nada perdoam, tendo, embora, tanta necessidade de perdão, *mas aos olhos daquele que sonda os corações e as entranhas e para quem o pensamento culposo e oculto o mesmo é que o ato praticado.*

MATEUS, Cap. XI, v. 20-24. —LUCAS, Cap. X, v. 13-15

Cidades impenitentes

MATEUS: V. 20. Começou ele então a exprobrar às cidades onde realizara tantos milagres o não terem feito penitência. — 21. Ai de ti, Corozain! Ai de ti, Betsaida! pois que, se os prodígios operados dentro de vós o tivessem sido em Tiro e em Sídon, elas teriam feito penitência em cilícios e em cinza. — 22. Eis porque vos digo que, no dia do juízo, Tiro e Sídon serão tratadas com menos rigor do que vós. — 23. E tu, Cafarnaum, porventura te elevarás até ao céu? Serás abatida até ao inferno, porquanto, se os milagres operados dentro dos teus muros o tivessem sido em Sodoma, talvez que esta ainda hoje subsistisse. — 24. Eis porque te digo que no dia do juízo a terra de Sodoma será tratada com menos rigor do que tu.

LUCAS: V. 13. Ai de ti, Corozain!. Ai de ti, Betsaida! pois que, se os prodígios operados dentro de vós o tivessem sido outrora em Tiro e em Sídon, elas teriam feito penitência nos cilícios e nas cinzas. — 14. Eis porque, no dia do juízo, Tiro e Sídon serão tratadas com menos rigor do que vós. — 15. E tu, Cafarnaum, que te elevaste até ao céu, tu submergirás até ao inferno.

N. 152. Estas palavras de Jesus se referem ao estado dos Espíritos encarnados naquela época.

"Penitência" significa "*arrependimento".* Quando diz que Tiro e Sídon teriam feito penitência, cobrindo-se de cilícios e de cinzas, se houveram visto os milagres que se operaram em Corozain e Betsaida, Jesus se serve de imagens materiais, apropriadas, como sempre, aos Espíritos do tempo. A penitência do *Espírito* consiste no causticante remorso de suas faltas e na expiação que se lhe segue. Mas, tudo na ordem *moral.*

Porventura fora possível conseguir que seres materiais, como eram até mesmo os primeiros adeptos do Cristianismo, compreendessem que a penitência *moral* basta para o resgate das faltas perante a justiça de Deus? Nas suas transgressões, eles não viam mais do que o ato material, conseguintemente não podiam admitir uma reparação que não fosse material.

Apreciai de outra maneira as coisas, oh! bem-amados; procurai o ato espiritual, penitenciai-vos dele e, de futuro, não praticareis mais ato material algum capaz de ofender o Senhor. Domine o Espírito em vós o corpo, que a carne, subjugada, se tornará instrumento obediente, próprio a efetuar com maior presteza e maior facilidade a purificação espiritual.

Jesus declara que os habitantes de Tiro e de Sídon serão tratados com menos rigor do que os de Corozain e de Betsaida, porque a estes a luz foi trazida e eles a recusaram.

"A terra de Sodoma. disse igualmente Jesus, será tratada com menos rigor do que Cafarnaum."

É que em Sodoma os crimes tinham principalmente por origem o rebaixamento da matéria, ao passo que os de Cafarnaum se originavam da revolta do *Espírito.* Fazendo aquela distinção entre Sodoma e Cafarnaum, queria Jesus que os homens compreendessem que, de todos os crimes passíveis de castigo, os *mais* graves são os que *a inteligência* comete. Conhecendo o Senhor as fraquezas da vossa matéria, não pune os seus arrastamentos, senão quando *o Espírito* participa deles *conscientemente.* Cafarnaum recebera a luz, fora testemunha dos milagres e, orgulhosa, tudo rejeitara; entretanto Sodoma, atascada no lodaçal da matéria, talvez houvera saído da cloaca imunda das paixões grosseiras, se ouvira a palavra do Mestre; talvez, se vira os milagres, houvera aceitado a luz, es-

cutado a voz do arrependimento e renunciado a seus crimes, dando ao Espírito o predomínio *sobre os instintos brutais.*

Não vos admireis de que Jesus tenha usado do termo *"talvez"* quando, ao falar de Sodoma, disse: *"Talvez* que ainda hoje ela subsistisse".

Sem dúvida alguma, estando em relação constante e direta com Deus, ele, como sabeis, tinha a presciência do futuro e bem assim o conhecimento do passado. Dizia *"talvez",* porque não convinha que falasse aos homens, de modo preciso, dos atos daquele que nenhuma criatura humana *pode* sondar. Era mister (também o sabeis e não o percais de vista) que, como sucedia, Jesus passasse então entre os homens, entre os *hebreus,* por um homem *igual a eles* e, sendo assim, não podia apresentar-se-lhes como conhecedor do juízo de Deus.

Exprimindo-se, relativamente a Cafarnaum, desta maneira: *"Tu que te elevaste até ao céu",* isto é, tu que foste inundada de luz e que, orgulhosa, a rejeitaste, "*submergirás no inferno",* usava Jesus de expressões e linguagem apropriadas à inteligência de seus ouvintes. Por *inferno* designava, *veladamente,* as penas que os Espíritos culpados sofrem, primeiro, na erraticidade e, depois, reencarnando na terra ou em mundos inferiores, de provações e expiação.

O inferno, já o temos dito, é a consciência do culpado e o lugar, *qualquer que este seja,* onde expia suas faltas.

Não se trata de espaço limitado. O lugar, seja qual for, que o Espírito sofredor ocupe quando na erraticidade, é bem o que ainda chamais e Jesus *alegoricamente* chamava *inferno, pois* que, em tal lugar, o Espírito se acha presa de contínuas torturas. Também o Espírito encarnado se acha realmente num *inferno* quando, metido na prisão de carne em mundos inferiores, passa por provações, por sofrimentos

ou torturas físicas e morais, por expiações, que constituem a pena secreta da sua encarnação precedente, a pena correspondente ao que lhe cumpre ainda reparar, tendo em vista suas existências anteriores.

Jesus disse: `*No dia do juízo",* falando dos habitantes de Tiro e de Sídon, de Corozain e de Betsaida, de Cafarnaum e de Sodoma. Foi *uma figura, uma comparação* de que se serviu o Mestre. Deveis compreender-lhe as palavras do modo seguinte: "Digo-vos que os de Corozain e de Betsaida serão julgados mais severamente do que os de Tiro e de Sídon que, *juntos com os primeiros,* se apresentarão ao Juiz Supremo; — que os de Cafarnaum serão julgados mais severamente do que os de Sodoma, que, *com eles,* se apresentarão ao Juiz Supremo".

Tende sempre em conta o estilo *figurado* de que usava Jesus, forçado pelas necessidades da época, pelos preconceitos respeitados, pelo estado das inteligências, pela conveniência de *velar* a verdade, até que chegassem os vossos dias, em que o *espírito,* mediante o advento da nova revelação, seria despojado da *letra,* a fim de preparar os homens para se tornarem adoradores do pai *em espírito e em verdade.*

As palavras — "no dia do juízo" — não tinham, no pensamento então *velado* de Jesus, a significação de *um juízo final,* a que sejam chamados, *como o diz a Igreja,* todos os que morreram desde a origem dos. tempos. Não; os habitantes de Tiro e de Sídon, de Corozain e de Betsaida, de Cafarnaum e de Sodoma, bem como todos os Espíritos culpados que hão vivido na terra desde que o homem aí apareceu, passaram, depois da morte ao cabo de cada existência, *pelo julgamento,* isto é: pela expiação na erraticidade e, em seguida, pela reencarnação.

Dentre os Espíritos culpados das diversas cidades de que falava Jesus, alguns já terminaram suas provações expiatórias, outros progrediram muito.

Poucos chegarão à época da renovação do vosso planeta, sem terem logrado a satisfação de seus desejos.

Não haverá, repetimos, juízo final, *como o diz a Igreja.* O que de fato se dará é que, nos últimos dias da era *material* da humanidade terrena, os que se conservarem rebeldes serão degredados para mundos inferiores. Só os que tiverem chegado ao grau de aperfeiçoamento que devem atingir poderão permanecer na Terra, para aí continuarem a avançar na senda do progresso. Não é essa, porém, a idéia que, influenciados pelas falsas interpretações próprias do reinado da letra, os homens fazem do juízo final. Os Espíritos culpados irão sendo afastados gradualmente da terra e esta se purificará de modo quase imperceptível para vós outros. A renovação do vosso planeta não resultará de um violento abalo, mas de um progresso continuo.

Atualmente, ainda estais *numa era material, pois* que vos achais ainda sob o império da *matéria e as* coisas no vosso planeta estão dispostas por maneira a que este preencha as condições necessárias à vossa existência. Mas, tempos virão em que a Terra progredirá, do mesmo passo que os vossos corpos, e se elevará como essência, purificando-se, eternizando-se.

Quanto mais crescer em vós o domínio do Espírito, tanto mais diminuirão as necessidades materiais e, entre os homens de então e os de agora, mais sensível será a diferença material, do que a que existe entre os de hoje e os primeiros habitantes do vosso globo. Na época da matéria, vida e órgãos materiais; na do Espírito, a espiritualidade. O vosso planeta está destinado, como todos os que gravitam na imensidade, a percorrer a via do progresso até ao dia em que a transformação se complete e em que, quais homens despojados da matéria, vivereis espiritual e fluidicamente, num mundo fluídico.

A época da renovação da Terra será aquela em que os Espíritos ainda rebeldes, ao voltarem para o mundo dos Espíritos, começarão a ser afastados dela e mandados para mundos inferiores. Nessa época, as calamidades, ou seja o que chamais calamidades públicas, abrirão grandes claros nas fileiras humanas, a fim de que estas se renovem mais depressa.

Do ponto de vista físico, a Terra, já o temos dito, acompanhará o progredir do Espírito e o progresso físico deste, de harmonia com o do planeta, será conseqüência do seu progresso moral e intelectual.

Como todos os mundos já formados e todos os que se hão de formar na imensidade e na eternidade, segundo as leis naturais e imutáveis estabelecidas por Deus, destinados ao progresso da essência espiritual ou Espírito em formação e ao dos Espíritos *que faliram* e que, *por isso,* ficam sujeitos à encarnação humana, o vosso planeta saiu dos fluidos impuros, depois chegou, progressivamente, ao estado material, donde passará, num progredir contínuo, a estados cada vez menos materiais, até chegar, por sucessivas transformações, ao de pura fluidez, no qual ele e a humanidade a que serve de morada se encontrarão livres de todas as impurezas da matéria.

Sim, cada abalo, cada deslocamento do mundo terráqueo serve para levá-lo à transformação. Deveis compreender que, chamado a desempenhar outras funções, não pode ele permanecer no mesmo meio. Com o correr dos tempos e mediante esses gradativos deslocamentos, a Terra tomará lugar nas regiões dos fluidos sutis, onde tendes que viver. Enquanto isso, outro planeta, afastando-se por sua vez do seu centro de formação, virá desempenhar as funções que o vosso desempenhava. No último período dessa transformação, isto é: no momento em que a Terra estiver prestes a passar ao estado fluídico puro, e ao de Es-

píritos puros os que compõem a humanidade terrena, é que Jesus aparecerá, como ele próprio disse, na plenitude do seu poder, da sua glória, da sua pureza perfeita e imaculada, para vos mostrar a verdade *sem* véu, para vos conduzir ao foco da onipotência e vos fazer conhecer o Pai.

MATEUS, Cap. XI, v. 25-27. —*LUCAS,* Cap. X, v. 21-22

Cegos, tidos entre os homens por sábios e prudentes. Esclarecidos, que os homens consideram como obscuros

MATEUS: V. 25. Proferiu então Jesus estas palavras: Graças te dou, meu Pai, Senhor do céu e da terra, por haveres ocultado estas coisas aos sábios e aos prudentes e por as teres revelado aos pequeninos. — 26. Assim é, meu Pai, porque te aprouve que fosse assim. — 27. Todas as coisas me são dadas por meu Pai e ninguém, senão o Pai, conhece o filho; e ninguém conhece o Pai senão o filho e aquele a quem o filho o queira revelar.

LUCAS: V. 21. Nessa mesma hora, Jesus exultou pelo Espírito e disse: Graças te dou, meu Pai, Senhor do céu e da terra, por haveres ocultado estas coisas aos sábios e aos prudentes e por as teres revelado aos pequeninos. Graças, Pai, porque assim te aprouve. — 22. Todas as coisas me são dadas por meu Pai e ninguém sabe quem é o filho senão o Pai, nem quem é o Pai senão o filho e aquele a quem o filho o queira revelar.

N. 153. (V. 25 e 26 de Mateus e v. 21 de Lucas). Pelas palavras desses versículos, Jesus felicitava e animava seus discípulos *a fim* de que se não amedrontassem com a tarefa que lhes era deferida. A obra do Senhor é confiada aos *simples e* aos *inocentes,* aos *fracos e* aos *obscuros,* não como o entendeis, mas como deveríeis compreender. Ela é confiada aos que se entregam ao Senhor, aos que têm confiança e fé e não aos que, entre os homens, passam por ser os grandes e os poderosos do espírito humano, os quais não admitem senão aquilo que *julgam* ter descoberto, *matematizado,* ensinado, e negam, de dentro do seu orgulho, a

influência e os socorros espíritas, tudo atribuindo *unicamente à* força de suas inteligências e de suas vontades.

A esses as verdades permanecerão ocultas ainda por muito tempo. São terras muito gordas, onde nascem abundantemente ervas imprestáveis, que estiolam a boa semente espalhada nelas pelo vento. Preciso é que suas forças se esgotem em tentativas inúteis, em inúteis esforços para produzirem. Preciso é que a superabundância da seiva se consuma bastante para que a boa semente encontre o necessário e não seja estiolada pelo excesso dessa mesma seiva.

Jesus mostrava que o Senhor não escolhe os que gozam das faculdades que os homens admiram e sim os de coração simples e de espírito humilde, os que confiam e amam.

Os *sábios, os prudentes e os pequeninos* de quem falava Jesus são os que como tais os homens consideram. O juízo de Deus, porém, não é idêntico ao do homem.

(V. 27 de Mateus e v. 22 de Lucas). Pelas palavras destes versículos, Jesus aludia *à* sua elevação e à sua missão como Espírito protetor e governador do vosso planeta.

Entre os homens a quem falava, só ele estava apto a compreender a grandeza infinita do Senhor. Fora a vontade de Deus que lhe dera a *lembrança* da sua origem, lembrança que a matéria apaga. Fora a vontade de Deus que lhe dera a visão *do futuro,* de que os olhos humanos não são capazes.

Ele era, entre os homens, o único que, revestido de um *perispírito tangível,* isento da encarnação humana *tal como a sofreis,* conservando sempre a sua qualidade de *Espírito,* de *Espírito puro* sob a aparência corporal de um homem, podia compreender o seu Deus e compreender-se *a si mesmo.*

As palavras — *todas as coisas me são dadas por meu pai* — se referem às relações diretas que havia entre o Senhor e seu enviado. Graças a essas relações, todas as coisas lhe eram constantemente postas nas mãos pelo pai.

As palavras — *ninguém sabe quem é o filho senão o pai e ninguém sabe quem é o pai senão o filho e aquele a quem o filho queira revelá-lo* — têm por fim fazer sentir aos homens que eles nada podem saber das coisas celestes, extra-humanas e de além-túmulo, senão *por meio da revelação.*

Aludem à que os Espíritos do Senhor, por sua ordem, vos trazem, no momento que ele determinou para início da era em que entrais, revelação que vos vem dar a conhecer *quem é o filho,* isto é: a origem e a situação *do filho,* de Jesus, e da doutrina que ele personifica, *explicando e desenvolvendo, em espírito e em verdade,* suas palavras, suas lições, sua doutrina moral, as revelações por ele feitas e as profecias que enunciou durante a sua missão terrena.

Aludem à futura revelação que *o filho* — o Cristo —vos trará, na época por ele predita, e que, mostrando-vos a verdade *sem véu,* vos fará saber *quem é o pai.*

Os Espíritos do Senhor vos dão *a conhecer* quem *é* o *filho;* esforçai-vos por lhe seguir os passos.

Preparai-vos para receber o Mestre que vos virá mostrar *quem é o pai;* tornai-vos capazes e dignos de recebê-lo, caminhando ativamente e sem descanso pela via do progresso moral e intelectual.

Aquele, que não compreende nem a grandeza nem a justiça de Deus, não o conhece. Aquele, que lhe traça limites ao poder e o confina no âmbito da inteligência humana, também não o conhece. Só aquele que *recebe e* aceita a revelação pode, quando esta lhe é feita, dizer que conhece o seu Deus, na medida do

que, a esse respeito, lhe vai sendo progressivamente revelado.

Fazendo-vos conhecer *quem é o filho,* a nova revelação vos prepara para serdes capazes e dignos de *conhecer quem é o pai,* porquanto vos põe na situação de compreenderdes o vosso passado e de conhecerdes o. vosso futuro. Não percebeis, vós outros espíritas, que, saídos das mãos do Senhor, fostes incumbidos do desempenho de uma tarefa, que vossas faltas tornaram pesada, mas que, trabalhadores infatigáveis, chegareis a desempenhá-la e obtereis o salário, voltando para aquele donde proviestes?

Não vos levantamos, quando necessário, o véu do passado? As particularidades das vossas existências anteriores não têm despertado entre vós a lembrança da vossa origem, lembrança que a matéria abafa?

De contínuo incentivando em vós, igualmente, as aspirações pela perfeição, não levantamos também uma ponta do véu que ocultava o futuro, para vos mostrarmos o vosso Deus no seu trono imutável, esperando que, arrependidos, seus filhos venham acabar junto desse trono a obra que lhes ele confiou?

Aquele que queira compreender, se entrou *sinceramente,* com fé e amor, na via espírita, não precisa de explicações.

Quem recebe e aceita a nova revelação pode compreender o seu passado e conhecer o seu futuro, pois que sabe donde vem e para onde vai, sob que condições se acha na Terra, o que deve ai fazer e não fazer, o que o espera e lhe acontecerá depois da morte, conforme fizer ou não fizer o que lhe é, de um lado, prescrito e, de outro, defeso.

"Pode compreender o seu passado". Efetivamente, não sabe ele que *faliu?* não sabe que, por haver falido, foi *humanizado e* mandado para mundos in-

feriores de provações e expiação? não sabe que começou nesses mundos a obra da sua reabilitação e que a tem de continuar na terra pelo trabalho, pela humildade, pelo desinteresse, pela caridade e pelo amor, praticados tanto na ordem material, como na ordem moral e na intelectual?

Não sabe que, conquanto a matéria lhe anuvie a lembrança de suas existências anteriores, possível lhe é achar os traços dessas existências e saber o que tem de *reparar* e de *expiar,* de *evitar e* de *adquirir* na existência atual, desde que proceda, no foro da sua consciência, a um exame preciso e completo de seus pensamentos, palavras e atos, desde que estude seus maus pendores e tendências, seus instintos maus?

"Pode conhecer o seu futuro". Não sabe ele, com efeito, que, cumpridas, terminadas, segundo a vontade de Deus, suas provas, sua tarefa, ingressará na categoria dos bons Espíritos? não sabe ainda que terá, *em seguida,* de progredir, simples e gradualmente, na erraticidade e também por meio de sucessivas reencarnações, *seja* em missão nos mundos inferiores, seja nos mundos superiores, até atingir a perfeição que, só ela, pode e há de conduzi-lo a Deus?

Nota da Editora — Nos versículos 25 de Mateus e 21 de Lucas, encontramos a palavra *prudentes,* que, nas traduções modernas, foi substituída por — *entendidos, inteligentes.*

MATEUS, Cap. XI, v. 28-30

Jugo suave e fardo leve

V. 28. Vinde a mim vós todos que vos achais fatigados e sobrecarregados e eu vos aliviarei. — 29. Tomai sobre vós o meu jugo, aprendei de mim que sou manso e humilde de coração e encontrareis descanso para vossas almas. — 30. Porque, o meu jugo é suave e o meu fardo leve.

N. 154. Segui pela estrada que vos é indicada. Jesus mostrou *o único* caminho que vos pode conduzir à felicidade eterna. Peça-lhe amparo a alma que se sentir carregada de dores e, quaisquer que sejam seus sofrimentos, nele achará o grande médico que cura todas as chagas. Sendo a luz das inteligências, ele iluminará a obscuridade que a carne vos impõe. Por vós se fez homem *aos vossos olhos; aos* vossos *olhos* sofreu convosco e como sofreis. Vossas lágrimas lhe saem dos olhos e no seu coração repercutem as vossas dores. Manda-vos os Espíritos que podem abrandar as vossas penas e, em paga de tanto amor e de tanta abnegação, que é o que pede façais? algum sacrifício? que lhe deis glória? No fastígio da glória se acha ele! Pede-vos amor? Todos os Espíritos do Senhor se curvam diante dele, felizes de o fazerem. Não; só vos pede que trabalheis, sob a sua direção, pela vossa própria glória. Estende-vos a mão e sustenta mesmo os que a recusam.

Ah! acudi-lhe ao chamado! Seu jugo é leve e *ele não o impõe,* pois que sois livres de o aceitar ou repelir. Não emprega, como faz o homem, a violência para vos forçar a enveredar pelas suas sendas. Não vos diz: — *crê* ou *morre;* mas: — *em mim está a vida.* Escutai-lhe os conselhos santos, caminhai-lhe nas pegadas e, como quer que vos apelideis — Cristãos,

Judeus ou Muçulmanos — sejam quais forem o culto exterior que pratiqueis e a nação a que pertençais na terra, vinde todos, todos a ele. As ovelhas são por ele levadas aos campos de bom pasto, onde o lobo feroz jamais aparece: — os mundos superiores, moradas dos Espíritos puros; os mundos fluídicos, onde habitam os que chegaram ao estado de perfeição.

Vós todos que estais fatigados e carregais o peso dos sofrimentos, que se originam das provações, *vinde a Jesus e Jesus vos dará forças.* Não vos dá ele o exemplo da coragem e da resignação? Não é a sua palavra meiga, simples e persuasiva que levanta o ânimo abatido e vos faz entrever o bálsamo que podeis aplicar às vossas feridas? Não é Jesus quem as pensa e vos sustém com sua mão poderosa, ajudando-vos a vencer os obstáculos contra os quais a vossa fraqueza se *julga* sempre prestes a quebrar-se?

Tomai sobre vós o seu jugo, aprendei de sua boca que ele é manso e humilde de coração e achareis repouso para vossas almas.

Achareis repouso para vossas almas quer dizer: a perfeição a que chegareis pelo progresso. Seguindo-lhe a moral é que vos depurareis; despojando-vos de todas as impurezas é que alcançareis o repouso para vossas almas, isto é: nada mais tendo que expiar, elas entrarão na paz do Senhor. Por paz do Senhor entenda-se aqui: uma paz ativa, cheia de boas obras e de grandes coisas. Não se trata da paz *tal como a compreendeis,* mas como termo dos sofrimentos, das expiações.

O jugo de Jesus é suave e leve o seu fardo. Aquele que, do fundo de sua alma, segue a Jesus não suporta pesado jugo, porquanto sua moral é de fácil prática para quem quer que se forre aos objetivos mesquinhos da humanidade.

MATEUS, Cap. XII, v. 1-8. — MARCOS. Cap. II, v. 23-28. — LUCAS, Cap. VI, v. 1-5

O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado. — Deus, sempre indulgente com as suas criaturas fracas e falíveis, lhes faculta o arrependimento e a reparação

MATEUS: V. 1. Naquele tempo, passou Jesus em dia de sábado por uns trigais. Seus discípulos, tendo fome, se puseram a colher algumas espigas e a comê-las. 2. Vendo isso, os fariseus lhe disseram: Teus discípulos estão fazendo o que não é permitido se faça em dia de sábado. — 3. Disse-lhes então Jesus: Não lestes *o* que fizeram David e os que o acompanhavam quando tiveram fome? — 4. Como entrou na casa de Deus e comeu os *pães da proposição,* que nem a ele, nem aos que o acompanhavam era lícito comer, só o sendo aos sacerdotes? — 5. Também não lestes na lei que os sacerdotes no templo violam o sábado e não cometem pecado? — 6. Ora, eu vos digo que está aqui o que é maior do que o templo. — 7. Se soubésseis o que significam estas palavras: "Quero misericórdia e não sacrifício", jamais condenaríeis inocentes; — 8, porquanto o filho do homem é Senhor até mesmo do sábado.

MARCOS: V. 23. Sucedeu ainda que, atravessando Jesus em dia de sábado umas searas, seus discípulos, por elas avançando, se puseram a colher algumas espigas. — 24. Ao que os fariseus, disseram: Como é que teus discípulos fazem em dia de sábado o que não é permitido fazer-se? — 25. Respondeu-lhes Jesus: Não lestes o que fez David premido pela necessidade, quando teve fome, assim como os que o acompanhavam? — 26. Que entrou na casa de Deus, sendo Abiatar o príncipe dos sacerdotes e comeu os pães da proposição e os repartiu com os do seu séquito, não obstante só aos sacerdotes ser permitido comê-los? — 27. E acrescentou: 0 sábado

foi feito para o homem *e não* o homem para o sábado. — 28. Assim, pois, o filho do homem é senhor também do sábado.

LUCAS: V. 1. Ora, sucedeu que num dia de sábado chamado o segundo-primeiro, passando Jesus por uns trigais, seus discípulos se puseram a cortar algumas espigas, a debulhá-las com as mãos a comê-las. — 2. Alguns fariseus então lhes disseram: Porque fazeis o que não é permitido fazer-se aos sábados? — 3. Jesus, tomando a palavra, lhes disse: Não lestes o que fez David quando, com os que o acompanhavam, teve fome? — 4. Como entrou na casa de Deus, tomou os pães da proposição, os comeu e distribuiu com os de seu séquito, muito embora só aos sacerdotes fosse lícito comê-los? — 5. E acrescentou: O filho do homem é senhor também do sábado.

N. 155. Já vos explicamos (n. 82, vol. 1º, pág. 428) os motivos por que Moisés instituiu o sábado, assim como o sentido e o alcance destas palavras de Jesus: "O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado". Não temos que voltar a estas explicações.

Por *segundo-primeiro* se designava o segundo sábado da primeira parte do mês.

Os *pães da proposição,* que só os sacerdotes podiam comer, eram os pães oferecidos no altar.

Lembrando aos fariseus o que fizera David, ensinava Jesus que nada do que Deus pôs à disposição do homem e lhe possa servir de alimento está defeso às necessidades da existência humana; que os pães da proposição, como o próprio sábado, estão submetidos a essas necessidades.

Aos fariseus, que pretendiam ter sido o homem feito para o sábado, com o exigirem a observância absoluta, desarrazoada, desse dia, perguntou Jesus: *"Não vistes na lei* que, no templo, os sacerdotes violam o sábado e não cometem pecado?"

Segundo a lei, o Hebreu, em dia de sábado, devia abster-se de todos os atos manuais, de tocar em qualquer metal. Ora, os sacerdotes, cumprindo os ritos do

culto, violavam o sábado no templo. Deveriam, pois, considerar-se culpados.

Digo-vos que está aqui o que *é maior do que o templo,* isto é: está aqui *o representante da vontade divina.*

Estas outras palavras, que Jesus recordava aos fariseus, dizendo-lhes que não tinham sabido e não sabiam compreendê-las: "Quero misericórdia e não sacrifício", significavam e significam, tirando-se *da letra o espírito,* que Deus, sempre indulgente com as suas criaturas fracas e falíveis, lhes dá a faculdade de se *arrependerem e de repararem* suas faltas.

Dizendo: "Não teríeis condenado inocentes", aludia às numerosas condenações proferidas contra os que, sob os pretextos mais fúteis, eram acusados de sacrilégio e lapidados sem compaixão.

Disse ainda que — "O filho do homem é senhor também do sábado" — por ter sido ele o primeiro que ousara atacar a inviolabilidade do sábado e também porque, mesmo para os seus discípulos, era mister que se apoiasse, a fim de os não revoltar, na origem da sua missão, origem que acabava de recordar declarando: "Está aqui o que é maior do que o templo": — o representante da vontade divina.

N. 156. Em face e em conseqüência do advento da era do Cristianismo do Cristo, da era espírita que se inicia com a nova revelação trazida aos homens pelos Espíritos do Senhor, como deve ser entendido e praticado o dia de sábado?

Aproximam-se os tempos em que não se adorará mais a Deus nem no cume da montanha, nem em Jerusalém; em que os homens serão os adoradores que o pai deseja, seus adoradores *em espírito e em verdade.* Aproximam-se, mas ainda não chegaram, os tempos em que os homens estarão unidos por uma só crença,

pela fé espírita, que assim se resume: Deus, único, uno, criador universal: — *o pai;* Jesus, Espírito puro e perfeito, protetor e governador do vosso planeta e da sua humanidade, vosso mestre: — o *filho;* os Espíritos do Senhor prepostos por Deus à obra do progresso do vosso planeta e da sua humanidade, trabalhando nela sob a direção de Jesus: — O *Espírito Santo.*

Aproximam-se os tempos, mas ainda não chegaram, em que, adoradores do pai *em espírito e verdade,* os homens compreenderão que no coração, quando puro, está o *único e o verdadeiro* templo de Deus; que o Cristo está onde duas ou muitas pessoas se reúnam em seu nome, isto é: formulem com fé, humildade e amor, abstração feita de todos os cultos exteriores que ainda os dividem e separam, a prece do coração e não dos lábios somente, pratiquem a instrução *em comum.*

Aproximam-se, mas ainda não chegaram, os tempos em que os homens compreenderão que a lei divina se contém toda nestes mandamentos: ¨Amai-vos uns aos outros¨, ¨amai a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a vós mesmos", procedendo sempre com os vossos irmãos, em qualquer emergência, como quereríeis que eles procedessem convosco; em que compreenderão que, sob os auspícios e a ação desse duplo amor, é que devem praticar, conformemente às lições de Jesus, explicadas e desenvolvidas *em espírito e em verdade* pelos Espíritos do Senhor, as leis morais de adoração, trabalho, reprodução, conservação, destruição, sociedade, progresso, igualdade, liberdade, justiça, amor e caridade.

Semelhantemente ao dos Hebreus, obra meramente disciplinar e transitória, os cultos exteriores, derivados das instituições e interpretações humanas a que a missão terrena de Jesus deu lugar, *ainda separam os homens* que, entretanto, hão de constituir,

pela fé espírita, um só rebanho com um único pastor — o Cristo, vosso protetor, governador e mestre.

Estais numa época *transitória e,* até que se operem a reforma e a transformação dos cultos exteriores, a unificação dos homens pela fé espírito, pela adoração do pai *em espírito e em verdade, forçoso* será que se tenham em conta os aludidos cultos, do ponto de vista do sábado.

Esse dia, destinado ao descanso do corpo, deve pertencer de modo especial a Deus e muitos meios tendes de lho consagrardes.

Elevai ao pai, com mais fervor e mais amiúde, os vossos pensamentos, pois que nesse dia menos os perturbam as necessidades da vida. Sejam mais numerosas as vossas boas obras. Lembrai-vos, quer começando, quer terminando a vossa semana, das pobres criaturas que, sob as vistas de Deus, esperam de seus irmãos socorros. Santificai, portanto, esse dia reservado ao repouso, tornando mais *útil* este mesmo repouso. Imitai vossos irmãos do espaço cujos instantes todos se assinalam por uma obra útil. Repousai o corpo dos árduos trabalhos da semana, o Espírito — dos fatigantes estudos filosóficos ou científicos, o coração — das preocupações com os interesses materiais.

Começai o dia oferecendo-o ao Criador, santificai-o, primeiro, fazendo preces fervorosas por vós mesmos e por vossos irmãos; prestai a Deus a homenagem pública do vosso culto. Vós, espíritas, qualquer que seja o templo onde pratiqueis o culto exterior a que pertençais pelo nascimento, prestai a Deus o culto da vossa adoração *em espírito e em verdade. É* um exemplo que dareis aos irmãos que vos cercam, conhecedores da vossa fé, das vossas crenças e para os quais, por menos adiantados do que vós, o culto externo *ainda é* um freio necessário. Servireis ao mesmo tempo de motivo de emulação aos mais tíbios,

que, tendo despertados os sentidos pelas práticas exteriores e pelas imagens materiais, serão levados a pensar no seu Criador.

Depois, ide levar aos vossos semelhantes o alívio, as consolações que puderdes. Ide aos que vos ofenderam e pedi-lhes esqueçam vossas faltas. Ide aos que vos feriram cruelmente nos vossos interesses, na vossa felicidade, no vosso orgulho, levar-lhes o perdão e a paz.

Ide aos enfermos pobres, animai-os à submissão, esclarecei-os e dai-lhes esperança.

Ide aos desgraçados que carecem do necessário à vida e socorrei-os como puderdes. Para isso, filhos do nosso amor, bem-amados nossos, imponde-vos todos os dias, no correr da semana, uma pequena privação atinente às vossas faculdades, à vossa posição. Levai essa oferenda aos deserdados e, se não estiverdes em condições de fazê-lo, se, por muito restritos, os vossos recursos não vos permitam retirar deles coisa alguma, ide ao menos levar consolações aos que sofreram de quaisquer males.

Ide, filhos nossos, santificar o dia do Senhor pelas boas obras, pelas resoluções firmes e, ao fim desse dia, agradecendo a Deus o bem que houverdes podido fazer, pedi-lhe a graça de, no futuro, poderdes fazer mais e verificai, no fundo de vossa alma, se obrastes tão santamente quando podíeis.

Ide, procedei assim e as bênçãos do Senhor descerão sobre vós.

Não esqueçais nunca que o sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado.

Repetimos o que já vos dissemos (n. 82, 1? vol., pág. 429): Repousai vossos corpos dos trabalhos que os fatigam, não repouseis *nunca* os vossos corações do bem que lhes cumpre fazer.

MATEUS. Cap. XII, v. 9-14. — MARCOS, Cap. III, v. 1-6. --LUCAS, Cap. VI, v. 6-11

Cura da mão paralítica, em dia de sábado

MATEUS: V. 9. Dali saindo, veio Jesus à sinagoga deles. — 10. Aí se achava um homem, que tinha seca uma das mãos, e, para acusarem a Jesus, lhe perguntaram: É permitido curar em dia de sábado? — 11. Jesus lhes respondeu: Qual, dentre vós, aquele que, tendo uma ovelha e vendo-a cair num fosso em dia de sábado, não pegará nela para retirá-la de lá? — 12. E não vale o homem muito mais do que uma ovelha? Sim, é permitido fazer o bem em dia de sábado. — 13. E disse ao homem: Estende a tua mão. O homem a estendeu e ela ficou sã como a outra. — 14. Os fariseus, porém, saindo dali, se reuniram em conluio contra ele, cogitando do modo por que o perderiam.

MARCOS: V. 1. Jesus entrou de novo na sinagoga. Como aí se achasse um homem que tinha seca uma das mãos, — 2, eles se puseram de observação para ver se Jesus, o curaria em dia de sábado, a fim de o acusarem. — 3. Disse então Jesus ao homem que tinha a mão seca: Vem aqui para o meio. — 4. E perguntou: É permitido em dia de sábado fazer o bem ou o mal, salvar ou tirar uma vida? Eles se calaram. — 5. Perpassando então por eles o olhar, tomado de cólera, aflito pela cegueira de seus corações, disse ao homem: Estende a tua mão; o homem a estendeu e ela ficou sã. — 6. Os fariseus se retiraram logo e, com os Herodistas, fizeram um conciliábulo buscando meio de o perderem.

LUCAS: V..6. Entrando num outro sábado na sinagoga, começou a ensinar. Lá estava um homem cuja mão direita era seca. — 7. Os escribas e os fariseus o observavam para ver se ele curaria em dia de sábado, a fim de o acusarem. — 8. Jesus, conhecendo--lhes os pensamentos, disse ao homem, que tinha a mão seca: Levanta-te e fica de pé aqui no meio. 0 homem se levantou e ficou

de pé. — 9. Disse então Jesus: Pergunto-vos: É licito em dia de sábado fazer o bem ou o mal, salvar a vida ou tirá-la? — 10. Depois de olhar para todos, disse ao homem: Estende a tua mão; ele a estendeu e esta ficou sã. — 11. Cheios de furor, os escribas e fariseus perguntavam uns aos outros o que fariam a Jesus.

N. 157. Nenhuma explicação reclama o que, nestes versículos, se refere ao sábado e ao emprego que o homem pode e deve dar-lhe. Já dissemos tudo o que tínhamos a dizer a esse respeito.

Quanto à cura que Jesus operou na sinagoga, tratava-se de uma paralisia que atacara a mão direita do homem de quem se fala.

Nas traduções se lê: mão *árida,* mão *seca.* De acordo com o texto original corretamente interpretado, o caso era de mão *paralítica.*

Já por duas vezes (ns. 110 e 121, 2? vol.) explicamos as curas de paralisia feitas por Jesus. A mão paralítica, a que aludem os versículos acima, se tornou sã como a outra por ato da vontade do Mestre, que dirigiu, mediante a ação magnética da vontade e do olhar, para a mão doente e para o organismo do homem, os fluidos fortificantes. Não tendes visto o magnetismo operar pelo olhar?

Relativamente aos escribas e fariseus, nas traduções da narrativa de Marcos (v. 5) se diz que Jesus os olhou "tomado *de cólera, aflito pela cegueira de seus corações".* Palavras humanas. Não confundais nunca, nas narrações evangélicas, o que reproduz as impressões, as idéias, a opinião, as apreciações dos que se grupavam em torno de Jesus, daqueles a quem ele falava, com as próprias palavras do Mestre, com a sua pessoa, com seus atos.

A cólera jamais entrou no coração de Jesus.

A palavra do texto original, bem interpretada, pode ser tomada nas acepções de cólera e de indig-

nação. Nesta última e não naquela é que deve ser entendida.

Os Hebreus não cessavam de falar e vós mesmos ainda falais de contínuo *na cólera* do Todo Poderoso a cair sobre o culpado. Como admitir-se que Deus e o Cristo, reprovando *a cólera* no homem, fossem dela passíveis? Jesus pareceu, aos *homens que o cercavam,* indignado por ver que os escribas e os fariseus resistiam voluntariamente aos esforços que ele empregava para os reconduzir ao bom caminho. Sofria, *realmente,* vendo que os Espíritos culpados a quem trazia a luz fechavam os olhos para não a perceberem.

Vossos anjos de guarda não se afligem com o vosso endurecimento? E os escribas e fariseus não tinham o livre arbítrio?

Não vos admireis das impressões penosas que Jesus experimentava, se bem tivesse a presciência do futuro.

Compreendei o que é a presciência de Deus, o que era a de Jesus como representante *direto* da vontade divina, em presença do livre arbítrio do homem.

Deus vê, sabe (como já o temos explicado) qual o estado do Espírito; sabe, vê e acompanha as fases de progresso, as fases sucessivas das existências que o Espírito tem a percorrer munido do seu livre arbítrio, usando-o para o bem ou para o mal, por impulso da sua vontade pessoal ou sob a influência oculta dos bons ou dos maus Espíritos, que ele atrai ou repele, conforme à natureza boa ou má de seus sentimentos, de seus pendores, de suas tendências.

Essa influência, sob a qual o Espírito se acha a todo instante, constitui a *tentação a* que ele pode ceder ou resistir, uma vez que é sempre livre de escutar ou não as boas inspirações, de as seguir ou não, de aceitar ou repelir as más. É sob a ação e os efeitos dessas influências que o assediam que o Espírito, no

pleno gozo do seu livre arbítrio, tem que avançar ou parar, avança ou pára, na estrada do progresso. Assim, pois, era sob a ação e os efeitos de tais influências que aos escribas e aos fariseus, no pleno gozo do livre arbítrio, cumpria escutar ou repelir os ensinos de Jesus.

Os escribas e os fariseus, que o rodeavam na sinagoga, eram, como Espíritos encarnados, muito empedernidos. Provavelmente, portanto, não aceitariam a luz, mas, nem por isso a luz deixava de ser, para eles, um meio de escaparem a cruéis expiações. Da parte do Senhor nunca *há prevenção.*

Em geral, os Espíritos encarnam procedendo livremente à escolha, tanto do meio, *como* do gênero das provações.

Em regra escolhem os meios que lhes são simpáticos. Ora, nos grupos que os fariseus, os príncipes dos sacerdotes, os escribas e todos os que exerciam qualquer autoridade entre os Judeus formavam a volta de Jesus, o orgulho reinava soberanamente e, por conseguinte, lhes tapava os olhos e os ouvidos. Mas, Deus, em sua bondade, lhes abria, como a todos, aquela nova via para que se purificassem. Seus anjos guardiães por eles faziam o que fazem por todos. Eles, porém, os repeliam pela sua vontade independente e, no pleno gozo do livre arbítrio, aceitavam as más influências, as inspirações dos maus Espíritos. Se é certo que nenhum resultado produziu o abrir-se-lhes, naquela existência, uma nova senda, não menos certo é que essa obra havia de dar frutos de purificação, após a morte deles e nas suas existências posteriores.

Nota da Editora — Nas traduções modernas, o versículo 5, de Marcos, diz: *indignação,* no lugar de *cólera, e entristecido,* em vez de *aflito.*

MATEUS, Cap. XII, v. 15-21

Missão do Messias. — Seus poderes. — Vias de purificação sempre abertas aos Espíritos culpados, que, como todos os outros, têm que chegar ao fim

V. 15. Sabendo disso, Jesus se retirou daquele lugar; muitos doentes o seguiram e ele a todos curou, — 16, ordenando-lhes que não o descobrissem, — 17, a fim de que se cumprissem estas palavras do profeta Isaías: — 18. "Eis aqui o servo que elegi, o meu bem-amado, em quem muito se compraz minha alma. Sobre ele porei o meu Espírito e ele às nações anunciará a justiça. — 19. Não discutirá, não gritará e ninguém lhe ouvirá a voz nas praças públicas. — 20. Não acabará de partir o caniço já quebrado e não apagará a mecha ainda fumegante, enquanto não alcance a vitória da justiça. — 21. E no seu nome as nações porão todas as esperanças".

N. 158. Despindo-se da *letra o espírito,* facilmente compreensíveis se tornam não só as palavras do profeta Isaías aos Hebreus, com referência ao Cristo, mas também a indicação do cumprimento dessa profecia relativamente aos fariseus que conluiavam contra Jesus, estudando os meios de que poderiam lançar mão para perdê-lo, inquirindo uns dos outros como contra ele atentariam, e ainda a proibição feita pelo Mestre aos doentes que o haviam acompanhado e que foram curados.

Jesus *é servo e bem-amado* de Deus, pela sua qualidade de Espírito puro e perfeito. Deus *o elegeu* quando o fez protetor e governador do vosso planeta. *Nele se compraz,* fazendo-o participar do seu poder, da sua justiça e da sua misericórdia, dando-lhe a investidura de vosso Mestre, encarregando-o de presidir à formação da Terra, de a guiar e conduzir, com tudo

o que nela se move e existe, com a humanidade que a habita, pelas vias do progresso físico, moral e intelectual, incumbindo-o de vos levar à perfeição que haveis de atingir.

Deus fez e faz que *seu Espírito* constantemente sobre ele pouse, comunicando-lhe *diretamente* a inspiração.

Pelo desempenho da sua missão terrena, Jesus *anunciou às nações* a justiça, mostrando-lhes *a única linha de proceder segura e reta* que conduz ao fim colimado. Ainda agora, chegados os tempos da era nova e regeneradora do Espiritismo, ele anuncia a justiça às nações por intermédio dos Espíritos do Senhor, os quais, em seu nome, desenvolvem e explicam, *em espírito e em verdade,* a boa nova que ele em pessoa pregou aos homens. Esses Espíritos também mostram a todos, novamente, aquela linha de proceder segura e reta, iluminando, em nome do E*spírito da Verdade,* a estrada do progresso, por onde todas as criaturas, tendo a guiá-las a luz espírita que se irradia do facho da verdade, podem avançar com passo firme, cultivando a ciência, a caridade, o amor: selos da aliança entre a fé e a razão.

Estas palavras do profeta, referentes a Jesus: *Ele não discutirá, não gritará e ninguém lhe ouvirá a voz na praça pública,* encerravam uma alusão ao hábito que tinham os Hebreus de se reunirem nas praças públicas a fim de deliberarem sobre assuntos graves, procurando cada um abafar com a voz a dos seus adversários, para que sua opinião prevalecesse. Jesus não discutiu *desse modo,* não gritou. Ninguém lhe ouviu *assim* a voz nas praças públicas. Ele, como já se vos tem dito, falou *com autoridade,* mas não da maneira por que falavam os escribas e os fariseus.

O "caniço já quebrado", a "mecha ainda fumegante" significam "os Espíritos culpados", nos quais uma tendência, por muito fraca que seja, há sempre para se melhorarem.

Jesus *"não acabará de partir o caniço já quebrado, não apagará a mecha ainda fumegante"* como nunca o fez, porque, tendo todos os Espíritos que alcançar a meta, ele a nenhum culpado repele, *até que venha a justiça,* isto é: até que o Espírito, pela expiação, se despoje dos vícios que o tornam injusto, impuro. Assim como dais a Jesus o qualificativo de *justo,* na significação de *puro,* do mesmo modo, *aqui,* o termo *injusto é* empregado como sinônimo de *impuro.*

Não acabará de partir o caniço já quebrado e não apagará a mecha ainda fumegante, *enquanto não alcance a vitória da justiça.* Estas últimas palavras querem dizer: enquanto os Espíritos que encarnam na Terra não se tenham purificado, seja nesse planeta, *ao tempo da sua renovação,* seja nos mundos inferiores, para onde serão mandados a expiar suas faltas, durante séculos, os que, *naquela época,* se conservarem culpados e rebeldes. Sendo certo, porém, que todos os Espíritos hão de chegar ao fim para que foram criados, certo é também que Jesus não acabará de partir o caniço já quebrado, nem apagará a mecha ainda fumegante. Os que, *na época da renovação da terra,* se conservarem culpados e rebeldes, verão claramente que no endurecimento de suas almas e na sua voluntária cegueira está a causa de serem degredados para mundos inferiores. Neles se manifestará então, sob a ação do terror da expiação, do pesar e do remorso, uma tendência, por mais fraca que seja, para se melhorarem.

*E as nações nele porão suas esperanças. Signi*ficam estes dizeres que todos compreenderão ser a sua moral *a única* que pode obrigar os homens a progredir. Todos confiarão na sua influência para atingir a perfeição. A revelação atual abre e inicia esta fase nova.

As palavras do profeta Isaías tinham de cumprir-se com relação aos fariseus que conspiravam contra

Jesus, por isso que eles eram "o caniço já quebrado" que o Mestre "não acabaria de partir"; e seriam, depois da morte, "a mecha ainda fumegante" que o Cristo não apagaria, porquanto lhes cumpria, como a todos os Espíritos, purificar-se pela expiação, despojando-se dos vícios que os faziam *injustos.*

E para que tais palavras se cumprissem mais depressa, Jesus proibiu aos doentes que o acompanhavam e foram por ele curados *que o descobrissem.* Fazendo-lhes essa proibição, queria o Mestre evitar que aqueles Espíritos culpados, excitando-se ainda mais, mais culpados se tornassem, expondo-se, conseguintemente, a expiações ainda mais duras.

MATEUS, Cap. XII, v. 22-28. — MARCOS, Cap. III, v. 20-26

Subjugado. — Cego e mudo por efeito da subjugação. — Blasfêmias dos fariseus. Reino dividido

MATEUS: V. 22. Apresentaram-lhe então um homem cego e mudo, possesso do demônio. Ele o curou, de sorte que o homem começou a ver e a falar. — 23. A multidão estupefacta perguntava: Porventura é este o filho de David? — 24. Os fariseus, porém, ouvindo isto, diziam entre si: Ele expulsa os demônios por Belzebu, príncipe dos demônios. — 25. Jesus, conhecendo-lhes os pensamentos, disse: Todo reino que se dividir contra si mesmo será destruído e toda cidade ou casa que se dividir contra si mesma não subsistirá. — 26. Ora, se Satanás expulsa a Satanás, está ele dividido contra si mesmo; como poderá então o seu reino subsistir? — 27. Se é por Belzebu que expulso os demônios, por quem os expulsam vossos filhos? Estes, por isso mesmo, é que serão os vossos juízes. — 28. Mas, se expulso os demônios pelo Espírito de Deus, é que o reino de Deus veio até vós.

MARCOS: V. 20. Entraram em casa e ai se aglomerou tão grande multidão que nem sequer podiam comer. — 21. Ao saberem disso os parentes de Jesus vieram para se apoderarem dele, dizendo que perdera o juízo. — 22. Os escribas vindos de Jerusalém diziam: Ele está possesso de Belzebu e expulsa os demônios pelo príncipe dos demônios. — 23. Jesus, porém, tendo-os chamado, lhes dizia por parábolas: Como pode Satanás expulsar a Satanás? — 24. Se um reino estiver dividido contra si mesmo, não poderá subsistir. — 25. Se uma casa está dividida contra si mesma, não pode subsistir. — 26. Se, pois, Satanás se rebelar contra si mesmo, estará dividido, não poderá subsistir e terá fim.

N. 159. Aquele homem ¨possesso do demônio¨, isto é: subjugado por um mau Espírito, estava cego e mudo por efeito da subjugação.

O Espírito obsessor, lançando-lhe sobre os órgãos da visão e da audição os fluidos de que dispunha, combinando seu perispírito com o do subjugado, lhe paralisara aqueles órgãos e o deixara, por essa forma, privado momentaneamente do uso das faculdades de ver e ouvir.

Jesus o curou pela ação da sua poderosa vontade, afastando o obsessor. Por meio da ação magnética restituiu ao estado normal, instantaneamente, graças aos fluidos que penetraram no homem, os órgãos sobre que atuava o Espírito mau.

O homem, que se achava cego e mudo por efeito da subjugação, expiava *desse modo* graves abusos da palavra anteriormente cometidos e expiava também o não ter sabido aproveitar-se da luz que se lhe concedera.

A multidão, presenciando um fato que não lograva compreender nem explicar, tomada de espanto e de admiração, perguntava: *Porventura este é o filho de David?* porque predito fora que o maior dos profetas descenderia da linhagem de David e ainda porque as interpretações hebraicas consideravam o *filho de David* como um libertador material.

As palavras que Jesus dirigiu aos escribas e aos fariseus e bem assim as que, com relação a ele, proferiram os que eram, *no entender dos homens, ou* se intitulavam seus parentes, alcançavam tanto o presente quanto o futuro; tinham, *pois,* um alcance tanto espírita, quanto evangélico. Foram ditas como lição, com ensino, *necessário, naquele momento,* aos apóstolos e aos discípulos; como ensino, como lição que frutificariam no futuro, na época atual do Espiritismo, assinalada pelo advento da nova revelação. As épocas se ligam e, quanto mais avançardes, tanto melhor compreendereis a ligação que existe entre o *aparecimento* de Jesus na terra e a presente manifes-

tação dos Espíritos. Tal aparecimento, como o sabeis desde que vos revelamos a origem do Mestre, foi uma manifestação espírita produzida por aquele que, como protetor e governador do vosso planeta e da sua humanidade, veio lançar os fundamentos básicos da vossa regeneração. A atual é *também* uma manifestação espírita. Produzem-na os Espíritos enviados ao vosso meio, para *continuarem e desenvolverem* a obra do Messias.

Jesus, para que o compreendessem e sobretudo o escutassem, apropriava sua linguagem ao estado das inteligências, às idéias em voga, aos preconceitos e tradições dos homens a quem falava. Por isso é que empregava as expressões *Belzebu, Satanás, príncipe dos demônios, diabo,* que para ele não tinham, como não devem ter para os homens, quando compreendidas *em espírito e em verdade* (vós o sabeis), mais do que um sentido figurado, servindo para designar os Espíritos maus que, depois de haverem falido na sua origem, conforme já o explicamos, permanecem nas sendas do mal, praticando-o contra os homens.

Acusado de usar dos poderes do Espírito das trevas para realizar as obras admiráveis que praticava, Jesus aponta aos fariseus e aos escribas, que o acusavam, seus próprios filhos, Hebreus como eles, dotados daquela faculdade, se bem que em grau muito inferior.

De fato, entre os Hebreus, havia alguns homens de escol, Espíritos em missão naquele meio, como há *sempre,* em todas as nações, para mostrarem "o melhor" no centro mesmo do que exista de "pior".

Havia homens sinceramente piedosos, que *de coração* obedeciam à lei de Moisés, tendo em vista servir a Deus. Estes conseguiam, algumas vezes, *por meio da prece e da perseverança,* afastar os Espíritos malfazejos, que se manifestavam pela obsessão, ou pela subjugação.

Como já o explicamos (n. 126), esses filhos dos homens se purificavam e elevavam acima de seus pais, constituindo-se assim os juízes naturais destes últimos.

Hoje, vós outros espíritas sois acusados pelos escribas e fariseus vossos contemporâneos, como Jesus o foi pelos de outrora, de obrar sob *influência diabólica.* Nós vos repetimos o que dizia Jesus: Nenhum reino dividido contra si mesmo pode subsistir.

Vós, filhos dos homens, podeis, pela fé, pela prece, pela sabedoria, aliviar vossos irmãos sofredores e repelir os Espíritos de trevas que venham instalar-se entre vós. Tratai, pois, de adquirir a elevação de pensamento, de dominar a carne, de levar a efeito a renunciação, meios pelos quais transformareis a prisão carnal, em que vos achais encerrados, numa veste flexível e maleável, e lograreis, cada vez em maior escala, expulsar os Espíritos maus e, ao mesmo tempo, purificar-vos, preparando, para as gerações que vos hão de suceder, guias esclarecidos que as conduzirão facilmente ao termo da viagem.

Coragem! praparai-vos, purificai-vos e não esqueçais *nunca* que um reino, que se divide contra si mesmo, não pode subsistir. Uni-vos e caminhai desassombradamente sob o estandarte que vos fizemos arvorar. Segui-o sempre, que nós marchamos à frente.

Mas, se eu expulso os demônios pelo Espírito de Deus, dizia Jesus, é que o reino de Deus veio até vós.

A expressão — *Espírito de Deus* — considerada em relação a Jesus, significa, tirado da letra o espírito, a influencia *direta* que o Senhor sobre ele exerce. *Em relação ao homem,* vós espíritas deveis compreendê-la como designando os *Espíritos* purificados que o Senhor vos envia, na qualidade de medianeiros entre a sua vontade e os vossos Espíritos.

Deus, o Senhor onipotente, é, como sabeis pelo que já vos dissemos, uno, único, indivisível. Esse o grande segredo que só *revelaremos inteiramente* quando houver soado a hora. Eterno, infinito, ele reina sobre todos os universos, na imensidade sem limites. Criando contínua e eternamente, é o pai de tudo e de todos, de tudo o que é, no infinito.

Para todos os mundos promulgou a lei imutável do progresso, mas a cada mundo deu a constituição que lhe era apropriada. Nem todos têm que passar humanamente pelas mesmas fases. Assim como há Espíritos (conforme já o explicamos) que nunca faliram, também há mundos que se conservaram sempre fluídicos e outros mais ou menos materiais, de acordo com as necessidades dos Espíritos a cuja habitação se destinam.

Quando chegar a ocasião de vos dizermos o que significam, *em espírito e em verdade,* estas palavras de Jesus: "Há muitas moradas na casa de meu pai", dar-vos-emos, acerca da natureza dos mundos, explicações que não damos agora, porque nos fariam sair do circulo em que presentemente nos devemos manter.

Cada mundo, cada planeta (já o dissemos), tem um Espírito de pureza perfeita encarregado de o dirigir e fazer progredir, depois de lhe haver presidido à formação. Tais Espíritos são perfeitos, não só do ponto de vista moral, como também do saber, considerado este em face da obra, da missão que lhes foram confiadas. Eles estão sempre em relação *direta com* Deus, podem aproximar-se do *foco universal e,* por intermédio deles, é que as vontades do Senhor onipotente se transmitem aos grandes Espíritos primeiramente e deste, passando pelos sucessivos graus da escala espírita, aos homens, por intermédio de seus anjos de guarda e dos bons Espíritos, com a rapidez do pensamento. E desse modo que o Espírito de Deus obra e desce até vós.

Jesus, que tem a seu cargo a direção da Terra e da humanidade, é um dos que podem aproximar-se daquele foco, sendo, como já o explicamos, de uma essência que se conservou sempre pura, de perfeita e imácula pureza, visto que jamais faliu.

É quem, como *servidor* de Deus, vosso *e nosso* Mestre, preside aos destinos do planeta terreno, quem o governa e lhe acompanha a marcha com paternal solicitude.

Em relação direta com o Senhor, do mesmo modo que aqueles de seus irmãos que, sendo-lhe iguais em pureza, desempenham missões análogas à sua, ele recebe, *sem intermediários,* as vontades do onipotente. Neste sentido é que se pode dizer que só o pai conhece o filho *e só o* filho conhece o pai.

Inclinai-vos com respeito, reconhecimento e amor diante desse Salvador cheio de devotamento que, desde o instante em que o vosso globo saiu dos fluidos espalhados na imensidade, em que esses fluidos, para formarem um mundo, se reuniram pela ação da sua vontade *divina,* divina no sentido de ser ele órgão *de Deus,* velou sempre por vós com solicitude, através de todas as fases por que hão passado os vossos Espíritos, atraindo sempre, pela sua poderosa simpatia, para a Terra e para a humanidade, a proteção do Todo-Poderoso.

Amai, amai com todas as forças de vossa alma a Jesus que, *para surgir* as *vistas dos homens,* aceitou a encarnação, tomando um corpo fluídico, de cuja natureza e propriedade já tratamos, a fim de lançar as bases, os fundamentos da obra de vossa regeneração. Amai, amai com todas as veras da vossa alma a Jesus, que aceitou a encarnação, sendo embora de uma perfeição que se perde na noite das eternidades; que a aceitou, embora nunca houvesse merecido encarnar, como expiação, ainda que em mundos elevados, porquanto chegou à perfeição sem jamais

haver falido. Ele não teve que sofrer, por expiação, repetimos, a encarnação, mesmo em mundos elevados, onde se exilam, para resgatar suas faltas, por mais leves que sejam, os Espíritos que se conservaram puros na via do progresso até alcançarem grande elevação, mas que vieram a falir, se bem que ligeiramente, visto que diante do Senhor onipotente só a perfeição sem mancha alguma pode apresentar-se.

A menor fraqueza, tão mínima que com os vossos órgãos de percepção sois incapazes de a apreciar, constitui uma falta que o Espírito, adiantado no caminho do progresso, reconhece imediatamente e expia, por meio de uma encarnação mais ou menos material, mais ou menos fluídica, conforme ao grau do seu adiantamento, à extensão ou à gravidade da mesma falta. Todo castigo é adequado ao erro cometido. Uma falta que, por demasiado sutil, vos escapa, é uma ofensa ao Senhor onipotente e não escapa ao Espírito que, já bastante elevado, tem dela consciência antes mesmo de germinar, por assim dizer, no seu íntimo, e que se exila para expiá-la, privando-se temporariamente dos gozos infinitos do Espírito puro e livre.

Amai, amai com todas as forças de vossa alma a Jesus que, continuando a sua obra de regeneração, vem hoje de novo para, por meio da revelação atual, pelo Espírito da Verdade — estrada contínua de progresso moral e intelectual — conduzir-vos, de degrau em degrau, até ao Deus único e eterno, rei do céu e da terra, a quem deveis a homenagem e o tributo das vossas adorações.

"Mas, se expulso o demônio pelo Espírito de Deus, é que o reino de Deus, dizia Jesus, veio até vós."

O reino de Deus vem para aquele que, afinal, encontra o caminho que leva mais diretamente ao fim.

Para os Judeus endurecidos e prevaricadores da lei de Moisés, que por eles fora ainda mais deformada do que a lei do Cristo o foi pelo Catolicismo, aquele reino viera, a fim de que os que preparavam para si mesmos longa e dolorosa expiação achassem aberta diante de si a porta da esperança e o meio de chegarem ao bem pela linha mais curta.

O reino de Deus veio ainda para os que, em vez de simplesmente seguirem a lei de Jesus, o que fora bastante, *a amoldaram,* arrastados pelo orgulho e pelo egoísmo, às suas impurezas, fazendo de uma lei tão pura — *para uns* (os que se servem da religião como de um meio, os que só a praticam exteriormente e a afeiçoam às suas necessidades) elástica vestimenta, dentro da qual pudessem executar os movimentos mais desregrados; *e, para os outros,* uma geena a lhes tolher os movimentos numa constrição dolorosa. Estes últimos, no nosso entender, são os que tomam ao sério a religião, mas que, dotados de pouca inteligência, se adstringem a carregar todo o peso *do jugo que lhes é imposto,* por maior que seja esse peso.

Também para vós veio o reino de Deus, porquanto, depois de termos nós, os apóstolos e discípulos de Jesus, trabalhado no caminho que ele abrira, hoje, com a nova revelação e ajudados pelos nossos irmãos, os outros Espíritos do Senhor, o limpamos dos juncos, dos espinhos, das pedras agudas, estendendo-vos ao mesmo tempo as mãos para vos ajudarmos a avançar nele, tirando a venda aos que ainda têm a vista fraca e fazendo brilhar a luz para os que já a podem suportar.

Esperai: o reino de Deus se aproxima cada vez mais e cada vez maiores esplendores seus vos vamos mostrando. Aguardai, porém, o terdes a vista bastante forte, a fim de que a sua luz não vos ofusque.

Fizemos que reunísseis aqui os v. 20-26 de Marcos aos v. 22-28 de Mateus, para evitarmos repetições, visto que um e outro relatam nos mesmos termos a acusação dos fariseus e dos escribas, assim como as palavras com que Jesus lhes replicou.

Em várias ocasiões, em diferentes lugares e em circunstâncias diversas, os fariseus e os escribas acusaram a Jesus de ser agente de *Belzebu,* de *Satanás,* do *príncipe dos demônios,* do *demônio,* do *diabo.*

Assim é que o que Marcos refere no trecho acima transcrito não ocorreu na mesma ocasião e nas mesmas circunstâncias em que se passou o que consta na narração de Mateus. O que Marcos relata se deu quando Jesus acabava de escolher os doze apóstolos e de lhes conferir o poder de curar as enfermidades e expulsar os maus Espíritos, chamados "demônios".

"Ao saberem disso, diz o Evangelho, os parentes de Jesus vieram para se apoderarem dele, dizendo que perdera o juízo."

Sabeis, pois já o temos dito, que, durante a sua missão terrena, Jesus tinha que passar *e, para a sua família,* como *para os homens em geral,* passava por ser um homem *igual aos outros.* A revelação feita a Maria e a José tinha que permanecer e permaneceu secreta até ao termo daquela missão. Nessa época, por efeito da mesma revelação, que encerrava veladamente a da origem espírita de Jesus, origem que a revelação atual vos deu a conhecer, os homens fizeram do Mestre um Deus, pois que entraram a considerá-lo como parte e fração *do próprio* Deus.

Os Hebreus, pelo consórcio dos de uma tribo com os de outras, eram parentes quase todos, ou se intitulavam parentes uns dos outros. Em tais condições, Jesus, *no entender dos homens,* estava cercado de primos mais ou menos próximos.

Esses parentes, segundo os quais Jesus saíra do mesmo tronco que eles, achando-se nas mesmas condições de humanidade em que eles se encontravam, não podiam admitir que o Mestre se elevasse tão alto, que instituísse apóstolos e lhes desse *tais* poderes.

Eis porque resolveram apoderar-se dele, dizendo *que perdera o juízo,* que fora atacado de loucura.

Jesus personificava a doutrina que hoje *renasce* entre vós. Como sucede com todas as grandes e generosas idéias, ela foi mal compreendida. Daí veio a oposição que se lhe deparou, sobretudo entre os que, *segundo os homens,* desconhecedores da sua origem extra-humana, eram membros da sua família.

Não disse ele que ninguém é profeta no seu país? Não vedes, ainda agora, entre as famílias, muitos de seus membros apedrejarem os que não lhes seguem a rotina? O *homem nega tudo o que não compreende e condena tudo o que o embaraça ou assusta.*

Vós, espíritas, que, aceitando a nova revelação, saís da rotina, sois, *como o foi Jesus pelos seus parentes e pelos outros homens,* acusados de haver perdido o juízo, de estar atacados de loucura, dê vos achardes sob a influência demoníaca, segundo os escribas e os fariseus dos vossos dias. Como novos discípulos do Cristo, que, juntando à *palavra o exemplo,* pregais a doutrina do Mestre, que renasce explicada e desenvolvida *em espírito e verdade* pela nova revelação, oponde a essas acusações a paciência, a doçura, a indulgência, a firmeza, a coragem. Caminhai ousa-

damente. O Cristo vela por vós, vos protege e manda que os Espíritos do Senhor vos guiem os passos.

MATEUS. Cap. XII, v. 29-37. — MARCOS. Cap. III, v. 27-30. — LUCAS. Cap. XI, v. 21-23 e Cap. XII, v. 10

O forte armado. —Pecado remido. —Blasfêmia contra o Espírito Santo. — Tesouro do coração. Palavra ímpia. — Quem não está com Jesus está contra ele. —Pelo fruto é que se conhece a árvore

MATEUS: V. 29. Como poderá entrar alguém na casa de um homem forte e roubar-lhe as alfaias, se antes não o amarrar? Depois disto é que lhe pilhará a casa. — 30. Quem não está comigo está contra mim; quem comigo não entesoura — dissipa. — 31. Eis porque vos digo: Todos os pecados e todas as blasfêmias serão perdoados aos homens, menos a blasfêmia contra o Espírito Santo, que não o será. — 32. O que alguém disser contra o filho do homem ser-lhe-á perdoado; mas, não terá perdão nem neste século nem no futuro o que alguém disser contra o Espírito Santo. — 33. Se uma árvore for boa, bom será o seu fruto; se for má, seus frutos serão maus, visto que pelo fruto é que se conhece a árvore. — 34. Raça de víboras, como podeis, sendo maus, dizer boas coisas, uma vez que da boca só sai o que abunda no coração! — 35. O homem que é bom tira boas coisas de bom tesouro e o homem mau tira coisas más de mau tesouro. — 36. Ora, eu vos digo que os homens, no dia do julgamento, prestarão contas de toda palavra ociosa que houverem proferido. — 37. Porque serás justificado pelas tuas palavras e pelas tuas palavras serás condenado.

MARCOS: V. 27. Ninguém pode entrar na casa de um homem forte e lhe roubar as alfaias, se antes o não manietar; só depois disso conseguirá pilhar-lhe a casa. — 28. Em verdade vos digo que aos filhos dos homens serão perdoados todos os pecados que hajam cometido e todas as blasfêmias que tenham proferido; — 29, mas, aquele que houver blasfemado contra o Espírito Santo não terá perdão na eternidade, será réu de eterno delito. — 30. Jesus falava assim, porque diziam: Ele está possesso de um Espírito impuro.

LUCAS: V. 21. Quando um homem forte guarda armado a entrada de sua casa, em segurança está tudo o que ele possua. — 22. Porém, se outro mais forte vem e o vence, levará consigo todas as armas em que ele confiava e se apossará dos seus haveres. — 23. Aquele que não está comigo está contra mim e aquele que comigo não entesoura dissipa.

XII, V. 10. Se alguém falar contra o filho do homem, isso lhe será perdoado; mas, não terá perdão aquele que blasfemar contra o Espírito Santo.

N. 160. Jesus, como já o temos dito muitas vezes, falava aos homens daquela época a linguagem que lhes era adequada, a linguagem que, convindo ao momento, não comprometia o futuro, que, ao contrário, o preparava, salvaguardando-o. Para ser compreendido e impressionar a imaginação dos daquele tempo, usava de imagens materiais, que todas encerravam uma advertência, uma lição, um ensinamento.

Ele o disse: *o espírito é que vivifica; as palavras* que vos digo são *espírito e vida.* Para vós outros, chamados a receber a nova revelação e a compreender, por meio desta, o sentido e o alcance de tais palavras, é que elas foram pronunciadas. Sabei, portanto, tirar *sempre da letra o espírito,* a fim de apreenderdes o pensamento do Mestre, o sentido *verdadeiro* de seus ensinos.

Dizendo o que consta nos v. 29 de Mateus e 27 de Marcos, aludia Jesus ao pecado que, pondo cerco ao homem, o rodeia de seduções para dele se apoderar. E, uma vez que o haja empolgado, o despoja de todas as virtudes. Aquelas palavras eram, pois, *emblemáticas.*

(V. 21 e 22 de Lucas). O homem pode estar certo de vencer, desde que se mantenha forte contra si mesmo, vigilante sobre a sua consciência, sempre pronto a

combater os maus instintos, os maus pendores e as más paixões. Se, porém, se descuida, se se entrega à voluptuosidade, ao sono da consciência, nele penetram os vícios, o maniatam com suas perniciosas algemas e o escravizam. Tomam-lhe uma a uma *as ar-mas,* arrancando-lhe uma a uma *as boas resoluções,* as virtudes e, depois de o terem suplantado, voltam contra ele as suas mesmas armas, porquanto as virtudes perdidas se tornam vícios.

Quem não pratica o mal deve praticar o bem que lhe é oposto, por isso que quem negligencia em praticar o bem inevitavelmente cai no mal, que lhe é oposto. Aquele a quem falta a caridade não é egoísta, orgulhoso? Aquele que se esquece do seu Deus não se torna ímpio? O mesmo se dá com todas as virtudes que não são praticadas. Tomam-lhes o lugar os vícios, que elas, se cultivadas, destruiriam.

Estas palavras (Lucas, v. 22): *"e se apossará de seus haveres"* não são emblemáticas *relativamente às inteligências para as quais falava o Mestre;* são o complemento da *figura material* que ele apresentava *aos Hebreus.* Quem quer que, como ladrão, penetra na casa de outrem, o desarma e amarra, há de ter necessariamente um objetivo material. Por essa razão é que Jesus acrescentou: *e se apossará dos seus haveres.* Sem este acrescentamento os Judeus não teriam compreendido o motivo do proceder do ladrão, desde que do seu ato não colhia qualquer proveito.

Certamente os vícios que substituam as virtudes no coração daquele que adormece, confiante em si mesmo, não tiram proveito das virtudes destruídas, mas *tiram-no* da destruição delas, do seu banimento do coração em que floresciam, no sentido de que assim logram penetrar lá, onde, de outro modo, não teriam acesso, logram alojar-se lá onde não teriam entrado. *Despojam, portanto,* as virtudes do asilo que lhes fora preparado.

(V. 30 de Mateus e 23 de Lucas). *"Quem não está comigo está contra mim",* declarou Jesus. Quer isso dizer: quem não segue a lei do Cristo, isto é, a doutrina moral que ele personificou, dela se aparta. Logo, está contra ele, pois que trilha senda oposta à que foi por ele traçada.

E quem comigo não entesoura — dissipa. Aquele, que não caminha pela estrada que Jesus abriu, não reunirá os tesouros que o Senhor reserva para os justos. Desviando-se dessa estrada, dissipa esses tesouros e perde precioso tempo.

(V. 31 e 32 de Mateus, 28 e 29 de Marcos, 10 de Lucas). Não vos admireis das ligeiras diversidades que se notam entre as três narrativas. Cada um desses evangelistas registrou palavras ditas por Jesus em lugares e ocasiões diferentes. Elas se encontram aqui reunidas unicamente para não estarmos a repetir explicações de ensinamentos dados quase que nos mesmos termos e para melhor fazermos realçar o pensamento do Mestre, tirando-o do conjunto das lições.

Como deveis compreender, Jesus repetia muitas vezes, aos Hebreus que o cercavam, os mesmos ensinos, sem contudo usar sempre das mesmas palavras. Ele, dizemo-lo mais uma vez, apropriava a lição à inteligência, às necessidades dos que a recebiam. Dai as ligeiras diferenças que se notam nas Escrituras. Cada evangelista narra fatos mais ou menos semelhantes ocorridos com pequenos intervalos, mas cujas particularidades não coincidem precisamente. Cada um, dentro do quadro que lhe foi traçado, relata, debaixo da inspiração mediúnica, o que viu, ou ouviu, ou soube por informação.

Disse Jesus:

"Todos os pecados e todas as blasfêmias serão perdoados aos homens, menos a blasfêmia contra o Espírito Santo, que não o será. O que alguém disser contra o filho do homem ser-lhe-á perdoado,

mas não terá perdão, nem neste século, nem no futuro, o que alguém disser contra o Espírito Santo." (MATEUS, 31 e 32). — "Em verdade vos digo que aos filhos dos homens serão perdoados todos os pecados que hajam cometido e todas as blasfêmias que tenham proferido, mas, aquele que houver blasfemado contra o Espírito Santo não terá perdão na eternidade, será réu de eterno delito. " (MARCOS, v. 28 e 29). - "Se alguém falar contra o filho do homem, isso lhe será perdoado, mas não terá perdão aquele que blasfemar contra o Espírito Santo." (LUCAS, v. 10).

Por essa forma Jesus patenteava, em primeiro lugar, a diferença que há entre ele, não obstante a sua essência preciosa, a sua origem e a sua posição espíritas, e o Senhor onipotente.

Sabeis que, no entender dos Judeus, *o Espírito Santo* era a inteligência *mesma* de Deus. Falando, pois, *ali,* da blasfêmia contra *o Espírito Santo,* Jesus se referia à blasfêmia contra o Senhor onipotente que reina sobre todos os universos.

Consiste a blasfêmia em negar a Deus, em acusar de injustiça ou erro aquele que é todo amor, ciência e justiça, que é a verdade absoluta. Que crime se pode a esse comparar? A blasfêmia contra Deus não constitui a maior ofensa que se lhe possa fazer?

Se, numa família, os filhos se revoltam contra o irmão mais velho, ainda que este represente o pai, cometerão falta menor do que se insultarem o próprio pai, se o injuriarem. A mesma relação, pelo que respeita a Jesus, podeis estabelecer, lembrando-vos de que ele personifica a moral que pregou mais por exemplos do que por palavras.

Quanto a uma ameaça de penas eternas, feita pelo Mestre, não existe. Para os Hebreus, de acordo com os seus preconceitos, tradições e escrituras, os termos: — *eternidade, na eternidade, eterno, eternamente,* tinham dois sentidos, podiam ser tomados em duas acepções diversas. No sentido absoluto, quando empregados *relativamente a Deus,* desig-

navam a eternidade propriamente dita. No sentido relativo, quando empregados com *relação aos homens,* designavam uma duração imensa, mas, por maior que fosse, limitada, condicionada a ter fim[9].

Ora, proferindo as palavras que acima citamos, constantes nos v. 10 de Lucas, 28 e 29 de Marcos, 31 e 32 de Mateus, palavras que a nova revelação explicaria umas pelas outras, tornando-as, quando reunidas todas, compreensíveis *em espírito e em verdade;* exprimindo-se daquele modo, Jesus entregava às interpretações humanas o conjunto delas. Os homens as *interpretaram falsamente,* dando ao vocábulo *"eternidade"* sentido *absoluto,* quando o Mestre o empregara em sentido *relativo.*

Não compreenderam que, no pensamento do Mestre, se tratava de uma *eternidade relativa,* de "mais de um século", de "mais do que o século vindouro", modo pelo qual objetivava ele dar uma idéia da extensão do castigo, da sua duração imensa, qualquer que fosse a palavra dita contra Deus, na intenção de negá-lo, de o acusar de injustiça ou de erro.

Não censureis, já o temos dito muitas vezes e repetimos, os que erroneamente interpretaram as palavras de Jesus. Tudo tem a sua razão de ser. As falsas interpretações humanas, devidas ao estado das inteligências, às necessidades da época e dos tempos que se seguiriam, serviram, como condição e meio de progresso, à atualidade de então e prepararam o futuro que se abre ante vós pela nova revelação.

Jesus se dirigia a homens cuja imaginação precisava ser despertada. Vede que o mesmo ainda hoje se dá: não usamos de idêntica linguagem para com todos vós. Adaptamo-nos muitas vezes às vossas

---

[9] Êxodo, XV, v. 18; Miqueias, IV, v. 5; Esdras, II, v. 3; Josué, XIV, v. 9; Isaías, LVII, v. 16 (segundo a Vulgata).

fraquezas, aos vossos preconceitos, a fim de vos conduzirmos gradualmente às verdades que, reveladas de chofre, poderiam determinar o vosso afastamento. Jamais chocamos inutilmente as crenças humanas, enquanto possam conciliar-se com o progresso da humanidade. Mas, desde que um Espírito fraco se apegue fortemente a tal ou tal dogma, a tal ou tal cerimônia, nós lhe dizemos: "O culto que agrada ao Senhor é *unicamente o* culto que vem do coração; a *seus olhos* nenhum valor têm os atos *exteriores".* Inversamente, ao homem fraco, que necessite de um apoio para sua crença, de uma barreira que o impeça de transpor certos limites, dizemos: "Servi, em consciência, ao Senhor; praticai com regularidade e devida atenção o vosso culto, qualquer que ele seja; cumpri zelosamente as vossas obrigações exteriores; mas, por isso, não vos descuideis do culto da alma, grato ao Senhor. Sois fraco e tendes necessidade de amparo; buscai-o onde costumais encontrá-lo; mas, buscai também o dos vossos amigos, os Espíritos do Senhor, que vos cercam e auxiliam, que sabem ser um único o objetivo que deveis alcançar: a felicidade na vida futura e a paz na presente existência".

Desta maneira conformamos os nossos ensinos com os preconceitos e fraquezas humanas. Para que, porém, não haja obscuridade nas nossas palavras, declaramos: *Jamais os* conformamos com os *erros e faltas.* Falamos a uns com doçura, a outros com severidade, apropriando nossa linguagem ao caráter e às disposições de cada um.

Ora, Jesus que era sábio por excelência, *soube,* muito melhor do que nós, tornar a lição compreensível, de modo oportuno e útil, aos Espíritos obstinados que o ouviam.

Não, não há, da parte de Jesus, ameaça de *penas eternas.*

Compreendei bem, portanto, estas palavras:

"Aquele que houver blasfemado contra o Espírito Santo não achará perdão *na eternidade,* será réu de um delito eterno; não terá perdão *nem neste século,* nem no futuro."

Ele apropriava a palavra à inteligência. A falta acarreta um castigo que podeis considerar *eterno,* tendo em vista *a medida* de que usais *para medir o tempo.* O Espírito rebelde, que blasfema contra o seu Deus, tem que sofrer longas provações para voltar ao cumprimento do dever. Esse ato inaudito denota no Espírito um sentimento de rebelião e de orgulho que o levará a muitas quedas. Não concebeis que as diversas categorias de delito impliquem a idéia de maior ou menor perversidade? Necessariamente, quem cometer certa falta que, comparada a outra, seja leve, está mais perto de se arrepender, é menos radicalmente vicioso, ficando entendido que a diferença de culpabilidade resulta da intenção e *não* da carência de oportunidade.

Não há caso algum em que o Espírito fique absolutamente excluído do perdão. Apenas, *relativamente,* semelhante exclusão existe para o culpado, pelo temor, que este experimenta, de que ela seja real, à vista do castigo e da sua duração. Esta nada é, em face da eternidade, mas se afigura ser *a própria eternidade* àquele que nada vê para lá dos limites acanhados da sua inteligência.

Não tendes ouvido Espíritos culpados dizerem, por entre gemidos, que se acham condenados a "penas eternas" e não sabeis que *a existência, neles, desta crença constitui um dos meios* de os levar ao *arrependimento?*

Não vedes como? Eis aqui: o rigor e a duração do castigo consomem as más energias do culpado. Cansado de sofrer, aterrorizado com a perspectiva de dores *sem fim,* ele se volta para si mesmo, olha com

desespero para o seu passado, conta todas as faltas, todos os crimes que o precipitaram no abismo e, por fim, exclama: "Se houvesse de recomeçar!" Os Espíritos que o cercam principiam então a intervir, impelindo-o a pesquisar se *terá que recomeçar e a* saber *como faria,* se, de fato, houvesse de recomeçar. Pouco a pouco o arrependimento lhe vai penetrando no íntimo, fazendo nascer a esperança do perdão. Ao influxo desta esperança, o arrependimento se desenvolve, a expiação passa a ser suportada com paciência e resignação. Depois, à medida que aquele se torna mais sincero e profundo, vem surgindo o desejo de reparar, de expiar e de progredir, com o auxílio de novas provações. E Deus perdoa e concede ao culpado, que se arrependeu e submeteu, a graça da reencarnação, a fim de que retome o caminho da reparação e do progresso.

Quando Jesus falava, ou os evangelistas nas suas narrações falam do Espírito Santo, esta expressão, como já sabeis, designa os Espíritos puros, os Espíritos superiores, os purificados, os bons Espíritos, que desempenham junto dos homens as funções de órgãos do Senhor, de seus mensageiros, ministros ou agentes, conforme o grau da elevação de cada um. Servindo-se da expressão *"Espírito Santo",* quando tratou da blasfêmia contra Deus, Jesus o fez porque, como também já o dissemos, os Judeus entendiam por *Espírito Santo* a inteligência mesma de Deus. Em última análise, tudo vem a dar no mesmo, num caso e noutro, por isso que os Espíritos elevados não são menos do que o reflexo da vontade do Senhor onipotente.

O homem que blasfema contra Deus é um rebelde às inspirações do seu anjo de guarda e dos bons Espíritos, incorre em culpa grave e não obtém perdão enquanto permanece culpado e rebelde, correspondendo *a eternidade* do castigo *à eternidade* da falta.

Se o Espírito permanecesse *eternamente* rebelde, seria réu de delito *eterno, jamais* obteria perdão na *eternidade, nem além dela,* para nos servirmos das expressões bíblicas. Mas, não pode ser e não *é assim.*

Por efeito da onipotência, da justiça, da bondade e da misericórdia infinitas do Senhor e de acordo com a promessa que Jesus fez, em nome do Deus de amor, na parábola do filho pródigo e quando disse: *Meu pai não quer que nenhum destes pequeninos pereça; — vim salvar o que estava perdido; — sede perfeitos como é perfeito vosso pai que está nos céus;* não há Espírito culpado e rebelde que, no curso da eternidade que se desdobra diante de si, não experimente o influxo das leis imutáveis do progresso e da perfectibilidade, do sofrimento e da expiação. Nenhum há que, usando do seu livre arbítrio, sob a ação da sua consciência, presa do remorso e do arrependimento, auxiliado, na erraticidade, pelos sofrimentos ou torturas morais adequados e proporcionados aos crimes e faltas cometidos, auxiliado pelas provações e expiações, deixe, *com o tempo e mediante a reencarnação,* de voltar ao aprisco como a ovelha tresmalhada; de voltar à casa paterna, como o filho pródigo, arrependido e submisso. Nenhum há que, purificado, não venha a ser *um dia* acolhido pelo pai da família, pelo Deus do amor e da misericórdia inesgotáveis.

(V. 33 de Mateus). *Se uma árvore for boa, bom será o seu fruto; se for má, seus frutos serão maus, visto que pelo fruto é que se conhece a árvore.* Por estas palavras dirigidas aos discípulos, Jesus lhes ensinava a conhecer os homens. Indubitavelmente, o homem de maus instintos praticará más ações. Se, porém, o virdes esforçar-se por fazer o bem, por cumprir os deveres que a humanidade impõe, podeis dizer: *"a árvore é boa".* E ficai certos de que, se for cultivada, melhor se tornará.

(V. 24 e 25 de Mateus). "Raça de víboras, dizia Jesus aos fariseus, como podeis, sendo maus, dizer boas coisas, uma vez que a boca fala do que abunda no coração? O homem bom tira boas coisas de bom tesouro e o homem mau tira coisas más de mau tesouro."

Pelos termos *"raça de víboras",* apropriados aos tempos e aos homens, designava Jesus aquela raça de Espíritos inferiores e orgulhosos, que *acreditavam* poder alcançar, *sem socorro,* o céu e que não queriam *receber* luz alguma. A palavra emerge do coração, quando exprime abertamente a maneira de pensar. Se, porém, oculta o pensamento, ou lhe dá a aparência da doçura, sendo ele agressivo, a palavra é mentirosa, hipócrita e má. Por isso é que Jesus perguntava aos fariseus: *Como é que, sendo maus, podeis dizer boas coisas?* As palavras saem do tesouro do coração. Se o tesouro é mau, más serão as palavras e as ações, quer as primeiras exprimam *abertamente a* maneira de pensar, quer sirvam de disfarce à mentira, à hipocrisia ou à maldade.

(V. 36 e 37 de Mateus). "Ora, eu vos digo que os homens, no dia do julgamento, prestarão contas de toda palavra ociosa que houverem proferido. Porque sereis justificados pelas vossas palavras e pelas vossas palavras sereis condenados."

De acordo com o texto original judiciosamente interpretado, o que Jesus disse foi: "de toda a palavra *ímpia*".

As traduções preferiram os termos *"ociosas, inúteis"* para, dando maior extensão ao texto, fazerem que as palavras do Mestre abrangessem a todos e não somente aos blasfemadores. Essa alteração do original teve por efeito reprimir os costumes, pôr um freio à depravação da linguagem. Estendendo a sentença do Cristo até às palavras *ociosas,* circunscrevia-se a linguagem nos limites do necessário ou do justo.

Sendo mister coibir as conversações mais que levianas, capazes de desviar as inteligências do fim elevado que se lhes propunha, necessário era que se batesse com força para alcançar esse objetivo. Daí vem o ter-se mudado a palavra, a fim de dar maior alcance à frase.

O dia do julgamento, em que os homens *prestarão contas (já* o explicamos) é aquele em que o Espírito culpado, após a morte, faz uma introspecção, observa a sua passada existência, seus crimes ou faltas e, tocado pelo remorso e pelo arrependimento, sofre a expiação, inevitavelmente seguida da reencarnação.

Nota da Editora — Em algumas traduções encontramos a expressão — *Espírito Santo,* no versículo 31, de Mateus; noutras, porém, somente se encontra a palavra —*Espírito.*

MATEUS, Cap. XII, v. 38-42. — LUCAS, Cap. XI, v. 29-32

Prodígio pedido pelos fariseus. — Resposta de Jesus. — Prodígio de Jonas. —Ninivitas. Rainha do Meio-dia

MATEUS: V. 38. Então, alguns dos escribas e fariseus lhe disseram: Mestre, quiséramos ver um prodígio por ti feito. — 39. E ele lhes respondeu: Esta geração má e adúltera pede um prodígio; nenhum outro lhe será dado senão o prodígio do profeta Jonas. — 40. Assim como Jonas esteve três dias e três noites no ventre de uma baleia, também o filho do homem estará três dias e três noites no coração da terra. — 41. Os ninivitas se levantarão no julgamento contra esta geração e a condenarão, pois que eles fizeram penitência ao ouvirem a pregação de Jonas; e, aqui, há mais do que Jonas. — 42. A rainha do Meio-dia se levantará podia do juízo contra esta geração e a condenará, pois que ela veio dos confins da terra para escutar a sabedoria de Salomão; e aqui, há mais do que Salomão.

LUCAS: V. 29. Disse então à turba que o cercava: Esta geração é uma geração perversa; pede um prodígio; não lhe será dado outro diverso do do profeta lonas. — 30. Assim como Jonas foi um prodígio para os de Nínive, também o filho do homem será um prodígio para esta geração. — 31. A rainha do Meio-dia se levantará, no dia do juízo, contra os homens desta geração e os condenará, pois que ela veio dos confins da terra para escutar a sabedoria de Salomão; *e, aqui,* há mais do que Salomão. — 32. Os Ninivitas se levantarão no dia do juízo contra esta geração e a condenarão, pois que eles fizeram penitência, atendendo à pregação de lonas; e há, aqui, mais do que Jonas.

N. 161. Aquela geração, que resistia a todos os esforços empregados para conduzi-la ao caminho era

má e adúltera. Era *adúltera* no sentido de desprezar a fé no seu Deus para se entregar a práticas materiais.

Não *é* este o lugar de vos explicarmos como se deu o que os *homens consideraram* a passagem de Jesus da vida material para a morte e a sua volta à vida espiritual. Dizei-nos, porém, se a sua ressurreição, depois de três dias e três noites de morte *aparente,* mas *considerada* real *pelo vulgo,* não constitui um *"milagre",* idêntico ao que se *atribuiu a Jonas?*

Dizemos :— *que se atribuiu* a Jonas, porque o fato que com este se deu foi referido aos Hebreus ampliado, comentado e desnaturado. Houve, da parte do narrador, erro e falsa interpretação quando disse: "que Jonas fora *atirado ao mar;* que Deus preparara *um peixe imenso* para engolir o profeta; que este passou três dias e três noites *dentro de tal peixe;* que o Senhor *falou ao peixe e* que este pela boca deitou Jonas na praia".

Jonas não foi lançado ao mar. Esteve, sim, três dias e três noites a ferros no fundo do navio que o levava. Um marinheiro devotado de lá o tirou e trouxe num bote até à praia onde o deixou. Salvou-o, portanto, a dedicação de um homem, que serviu de instrumento à Providência, pois que, por influência e inspiração espíritas, cumpriu a vontade de Deus, libertando Jonas das cadeias que o prendiam, trazendo-o num bote do navio e depondo-o na praia. A credulidade e a atração que exerce no homem tudo o que revista o caráter de maravilhoso deram origem à crença num acontecimento miraculoso.

O peixe outro não era senão o navio a cujo bordo se achava Jonas e a boca do peixe — o bote que o depôs na praia.

Dizendo: "Assim como Jonas foi o prodígio para os Ninivitas, também o filho do homem será um prodígio para esta geração", Jesus se colocava, sem-

pre, no ponto de vista das crenças humanas, relativamente a Jonas e a si próprio.

Jonas, que era um homem igual aos *demais,* foi tido pelos Ninivitas como um ente excepcional na raça humana, visto que pudera *viver* dentro de um peixe e dali sair são e salvo, depois de haver passado lá três dias e três noites.

Para o vulgo, mesmo para os discípulos, Jesus era um homem *igual aos outros,* com um corpo de carne e ossos como os deles. Em tais condições, sua ressurreição e sua ascensão não podiam ser *mais compreensíveis,* nem *menos miraculosas* do que *a volta* de Jonas.

Vós, espíritas, que conheceis as causas e compreendeis, portanto, os efeitos, não podeis ver na *"ressurreição"* e na *"ascensão"* de Jesus mais do que uma conseqüência da sua missão e da sua organização fluídica. Uma e outra se explicam e tornam evidentes pela revelação, que vos trazemos, da origem espírita do Mestre, do seu aparecimento na terra e do corpo fluídico, ou perispirítico tangível, que ele tomou, com a forma ou aparência do corpo humano. Mas, *os homens daquela época,* repetimos, presenciando a "ascensão", o que viram foi um *corpo,* feito de *matéria* impura, elevar-se por si mesmo, para ir instalar-se eternamente lá onde tudo é *espiritual.*

Bem mais sensível era o milagre para os homens de então. Foi, por assim dizer, essa *impossibilidade* da reunião da matéria com a espiritualidade, que preparou a era em que entrais. Foi ela que, da crença nos *milagres,* afastou os pensadores. Tão inconcebível se lhes patenteou aquela reunião, que eles *procuraram* uma explicação possível para o fato e acabaram negando-o, por não poderem *acreditar* nele. *Todos,* porém, hão de aceitar a explicação simples e racional da tangibilidade conferida ao perispírito do Redentor.

Roto o véu, compreendeis agora que Jesus, desde o momento em que não quis mais conservar aquela tangibilidade, haja, sob a aparência do corpo humano, mantido a sua essência etérea; haja podido sair do sepulcro sem arrombamento, não ficando lá nenhum fragmento de corpo material humano; haja podido apresentar-se a muitas pessoas em diversos lugares e retomar a tangibilidade, quando isso se fez preciso; haja, finalmente, voltado à plenitude das suas faculdades espíritas quando; elevando-se na presença de seus discípulos, voltou para a esfera etérea donde se exilara voluntariamente para vos convencer e vos salvar de vós mesmos.

(V. 41 e 42 de Mateus, 31 e 32 de Lucas). Dizendo o que consta destes versículos, tinha Jesus a intenção de, como sempre, ferir a imaginação dos Judeus por meio de um paralelo entre a época das Escrituras e a em que ele falava.

Com relação aos Ninivitas: Está bem visto que a comparação não era possível e não foi feita por Jesus senão com os que haviam tirado proveito da pregação de Jonas, permanecendo nas vias do Senhor, depois de nelas terem entrado. Com os que a receberam e para logo a esqueceram não fora possível estabelecer comparação alguma.

Com relação à rainha do Meio-dia: A rainha de Sabá viera das montanhas do Líbano, que, *para os Hebreus,* ficavam nos confins da terra, a fim de ouvir a Salomão, cuja grande reputação de sabedoria a atraíra. Depois de com ele haver conversado, de o ter ouvido, disse:

"Bem maiores do que a fama que chegou até mim são a tua sabedoria e as tuas obras. Felizes dos que te pertencem. Felizes dos teus servos, que estão sempre na tua presença e escutam a tua sabedoria! Bendito seja o Senhor teu Deus, que te dispensou as suas com-

placências, que te colocou no trono de Israel e te fez rei, para reinares com eqüidade e distribuíres a justiça."

Os Ninivitas que, aproveitando da pregação de Jonas, entraram e permaneceram nas vias do Senhor e a rainha do Meio-dia que, cedendo à impulsão que recebera, reconheceu a grandeza de Deus e a sabedoria daquele a quem Deus fizera rei, para reinar com eqüidade e distribuir a justiça, eram a condenação dos Judeus, que resistiam a todos os esforços de Jesus para os reconduzir ao bom caminho.

Depois de aludir às Escrituras, comparando o que elas narram com o que se passava em torno de si, Jesus chamou a atenção dos homens para a *superioridade* da sua missão, superioridade que só a nova revelação *patentearia,* na vossa época, *em espírito e em verdade,* e para a culpabilidade dos que se rebelavam contra suas palavras, seus ensinamentos, seus exemplos, dizendo: *E há, aqui, mais do que Jonas; e há* aqui *mais do que Salomão.*

Jonas e Salomão eram Espíritos em missão, mas de ordem inferior. Fora possível que Jesus se equiparasse a qualquer dos dois, sendo ele o Cristo de Deus e, como representante do Pai, o mestre, o rei do vosso planeta e da sua humanidade?

MATEUS, Cap. XII, v. 43-45. — LUCAS, Cap. XI, v. 24-28

Dever, que tem o homem, de resistir aos maus instintos, às más paixões. — Respostas de Jesus ao que, do meio do povo, lhe disse uma mulher

MATEUS: V. 43. Quando o Espírito impuro tem saído de um homem, vagueia pelos lugares áridos em busca de repouso e não o encontra. — 44. Diz então: "Voltarei para a casa donde saí". E, voltando, a encontra vazia, limpa e ornada. — 45. Parte então de novo, arrebanha sete outros Espíritos ainda piores do que ele, entram todos na casa e passam a habitá-la; e o último estado do homem fica sendo pior do que o anterior. Assim acontecerá com esta geração criminosa.

LUCAS: V. 24. Quando o Espírito impuro tem saído de um homem, anda por lugares áridos em busca de repouso. Não o encontrando, diz: Voltarei para a casa donde saí. — 25. E, voltando, a encontra varrida e ornada. — 26. Vai-se, então, de novo, reúne outros sete Espíritos mais malvados do que ele e, entrando todos na casa, lá se instalam. E o último estado do homem fica sendo pior do que antes. — 27. Ora, sucedeu que, quando ele dizia estas coisas, uma mulher, elevando a voz do meio do povo, lhe disse: Felizes o ventre que te trouxe e os seios que te amamentaram! — 28. Jesus, porém, disse: Mais felizes são os que ouvem a palavra de Deus e a praticam.

N. 162. Jesus fazia ver aos homens que lhes cumpria estar sempre em guarda contra as más paixões que, repelidas a princípio facilmente, voltam depois com mais força e maior tenacidade.

Tomai, se quiserdes, por emblema das más paixões, os Espíritos imundos, na linguagem dos Evangelhos, os maus Espíritos, cuja influência vos temos ensinado a evitar.

Aquele que, fraco de Espírito, cede com facilidade às más inspirações, por serem más as suas tendências, oporá, tomando boas resoluções, sério obstáculo aos esforços que empreguem os Espíritos malfazejos, no sentido de o arrastarem para o mal.

O Espírito que o influenciava se afasta e vai em busca de alguma outra inteligência que lhe seja mais fácil impressionar, a fim de se apoderar dela, tendo sempre, porém, debaixo das vistas aquele sobre quem exercia sua ação funesta e que fora obrigado a abandonar. Ora, assim note da parte deste um descuido, por menor que seja, um relaxamento das resoluções, volta prontamente a se apossar da sua antiga vítima. Se encontrar resistência, não podendo esta ser forte, pois que não nasce de um sentimento realmente puro, ele se obstinará e, se for preciso, chamará em seu auxílio os Espíritos inferiores, que o cercam e que o secundarão.

Não concluais, todavia, das nossas palavras que todas as vossas ações más, todos os vossos maus pensamentos sejam resultado de uma influência oculta. Se em vós não existir o gérmen do mal, não atraireis os Espíritos do mal. As vossas tendências, *boas ou más,* é que determinam a ordem dos Espíritos que virão grupar-se em torno de vós. Cercar-vos-ão os que simpatizarem com os vossos pendores.

Vigiai, pois, a todos os instantes os vossos mais secretos pensamentos, varrei cuidadosamente a vossa *casa,-* purificai a vossa alma e montai guarda à entrada do santuário, *a fim* de impedirdes a aproximação dos que não sejam dignos de nele penetrar. Vigiai e orai, oh! bem-amados, vigiai e orai.

(V. 43 de Mateus e 24 de Lucas). *Os lugares áridos* por onde erra o Espírito impuro, o mau Espírito, sem achar abrigo, são os homens purificados que não lhes dão entrada às sugestões.

Busca repouso e não o encontra. Busca uma ocupação condizente com os seus instintos, tendências, ou caprichos e não a encontra. Jesus, não o esqueçais, falava aos Judeus e os Judeus *acreditavam* que o Espírito impuro *habitava* no *subjugado. O* Mestre os deixava nessa crença, a fim de que ainda mais horror lhes inspirasse a "possessão". Ora, falando para ser compreendido por aqueles homens, era natural que lhes figurasse o Espírito impuro *a procurar repouso nos lugares áridos sem o encontrar,* isto é: a rondar os homens fortes e a encontrá-los surdos às suas instigações. Aí tendes, espíritas, na altura do vosso entendimento, *o espírito* despojado *da letra.*

Tentando penetrar *num homem,* cuja alma se ache bem guardada, e não o conseguindo, sendo forçado a afastar-se sem lhe deparar um lugar onde possa repousar, *aí tendes a lição na altura do entendimento dos Judeus a quem Jesus falava.*

(V.44 de Mateus e 24 e 25 de Lucas). Aquele que, embora por muito pouco tempo, expurga a alma dos maus pendores, dá imediatamente acesso aos sentimentos bons, que se opõem aos maus instintos. As virtudes são o ornamento da alma. É preciso que, quando o Espírito impuro, o mau Espírito queira voltar para a casa donde saiu, a encontre limpa e ornada. Nutrindo sentimentos de real pureza, conservai vossa alma firmemente inacessível aos maus instintos, às más inclinações, sugestões e instigações.

Ornai-a de virtudes para que o Senhor encontre nela morada digna dele, para que lhe seja grato ampliar cada vez mais o vosso progresso moral e intelectual, concedendo-vos sempre a assistência e as inspirações dos bons Espíritos, cujo amparo e concurso obtereis, atraindo-os para junto de vós.

Nenhuma relação têm as nossas palavras com o "sacrifício da Eucaristia". Não admitais que o corpo do homem possa servir de morada, nem eterna, nem

temporária, à divindade, como o pretende a Igreja, cujos erros todos provieram (já o temos dito) e provêm das interpretações por ela dadas às Escrituras, de as haver sempre interpretado *segundo a letra e* nunca segundo o espírito, com menosprezo da advertência do Mestre. Não admitais que *"o corpo e o sangue reais"* (expressões da igreja romana) do Salvador se possam equiparar aos alimentos humanos e ficar, desse modo, sujeitos às leis da digestão no corpo do homem. Não admitais que o perispírito tangível de que Jesus se revestiu temporariamente, atendendo às exigências e à duração da sua missão terrena, vaso precioso que continha uma essência ainda mais preciosa, formado de fluidos que, na época da chamada "ascensão", foram restituídos aos meios donde haviam sido tirados, possa estar submetido àquelas leis. Não admitais que o Espírito de Jesus, essência sempre pura, de pureza perfeita e imaculada, faça do corpo humano sua habitação, não.

A comunhão do Cristo, *simbolizada* pela ceia, foi, como vos explicaremos quando chegar a ocasião, um último e solene apelo por ele feito à fraternidade. A comunhão dos discípulos era um repasto *comemorativo, lembrança simbólica* daquela outra comunhão.

Cristãos de todas as seitas, católicos, protestantes, gregos, aprendei o que vos ensina a nova revelação que Deus vos manda e que vos trazemos em nome do Cristo, isto é: que para o Espírito tudo deve ser espiritual, que o homem recebe "o corpo e o sangue" de Jesus apenas *emblematicamente, "o* corpo" para lhe alimentar a alma, "o sangue" para lavá-la de suas impurezas, mas que a matéria de modo algum participa desse "sacrifício".

Que tomeis as vossas refeições antes ou depois de tal "sacrifício", pouco importa. Das superfluidades

humanas é que cumpre vos abstenhais antes do ato da "comunhão", que deverá *simbolicamente* aproximar o vosso Espírito do daquele que, fazendo a sua aparição na terra, se abaixou até vós para vos elevar. Tal a abstinência que deveis praticar. Com o intuito de vos *prepararde*s para *essa festa de família,* imponde-vos algumas privações que redundar possam em proveito, tanto material, como moral ou intelectual, de vossos irmãos. Imponde-vos mortificações morais; convidai para *o repasto* santo, três vezes santo, *aqueles que se houverem afastado de vós ou de quem vos houverdes afastado;* convidai-os pelo pensamento, se o não puderdes fazer de outra *maneira,* perdoando-lhes, de coração, as ofensas, tomando a resolução irrevogável de não mais guardar deles queixa alguma.

Praticai e renovai espiritualmente, em comum, esses repastos que os discípulos de Jesus realizavam, semelhantes ao em que haviam tomado parte com o Mestre e que continuaram a realizar até à época em que as paixões e os maus instintos forçaram a uma mudança, em bem da ordem, nas práticas seguidas, determinando a instituição da comunhão *aparente,* pois que quem se aproxima da mesa do Mestre, levando no coração um mau sentimento, incorre no crime de traição, como Judas Iscariotes.

Fazei o repasto *emblemático, comemorativo,* como o faziam os discípulos do Mestre. Fazei-o em comum, com *a intenção, o desejo* de praticar a fraternidade e praticando-a *com todos.* Convidai todos os vossos irmãos, Judeus e Gentios, abstraindo dos cultos que vos separem. Chegareis assim aos tempos preditos em que não se adorará mais o pai nem no monte, nem em Jerusalém; em que os homens, tornados todos espíritas *verdadeiros e,* portanto, verdadeiros irmãos, serão os adoradores do pai *em espírito e em verdade,* serão os verdadeiros adoradores que o pai quer ter.

Chegareis *assim* ao tempo em que não haverá mais do que um só rebanho com um só pastor — Jesus, o Cristo de Deus, vosso Mestre, protetor e governador do vosso planeta e da sua humanidade.

(V. 45 de Mateus). "Parte então de novo (o Espírito impuro), arrebanha sete outros Espíritos ainda piores do que ele, entram todos na casa e passam a habitá-la; e o último estado do homem fica sendo pior do que o anterior". Depois de pronunciar estas palavras, cujo sentido e alcance conheceis pelas explicações que vos temos dado, Jesus acrescenta: "Assim acontecerá com esta geração criminosa".

A recaída é pior do que a moléstia. A geração de que falava Jesus dispunha de todos os meios para se esclarecer e progredir. Parte dela, tocada pelas prédicas do bom pastor, tentara reformar-se. Mas, a boa semente caíra sobre pedregulhos: as más paixões, um instante sopitadas, voltaram com mais força à antiga habitação, tornando a expiação mais longa e mais dolorosa.

Que o mesmo não suceda com a geração a quem o Cristo hoje se dirige, mediante a nova revelação. Disse ele: *muito se pede àquele a quem muito se deu.* Ora, os que repelem a luz que se lhes apresenta, os que a apagam ou fecham os olhos para não a verem, terão que prestar muito maiores contas do que os que vivem na ignorância e nas trevas.

(V. 27 e 28 de Lucas). A mulher que elevou a voz do meio da multidão falou, como médium, sob a inspiração momentânea de um guia que, desse modo, abriu ensejo à resposta de Jesus. Tudo que pudesse servir para o ensinamento do povo fora previsto. As palavras da mulher tinham todo cabimento, do ponto de vista das crenças humanas de então, segundo as quais Jesus era filho de Maria e de José.

Realmente, o fato de haver Maria, *como os homens acreditavam,* gerado e amamentado a Jesus,

indicava da parte dela grande elevação. Esta porém, ela a alcançara antes que lhe fosse concedido desempenhar a missão de mãe do Salvador, ao passo que aqueles para quem Jesus pregava, pecadores e culpados, pouco até então haviam merecido, mas muito viriam a merecer, desde que recebessem com fé e pusessem em prática as preciosas lições que lhes eram dadas. Bem podia Jesus, portanto, dizer: *Mais felizes são os que ouvem a palavra de Deus e a praticam.* Ele antevia o progresso imenso que fariam os que *sinceramente* enveredassem pela nova estrada.

Também nós vos dizemos, oh! bem-amados: Felizes os que recebem a luz e se esclarecem com os seus raios, que escutam a palavra de Deus e a praticam *em espírito e em verdade.* Grande será deles o progresso. Iniciando-vos, desde a existência terrena, nos mistérios da vida, abreviais a duração das provas no estado de Espíritos livres; evitais sobretudo a expiação, pondo-vos em guarda contra vós mesmos; progredis, pois, desde a vida humana e ainda mais rapidamente progredireis quando voltardes à verdadeira vida.

MATEUS, Cap. XII, v. 46-50. — MARCOS, Cap. III, v. 31-35. —LUCAS, Cap. VIII, v. 19-21

O irmão, a irmã e a mãe de Jesus são os que fazem a vontade de seu pai, ouvindo a palavra de Deus e pondo-a em prática.

MATEUS: V. 46. Estando ele ainda a pregar para a multidão, sua mãe e seus irmãos do lado de fora procuravam falar-lhe. — 47. Então alguém lhe disse: Tua mãe e teus irmãos estão ali fora procurando-te. — 48. Respondendo a esse que assim falara, disse ele: Quem é minha mãe e quais os meus irmãos? — 49. E, estendendo a mão para os discípulos, disse: Eis aqui minha mãe e meus irmãos; — 50, porquanto, quem quer que faça a vontade de meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe.

MARCOS: V. 31. Sua mãe e seus irmãos, tendo vindo e ficado do lado de fora, o mandaram chamar. — 32. Ora, como a multidão o cercasse, alguém lhe disse: Olha que tua mãe e teus irmãos te procuram. — 33. Ao que perguntou ele: Quem é minha mãe e quais são os meus irmãos? — 34. E, olhando para os que se achavam sentados ao redor de si, disse: Eis aqui minha mãe e meus irmãos; — 35, porquanto, aquele que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe.

LUCAS: V. 19. Sua mãe e seus irmãos vieram ter com ele, mas não puderam aproximar-se dele por causa da multidão. — 20. Disseram-lhe então: Estão lá fora tua mãe e teus irmãos que te querem ver. — 21. Jesus, respondendo, disse: Minha mãe e meus irmãos são os que escutam a palavra de Deus e a praticam.

N. 163. Não estando ligado a Maria por nenhum laço humano, Jesus patenteava *aos homens* os sentimentos de fraternidade e de amor que os deviam unir.

Efetivamente, qual poderia ser o desejo do bom pastor que vinha à procura das ovelhas tresmalhadas? qual poderia ser o seu objetivo? — Reuni-las em torno de si. Todas, fossem quais fossem, eram dele bem-amadas.

Sendo, *com relação aos homens,* pela sua pureza e pelo seu poder, filho único do pai e vindo dizer-lhes: Sois todos, como eu, filhos de Deus, Jesus precisava demonstrar que punha em prática os ensinamentos que dava à multidão e provar que todos os seres humanos são de fato filhos de Deus e, por isso, irmãos dele Jesus, *enquanto caminham nas vias do Senhor.*

Referindo-nos a Jesus, acabamos de usar das expressões —*filho único do pai.* Ele o era e é, no sentido de ser, pela sua elevação espiritual, única relativamente à de todos os Espíritos que se acham ligados ao vosso planeta, quem lhe preside aos destinos. Desse ponto de vista e *comparado a vós outros,* Jesus pode e deve, já o temos dito, ser considerado filho único do Senhor. Sua essência pura, que nunca se desviou da linha do progresso, se aproxima da natureza do Criador universal. Seu poder ilimitado sobre quanto concerne ao orbe terreno participa do poder do supremo Senhor, com o qual ele, pela sua pureza, se acha em relação direta.

Maria e os *chamados* irmãos de Jesus o foram procurar, induzidos pela influência espírita de seus anjos da guarda e também levados pela idéia de que, devendo o Mestre atender à necessidade de alimentar o corpo, lhes cumpria ir à sua procura, para esse fim.

Conquanto fosse um Espírito muito elevado, Maria estava, até certo ponto, submetida à matéria que a envolvia e não compreendia que Jesus pudesse resistir a tão grandes fadigas sem tomar os alimentos que sustentam o corpo.

Tinha ela a intuição da sua sorte futura; mas, o

passado se lhe apresentava, como a vós, coberto por um véu, o véu *da carne.*

Nunca será demais que repitamos, pois não o deveis perder de vista, o seguinte: Em virtude da revelação que lhes fora feita e que se conservou secreta, como devia acontecer, até depois de finda a missão terrena de Jesus, este, *para Maria e para José,* era um ente excepcional, grande aos olhos de Deus, por ser filho do mesmo Deus, e que encarnara *milagrosamente,* mas sem deixar de participar da natureza do homem e de estar sujeito às exigências, às necessidades da humana existência. *Para os homens,* ele era um homem *igual aos outros,* filho, por obra humana, de José e de Maria e como *tal o* consideraram enquanto durou a sua missão terrena e até à época em que, já finda essa missão, aquela revelação se tornou conhecida do povo.

A ida de Maria e dos *chamados* irmãos de Jesus à procura deste lhes foi inspirada para provocar, como provocou, a observação do Mestre.

Ao que lhe dissera: "Tua mãe e teus irmão te procuram", ele respondeu inquirindo: "Quem é minha mãe e quem são meus irmãos"? E acrescentou, apontando para os discípulos: "Eis aqui minha mãe e meus irmãos, pois que aquele que houver feito a vontade de meu pai, a vontade de Deus — esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe; minha mãe e meus irmãos são os que escutam a palavra de Deus e a põem em prática".

As versões de Mateus, Marcos e Lucas são exatas e se completam umas pelas outras: Jesus apontou com a mão para os discípulos que o cercavam e *respondeu,* deixando cair sobre o povo a atração poderosa do seu olhar, irradiação magnética que atraía os homens como o ímã atrai o ferro. Por esse gesto ele apresentava seus discípulos como exemplo e atraía para eles a multidão que os teria de imitar.

Ao dar *aquela resposta,* o presente e o futuro se confundiam no seu pensamento. Deu-a, tendo por fim, *atento o motivo que determinara a ida de Maria e dos que eram designados por irmãos dele,* provar que a missão, a cujo desempenho se consagrara no meio dos homens, sobrelevava aos laços da família humana, às necessidades da natureza humana, que, no entender dos mesmos homens, se lhe faziam sentir. Em todas as ocasiões feria as inteligências.

Tinha também por fim, *atentas as palavras que lhe eram dirigidas,* mostrar *veladamente* que nenhum laço humano o prendia a Maria, nem, por conseguinte, àqueles com quem o supunham ligado por humano parentesco. Quis mostrar que não o ligava a Maria, nem aos que eram tidos por seus irmãos, nem aos seus discípulos, nem à multidão que o rodeava, senão um laço *espiritual,* um parentesco *espiritual,* um laço de parentesco e de fraternidade *segundo o espírito e não segundo a carne:* Quis ainda mostrar que mesmo esse parentesco e essa fraternidade, *segundo o espírito,* entre ele e os homens, assim como entre estes de uns para os outros, não eram reais nem verdadeiros, senão relativamente aos que houvessem feito a vontade divina, escutando e pondo em prática a palavra de Deus, de quem era ele o representante e o órgão.

Tinha igualmente por fim *preparar* os homens para, nos tempos preditos, receberem a nova revelação, que hoje vos trazemos e que, tirando *da letra o espírito,* lhes faria conhecer, *em espírito e verdade, a* sua origem espírita, as condições e o modo por que se deu o seu aparecimento na terra, sua missão, sua potencialidade e seus poderes como delegado e representante do pai, no que diz respeito ao vosso planeta, a cuja formação presidiu, tendo por encargo dirigir-lhe o progresso e levá-lo à realização de seus destinos, conduzindo a humanidade terrena à perfeição pelas vias do progresso, que são a caridade, o

amor e a ciência. Por essa nova revelação, ficarão os homens sabendo, *em espírito e verdade.* que ele Jesus é de todos *irmão e* ao mesmo tempo *senhor,* pelo poder ilimitado que tem sobre quanto respeita ao mundo em que habitais.

Tinha, pois, também por fim *preparar* os homens para, *quando chegasse o momento,* abandonarem, esclarecidos pela nova revelação, a crença na sua divindade, crença que, *previa-o ele,* se havia de generalizar, uma vez terminada a sua missão terrena; de acordo com o estado das inteligências, com as impressões, aspirações e interpretações humanas, assim como com as necessidades da época. Correspondendo a essas necessidades e servindo para preparar os tempos de hoje, que então eram o futuro, para preparar o advento da era que se vos abre, tal crença seria, como foi, uma condição e um meio de progresso.

Disseram a Jesus: ¨*Tua mãe e teus irmãos te procuram".* Confrontando essas palavras com estas outras (Mateus, XIII, v. 55): "Não é esse o filho do carpinteiro; sua mãe não se chama Maria; não são seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas?" com estas (Mateus, XIII, v. 56): "E todas as suas irmãs não se acham entre nós?" com estas ainda (Marcos, VI, v. 3): ¨Não é esse o carpinteiro, filho de Maria, irmão de Tiago, de José, de Judas e de Simão?¨ e com estas mais (Mateus, I, v. 25): "E ele (José) não a tinha conhecido quando ela pariu o seu primogênito, ao qual deu o nome de Jesus¨ — pretenderam alguns homens e ainda pretendem poder afirmar que Jesus teve *irmãos e irmãs* por obra de José e de Maria.

Há nisso um *erro manifesto* que, após as discussões travadas outrora e mesmo nos dias de hoje, não mais devera reproduzir-se. Diante da nova revelação *no que respeita à* origem espírita de Jesus, ao seu aparecimento na terra, *à* natureza e ao caráter da sua

missão no passado, no presente e no futuro, à elevação e à pureza de Maria e de José, à natureza e ao caráter da missão que os dois desempenharam, auxiliando a obra do Mestre, semelhante erro tem que desaparecer dos debates e controvérsias humanas.

Só *aos olhos dos homens, mas não na realidade das coisas,* existia parentesco próximo entre Jesus e os que eram *chamados* seus irmãos e irmãs.

Em hebreu a palavra — *irmão* — tinha várias acepções. Significava, ao mesmo tempo, *o irmão* propriamente dito, *o primo co-irmão,* o simples *parente.* Entre os Hebreus, os descendentes diretos da mesma linha eram considerados *irmãos,* se não de fato, ao menos de nome e se confundiam muitas vezes, tratando-se indistintamente de irmãos e irmãs. Geralmente se designavam pelo nome de *irmãos* os que eram filhos de pais-irmãos, os que agora chamais *primos-irmãos.*

Os *chamados* irmãos e irmãs de Jesus eram, segundo o parentesco humano que entre eles havia *aos olhos dos homens,* seus *primos-irmãos.*

Maria não era filha única; tinha uma irmã, que também se chamava Maria, mulher de Cleofas e mãe de Tiago, de José, de Simão e de Judas, que os homens tratavam de irmãos de Jesus.

Do mesmo modo, as chamadas irmãs deste eram suas *primas co-irmãs,* de acordo com o parentesco humano que, *segundo os homens,* havia entre elas e o Mestre.

Que importaria aos homens que Jesus tivesse tido irmãos e irmãs na humanidade, uma vez que a essência deles não podia ser igual à do Mestre, Espírito perfeito, que encarnara, *para ser visto dos mesmos homens,* tomando um perispírito tangível, com a forma ou a aparência do corpo humano, adequado às necessidades e à duração dá sua missão terrena?

Tal, porém, não podia dar-se e não se deu. Espíritos muito elevados, José e Maria sofriam o cons-

trangimento do envoltório carnal que haviam aceitado, mas não estavam sujeitos a instintos de que já se haviam libertado. Exilados momentaneamente da verdadeira pátria, dela guardavam intuitivamente a lembrança e um único era o anelo de ambos: voltar para lá.

Nunca se deve acompanhar o curso de um rio de águas impuras. Deixai que os ímpios desnaturem os fatos mais sérios. Repetimos: Espíritos muito elevados, encarnados em missão, José e Maria não experimentavam as necessidades carnais da humanidade. Intuitivamente preparada para a missão que lhe cumpria desempenhar na execução daquela grande obra de regeneração, cujo desenlace constituiu exemplo para todas as raças humanas que, a partir de então, se sucederam, Maria foi e permaneceu sempre virgem. José, menos elevado do que ela, mas desempenhando também uma missão sagrada, compreendeu, pela revelação do anjo, qual o objeto da sua existência material e a ele se consagrou inteiramente.

Com a locução — "filho primogênito" — em que alguns homens se apoiaram para atribuir a Maria muitos filhos, verifica-se o que acabamos de apreciar com relação aos vocábulos — *irmãos, irmãs.* As interpretações humanas truncaram em falso. Filho primogênito o mesmo é que filho único, no verdadeiro sentido da palavra hebraica. Quando um único filho havia nascido, esse necessariamente era o primeiro. Ide ao texto hebreu, à língua hebraica, investigai a maneira por que os Hebreus dela usavam e achareis a significação exata das palavras.

Eles empregavam indiferentemente, na sua linguagem, a locução *filho primogênito,* tanto no caso de haver um só filho, como no de haver muitos, quando aludiam ao que primeiro nascera, quer outros tivessem nascido depois, quer não.

No verdadeiro sentido da frase hebraica (Mateus, I, v. 25), a locução *filho primogênito* significa apenas que Maria não tivera *antes* outro filho. Jesus era, pois, o primogênito. O autor não previu as considerações e interpretações a que tal locução daria lugar. *Sob este aspecto,* sua contextura é defeituosa *para o vosso entendimento.*

O v. 25 do cap. I de Mateus teve por fim, exclusivamente, confirmar o que fora dito nos v. 18 e 24, resumindo o que deles se deduz, isto é: que José não tomou parte alguma na concepção do filho de Maria, *nessa obra do Espírito Santo;* que não se aproximara dela; que aquela concepção fora *obra exclusiva do Espírito Santo.* Já sabeis pela revelação que vos fizemos do modo por que Jesus apareceu na terra, o que significam essas palavras: — concepção *por obra do Espírito Santo.*

Assim, pois, a locução *"filho primogênito"* não objetivava senão certificar que Maria concebera sendo virgem. *Absolutamente* não foi empregada para exprimir a prioridade do nascimento de um irmão entre muitos, para registrar a primogenitura de um deles, fato que, na vossa jurisprudência, política, ou feudal, conferia, sob o título de "direitos de primogenitura", certos privilégios ao irmão mais velho.

Pelo que vos revelamos com relação à gravidez e ao parto de Maria, sabeis agora como se conservou ela virgem, não obstante a gravidez e o parto, pois sabeis que estes, como obra do *Espírito Santo, como obra espírita,* realizada por meio do magnetismo espiritual, foram *apenas aparentes,* tomando-os ela, entretanto, *e os homens por fatos reais.*

Jesus, portanto, sendo "filho primogênito", era o que chamais "filho único". Terminada a sua missão terrena, os Hebreus, por não quererem admitir que o Mestre tivesse tido a vida *especial* que lhe atribuíam não só a revelação que, conservada até então secreta,

se tornara conhecida do povo, mas ainda as interpretações a que essa revelação dera lugar, tomaram a locução *primogênito* como indicando que ao de Jesus se seguiram outros nascimentos.

Vós outros cristãos vos apegastes ao sentido *verdadeiro,* que é o de filho único. Eis aí a explicação destas palavras de que nos servimos: — *o que chamais* filho único.

Nota da Editora — As traduções brasileiras, do Novo Testa-mento, quer a protestante da Sociedade Bíblica, quer a católica de Rohden, bem como a excelente tradução em Esperanto, não falam em primogênito. Dizem: "e não a conheceu, enquanto ela não deu à luz um filho, a quem pôs o nome de Jesus," "Kaj li ne ekkonis sin, gis fi naskis f:lon; kaj li donis al li Ia nomon JESUO. "

MATEUS, Cap. XIII, v. 1-23. —MARCOS, Cap. IV, v. 1-20 e 25. —LUCAS, Cap. VIII, v. 1-15 e 18; Cap. X, v. 23-24.

Parábola do semeador. —Explicação dessa parábola.

MATEUS: V. 1. Naquele dia, saindo Jesus de casa, foi sentar-se à beira mar. — 2. E grande multidão se lhe reuniu em torno. Entrando então para uma barca, ele aí se sentou, ficando a multidão na praia. — 3. E começou a dizer muitas coisas por parábolas, falando assim: Eis que o semeador saiu a semear. — 4. Enquanto semeava, uma parte das sementes .caiu à margem do caminho, os pássaros do céu vieram e as comeram. — 5. Uma outra parte caiu em terreno pedregoso, onde muito pouca terra havia; as sementes germinaram prontamente, pois que a terra ali não tinha profundidade. — 6. O sol, nascendo, crestou-as; e, como não tinham raízes, secaram. — 7. Uma outra caiu entre espinheiros que cresceram e a abafaram. — 8. Uma outra finalmente caiu em terra boa e as sementes frutificaram, produzindo aqui cem, ali sessenta, acolá trinta por um. — 9. *Quem tiver ouvidos de* ouvir, ouça. — 10. Os discípulos, aproximando-se, lhe perguntaram: Porque lhes falas por parábolas? — 11. Respondeu ele: É porque a vós vos é dado conhecer os mistérios do reino dos céus; mas a eles não. — 12. Aquele que tem, mais ainda se dará, ficando ele na abundância; mas ao que não tem se tirará até o que tem. — 13. Eis porque lhes falo por parábolas; é que, vendo, eles não vêem, ouvindo, não ouvem, nem compreendem. — 14. Neles se cumpre esta profecia do profeta Isaías: "Escutareis com os ouvidos e não entendereis; olhareis com os olhos e não vereis. — 15. O coração deste povo se embotou, os ouvidos se lhe tornaram surdos e os olhos se lhe fecharam, para que não vejam com os olhos, não ouçam com os ouvidos, não compreendam com os corações e, não se convertendo, não sejam curados por mim." — 16. Felizes os vossos olhos porque vêem, os vossos ouvidos, porque escutam; -17, porquanto, em ver

-dade vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver o que vedes e não viram, ouvir o que ouvis e não ouviram. — 18. Escutai, pois, a parábola do semeador. — 19. Do coração de todo aquele que escuta a palavra do reino e não a comprende vem o mau Espírito tirar o que nele foi semeado; é a semente que caiu ao longo do caminho. — 20. A que caiu em terreno pedregoso representa aquele que ouve a palavra e a recebe com mostras de alegria no primeiro momento; — 21, mas, não tendo raízes no seu coração, só por pouco tempo subsiste: sobrevindo as tribulações e perseguições por motivo da palavra, ele logo se escandaliza. — 22. A semente lançada entre os espinheiros representa aquele que ouve a palavra, mas em quem os cuidados do século e a ilusão das riquezas a abafam e impedem de produzir frutos. — 23. A que foi semeada em terra boa indica aquele que escuta a palavra e a compreende, aquele em quem ela frutifica, produzindo cada grão cem, sessenta ou trinta.

MARCOS: V. 1. Pôs-se de novo a ensinar próximo ao mar e como enorme fosse a multidão que ali se reuniu, ele subiu para uma barca e se sentou, ficando todo o povo na praia. — 2. Muitas coisas ensinava por parábolas, dizendo, segundo o seu modo de doutrinar: — 3. "Escutai: O semeador saiu a semear; — 4, e, enquanto semeava, uma parte das sementes caiu à borda do caminho; vieram as aves do céu e a comeram. — 5. Outra parte caiu em terreno pedregoso, onde pouca terra havia; as sementes germinaram logo, pois que pequena era a profundidade da terra; — 6, veio, porém, o sol, crestou as plantas e estas, por não terem raízes, secaram. — 7. Outra parte caiu entre espinheiros, estes cresceram e a abafaram, de sorte que ela não deu frutos. — 8. Outra, finalmente, caiu em terra boa; os grãos deram fruto; elevaram-se, multiplicaram-se e produziram cem, sessenta, trinta por um." — 9. E acrescentava: *Ouça quem tiver ouvidos de ouvir.* — 10. Quando com ele ficaram a sós, os doze que o seguiam interrogaram-no acerca dessa parábola, - 11, e ele lhes respondeu: Dado vos é a vós conhecer o mistério do reino de Deus; mas, para aqueles que são de fora, tudo se faz por

parábolas; — 12, a fim de que, vendo, vejam e não vejam e, ouvindo, ouçam e não compreendam, para que não se convertam e os pecados lhes sejam perdoados. - 13. Perguntou-lhes em seguida: Não entendeis esta parábola? Como podereis entender todas as parábolas? — 14. O semeador semeia a palavra. — 15. A margem do caminho ao longo do qual a semente caiu são aqueles de cujos corações Satanás vem arrancar a palavra logo depois de ter sido nos seus corações semeada. — 16. Semelhantemente, o terreno pedregoso são os que, ouvindo a palavra, a recebem jubilosos. — 17. Como, porém, nesses ela não cria raízes, dura pouco tempo. Em vindo as tribulações e perseguições por causa da palavra eles logo se escandalizam. — 18. Os outros, designados pela parte das sementes lançadas entre espinheiros, são os que ouvem a palavra, — 19, mas os cuidados do século, a ilusão das riquezas e as outras paixões, entrando em seus corações, a sufocam e ela não frutifica. — 20. O terreno bom onde a última parte das sementes é lançada são os que ouvem a palavra, a recebem e dela tiram frutos, na proporção de cem, de sessenta, de trinta por um. — 25. Mais será dado ao que já tem e ao que não tem se tirará mesmo o que tem.

LUCAS: V. 1. Algum tempo depois, ia Jesus de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, pregando e evangelizando o reino de Deus. Acompanhavam-no os doze, — 2, e algumas mulheres, que tinham sido livradas dos Espíritos malignos e curadas de enfermidades: Maria, apelidada — a Madalena, da qual sete demônios haviam saído; — 3, Joana, mulher de Cusa, intendente de Herodes; Susana e muitas outras que o assistiam com seus bens. — 4. Como o cercasse grande multidão de gente vinda de todas as cidades, disse ele esta parábola: — S. O semeador saiu a semear a sua semente e, enquanto o fazia, uma parte delas caiu à margem do caminho, foi pisada e os pássaros do céu a comeram. — 6. Outra parte caiu sobre pedras e, por falta de húmus, secou, logo depois de haver germinado. — 7. Outra caiu entre espinheiros que, crescendo, a sufocaram. — 8. Outra parte, finalmente, caiu em terra boa, germinou e frutificou, produzindo cem por um. E, dizendo isso, exclamava: *Quem tem ouvidos de ouvir* ouça. — 9. Os discípulos lhe pergun-

-taram o que queria dizer aquela parábola. — 10. Ele lhes respondeu: Dado vos foi a vós conhecer o mistério do reino de Deus; mas, aos outros só por parábolas se lhes fala, a fim de que vendo não vejam e ouvindo não compreendam. — 11. Eis o que quer dizer esta parábola: A semente é a palavra de Deus. — 12. A que cai junto do caminho indica os que ouvem a palavra, mas de cujos corações Satanás a vem arrancar, pelo temor de que, crendo, eles se salvem. — 13. As que caem sobre pedras indicam os que, tendo-a ouvido, recebem com alegria a palavra: esta, porém, não cria raízes, porquanto eles crêem apenas durante algum tempo, retrocedendo assim chegam as tentações. — 14. A parte que cai entre espinheiros corresponde aos que escutaram a palavra, mas em cujos corações ela é abafada pelas preocupações terrenas, pelas riquezas, pelos prazeres da vida e não produz frutos. — 15. A boa terra onde cai a última parte das sementes são os que, ouvindo a palavra, a guardam nos seus corações bons e excelentes e dela tiram fruto pela paciência. — 18. Vede, pois, de que modo ouvis; porquanto, mais se dará àquele que já tem e ao que não tem se tirará até o que julgue ter.

X. v. 23. Voltando-se para os discípulos, disse-lhes: Felizes os olhos que vêem o que vedes; — 24, porquanto, eu vos digo que muitos profetas e reis desejaram ver o que vedes e não viram, ouvir o que ouvis e não ouviram.

N. 164. A parábola do semeador não precisa de explicações. A que Jesus deu aos apóstolos, na medida do que eles podiam e deviam receber, como encarnados, a fim de desempenharem suas missões, basta para que a compreendais. Entretanto, convém que, por meio de explicações especiais sobre alguns pontos, tornemos conhecidos e, tirando da *letra o espírito, desenvolvamos,* para vós outros espíritas e para os que hão de vir a sê-lo, o sentido e o alcance integrais do que disse Jesus aos apóstolos. Antes de tudo, porém, cumpre vos façamos compreender de que pontos de vista deveis encarar o que disse Jesus à multidão, ser-

vindo-se da parábola, e o que disse aos apóstolos explicando-a, porquanto algumas das palavras daquele Mestre indulgente e bondoso, daquele bom pastor desejoso de não perder nenhuma das suas ovelhas, *parecem* desmentir os atos de toda a sua vida humana, humana no *entender dos homens.*

A geração que vivia ao tempo em que Jesus desempenhava a sua missão se compunha de Espíritos orgulhosos e fúteis, voluntariamente surdos e cegos, revoltados contra qualquer autoridade, Espíritos que, mesmo antes de encarnarem, recusavam todo amparo que lhes era oferecido para se tornarem melhores.

Filhos humanos dos Hebreus vindos do Egito, Espíritos que, havia séculos, passavam por provações, sem contudo perderem a tendência à murmuração e à revolta que caracterizavam os Hebreus desde os primórdios da formação de sua nacionalidade, os homens daquela época, ainda quando fossem capazes de receber *sem véu* a palavra do Mestre, não se lhe submeteriam, com o que incorreriam em maior culpa.

Já por ai podeis admirar a previdente bondade de Jesus, modelo de perseverança e de doçura, poupando ao merecido castigo o filho rebelde e temerário, evitando fazer-lhe uma imposição à qual sabia que ele se furtaria.

Recebendo *velada* a palavra de Jesus, os que estivessem dispostos a caminhar para a frente podiam, como o fizeram os discípulos, esforçar-se por lhe descobrirem o sentido oculto.

Os que, ao contrário, não quisessem curvar-se ao jugo daquela lei que lhes prescrevia uma reforma por demais pesada para suas naturezas más, seriam culpados apenas de indiferença, de não procurarem devassar os mistérios que de pronto não compreendiam.

Dizendo, pois: "não se lhes falará senão por parábolas e símiles, para que não se convertam", Jesus *aludia* aos que, cedendo a um primeiro impul-

so, tentariam avançar, mas que, detidos bruscamente pelos seus maus instintos, fariam sem demora um recuo, que lhes viria a ser causa de grande castigo; porquanto, atentai bem, muito será dado ao que já tem, isto é: aquele que deseja progredir e se esforça por consegui-lo, de todos os lados receberá amparo; ao passo que àquele que pouco tenha, mesmo esse pouco será tirado. Quer isto dizer que este último, indiferente ao que lhe foi dado, negligente em guardar o que recebeu, deixará que as más paixões se apoderem do seu coração, que os vícios e males que o oprimirão durante séculos tomem o lugar das poucas virtudes de cuja posse já desfrutasse.

Devendo tornar-se pública a explicação que da parábola Jesus deu, *em segredo,* a seus discípulos, ela foi publicada pelas narrações evangélicas; como já o tinha sido pelos apóstolos e discípulos, mas somente depois de finda a missão terrena do Mestre, porque só então a massa popular, *preparada* por todas as palavras que ele pronunciara e por todos os atos que praticara durante aquela missão, até o momento da sua chamada "ascensão", se mostrou apta a ouvir com proveito, da boca dos apóstolos e dos discípulos, a explicação de tudo o que dissera o Cristo, explicação que era dada na medida do *que ela* podia suportar e do modo por que o devia suportar. Só depois de concluída a missão messiânica, a massa popular se mostrou apta a ter conhecimento daquelas palavras e atos pela narração evangélica, que na ocasião oportuna se lhe transmitiu. Essa narração tinha que ser, *sob o império da letra,* e foi, tanto naquela época, quanto no presente, como terá que ser no futuro, sob o reinado *do espírito,* o livro do progresso, a fonte donde jorram e hão de jorrar sempre a luz e a verdade.

(Mateus, v. 11-15; Marcos, v. 11, 12 e 25; Lucas, v. 10-18). Aqui tendes agora, despojado *da letra o es-*

pírito, o pensamento do Mestre, sem mais incertezas no modo de entender os textos desses versículos.

"Dado vos é a vós conhecer os mistérios do reino dos céus — os segredos do reino de Deus; mas, A ELES, não, — esse conhecimento não lhes é proporcionado, senão por parábolas, — tudo se faz por parábolas. (MATEUS, v. 11; MARCOS, v. 11; LUCAS, v. 10)."

Aos apóstolos e aos discípulos era dado conhecerem o mistério do reino dos céus, os segredos do reino de Deus, porque, sendo seus Espíritos mais elevados do que os dos outros homens da época, eles se achavam aptos a espalhar as verdades que Jesus trazia ao mundo. Mas, para o fazerem, tinham que começar por compreendê-las, *razão pela qual não lhes foi dado senão o* que *podiam e deviam comportar, para o desempenho da missão que lhes incumbia.*

Com relação à época em que viveis, o mesmo sucede. Vossas inteligências progrediram e nós, trazendo-vos a revelação do mundo invisível, os mistérios do reino dos céus, os segredos do reino de Deus, vo-las faremos compreender, a fim de que possais espalhar por toda a terra esse conhecimento; a fim de que, como os discípulos do Mestre, possais ir de cidade em cidade, de povoado em povoado, pregar o arrependimento e dizer como eles diziam: "Apressai-vos, aproxima-se o momento!"

As expressões — *reino dos céus, reino de Deus* — compõem uma imagem destinada a materializar, por assim dizer, a felicidade dos bem-aventurados. A homens, que não viam mais do que a matéria, preciso era que se apresentasse uma figura *material* da outra vida, a respeito da qual nada perceberiam, se lhes fosse mostrada em toda a sua espiritualidade.

Os *mistérios* do reino dos céus, os *segredos* do reino de Deus eram os *meios,* desconhecidos até então, de chegar-se àquela felicidade.

Antes das revelações feitas por Jesus, os homens nenhuma idéia clara formavam da outra vida. Por muito vaga, a intuição que dela tinham os havia deixado na indiferença, relativamente à existência e à felicidade que poderiam esperar no além-túmulo. Jesus veio levantar o véu e esclarecer as inteligências. Mas, apenas uma ponta do véu foi levantada; *a luz* permaneceu *velada.* Continuamos *hoje* a levantar o véu que vos oculta a outra vida. Conquanto ele não tenha sido ainda *totalmente* erguido, já a luz brilha com mais vivo fulgor, com o fulgor que os vossos olhos, tornados mais fortes, já podem suportar. Ela, porém, ainda não brilha em todo o seu esplendor, porque ainda não estais bastante maduros para uma revelação *completa.* Bem orgulhoso seria aquele que pretendesse haver sondado a profundeza desses mistérios, impenetráveis para as vossas inteligências humanas. Esperai: quando atingirdes a idade da razão, obtereis, vós espíritas, todas as revelações do mundo invisível. Preparai os vossos corações, alargai o âmbito da vossa ciência, desenvolvei as vossas inteligências *e, em chegando o momento,* conhecereis *todos os mistérios do reino dos céus, todos os segredos do reino de Deus.*

Conhecê-los-eis quando houverdes alcançado uma purificação moral completa e quando, sob a influência e o desenvolvimento progressivo dessa purificação moral, houverdes, também progressivamente, aprendido a conhecer a onipotência de Deus, sua justiça, sua bondade e sua misericórdia infinitas, suas vontades e suas obras na imensidade; quando houverdes adquirido a ciência dos elementos e das propriedades de ação dos fluidos, no que concerne à vida e à harmonia universais, a ciência dos meios que se

devem empregar para a obtenção das graças do Senhor, debaixo do ponto de vista do bem, que leva à felicidade, e do mal que, não evitado, leva à punição.

Ao que tem. mais ainda se dará e ele ficará na abundância. (MATEUS, v. 12; MARCOS, v. 25; LUCAS, v. 18).

Sabendo, como sabeis, que o Espírito, ao revestir um invólucro de carne, traz consigo o tesouro que pôde acumular nas suas existências anteriores, facilmente compreendereis que esse tesouro tanto mais depressa aumentará, quando mais sólidas forem as bases sobre que se constituiu. Aquele que nasce com o desejo ardente de rapidamente progredir se esforçará pelo conseguir e a luz lhe será tanto mais abundante, quanto maior seja o ardor com que deseje vê-la. Já o dissemos e repetimos, atentai bem: muito será dado ao que já tem e ele ficará na abundância, isto é: aquele que deseja progredir e se esforça por consegui-lo, de todos os lados receberá amparo.

Mas ao que não tem se tirará mesmo o que tem (MATEUS, v. 12 e MARCOS, v. 25). E ao que não tem se tirará até o que ele julgue ter. (LUCAS, v. 18).

Estas palavras precisam ser entendidas *segundo o espírito* e não *segundo a letra,* pois que, dirigindo-se aos discípulos e à multidão, disse Jesus: *Ouça quem tiver ouvidos de ouvir.*

O fim com que foram pronunciadas era tornar mais frisante, para as inteligências humanas, o pensamento de quem as proferia. Jesus *assim* se exprimiu para dar mais força à imagem.

Todo Espírito encarnado possui alguma coisa. Por pouco que haja progredido antes de chegar ao vosso planeta, sempre *tem* algum progresso feito.

O pensamento *velado* do Mestre era este: "àquele, que tem pouco, se tirará mesmo o que tenha; ao que nada tem, mas julga ter, se tirará mesmo o que julgue *ter".*

Ao que tem pouco se tirará mesmo o que tenha, porque, conforme já o dissemos, indiferente ao que obteve, negligente em guardar o que recebeu, deixará que as más paixões se apoderem do seu coração, que os vícios e males, que o oprimirão durante séculos, tomem o lugar das virtudes em cuja posse já estivesse. Efetivamente, da negligência na prática do bem nascem as raízes do mal. Quando, por indiferença, recusais a esmola ao desgraçado, não é porque seja mau o vosso coração que assim procedeis, sim por uma espécie de lassidão de espírito, que vos impede de atentar no bem que teríes podido fazer. Faltais à caridade. Aquele que, verificando ser mau o caminho por onde entrou, não trata, por indiferença, de se retirar dele, cai em todos os precipícios que o margeiam. Aquele que não é devotado se torna egoísta. O que não é caridoso se torna insensível. O que não é humilde de coração e de espírito se torna vaidoso e orgulhoso. O que não é submisso à vontade de Deus se torna rebelde e murmura contra seus decretos. O mal nasce sempre da negligência em praticar o bem. O Espírito não retrograda, mas permanece estacionário, o que equivale a uma retrogradação, pois que ele é de essência ativa e progressiva.

Ao que tem pouco se tirará mesmo o que tenha.

Aquele que não entesoura, que, ao começar a sua vida humana, pouco traz das anteriores existências, enlanguesce cada vez mais. Nenhum desejo nutre de progredir e, como nada adquire, *perde,* por isso que, para o Espírito, o estacionamento se torna, ao cabo de algum tempo, fonte de dores e remorsos.

Tendes por destino progredir sem cessar; ide para diante. Pedi, pedi sempre, mas com humildade de coração e de espírito, desinteressadamente, sem outro móvel que não seja o amor a Deus e ao próximo, sem outro desejo que não o de progredir moral e intelectualmente, de trabalhar só para Deus, auxiliando o progresso moral e intelectual de vossos irmãos. Pedi, pois que, quanto mais pedirdes, tanto mais vos será concedido; quanto mais vos esforçardes, tanto mais se aplanarão as dificuldades. E neste sentido *que mais se dá ao que já tem* e que, de certo modo, se tira àquele que nada tem. Melhor falando: este é quem tira de si mesmo, porquanto a falta de progresso representa, para o Espírito, perda cem vezes maior do que, para o usurário, a do seu tesouro.

"E àquele que nada tem, mas que julga ter, se tirará MESMO O QUE julgue ter."

Por estas palavras queria Jesus combater o orgulho inato nos homens, os quais, por pouco que valham, se atribuem um valor fictício, muito acima do seu valor real.

Depois da morte, o Espírito, ao fim de certo tempo, vê claramente o que é e o que vale. O orgulho, considerado do ponto de vista dos obstáculos que opôs ao seu progresso e das faltas a que o arrastou, se lhe torna então uma fonte de dores e de remorsos. *É também neste sentido que ao que nada tem, mas* julga ter, *se tira,* de certo modo, o que julgue ter. Ou antes: é ele próprio quem tira de si, aos golpes da expiação.

"Eis porque lhes falo por parábolas: é que, vendo, eles não vêem, ouvindo, não ouvem, nem compreendem. Com relação a eles se cumpriu esta profecia do profeta Isaías: "Escutareis com os ouvidos e não entendereis: olhareis com os olhos e não vereis. O coração deste povo se embotou, os ouvidos se lhe tornaram surdos e os olhos se lhe fecharam, para que não veja com os olhos, não ouça com os ouvidos, não compreenda com os corações e, não se

convertendo, não seja curado por mim." (MATEUS, v. 13, 14 e 15). Mas, para os que são de fora. tudo se faz por parábolas, a fim de que, vendo, vejam e não vejam, ouvindo, não ouçam nem compreendam; para que não se convertam e os pecados lhes sejam perdoados. (MARCOS, v. 12 e 22). Mas, aos outros, só por parábolas se lhes fala do reino de Deus, a fim de que, tendo olhos, não vejam e, tendo ouvidos, não compreendam. (LUCAS. v. 10).

A interpretação dessas palavras de Jesus foi falseada pela significação dos vossos vocábulos, assim como pelas repetições e traduções.

Vamos dar-vos, sem a menor incerteza quanto à inteligência dos textos, *o pensamento* do Mestre e o *sentido* das suas proposições.

Repetindo-o, diremos: *Ouça quem tiver ouvidos de ouvir; porquanto,* suas palavras, compreendidas *em espírito e em verdade,* não poderiam desmentir e não desmentem os atos de toda a sua vida, *tida por humana pelos homens.*

Para Jesus, pastor das almas transviadas, os homens daquela época se assemelhavam a frutos verdes que, expostos aos raios de um sol demasiado ardente, secam, em vez de amadurecer, razão por que o pomareiro trata de os abrigar dos ardores solares, a fim de que tenham tempo de desenvolver-se. Chegados ao *ponto* de maturação, o calor, a que com arte foram subtraídos, acabará de dourá-los com seus raios benéficos.

Muitos são chamados e poucos os escolhidos, disse Jesus, mas não *no sentido* que, interpretando-as de um ponto de vista humano, a Igreja romana deu a essas palavras, isto é: não *no sentido* de que o Mestre atraiu todos os homens para junto de si, com o fim de escolher um pequeno número deles e deixar que os restantes, em grandes massas, fossem levados para essas regiões de dores .onde só se ouvem ¨prantos e ranger de dentes¨. Ao contrário, os homens, frutos verdes

e duros, se aproximavam lentamente do sol benfazejo que os havia de desenvolver e madurar e que, para consegui-lo, atenuava o seu brilho e o seu calor.

Falais porventura a uma criança como falais a um homem? Podeis expor à criança as questões morais e filosóficas que lhe fareis compreender quando chegar aos vinte anos? Não. À criança falais de modo apropriado à sua inteligência que desponta, deixando-lhe, contudo, entrever que mais tarde direis muitas outras coisas, fazendo-lhe ver que a sua pouca idade a torna incapaz de apreender um raciocínio. Será com o propósito de lhe retardar o desenvolvimento que procedeis assim? Será porque, uma vez homem, este seja incapaz de compreender, de se instruir? Não. É que o fruto está verde e por isso o abrigais do calor e da luz, temendo que o excesso destes dois princípios benéficos, atuando muito cedo, o estiole em vez de o fortificar.

Jesus, que era a bondade por excelência, não podia, bem o deveis compreender, privar *voluntariamente* as criaturas humanas da salvação que ele mesmo lhes trazia. Ao contrário, para não as arrastar a faltas, deixava sempre aos Espíritos indolentes o recurso de não lhe compreenderem as palavras. Assim, as que se lêem acima, constantes nos citados versículos de Mateus, Marcos e Lucas, não devem ser encaradas senão como uma forma de falar às inteligências dos homens de então.

Os apóstolos, surpreendidos ante aquela linguagem *velada,* que se lhes afigurava *confusa,* procuraram a explicação do fato. A Jesus, porém, não era dado patentear-lhes o motivo por que assim procedia, uma vez que, tendo *também eles* de ser instrumentos da obra, só recebiam o que podiam e deviam suportar no momento, para o bom êxito da mesma obra, mediante o desempenho de suas missões, no meio que

lhes estava *preparado*. Assim sendo, o Mestre lhes deu uma razão capaz de satisfazê-los, de os mover à piedade para com os que ele intencionalmente deixara na obscuridade da parábola e de os encher do mais ardente amor e do mais vivo reconhecimento para com aquele que os escolhera, a fim de os iniciar.

É evidente que quem viera para ensinar aos homens a expiação de suas faltas não iria voluntariamente obstar a que os culpados obtivessem o perdão de seus pecados. Mas, onde não houver arrependimento, não pode haver remissão de faltas. Jesus, prevendo as recaídas, evitara incorressem em mais grave falta os que, num ímpeto ardoroso e irrefletido, entrassem pelo novo caminho que se lhes abria. De fato, esses, embora aos olhos dos homens parecessem merecer a remissão de seus pecados, em falta mais grave incorreriam, porque, não tendo consistência nem fundo as suas novas crenças, eles de pronto cairiam num estado pior do que o precedente, tornando-se merecedores de mais severo castigo. Jesus cuidava de lhes poupar mais duras reprimendas. Com a sua bondosa previdência, poupava aos rebeldes as probabilidades de queda e, aos ingratos empedernidos, ensejo de praticarem novas ingratidões.

Como podeis imaginar, os milagres que o Cristo operava nos doentes grande influência tinham nos Espíritos. Muitos, porém, dos que no momento ficavam impressionados, se atinham apenas ao ato material e, assim como em geral pouco reconhecidos vos mostrais ao hábil cirurgião que vos livrou de um mal perigoso, também os doentes curados pelo médico das almas depressa esqueciam os socorros materiais e morais que dele recebiam. Jesus, por isso, evitava os "milagres" e usava de linguagem velada, sempre que falava onde sabia que suas palavras e seus atos não dariam fruto, tal a esterilidade da terra, capaz unicamente de produzir flores efêmeras.

Espiriticamente o mesmo sucede. O Espírito encarnado que contorna a luz, sem procurar aproximar-se dela, será apenas punido pela sua indiferença. Mas, aquele que, atraído pelo clarão bendito, começa a se esclarecer e depois fecha os olhos e recua, terá que expiar a sua inconstância e a traição que praticou consigo mesmo. Não é que o Senhor lhe faça cair sobre a cabeça, especialmente, o peso da sua justiça. Ele expiará pelos remorsos, pela incessante visão do bem que teria feito, do progresso que teria realizado, os quais brilharão sem cessar aos seus olhos, como a presa que foge no momento em que vai ser apanhada.

A ninguém é lícito recuar, já o temos dito. Uma vez que entrastes no caminho, tendes que avançar constantemente, estendendo as mãos para a direita e para a esquerda, a fim de levardes convosco os que não possam ir sozinhos. Procedei, pois, com prudência e reflexão e dizei sempre aos que queiram seguir-vos: caminharemos continuamente para diante; quem pára — recua e quem recua — cai.

(V. 16 e 17 de Mateus e 23 e 24 de Lucas). Dizendo o que consta destes versículos, Jesus aludia ao Espírito encarnado. Os profetas e os justos de quem ele fala previam a vinda do Messias e felizes teriam sido, se ela se houvera verificado durante o tempo da encarnação deles.

"O caminho a cuja margem a semente caiu são aqueles que ouvem a palavra do reino e não a compreendem, que a escutam e de cujos corações, mal a têm escutado, o Espírito maligno, satanás, o diabo a vem arrancar, pelo temor de que esses, crendo, se salvem." (MATEUS, V. 18 e 19; MARCOS, v. 15; LUCAS, VIII, v. 12).

"A *palavra do reino"* — quer dizer: os ensinamentos dados por Jesus para que os homens aprendessem a merecer o reino dos céus. Conquanto não

fosse o próprio Deus, ele podia dizer que personificava a palavra dos céus, por ser de Deus *o órgão* que se fizera carne, no *entender dos homens* que *o julgavam* encarnado, *como eles,* num invólucro corporal humano, mas que, na realidade, se fizera *carne,* encarnando *apenas visualmente* num perispírito tangível, num corpo perispirítico incorruptível. Quanto às expressões — *Espírito maligno, satanás, diabo,* empregadas para exprimir a mesma coisa, são sinônimas. Como já o temos dito, designam *figuradamente,* de modo *emblemático,* os Espíritos maus, Espíritos de erro e de mentira, Espíritos inferiores, impuros, levianos ou perversos.

Falando do *Espírito maligno,* de *satanás,* do *diabo,* que arranca do coração do homem a palavra do reino, "pelo temor de que, *crendo, o* homem se salve", aludia Jesus aos Espíritos maus que se congregam em torno dos que não lhes resistem e se esforçam por impedi-los de sair da situação precária em que se encontram.

A crença humana na personificação de *satanás,* do *diabo,* com seu inferno eterno, se originou da necessidade de materializar os símbolos, a fim de os tornar perceptíveis à matéria; foi um freio, um meio de infundir terror salutar, durante os séculos que a humanidade terrena tem atravessado.

Como impedir que o Espírito humano modifique as verdades ao sabor das suas necessidades? Como impedir que o homem explore o homem? que o inteligente domine o crédulo, que o forte esmague o fraco e que, para consegui-lo, empregue os meios a seu alcance? Qual o freio mais próprio do que o terror, para ser usado naquela época de ignorância e de barbaria, em que começou o reino de *"Lúcifer"? O* terror era o meio de que se podia lançar mão, tanto contra o forte quanto contra o fraco; era um jugo que

se aplicava *igualmente* a todas as frontes; era um freio que domava todas as naturezas.

Não reproveis que tal se tenha dado. O que, na antiguidade, se passou com os Hebreus e depois convosco tinha que ser assim. Impotentes teriam sido então a lei de amor e de meiga caridade que vos pregamos hoje, a lei natural e imutável da reencarnação, que vos revelamos, sem véu, em seu princípio e nas suas conseqüências, leis que, pela reparação, pela expiação e pelo progresso, vos mostram o caminho que tendes de percorrer, para entrardes, purificados e santos, no reino dos céus, isto é: para chegardes à perfeição; leis que vos mostram o Deus de amor, o Deus paternal e bom conduzindo-vos pela sua onipotência ao seu seio, sob a ação da sua justiça, da sua bondade e da sua misericórdia infinitas.

Ao fogo das paixões humanas foi preciso contrapor um fogo ainda mais ardente, capaz de abalar aqueles homens de ferro que, sem isso, se houveram estrangulado uns aos outros desapiedadamente.

O que se deu tinha que se dar. A fonte era boa, *mas o homem a turvou e o lodo das paixões humanas continuou a escurecê-la.*

Hoje, pela nova revelação, restituímos ao manancial a sua limpidez de outrora e a fonte de vida, em vez de se despenhar sobre pedras que seriam arrastadas pela torrente, vai deslizar tranqüila e clara por sobre dourado saibro que lhe formará o leito.

Nada mais dos vãos temores, úteis todavia naqueles bárbaros tempos! Abaixo a exploração do homem pelo homem! O ignorante deixará de ser presa do instruído, porquanto a ciência tem que se universalizar; o forte não mais esmagará o fraco, porquanto a força do primeiro não servirá senão para amparar o segundo; o poderoso não mais pisará a fronte do pequenino, porquanto, ao contrário, se abaixará cheio

de solicitude para tomar o outro nos braços e ajudá-lo a erguer a cabeça para o céu.

Cada século tem tido suas criações, destinadas todas ao progresso da humanidade. Comparai, julgai, aproveitai, mas não reproveis.

"O que sucede ao grão que cai em terreno pedregoso, onde há pouca terra, é o que se dá com aquele que ouve a palavra e a recebe com mostras de alegria no primeiro momento; não tendo ela, porém, raízes em seus corações, esses só por pouco tempo crêem: sobrevindo a tentação, eles se afastam, retrocedem e, em chegando as tribulações e perseguições, logo se escandalizam." (MATEUS, v. 20 e 21; MARCOS, v. 16 e 17; LUCAS, v. 13).

Os que, *sobrevindo a tentação,* se afastam, recuam, são os que cedem desde que se lhes apresente *ocasião de reincidirem nos seus antigos transviamentos,* tornando-se rebeldes e surdos à palavra de Deus, deixando-se levar de novo pela corrente de seus erros e faltas, influenciados pelos maus Espíritos, que seus maus pendores atraem e aos quais não sabem resistir.

Os que de pronto escandalizam, logo que cheguem as tribulações e perseguições por causa da palavra, são os que, baldos de energia, se impressionam ou amedrontam com as tribulações e perseguições e se retiram.

Com relação aos apóstolos e discípulos, Jesus aludia às tribulações e perseguições físicas e morais.

Com relação aos espíritas, as tribulações e perseguições são todas de ordem moral: são o ridículo, que muitos se esforçarão por lançar sobre a doutrina e seus sectários. Dizemos *sectários,* aludindo à falsa opinião, geralmente espalhada, de que vós, que *simplesmente* procurais a luz e a verdade, seguindo o caminho traçado por Jesus, formais uma *nova seita.*

Aquelas tribulações e perseguições são ainda os mil obstáculos que se vos opõem, que se vos oporão por mais algum tempo, pois que, até aqui (1), amigos, caminhastes sobre rosas, apenas alguns espinhos apareceram. Vem próximo o momento das contrariedades sérias *para a humanidade.* A Igreja e seus adeptos se elevarão como barreiras, para vos deterem os esforços, barreira que será tanto mais temível, quanto parecerá que se some à vossa aproximação, para logo adiante se erguer mais ameaçadora. Vãos, porém, serão seus esforços. Contra ela se voltará o ridículo de que faz arma para vos combater. Sobre ela recairá o anátema que lançará sobre vós. Vê-la-eis, *um dia,* humilhada ante a inutilidade dos seus esforços, abrir-vos as portas e pedir-vos a luz que hoje tenta abafar em trevas.

É destas pequenas oposições que se amedrontam os que, baldos de energia, não ousam afrontar a opinião pública, quando a sentem contrária, fraqueiam na guerra de família que se vem travando e que cada vez mais ardente se tornará, guerra que nos faz hoje dizer-vos, *como Jesus:* não vos trazemos a paz e sim a divisão.

Não se tornem, pois, pedra de escândalo os que se encontram às voltas com essas oposições domésticas e não abandonem a pugna, se não querem perder a parada. Para vós, espíritas, a parada é a paz, é o progresso, é um adeus definitivo às misérias do vosso mundo. Não abandoneis, pois, a luta. Oponde a doçura aos ataques íntimos; a razão, a firmeza e a dignidade aos ataques exteriores. Tende por divisa: paciência e resignação.

Sustentados pela fé, vencereis todos os obstáculos que vos criem. Sob os vossos passos, eles se desman-

charão como montículos de areia. Coragem! não escandalizeis, pois não tendes o direito de retirar-vos.

¨O grão semeado entre os espinheiros representa aquele que ouve a palavra, mas deixa que os cuidados do século, as preocupações, a ilusão das riquezas, os prazeres da vida e as outras paixões a abafem e impeçam de dar frutos.¨ (MATEUS, v. 18; LUCAS, v. 14).

Aqueles em quem *desse modo* a palavra é abafada e não dá frutos são os que tudo sacrificam aos instintos e apetites materiais, que dão causa à predominância da matéria sobre o Espírito, ou mesmo à escravização do Espírito à matéria.

¨Os que são designados pela terra boa onde é semeada e cai uma parte dos grãos, são os que escutam a palavra de Deus, a compreendem, aceitam, guardam, põem em prática e fazem germinar pela paciência e frutificar na proporção de cem, de sessenta, de trinta por um." (MATEUS, v. 23; MARCOS, v. 20; LUCAS, v. 15).

A boa terra são os que, de conformidade com o seu desenvolvimento intelectual e moral, se esforçam por pôr *em prática* a palavra de Deus semeada primeiro pelo seu Cristo, *depois* pelo Espírito da Verdade. São os que a fazem germinar pela paciência, isto é: são os que, tendo maus pendores a combater, se aplicam com toda a perseverança em os combater e substituir pela boa semente.

A lei de amor é isenta de egoísmo. Jesus pregava às multidões, para que suas palavras fossem ouvidas e encontrassem a terra boa.

Do mesmo modo, vós outros, novos discípulos do Mestre, deveis hoje elevar a voz, sempre que puderdes esperar que ela seja ouvida.

O grão produzido pela semente lançada em terra boa tem que ser por sua vez semeado, a fim de que produza colheita abundante, eis o pensamento de

Jesus. Aquele, pois, que representa a boa terra, de cujo seio brotou o bom grão, deve fazer a colheita e empregá-la, semeando nos seus irmãos os grãos colhidos, o que quer dizer: operar neles, *primeiro* pelo exemplo, *depois* pelo ensinamento, pela palavra, o desenvolvimento intelectual e moral que adquiriu.

MATEUS, Cap. XIII, v. 24-30

Parábola do joio semeado entre o trigo

V. 24. E lhes propôs outra parábola, dizendo: O reino dos céus é semelhante a um homem que semeou bom grão no seu campo. — 25. Enquanto os homens dormiam, veio o inimigo dele, semeou joio no meio do trigo e se foi embora. — 26. A plantação do homem germinou, cresceu e deu espigas, mas com ela cresceu também o joio. — 27. Os servos do pai de família vieram dizer-lhe: Senhor, não semeastes bom grão no vosso campo? Como é que nele há joio? — 28. Ele lhes respondeu: Foi um inimigo quem o semeou. Os servos lhe perguntaram: Quereis que vamos arrancá-lo? — 29. E ele respondeu: Não; receio que, arrancando o joio, arranqueis ao mesmo tempo o trigo. — 30. Deixai que um e outro cresçam juntos até à ceifa; quando chegar a ocasião de ceifar, direi aos ceifeiros. Arrancai primeiramente o joio e atai-o em feixes para ser queimado; o trigo empilhai-o no meu celeiro.

N. 165. Os Espíritos não se acham todos no mesmo grau de desenvolvimento. Entre vós, uns são elevados, enquanto que outros se encontram no início de suas provações morais. Assim sendo, fora cabível que, para operar-se a renovação de vossa geração espiritual, se condenasse toda a geração material a perecer num novo dilúvio, semelhante ao de que falam os antigos? Não. O joio cresce ao lado do bom grão. Depois, *em cada colheita,* o joio, para se purificar, é lançado ao fogo da expiação, ao mesmo tempo que o bom grão é guardado nos celeiros do Senhor.

Não vos equivoqueis quanto ao sentido das nossas palavras ao falarmos do dilúvio *tal* como *é figurado.* Quisemos *tão-somente* apresentar-vos ao espírito a idéia de uma calamidade geral.

Se o dilúvio se houvera produzido nas condições em que o narram as tradições, não diríamos — *semelhante ao de que falam os antigos.* Não, não houve dilúvio, não houve cataclismo completo; houve apenas renovamentos parciais. As transformações sucessivas, por que a terra tem passado, desde que saiu do estado de fluidez incandescente até os vossos dias, são a obra de *preparação* e de *progresso* graduais dos reinos mineral, vegetal e animal e ainda do reino humano, à qual se seguirá, no futuro, a obra de depuração e transformação, por meios progressivos, novos, graduais, insensíveis e contínuos, dos fluidos planetários, minerais, vegetais, animais e humanos. Os elementos têm que mudar de natureza em cada nova fase que a humanidade atravessa. As matérias se depuram e progridem sob a ação espírita e o solo tem que satisfazer às necessidades das gerações humanas que o habitam.

As expressões — *"o inimigo* do pai de família", *"o inimigo" (v. 25* e *28),* indicando aquele que semeou o joio, eram as que estavam ao alcance dos homens a quem Jesus se dirigia. Não se fazia mister compreendessem o que lhes dizia o Mestre?

Este, servindo-se delas, aludia às inteligências do mal, encarnadas ou não, que trabalham por destruir no coração do homem as sementes que os bons Espíritos aí lançaram. O joio pode crescer ao lado do bom grão, porque este, ou seja — o coração puro, repele a semente má. O contacto com esta, portanto, nenhum prejuízo lhe acarreta.

A pergunta dos servos: "*Quereis que vamos arrancar o joio?*" respondeu o pai de família: "Não; receio que, arrancando o joio, arranqueis ao mesmo tempo o trigo (v. *28* e *29).*

Ao compor este ponto da parábola, teve Jesus em mira refrear o zelo dos apóstolos que, levados pelo desejo de fazer progredir a humanidade, poderiam ir

longe demais. A força de quererem reprimir os abusos, poderiam chegar ao extremo de amedrontar os homens retos, porém simples, e de os afastar.

Nesse ponto dava ele ainda um ensinamento para o futuro. No ensinar as verdades eternas, toda a ciência está em apropriá-las às inteligências que as tenham de receber. Não sendo assim, um, por exemplo, que teria aceitado a moral, se lha houveram apresentado sob aspecto condizente *com o seu ponto de vista,* dela se afasta e a repele, *ou* ofuscado pela intensidade da luz que a envolve, *ou* atemorizado com as grandes dificuldades que lhe ela deixa antever.

(V. 30). A ceifa, de que fala a parábola, se dá na ocasião em que os Espíritos voltam à sua condição de origem, isto é: em que voltam ao estado de Espíritos, despojando-se de seus invólucros carnais. Regressando ao mundo espiritual, eles o fazem, ou *no estado de joio* que tem de ser queimado, ou no de bom grão que será recolhido ao celeiro do pai de família. Verifica-se a primeira hipótese, quando vão sofrer, na erraticidade, a expiação, a depuração pelo fogo das torturas morais e depois a reencarnação em mundos inferiores ao vosso, ou mesmo no vosso, conforme às tendências e à culpabilidade, para o fim de resgatarem as faltas e de progredirem mediante novas provações. A segunda hipótese se verifica quando merecem ir para mundos superiores ao vosso, onde continuarão a aperfeiçoar-se e a progredir.

Encarada por este duplo aspecto, a ceifa já foi, está sendo e será feita ainda durante longo tempo.

Por outro lado, considerada destes dois pontos de vista, a época da ceifa definitiva será, com relação ao vosso planeta, aquela em que ao joio não mais se permita crescer aí de envolta com o trigo, em que o primeiro será arrancado e lançado fora, pela expulsão

de todos os Espíritos que se tenham conservado culposos e rebeldes, os quais se verão compelidos a afastar-se desse mundo e a ir para mundos inferiores, desde que na terra não deva mais crescer senão o bom grão, desde que ela tenha passado a fazer parte do reino de Deus, o que quer dizer, desde que se haja tornado, exclusivamente, morada de bons Espíritos.

Os ceifeiros, no caso, são os Espíritos superiores, aos quais incumbe velar pelas expiações dos Espíritos culpados, na erraticidade, e classificar os que, por terem cumprido suas provas, mereceram ascender a mundos mais elevados do que o vosso.

MATEUS, Cap. XIII, v. 31-35. —MARCOS, Cap. IV, v. 26-34. —LUCAS, Cap. XIII, v. 18-22

Grão de mostarda. — Fermento da massa. — Semente lançada à terra

MATEUS: V. 31. Propôs-lhes uma outra parábola, dizendo: O reino dos céus se assemelha ao grão de mostarda que um homem tomou e semeou no seu campo. — 32. Esse grão, que é a menor de todas as sementes, quando cresce, torna-se planta maior do que todas as outras, torna-se árvore em cujos ramos os pássaros do céu vêm habitar. — 33. Disse-lhes também esta outra parábola: O reino dos céus se assemelha ao fermento que uma mulher toma e mistura com três medidas de farinha até que a massa fique inteiramente levedada. — 34. Jesus disse por parábolas todas essas coisas à multidão; não lhe falava sem parábolas — 35, a fim de que se cumprissem estas palavras do profeta: Abrirei minha boca para falar por parábolas; revelarei coisas que estão ocultas desde a formação do mundo.

MARCOS. V. 26. E dizia: O reino de Deus é como quando um homem lança à terra a semente. — 27. Quer o homem durma, quer vele dia e noite, a semente germina e cresce sem que ele saiba como; — 28, pois que a terra, por si mesma, produz primeiro a erva, depois a espiga e afinal o grão que cobre a espiga. — 29. E, amadurecido o fruto, passa-se-lhe a foice, pois é esse o momento da ceifa — 30. E dizia: A que compararemos o reino de Deus? Por que parábola o representaremos? — 31. Ele se assemelha a um grão de mostarda que, ao ser semeado, é a menor de todas as sementes que existem na terra. — 32. Uma vez, porém, semeada, ela cresce e se torna maior do que todos os arbustos; dá galhos tão grandes que os pássaros do céu se podem abrigar à sua sombra. — 33. E assim lhes falava por muitas parábolas, de acordo com o que eles podiam entender — 34. Não lhes falava sem parábolas; mas, a sós com os discípulos, tudo lhes explicava.

LUCAS: V. 18. Dizia: O reino dos céus a que se assemelha e com que o compararei? — 19. Assemelha-se ao grão de mostarda que o homem toma e planta no seu horto; ele germina, cresce e se torna árvore grande, em cujos ramos pousam os pássaros do céu. — 20. E repetiu: Com que compararei o reino de Deus? — 21. Ele se assemelha ao fermento que uma mulher toma e mistura com três medidas de farinha até que a massa fique completamente levedada. — 22. E assim ia ensinando pelas cidades e aldeias a caminho de Jerusalém.

N. 166. Assemelhando e comparando, na parábola, o reino dos céus ao grão de mostarda, Jesus mostrava à multidão que, por mínimo que seja o ponto donde se parta para chegar ao céu, ele se pode desenvolver e produzir grandes resultados.

Esses o objetivo e a razão de ser da parábola do grão de mostarda, aplicada à época em que Jesus falava.

Seu pensamento, porém, abrangia o presente e o futuro. Despojando da *letra o espírito* e apreciando-a *do ponto de vista espírita,* ela comporta uma explicação mais ampla. A comparação do reino dos céus com um grão de mostarda, que se torna árvore grande, em cujos ramos os pássaros do céu vêm habitar, encerra uma figura alegórica. Nessa figura, *o grão de mostarda* representa o ponto de partida, a origem, o gérmen do planeta e da humanidade terrena, *o estado rudimentar* de um e outra; *o crescimento* oculto do grão, sua *afloração,* seu *desenvolvimento e* sua *transformação* em *árvore* simbolizam as fases por que passou, no estado latente, o vosso planeta durante a sua formação, que se operou, de acordo com as leis naturais e imutáveis, sob a ação espírita dirigida pela vontade inabalável do Senhor onipotente; simbolizam as fases da formação dos reinos mineral, vegetal, animal e humano, as do aparecimento, desenvolvimento e progresso desses reinos, as de depuração e

transformação física do planeta e de transformação física, intelectual e moral da humanidade. *Os ramos da árvore, onde os pássaros do céu virão habitar,* indicam o grau de desenvolvimento que o planeta tem de atingir para se tornar morada de paz e de felicidade, que os Espíritos purificados virão habitar, para com ela continuarem *a progredir* por uma nova via ascendente, que os levará à perfeição, mediante o auxílio e o concurso dos Espíritos do Senhor, sob a direção do Mestre.

Formulando a parábola em que comparava o reino dos céus, o reino de Deus ao fermento que se mistura com três medidas de farinha para fabricar uma massa inteiramente levedada, figurou Jesus, para que os homens o compreendessem, o trabalho, secreto mas contínuo, da semente regeneradora que ele lançava nos corações. Os séculos a desenvolveram, mas, na maioria dos homens, ela apenas aflora. Quão longe estais ainda da época em que essa semente, como o grão de mostarda, se tornará árvore em cujos frondosos galhos se abrigarão os fiéis!

Precisando na parábola o número de medidas de farinha a serem misturadas com o fermento, Jesus só o fez para apropriar sua linguagem aos costumes da época. Aquela quantidade de farinha era a que as donas de casa levedavam de cada vez.

Tirando-se da *letra o espírito* e considerando-se a parábola do ponto de vista espírita, o reino dos céus, o reino de Deus, que nela é comparado ao fermento com que se leveda a massa de farinha, representa aquela semente que, pela sua doutrina moral, pelos seus atos, palavras e ensinamentos, Jesus lançou nos corações e que, por um trabalho secreto e contínuo, no passado, trabalho que no presente vimos ativar mediante a nova revelação e que prosseguirá no futuro, elevará o Espírito, fazendo-o atingir a perfeição, graças à qual lhe será dado gozar da felicidade

divina, onde quer que seja. A levedação da massa representa a meta que estará alcançada pelo Espírito quando houver adquirido aquela elevação, aquela pureza.

Todos tendes nos vossos corações a levedura que o Senhor neles depositou. Esperamos que a fermentação que provocamos e ativamos, na medida do que nos é prescrito, faça chegar a levedação da massa ao ponto que deve atingir. O fermento ainda se acha na massa e muito tempo passará até que ela fique inteiramente fermentada. Dizemos, *como dizia Jesus:* nossas palavras não passarão, mas as vossas gerações humanas se sucederão em grande número, antes que o fermento haja acabado de levedar a massa.

Regular tem *que ser a* marcha do progresso daqui por diante, como regular foi até aqui, idêntica, embora inversa, à da bola que desce da montanha. De fato, enquanto que a bola desce, o progresso inversamente galga a montanha. Seus passos são, a *princípio,* lentos e penosos; mas, pouco a pouco, vencidas as primeiras dificuldades, ele abre passagem mais facilmente e acaba por descobrir, cavado na rocha, o carreiro que o conduzirá ao cume. Desde então acelera a marcha e, aos saltos, como cabrito que caçadores perseguem, se lança em desabalada corrida, transpõe todos os obstáculos e chega afinal ao sítio bendito que buscava.

A marcha da bola que desce da montanha — símbolo do progresso que a galga — foi a princípio lenta, depois se acelerou pouco a pouco e, agora que chegou quase à metade do percurso que tem de fazer, sua rapidez aumenta na razão da impulsão inicial que recebeu. Em breve, descerá aos saltos para atingir o termo da descida. Mas, repetimos: por ora, ela se acha apenas a meio do percurso.

Não vos deis pressa, pois, em *acreditar* num próximo renovamento do vosso mundo. Trabalhai

com zelo pela melhoria moral e intelectual dos homens e, quando o trabalho *moral* se adiantar (não estais sequer no começo da obra e sim, apenas, no da sua concepção), vereis que o aspecto físico do planeta mudará. Antes, porém, que a habitação seja reconstruída segundo novos planos, mister se faz que os habitantes se achem em condições de nela entrar. Tudo se encadeia na obra divina: ao que é matéria só a matéria convém. Quando, progredindo *moralmente,* houverdes chegado a viver mais a vida espiritual do que a vida animal, vereis que o aspecto do vosso planeta irá mudando *gradualmente.* Sua constituição material se aperfeiçoará na mesma gradação. Mudando de natureza as necessidades do homem, outra passará a ser a destinação dos produtos do solo. A matéria não foi criada para o Espírito e sim para o corpo. Quanto menos a carne imperar em vós, tanto mais diminuirão as necessidades materiais e tanto mais, por conseguinte, o planeta se modificará, para adaptar-se às mudanças operadas na vossa natureza. Tanto a terra como a humanidade têm por destino progredir, sem cessar, para condições fluídicas. Esse o objetivo universal.

Comparando o reino de Deus à semente que o homem lança à terra e dizendo: *Quer ele durma, quer vigile noite e dia, a semente germina e cresce* sem que o homem saiba como, *pois que a terra produz, por si mesma, primeiro a erva, depois a espiga e finalmente o grão que cobre a espiga; e, quando o fruto está maduro, passa-se-lhe a foice, pois é esse o momento da ceifa,* Jesus mostrava que o Espírito do homem tem que passar, como a semente lançada à terra, pelas fases de germinação, de crescimento, de transformação, de desenvolvimento, de frutificação e tem que atingir a maturidade moral e intelectual, a fim de se pôr, chegado o tempo da ceifa, ao alcance das mãos dos ceifadores incumbidos da colheita para o reino de Deus.

"Quer o homem durma, quer vigile noite e dia, ela germina, e cresce, *sem que ele saiba como",* disse-o Jesus, falando da semente lançada à terra, porque, na época da sua missão, os homens e especialmente aqueles que o ouviam cuidavam pouco de remontar à origem das coisas, de aprofundá-las para lhes seguirem a marcha. Notai que de todos os povos da antiguidade, o povo hebreu era um dos mais ignorantes. Aceitava, embora com repugnância, os progressos que se lhe impunham, já realizados, mas tão orgulhoso se mostrava da sua raça, que nada procurava alcançar por si mesmo.

Até hoje a semente divina germinou e cresceu sem que o homem soubesse como: o progresso se efetuou, sem que ele soubesse quais os *secretos caminhos* que lhe eram abertos pela influência oculta dos Espíritos do Senhor, secundados pelos Espíritos em missão na terra.

O homem, não fora a sua apatia, desde muito tempo houvera podido observar o trabalho da semente divina. Mas, à semelhança dos Hebreus orgulhosos e fátuos, os que obtiveram a semente deixaram-na crescer sem perscrutarem esse fenômeno.

A nova revelação, esclarecendo-vos acerca das influências que vos cercam, vem iniciar-vos nos meios de realizardes o vosso progresso e pôr-vos nas condições de compreenderdes os fenômenos da germinação e do crescimento da semente divina.

Nasça ou morra o homem, durma ou vele, o progresso continuará a sua marcha. Com o tempo e mediante a expiação e a reencarnação, o progresso dos culpados e rebeldes se operará, a luz espírita brilhará na terra e iluminará os passos de todos os homens. Ai dos que se conservarem voluntariamente cegos! Também eles progredirão, mas, para acompanharem a marcha do progresso, terão que sofrer,

em planetas inferiores, as longas e dolorosas expiações que se houverem tornado necessárias a fazê-los melhorar moralmente.

Despido da *letra o espírito,* a parábola da semente lançada à terra é o emblema dos períodos que a humanidade terrena percorreu e transpôs na via do progresso, desde o aparecimento do homem na terra, assim como dos períodos que ela tem de percorrer e transpor para sua regeneração. O olhar profundo do Mestre sondava tanto o passado quanto o futuro. A erva que aflorou ao solo, produto da germinação da semente, designa o tempo escoado antes que Jesus aparecesse no mundo. A formação da espiga indica o tempo decorrido desde esse aparecimento, até os vossos dias. A formação dos grãos que cobrem a espiga, os próprios grãos já formados e o fruto ao qual, quando maduro, se passa a foice, por ser essa a época da ceifa, designam os tempos atuais e futuros da era do Espiritismo, que vem *preparar e efetivar a* regeneração da humanidade e as promessas que as proféticas palavras de Jesus encerram.

Desde que o homem apareceu na terra, o progresso das gerações humanas e a ampliação desse progresso, a germinação e o crescimento da semente que produz a erva e depois a espiga, foram auxiliados, de acordo com a vontade imutável de Deus, pela influência oculta dos Espíritos do Senhor, na erraticidade, e pelos Espíritos sempre superiores aos da massa geral dos homens, sucessivamente enviados em missão ao mundo, trabalhando uns e outros debaixo da direção do Mestre. Esses mesmos Espíritos vão agora auxiliar, conformemente à natureza e ao estado dos produtos, ao grau de fertilidade e de calor dos terrenos, a formação do grão, a maturação do que já esteja formado, a fim de que, em chegando a época da ceifa, por eles possa a foice passar, como já tem passado pelos que

hão amadurecido e passa pelos que vão amadurecendo, desde que a nova revelação espargiu a sua luz na terra, pois para esses chegou a ocasião da sega.

Neste momento o grão se está formando, o grão amadurece e, em certas partes escolhidas, já se acha maduro ou já foi ceifado. Compreendei bem o sentido das nossas palavras: o Espiritismo nasceu há algumas horas apenas; contudo, em muitos lugares o grão já não está formado? Noutros, não começaram já os raios benfazejos do sol da verdade a produzir a maturação de muitos corações? Finalmente, em certos lugares escolhidos, os ardores vivificantes deste sol não maduraram já algumas espigas que cuidadosamente colhemos? A seara não está ainda toda madura; *longe disso.* Mas já se fazem colheitas parciais e o vasto campo que o Senhor nos confia apresenta terrenos mais férteis e mais quentes, melhormente preparados para o amadurecimento dos frutos.

O sol da verdade doura as espigas que se formam e os grãos se desenvolvem. Submetei, portanto, ao calor de seus raios as espigas com que contamos, a fim de que vão madurando até ao momento em que se haja de fazer a colheita. Deixai que nelas penetrem as fecundantes ardências com que o Senhor as banha e cada espiga madura se confiará às mãos dos ceifeiros.

Quando os feixes de espigas escolhidas estiverem formados, lançaremos de novo na terra esses grãos fecundos e eles então, penetrados do amor divino, fornecerão abundantes colheitas e tornarão produtivos os mais ingratos terrenos. Preparai, pois, as espigas que terão de fornecer as sementes. A alegoria é clara; deveis compreendê-la: os grãos fecundos são Espíritos purificados que descerão à terra em missão, para ajudar os encarnados a progredir moralmente e intelectualmente e passar pelas suas provas, trilhando o caminho traçado por Jesus e iluminado pela nova revelação.

Vamos, filhos, purificai-vos, elevai-vos, curvai sempre as vossas frontes diante da majestade divina; abaixai-as tanto mais, quanto mais se houverem elevado os vossos corações.

Quando o fruto chega à maturidade, passa-se-lhe a foice, pois que chegou o momento da colheita, disse-o Jesus. Pois bem: quando estiverdes maduros, iremos buscar-vos para junto de nós, a fim de vos darmos, sob as vistas do Mestre e de acordo com a vontade do Senhor, as instruções que forem precisas para irdes auxiliar o amadurecimento do grão. E, passada por ele a foice, realizada a colheita, prepararemos a semente para a semeadura seguinte. Assim se efetivarão a depuração e o renovamento da geração humana.

Mateus, v. 34 e 35: O que, com relação à vida eterna, Jesus revelava aos homens sob o mistério e nas obscuridades da parábola, ainda não fora dito. Já vos explicamos esse ponto: os Hebreus acreditavam na imortalidade da alma, porém de modo vago; o Cristo veio dar corpo ao que não passava de uma sombra, tanto para os discípulos, como para os Judeus rebeldes.

"Jesus, diz MARCOS nos v. 34 e 35, falava aos da multidão e aos discípulos por muitas parábolas, de acordo com o que eles podiam entender; não lhes falava .sem parábolas: mas, longe da multidão, tudo explicava aos discípulos."

Ensinava aos discípulos o sentido em que *deviam* tomar as palavras que lhes dirigia; todavia, apenas lhes deixava entrever o que elas tinham de proféticas, não lhes dando *mais do que* eles podiam suportar como encarnados, nem mais do que deviam ter consigo para o desempenho de suas missões, sob o império e o véu da *letra.* Deixava *velado* tudo o que

devesse permanecer *secreto e oculto, para só* ser descoberto e desvendado pela nova revelação, nos tempos em que os homens se houvessem tornado capazes de ir recebendo sucessivamente os ensinos dessa revelação, de maneira progressiva, na medida do que pudessem suportar.

MATEUS, Cap. XIII, v. 36-43

Explicação da parábola do joio

V. 36. Tendo despedido a multidão, entrou Jesus em uma casa e os discípulos, acercando-se dele, lhe pediram: Explica-nos a parábola do joio semeado no campo. — 37. Ele respondendo, disse: Aquele que semeia o bom grão é o filho do homem. — 38. O campo é o mundo; os filhos do reino são o bom grão; os filhos da iniqüidade são o joio. — 39. O inimigo que o semeou é o diabo; o tempo da colheita é o fim do mundo; os segadores são os anjos. — 40. O que se faz com o joio, que é arrancado e queimado no fogo, far-se-á no fim do mundo. — 41. O filho do homem enviará seus anjos; Estes reunirão e levarão para fora do seu reino todos os que são causa de escândalo e de queda; — 42, e os lançarão na fornalha do fogo; lá haverá prantos e ranger de dentes. — 43. Então, os justos brilharão como o sol, no reino do Pai. *Aquele que tiver ouvidos de ouvir, ouça.*

N. 167. Estas últimas palavras de Jesus: " *Aquele que tiver ouvidos de ouvir,* ouça", mostram que ainda *era velada* a própria linguagem usada na explicação da parábola; deixam ver que, para a compreensão exata dos termos empregados naquela explicação, dos pensamentos que eles vestem, necessário é se tire *da letra o espírito,* se procure *o espírito que vivifica,* se não pare *na letra* que mata. Elas advertiam os homens de que tivessem cuidado com a maneira de entender a explicação que lhes era dada.

Os homens, porém, compreenderam e interpretaram as palavras de Jesus *segundo a letra,* de acordo com os preconceitos e tradições da época. Materializando as expressões do Mestre, falsearam-lhes a interpretação e o sentido.

A nova revelação, que vos trazemos, vem explicar, *em espírito e em verdade,* todo o pensamento do Cristo.

(V. 37). Encarregado do progresso do vosso planeta e do da sua humanidade, isto é: do dos Espíritos que nele encarnem, Jesus, desde o aparecimento do homem na terra, vem semeando o bom *grão* e o semeará sempre; sempre trabalhou e trabalha na obra do vosso progresso, por intermédio dos Espíritos que o coadjuvam no desempenho da sua missão, e trabalhará nela até que aqueles Espíritos atinjam a perfeição, que os fará ocupar, dentro da hierarquia espírita, a categoria dos Espíritos puros.

Tendo vindo, pelas palavras que proferiu, pelos atos que praticou, pelos ensinamentos e exemplos que espalhou desempenhando a sua missão terrena, traçar a via do progresso, assentar as bases fundamentais da regeneração humana, Jesus veio, é claro, semear o bom grão.

Chamando-se a si mesmo de *'filho do homem",* lembrava aquela missão que, *aos olhos dos homens,* era humana. *Ao mesmo tempo,* pela explicação *velada* que deu da parábola, apropriando às inteligências e às condições da época a sua linguagem que, pela *letra, atendia às* necessidades do momento e, pelo *espírito,* atenderia às do futuro, mostrava seu poder e sua soberania: como *enviado* de Deus; como tendo recebido de Deus a investidura de *rei do vosso planeta, ao qual* chama *"seu reino";* como *tendo* debaixo da sua autoridade e às suas ordens os *"an*jos"; como tendo todo poder sobre a terra, que é *"seu reino",* e bem assim sobre as gerações humanas que nela se sucederão; como *sendo quem, no fim do mun*do, fará que *"seus anjos"* reúnam e levem *para fora* da terra, para fora do *"seu reino",* os filhos da iniqüidade simbolizados pelo *joio,* e quem os mandará lançar *"na fornalha do fogo",* onde haverá *"prantos e ranger de dentes".* Nessa ocasião, os filhos do reino, simbolizados pelo bom grão, já se havendo tornado justos, permanecerão no "seu reino" e aí brilharão *como o sol.*

(V. 38). O campo simboliza o mundo, isto é: o vosso planeta e a humanidade terrena; os filhos do reino, simbolizados pelo bom grão, são os que tendem a progredir e se esforçam por conseguí-lo; os filhos de iniqüidade, cujo símbolo é o joio, são os que cedem às más influências, por serem maus seus instintos.

(V. 39). O diabo, que semeou, semeia e semeará ainda por muito tempo na terra o joio e que figura na parábola como sendo "o *inimigo" — são* todos os Espíritos maus, Espíritos de erro ou de mentira, impuros, levianos, perversos (errantes ou encarnados) que, procurando exercer perniciosas influências sobre os homens,, trabalham por lhes obstar ao progresso, com o fazê-los evitar o bem e praticar o mal pelos pensamentos, palavras e atos; que trabalham por arrastá-los para fora das vias do Senhor. Estas vias *são* as que, de modo completo, se acham indicadas pelas seguintes palavras de Jesus, uma vez que sejam bem compreendidas e praticadas, em toda sua extensão, dos pontos de vista material, moral e intelectual, tanto nas relações sociais, como nas de família, como ainda no trato de cada um consigo mesmo; palavras essas que encerram *toda a lei e os profetas: "Amai a Deus acima de todas as coisas e o próximo como a vós mesmos; procedei sempre, em tudo, com os outros como quereríeis que procedessem convosco".*

O fim do mundo, predito por Jesus e que, na parábola, corresponde *ao tempo da ceifa, não é o* que as interpretações humanas figuraram. Não se trata de um fenômeno *repentino,* como o imaginaram erroneamente quantos acreditaram que, *de um instante para outro, o* universo inteiro seria transformado, renovado.

O fim do mundo *vem sendo preparado* desde há muito e pouco a pouco se vai operando. Avançais para

a época em que, pela só influência da vossa presença, os Espíritos inferiores que encarnam na terra serão repelidos e fugirão para meios que melhor lhes quadrem. Os Espíritos inferiores, como sabeis, temem a presença dos Espíritos elevados. Não é natural que o homem devasso e vil se sinta embaraçado e pouco à vontade numa reunião de pessoas de escol, das mais instruídas e virtuosas? e não é natural também que volte, assim lhe seja permitido, para o meio de seus iguais? É o que se dará com os Espíritos inferiores, *quando chegar o fim do mundo,* isto é: quando, por se haverem as vossas naturezas elevado e mudado de ordem, subido na hierarquia espírita, tudo mudará em torno de vós. O joio *terá sido,* então, lançado ao fogo da purificação e o bom grão refulgirá aos olhos do pai de família.

Nessa época, em que o vosso progresso já será bastante para repelir os Espíritos inferiores que vos cercam, entrareis na fase espírita. *Quer isto dizer* que, tanto para o homem como para o planeta, a matéria se depurará, sem passar, contudo, às condições de fluidos puros. Compreendei bem todas as fases, todos os graus que, de modo mais ou menos material, mais ou menos sutil, separam os Espíritos encarnados nos diversos mundos que eles ocupam. Chegando à primeira fase espírita, à primeira separação da matéria espessa, entrareis numa categoria de Espíritos cujo invólucro leve difere inteiramente do vosso invólucro atual, sem, todavia, ser completamente fluídico. Será uma nova vestimenta, que tereis de mudar ainda muitas vezes, antes que chegueis à condição de poderdes habitar *mundos fluídicos, o* que sucederá um dia, porquanto não deveis acreditar que, alcançado esse ponto de *adiantamento,* estejais amalhados no planeta em que viveis. Ele também terá progredido, mas, nessa ocasião, todos os mundos, cuja categoria corresponda à dos vossos Espíritos, vos

poderão servir de morada; não estareis adstritos a habitar estes de preferência àqueles.

O fim do mundo, compreendido como sendo a época da colheita, se apresenta dividido em três períodos distintos: o primeiro é o em que aos Espíritos inferiores foi e será permitido encarnar na terra para, por sucessivas expiações e reencarnações, se purificarem, passarem de "filhos de iniqüidade", que eram, a "filhos do reino".

O segundo é o em que o joio começará a ser separado do trigo, o em que os Espíritos que se mantiverem culpados, rebeldes, voluntariamente cegos, serão afastados do vosso planeta e deportados para planetas inferiores.

O terceiro é o em que, concluída a separação do joio e do trigo, estará acabado o afastamento dos Espíritos inferiores; é, portanto, o em que a terra se terá tornado morada de paz e de felicidade, de bons Espíritos já aptos a entrar na fase espírita, o que se efetuará conforme *acabamos de explicar,* e a avançar, sob a influência dos Espíritos do Senhor e de Espíritos encarnados em missão, na via do progresso, pela ciência, pela caridade e pelo amor.

Os *segadores* são, indistintamente, todos os Espíritos do Senhor, encarnados em missão, ou não encarnados, que trabalham na obra do progresso, da purificação e da regeneração da humanidade terrena. Facilmente se compreende que os que trabalham nessa obra sejam incumbidos da colheita.

(V. 40, 41 e 42). O reino do filho do homem *é a terra com a sua humanidade.* Quando uma e outra houverem chegado ao período de depuração e de progresso, no qual os Espíritos inferiores, culpados, rebeldes, voluntariamente cegos, serão afastados do vosso planeta e deportados para planetas inferiores, os anjos, no dizer de Jesus, *"reunirão e levarão para*

fora de seu reino os que são ocasião de escândalo e de queda e os que cometem iniqüidade¨. Os anjos de que aí se fala serão os *puros Espíritos, os Espíritos superiores* e não os encarnados em missão, porquanto a seleção e a classificação dos Espíritos que permanecerem culpados, rebeldes, se fará estando eles *na erraticidade.* Não esqueçais que, revestidos da libré de carne *que trazeis,* todos os Espíritos são mais ou menos falíveis, embora se trate dos que na terra se acham empregados na regeneração humana. Nenhum, pois, por aquela só razão, tem o direito de julgar seus irmãos também encarnados, de dizer a qualquer destes: *"Tu és culpado, sou teu juiz¨, ou: "Falis-te e eu te condeno ou te absolvo".* Um Espírito, por mais purificado que esteja, logo que toma o invólucro *corporal humano,* lhe sofre a influência mais ou menos forte. Sendo, desde então, mais ou menos falível, é-lhe interdito *julgar.* Portanto, os Espíritos puros, os Espíritos superiores são os que, livres de qualquer contacto humano, virão separar do *trigo o joio.*

Quanto a vós, obreiros que também trabalhais no campo do Senhor, contentai-vos com ajudar o mais que puderdes a maturação do grão. Exponde-o, quanto vos for possível, aos raios benfazejos da verdade; *mas, não julgueis os vossos irmãos, não os julgueis nunca,* pois que não estais em condições de perceber os secretos desígnios do Senhor, tolhidos como vos encontrais *pelo véu da carne.*

No fim do mundo, nessa época em que se operará a depuração gradual do vosso planeta, mediante a separação do bom grão e do joio, este ainda será queimado, como o terá sido antes. Entretanto, não mais poderá crescer ao lado do bom grão. Os "filhos de iniqüidade" serão ainda, como o foram sempre, no passado, submetidos à expiação, mas, daí em diante, não se lhes permitirá *mais* reencarnar *na terra.*

Os anjos, que o Cristo enviará, os afastarão do vosso planeta, levando-os para mundos inferiores, onde os classificarão de acordo com as suas tendências e a sua culpabilidade. Assim, *uns* irão para mundos de categoria abaixo da que o vosso então ocupará; *outros* (e ainda serão muitos) irão para planetas da mesma categoria que o vosso atualmente[10].

Antes, porém, que lhes seja permitido reencarnar nesses planetas, serão lançados *"na fornalha do fogo, onde haverá prantos e ranger de dentes",* isto é: entrando em expiação, os Espíritos culpados, rebeldes, voluntariamente cegos, serão lançados ao fogo dos remorsos morais apropriados e proporcionados aos crimes e faltas que hajam cometido, como já o explicamos, verdadeiro fogo de purificação, que gera e desenvolve o arrependimento e o desejo da reparação por meio de novas provações.

Lá nesses mundos inferiores, longa e dolorosa expiação consumirá o joio, a má planta. Mas, o Espírito *não é* passível, como o joio, como a planta má, de ser, pelo fogo, reduzido a pó. Purificado pela ação do fogo regenerador, germina a boa semente que ele traz em si e das cinzas do joio brotam messes de bom grão. O joio será queimado tantas vezes quantas forem precisas, para que se torne bom grão, para que os "filhos de iniqüidade" se tornem "filhos do reino" e entrem a seu turno na classe dos *'justos".*

Já o temos dito e agora repetimos, pela última vez: Quaisquer que sejam os versículos dos Evangelhos onde se leiam estas palavras — *fornalha de fogo, geena, fogo de geena, prantos e ranger de dentes* — elas significam *sempre* a expiação do Espírito, seguida da reencarnação, de novas provações, e são *sempre* emblemáticas.

(V. 43). *"Então os justos brilharão como o sol no reino do pa".* Estas palavras têm um sentido *figu-*

---

[10] Estas palavras foram mediunicamente ditadas no mês de fevereiro de 1863.

rado. A luz que brilha nos filhos do Senhor é a da verdade, da fé e do amor. Os filhos do Senhor são os justos, isto é: os Espíritos purificados, cujos perispíritos, por efeito da purificação, se tornaram mais luminosos, irradiando uma luz cuja pureza e cujo brilho correspondem ao grau da elevação alcançada. Os mundos superiores formam *o reino do pai.* O vosso planeta, desde que atinja a necessária elevação, lhes pertencerá ao número, constituindo, se quereis uma comparação humana, ¨uma das províncias do reino *de Deus".*

MATEUS, Cap. XIII, v. 44

Tesouro oculto

V. 44. O reino dos céus é semelhante a um tesouro oculto num campo; o homem que o achou o esconde e, cheio de alegria por o haver achado, vai vender tudo que possui e compra aquele campo.

N. 168. Aquele que recebe a palavra de Deus se sente tão feliz quanto o homem que acha um tesouro, se é que se pode estabelecer comparação entre sentimentos tão dessemelhantes.

Cumpre-lhe encerrar no coração essa fonte de riquezas eternas e esforçar-se por que nenhum dos vícios da humanidade lhe possa arrebatar o precioso tesouro.

Vai o homem e vende o que tem. Quer isto dizer: ele se despoja dos erros, dos maus instintos, dos maus pendores, dos vícios, numa palavra — de tudo que o prende à matéria, como os bens terrenos o prendem ao solo que os encerra.

E compra o campo: Faz, para conservar o tesouro espiritual, todos os sacrifícios que a humanidade exija.

MATEUS, Cap. XIII, v. 45-46

Pérola de alto preço

V. 45. O reino dos céus ainda se assemelha a um negociante que procura belas pérolas; — 46, que, achando uma de alto preço, vende tudo o que possui e a compra.

N. 169. Esta parábola tem quase a mesma significação que a do tesouro. De fato, ela traça a imagem do homem que sinceramente procura a verdade e que, achando-a, recebendo-a, se desembaraça, sem hesitar, de seus erros, de suas fraquezas, dos maus instintos, dos maus pendores, dos vícios, dos apetites materiais, que, anteriormente, constituíam toda a sua riqueza ilusória e funesta, e dela, com a maior diligência, procura desfazer-se, empregando todos os esforços por conservar a pérola de alto preço que, como o tesouro, é a verdade que ele encontrou com o aceitar a palavra de Deus.

MATEUS, Cap. XIII, v. 47-52

Parábola da rede lançada ao mar

V. 47. O reino dos céus se assemelha também a uma rede de pescar que, lançada ao mar, apanha toda espécie de peixes. — 48. Quando fica cheia, os pescadores a puxam para bordo, onde, assentados, se põem a separá-los, deitando os bons nos vasos e lançando fora os maus. — 49. Assim será no fim do mundo: os anjos virão e separarão os maus do meio dos justos; — 50, e os lançarão na fornalha de fogo, onde haverá prantos e ranger de dentes. — 51. Haveis compreendido todas estas coisas? Eles responderam: Sim. — 52. Disse-lhes ele então: Todo escriba instruído acerca do reino dos céus se assemelha ao pai de família que do seu tesouro tira coisas novas e coisas velhas.

N. 170. Não temos necessidade de vos explicar o símile da pesca. Facilmente compreendeis que se trata *da escolha dos bons e do afastamento dos maus.* Ele deve ser entendido, compreendido, explicado, em tudo e por tudo, do mesmo modo por que o foi a parábola do joio. Podeis notar que muitas palavras têm o mesmo sentido. Foram ditas a homens diferentes, muitas vezes em ocasiões diversas, mas sempre com o mesmo objetivo.

Compreendestes bem tudo isto? perguntou Jesus aos discípulos. "Sim", responderam-lhe.

Eles haviam compreendido a parábola da pesca *tal como lhes foi apresentada,* isto é: como uma imagem da escolha que, pouco a pouco, se iria fazendo entre os Espíritos, a fim de que, no momento determinado, já não houvesse muitos Espíritos rebeldes a afastar.

"Todo escriba", disse-lhes também Jesus, *instruído acerca do que concerne ao reino dos céus, se assemelha ao pai de família que do seu tesouro tira coisas novas e coisas velhas".*

Por escriba designava Jesus o homem mais esclarecido do que as massas e encarregado de espalhar no meio delas as luzes contidas no tesouro da sua erudição e da sua inteligência.

Os escribas, vós o sabeis, eram, naquela época, os sábios, os eruditos. Espalhavam, ou melhor: tinham o dever de espalhar a luz; mas, não raro, a punham debaixo do alqueire.

Tira do seu tesouro coisas novas e coisas velhas aquele que se serve da ciência que recebeu dos tempos antigos para fortificar e, por assim dizer, tornar recomendável aquilo que ele quer fazer crido.

Assim, vós outros espíritas deveis, dentro dos limites da vossa instrução, das vossas faculdades, investigar as crônicas antigas, escrutar as lendas, desencavar os velhos manuscritos sepultados no fundo das bibliotecas seculares ou dos conventos avaros do que possuem — e, armados dos vetustos documentos que possuirdes, demonstrar aos tímidos, aos incrédulos, aos pseudo-sábios a autenticidade e a ancianidade da ciência que professais.

MATEUS, Cap. XIII, v. *53-58. —MARCOS,* Cap. VI, v. 1-6

Nenhum profeta é desestimado senão no seu país, na sua casa e entre seus parentes

MATEUS: V. 53. Tendo acabado de dizer essas parábolas, Jesus partiu dali; — 54, e, voltando ao seu país, os instruía nas sinagogas; de sorte que, tomados de admiração, eles diziam: Donde lhe vieram esta sabedoria e estes milagres? — 55. Não é ele o filho do carpinteiro? Sua mãe não se chama Maria e Tiago, José, Simão e Judas seus irmãos? — 56. E suas irmãs não vivem todas entre nós? Donde então lhe vêm todas estas coisas? — 57. Assim era que dele se escandalizavam. Jesus, porém, lhes disse: Nenhum profeta é desestimado senão no seu país e na sua casa. — 58. E não fez lá muitos milagres por causa da incredulidade deles.

MARCOS: V. 1. Dali saindo, voltou Jesus para o seu país, acompanhado pelos discípulos. — 2. E, chegando o dia de sábado, começou a ensinar na sinagoga; e muitos dos que o ouviam, admirando-se da sua doutrina, diziam: Donde lhe vieram todas estas coisas? Que sabedoria é essa que lhe foi dada? Como é que suas mãos obram tais maravilhas? — 3. Não é ele o carpinteiro filho de Maria e irmão de Tiago, de José, de Judas e de Simão? E suas irmãs não estão aqui entre nós? E se escandalizavam dele. — 4. Jesus, porém, lhes disse: Nenhum profeta é desestimado senão no seu país, na sua casa e entre os seus parentes. — 5. E não pôde fazer lá nenhum milagre; apenas curou alguns poucos doentes, impondo-lhes as mãos. — 6. E se admirava da incredulidade deles. E lá ia percorrendo as aldeias dos arredores, a ensinar.

N. 171. Pelo que respeita aos que eram *tidos* por irmãos e irmãs de Jesus, pelo que se refere à maternidade humana de Maria e à paternidade humana de

José, *segundo o modo de ver dos homens,* nenhuma explicação mais temos que dar, além das que constam do n. 163. Já sabeis "quem é o filho", pela revelação, que vos fizemos, da origem espírita de Jesus, do modo e das condições em que se deu o seu aparecimento na terra, do que foram a gravidez e o parto de Maria, da genealogia do Mestre. Não temos que voltar a esses pontos.

(Mateus, *v.* 57 e Marcos, v. 4). Dizendo: *"Nenhum profeta é desestimado senão no seu país, na sua casa e entre seus parentes",* tinha Jesus o intento de lembrar aos que o ouviam o caráter e a missão de profeta que os outros homens lhe davam, pois que aqueles, supondo-o um homem como os demais, nas mesmas condições de faculdades e de poderes que eles, se surpreendiam profundamente com a sabedoria da sua doutrina, com as suas palavras, com os seus ensinamentos e com os fatos que produzia e que eram considerados "milagres".

Do ponto de vista espírita, essas palavras de Jesus encerram uma reflexão filosófica, cujo valor tendes podido verificar.

(Mateus, v. 58). E *não fez lá muitos milagres por causa da incredulidade deles.*

Não sabeis que a oposição dos Espíritos, encarnados ou não, prejudica a influência que se possa exercer? Jesus, *se o quisesse,* houvera dominado aquela influência contrária. Mas, que é o que conseguiria? Que aqueles Espíritos, voluntariamente cegos, fossem *forçados* a ver. Eles, porém, se obstinariam em fechar os olhos e desde então passariam a merecer castigo mais severo. Ora, o Mestre, com a doçura do seu coração, jamais provocou a revolta de qualquer Espírito, a fim de lhe poupar o remorso da falta.

(Marcos, v. 5). *'E não pôde fazer lá nenhum milagre; apenas curou alguns poucos doentes, impondo-lhes as mãos".*

Acabamos de dizer que Jesus *não pôde* fazer milagres, *porque não* quis exercer *autoridade sobre os Espíritos rebeldes. Assim,* não houve *impotência,* mas *ausência de vontade,* o que, *aos olhos dos homens,* era tido por impossibilidade. Não sucede muitas vezes vos absterdes de fazer uma coisa, de ficardes *sem poder* executá-la, por se apresentar um obstáculo que não quereis *destruir?*

A versão de Marcos é equivalente à de Mateus. Ambos, em termos que pouco diferem, exprimem a mesma idéia.

(Marcos, v. *6). "E Jesus se admirou da incredulidade deles".* Ê este um modo humano de exprimir a impressão, a opinião de homens que não viam no Mestre mais do que um homem *igual aos* outros. Jesus não tinha que se admirar, nem podia admirar-se da incredulidade dos que o ouviam, por isso que lia no pensamento de todos, observava os instintos e as tendências do[s] que compunham a multidão e via os Espíritos que atuavam neles, graças ao livre arbítrio de cada um, atraídos por aqueles maus instintos, aquelas tendências más.

MATEUS, Cap. XIV, v. 1-12. —MARCOS, Cap. VI, v. 14-29. —LUCAS. Cap. III, v. 19-20 e Cap. IX, v. 7-9

Morte de João Batista. — Palavras que, ditas com relação a Jesus, confirmam a crença dos Hebreus na reencarnação

MATEUS: v. 1. A esse tempo chegou aos ouvidos do Tetrarca Herodes a fama de Jesus; 2, e ele disse a seus servos: Esse é João Batista; é o próprio João que ressuscitou dentre os mortos; daí vem o fazerem-se por seu intermédio tantos milagres. — 3. Herodes mandara prender a João, pusera-o a ferros e o metera na prisão, por causa de Herodíade, mulher de seu irmão. — 4. É que João lhe dizia: Não te é permitido tê-la por mulher. — 5. Herodes queria dar-lhe a morte: mas temia o povo, que considerava João um profeta. — 6. Porém, no dia do aniversário de Herodes, a filha de Herodíade dançou diante dele e lhe agradou; — 7, tanto que ele prometeu sob juramento dar-lhe tudo o que pedisse. — 8. Ela, industriada de antemão por sua mãe, disse: Dá-me, aqui mesmo, num prato, a cabeça de João Batista. — 9. Esse pedido muito aborreceu o rei, que, todavia, por causa do juramento que fizera e dos que com ele se achavam à mesa, mandou que lha dessem. — 10. Ao mesmo tempo ordenou que a João Batista cortassem a cabeça na prisão. — 11. E a cabeça de João foi trazida num prato e dada à moça, que a levou à sua mãe. — 12. Os discípulos de João vieram, carregaram-lhe o corpo, o sepultaram e foram comunicar tudo isso a Jesus.

MARCOS: VI. 14. Ora, o rei Herodes ouviu falar de Jesus, cuja nomeada se espalhara muito, e dizia: João Batista ressuscitou dentre os mortos; daí vem que tantos milagres se operam por seu intermédio. — 15. Outros, porém, diziam: *É* Elias; outros: *É* um profeta igual a um dos profetas. -16. Ouvindo isso, disse Herodes: Este homem é João a quem mandei cortar a cabeça e que ressuscitou

dentre os mortos. — 17. Herodes, tendo desposado Herodíade, não obstante ser ela mulher de Filipe, irmão dele, mandara prender a João, pusera-o a ferros e o metera na prisão por causa dela, — 18, porque João lhe dizia: Não te é permitido ter por mulher a mulher de teu irmão. 19. Desde então, Herodíade sempre lhe armava ciladas, desejosa de fazê-lo morrer, o que não conseguia, — 20, visto que Herodes temia a João por saber que era um varão justo e santo. Guardava-o, pois, e fazia muitas coisas aconselhando-se com ele e o escutava de boamente. — 2I. Afinal, chegou um dia favorável, do aniversário de Herodes, no qual este ofereceu um banquete aos grandes de sua corte, aos tribunos e aos maiorais da Galiléia. — 22. A filha de Herodíade teve entrada, dançou diante de Herodes e de tal modo lhe caiu no agrado, bem como no de todos quantos se achavam à mesa, que ele lhe disse: Pede-me o que quiseres e eu to darei. — 23. E acrescentou, jurando: Sim, o que me pedires eu te darei, ainda que seja a metade do meu reino. — 24. Ela, quando saiu, perguntou à mãe: Que é o que pedirei? Sua mãe lhe respondeu: A cabeça de João Batista. — 25. Ela se deu pressa em voltar à sala onde estava o rei e fez o seu pedido, dizendo: Quero que neste mesmo instante me dês num prato a cabeça de João Batista. — 26. O rei se aborreceu com esse pedido; mas, por causa do juramento que fizera e dos que com ele estavam à mesa, não quis desatendê-lo. — 27. Tendo ordenado a um dos da sua guarda que trouxesse a cabeça de João Batista num prato, o guarda foi ao cárcere e aí degolou a João; — 28, trouxe a sua cabeça num prato, deu-a à moça e esta a deu à sua mãe. — 29. Sabendo do ocorrido, os discípulos de João vieram, levaram-lhe o corpo e o puseram num sepulcro.

LUCAS, III. V. 19. Herodes, o Tetrarca, tendo ouvido de João uma censura por causa de Herodíade, mulher do irmão dele Herodes, e por causa de todos os males que fizera, — 20, juntou a todos os seus crimes o de meter a João num cárcere.

lX. V. 7. Herodes, o Tetrarca, tendo ouvido falar de tudo o que Jesus fazia, não sabia o que pensar, pois uns diziam — 8, que João ressuscitara dentre os mortos, outros que Elias voltara, enquanto outros afirmavam que um dos antigos profetas ressusci-

tara. — 9. Herodes dizia: Pois que mandei degolar a João, quem é este de quem ouço dizer tais coisas? E procurava vê-lo.

N. 172. Aquelas palavras: *"É Elias; — é João Batista que ressuscitou dentre os mortos; — é Elias que voltou; — é um dos antigos profetas que ressuscitou,* ditas e repetidas como sendo o que a voz pública afirmava com relação a Jesus; estas outras, que o rumor público levara Herodes a proferir, falando de Jesus: "Pois *que mandei cortar a cabeça a João Batista, quem é este? — Este homem é João Batista, a quem mandei cortar a cabeça; João Batista ressuscitou dentre os mortos,* confirmam a existência, entre os Hebreus, da crença popular na reencarnação.

Com efeito, *os homens não poderiam considerar a Jesus* como sendo *ou* Elias, ou João Batista, *ou* um dos antigos profetas, que *voltara a viver* na terra, senão admitindo que a alma ou Espírito, *quer* de Elias, *quer* de João, *quer* de um dos antigos profetas, reencarnara em aquele novo corpo *que,* conforme então acreditavam, *era obra* humana de José e de Maria, os quais, como sabeis, *passavam por ser o* pai e a mãe de Jesus.

Não vos admireis de que Herodes tenha dito: "Pois *que mandei cortar a cabeça a João, quem é este a respeito do qual ouço dizer tão grandes coisas"* (Lucas, Cap. IX, v. 9); *Este é João Batista; — João Batista ressuscitou dentre os mortos; — este homem é João Batista, a quem mandei cortar a cabeça e que ressuscitou dentre os mortos"* (Mateus, v. 2; e Marcos, v. 14 e 16).

Herodes (deveis compreendê-lo) não ouviu falar de Jesus só uma vez. Conseguintemente, não fez só uma observação relativamente ao Cristo. As palavras que Lucas menciona foram as primeiras que a tal respeito Herodes pronunciou e que repetiu em diversas ocasiões. As que constam das narrativas de Mateus e

de Marcos *só mais tarde* ele as disse e repetiu também, em ocasiões diversas.

Quanto ao que se refere à morte de João e às particularidades dessa morte, nenhuma explicação temos que dar. É uma simples narração de fatos.

Notai apenas que as narrativas de Mateus e de Marcos se explicam e completam uma pela outra. A filha de Herodíade não podia, *de antemão,* saber qual o efeito que a sua dança produziria no rei, nem que este lhe faria um oferecimento. Portanto, só depois que ouviu a promessa do Tetrarca, foi consultar a Herodíade. Para dizer a Herodes: *Dá-me,* aqui, neste mesmo instante, *num prato, a cabeça de João Batista,* sua mãe a industriara *previamente,* porquanto ela saíra e, depois de referir a Herodíade, não só o efeito que a dança produzira no rei, como também o oferecimento que este lhe fizera, perguntou-lhe: *Que hei de pedir?* respondendo Herodíade: A *cabeça de João Batista, neste mesmo instante.*

Esta explicação nós vo-la demos somente porque, lendo os vossos pensamentos, quisemos dissipar as preocupações do vosso Espírito, que julgava ver, naquele ponto, uma contradição entre as duas narrativas. Mas, não vos detenhais *nunca* ante tais futilidades destituídas de valor.

Que importaria, para a fé que professais, que Herodíade houvesse dito à filha, antes ou depois da dança, antes ou depois do oferecimento do rei, que pedisse a cabeça de João Batista? Herodíade e a sua filha haviam escolhido, tomando cada uma a sua parte, aquela temível prova e o meio em que deveriam suportá-la. Sendo essa prova superior às suas forças, tinham ambas por isso mesmo que sucumbir e sucumbiram.

Tendes dificuldades em compreender que o Senhor conheça antecipadamente quais os que sucumbirão? Assim é. A sua sabedoria, conhecendo a

fraqueza do Espírito, prevê a que transviamentos este, no uso do seu livre arbítrio, será levado por aquela fraqueza. Se um dos vossos filhos vos pedir o consentimento para desempenhar tarefa superior às suas forças e se obstinar nesse intento, não prevereis, ao conceder-lhe a licença solicitada, que a força ou a perseverança lhe faltarão? Condescendendo, apesar disso, qual o vosso objetivo, senão lhe dar ensejo de apreciar com justeza o seu valor real?

Herodíade e sua filha, depois daquelas provas a cujo peso sucumbiram, tinham que encontrar e encontraram, na expiação, mediante novas provações, uma fonte e um meio de purificação e de progresso.

MATEUS, Cap. XIV, v. 13-22. — MARCOS, Cap. VI, v. 30-45. —LUCAS. Cap. IX, v. 10-17

Multiplicação dos cinco pães e dos dois peixes

MATEUS: V. 13. Ouvindo a narração que lhe fizeram os discípulos de João, Jesus partiu numa barca e se retirou secretamente pra um lugar deserto. Ao saber disso, o povo deixou as cidades e o foi seguindo a pé. — 14. Quando ele saltou em terra, viu grande multidão e, compadecendo-se dela, curou os doentes. — 15. Como caísse a tarde, os discípulos se aproximaram e lhe disseram: Este lugar é deserto e a hora já vai adiantada; manda-os embora, a fim de que vão às aldeias comprar o que comer. — 16. Jesus, porém, lhes disse: Não é necessário que se afastem daqui; dai-lhes vós mesmos de comer. — 17. os discípulos replicaram: Não temos mais que cinco pães e dois peixes. — 18. Disse-lhes ele: Trazei-mos. — 19. Em seguida mandou que a multidão se assentasse na relva, tomou os cinco pães e os peixes e, olhando para o céu, os abençoou, partiu e deu aos discípulos, que os passaram ao povo. — 20. Todos comeram, ficaram saciados e ainda levaram doze cestos cheios dos pedaços que sobraram. — 2I. Ora, os que comeram eram em número de cinco mil, sem contar as mulheres e as crianças. — 22. Feito isso, Jesus ordenou aos discípulos que tomassem a barca e passassem para a outra margem do lago antes dele, que ficava despedindo o povo.

MARCOS: V. 30. Ora, os apóstolos, reunindo-se em torno de Jesus, lhe deram conta de tudo que haviam feito e ensinado. — 3I. E ele lhes disse: Vinde, retiremo-nos para um lugar deserto, a fim de aí repousardes um pouco. É que eram tantos os que iam e vinham, que eles não tinham tempo para comer. — 32. Subindo, pois, para uma barca, retiraram-se para um lugar deserto. — 33. Mas, tendo-os visto partir e muitos tendo sido informados da

partida, grande multidão acorreu a pé de todas as cidades e chegou antes deles. — 34. Ao saltar da barca, vendo Jesus grande multidão, dela se compadeceu, pois era como rebanho que não tem pastor, e começou a ensinar-lhe muitas coisas. — 35. E como já se fizesse tarde, os discípulos se aproximaram dele e lhe disseram: Este lugar é deserto e a hora já vai adiantada; — 36, manda-os embora, a fim de que vão às cidades e aos povoados dos arredores comprar o que comer. — 37. Respondendo, disse Jesus: Dai-lhes vós mesmos de comer. Eles replicaram: Onde iremos comprar por duzentos denários pães que bastem pra lhes darmos de comer? — 38. Jesus perguntou: Quantos pães tendes? Ide e vede. Depois de o verificarem, disseram eles: Cinco pães e dois peixes. — 39. Jesus então lhes ordenou que fizessem o povo sentar-se em ranchos na relva. — 40. Todos se assentaram formando diversos ranchos, uns de cem pessoas outros de cinqüenta. — 41. E Jesus, tomando os cinco pães e os dois peixes e olhando para o céu, abençoou e partiu os pães e os entregou aos discípulos para que os pusessem diante do povo; repartiu assim também os dois peixes com todos. — 42. Todos comeram e ficaram fartos. — 43. E ainda levaram doze cestos cheios de pedaços de pão e de peixe que haviam sobrado, — 44, não obstante serem em número de cinco mil os que comeram. — 45. Em seguida, Jesus mandou que os discípulos tomassem de novo a barca, passassem para a outra margem do lago em direção a Betsaida, enquanto ele ficava despedindo o povo.

LUCAS: V. 10. De volta, os apóstolos relataram a Jesus tudo que haviam feito e Jesus, levando-os consigo, se retirou para um lugar deserto próximo de Betsaida. — 11. Informadas disso, as turbas o seguiram e Jesus, recebendo-as, entrou a falar-lhes do reino de Deus e a curar os que precisavam ser curados. — 12. Ora, como o dia começasse a declinar, os doze vieram a ele e lhe disseram: Manda embora esta gente, a fim de que vá procurar alojamento e o que comer nas granjas e aldeias dos arredores, pois estamos num lugar deserto. — 13. Mas Jesus lhes disse: Dai-lhe vós mesmos de comer. Ao que eles replicaram: Só se formos nós

mesmos comprar comida para todo este povo, pois não temos mais do que cinco pães e dois peixes. — 14. Eram cerca de cinco mil pessoas. Disse então Jesus aos discípulos: Fazei que se assentem divididos em grupos de cinqüenta. -15. Os discípulos obedeceram e fizeram que todos se sentassem. — 16. Jesus tomou os cinco pães e os dois peixes, levantou os olhos ao céu e os abençoou, depois os partiu e entregou aos discípulos para que os distribuíssem pela multidão. —17. Todos comeram, ficaram saciados e ainda encheram doze cestos com os pedaços que sobraram.

N. 173. Já vos temos falado da força de que dispunha Jesus, por efeito da sua potencialidade superior, para atrair os fluidos de que necessitava.

Pela ação da sua vontade poderosa sobre os Espíritos que o obedeciam pressurosamente, conseguiu ele, mediante transportes e o emprego de fluidos, multiplicar ao infinito a pequena quantidade de alimentos que os discípulos tinham à sua disposição. *Preparados* com os fluidos próprios à sua produção, os quais lhes davam as necessárias propriedades nutrientes, aqueles alimentos satisfaziam às exigências da matéria, bastando uma diminuta porção deles para saciar a fome mais devoradora.

Para que a multidão ficasse saciada, não bastaria que o Cristo o *quisesse?* Sem dúvida e para isso não lhe seria preciso mais do que reunir em torno dela os fluidos convenientes que, sendo aspirados, fariam cessar as exigências do estômago. Era, mister, porém, que, diante daqueles observadores materiais um efeito físico se produzisse. A multiplicação dos pães e dos peixes causou impressão muito maior do que houvera causado a vontade de Jesus atuando nos homens.

Para os *apóstolos, os discípulos e a multidão* foi com os pedaços em que Jesus dividiu os cinco pães e os dois peixes, pedaços que, multiplicados ao infinito, ele entregou aos apóstolos e estes distribuíram pelo povo,

que todos se saciaram, dando ainda, depois de estarem todos satisfeitos, para encher doze cestos.

Foi isso que todos viram, esse o fato que se passara *à vista de todos,* o fato de que todos eram testemunhas e do qual todos haviam participado desde que comeram os pedaços dos cinco pães e dos dois peixes, partidos pelas mãos de Jesus e distribuídos pelos discípulos.

Foi isso e só isso o que viram, o que podiam atestar e atestaram.

Por lhes ser incompreensível e inexplicável, dada a ignorância de todos, dos apóstolos, dos discípulos e da multidão, relativamente *à origem, às causas* e aos *meios ocultos* que o produziram, o fato da multiplicação dos pães e dos peixes foi por todos considerado um *"milagre".* Foi e *ainda o é* pelos que se conservam estranhos à nova revelação.

Alguns homens, de coração simples e de espírito humilde, acreditaram na sua autenticidade, sem o compreenderem, firmados no testemunho dos apóstolos, dos discípulos e da multidão e na fé que lhes inspira a narração evangélica, baseada naqueles testemunhos.

Os outros *ou fingiram* acreditar por não ousarem negá-lo, ou o negaram e rejeitaram abertamente, encastelados na sua orgulhosa ignorância, pela simples razão de não o poderem compreender e não saberem explicá-lo.

E sem a nova revelação, que vos vem iniciar nos segredos de além-túmulo, na ciência espírita, que vos vem mostrar a origem, as causas e os meios ocultos por que se operou a multiplicação dos pães e dos peixes, este fato não seria ainda, para vós, um *"milagre"?*

Porventura vedes o que a todos os momentos se passa em torno de vós no mundo espiritual? Sem a nova revelação que vos trazemos, saberíeis que aquela

multiplicação se produziu pela *ação espírita e pelo emprego de fluidos,* uma vez que a ciência é impotente para comprová-la, por isso que não vê, não observa, não descobre senão com os olhos carnais? Saberíeis quais *os meios ocultos* que, com o auxílio daquele emprego, serviram para efetuar a multiplicação de que se trata?

Os evangelistas que, como os apóstolos, os discípulos e a multidão, não podiam compreender o fato, por ignorarem também a fonte, as causas e os meios que o produziram, se limitaram, *e assim devia ser, a* narrá-lo debaixo da influência mediúnica.

"Jesus, dizem eles, *partiu com as mãos os cinco pães e os dois peixes, os deu aos discípulos e estes os deram ao povo; todos comeram e ficaram saciados e ainda levaram doze cestos cheios dos pedaços de pão e de peixe que sobraram".*

Estas últimas palavras indicam que Jesus partia os pães e os peixes e dava os pedaços aos discípulos que os depositavam em cestos, onde os transportavam para distribuí-los pelo povo.

Os cestos eram os que as mulheres do Oriente costumam trazer à cabeça e que servem para o transporte de frutos e legumes, assim como para abrigá-las dos ardores do Sol. E muitas mulheres havia na multidão.

Antes que começasse a multiplicação dos pães e dos peixes, os discípulos, cumprindo o que Jesus lhes ordenara, haviam arrebanhado e colocado junto dele todos os cestos que as mulheres traziam.

Eis aqui agora como se operou a multiplicação: Tendo na mão os pães e os peixes, Jesus os envolvia em fluidos apropriados à produção de tais alimentos, fluidos produtores. Como deveis compreender, o Mestre, para multiplicá-los entre os seus dedos, atraía a si os fluidos próprios ao efeito desejado e os tomava visíveis e tangíveis, dando-lhes o aspecto, a forma, o

sabor de pedaços de pão ou de peixes, pois que jamais os cinco pães e os dois peixes teriam fornecido pedaços, ainda que de tamanho mínimo, na quantidade que era precisa. Por esse meio ia ele substituindo nos pães e nos peixes as porções que deles tirava. Assim era que, com o auxílio dos fluidos produtores em que os envolvia, *"multiplicava"* os pães e os peixes e os pedaços em que os partia, pedaços que entregava aos discípulos e que estes colocavam nos cestos. No momento em que nos cestos eram depositados sob a forma de pedaços de pão e de peixe os produtos fluídicos obtidos por Jesus, logo a eles se juntavam os que os Espíritos, por sua vez, traziam e que imediatamente se tornavam visíveis e tangíveis. Esses fornecimentos de pedaços de pão e de peixes, os Espíritos os preparavam, nas mesmas condições dos que Jesus entregava aos discípulos, com o auxílio dos fluidos produtores e os depositavam, invisíveis, nos cestos vazios. A medida que os discípulos deitavam nestes os pedaços que recebiam de Jesus, aqueles Espíritos tornavam visíveis e tangíveis os pedaços que já lá haviam depositado. Assim, *de um lado,* Jesus e os Espíritos tiravam indefinidamente dos fluidos produtores, que o primeiro atraíra para junto de si, os elementos e os meios de multiplicação dos peixes e dos pães *e, de outro lado,* os discípulos tiravam dos cestos indefinidamente os pedaços de pão e de peixe cuja provisão se renovava por si mesma, mas sempre mediante a intervenção dos Espíritos prepostos à produção de tal efeito, que se verificava à medida que os discípulos ali depositavam os pedaços que recebiam de Jesus.

Foi por esse processo que, pela ação de Jesus e dos Espíritos superiores que invisivelmente o cercavam, se operou a multiplicação dos cinco pães e dos dois peixes e que os pedaços partidos pelo Mestre pareciam *às vistas* carnais multiplicar-se infinitamente nas suas mãos e delas saírem para os cestos.

Sabeis que o Espírito não deixa ver o objeto que ele transporta senão quando quer se veja que está operando, caso em que torna visível o fluido que envolve o mesmo objeto e que serve para efetuar o transporte. Mas, sabeis igualmente que o Espírito pode tornar, à sua vontade, invisível, aos *olhos grosseiros do homem,* o objeto que transporta, só o fazendo visível *quando e como queira.* Os fluidos que envolvem o objeto transportado não são visíveis, senão querendo o Espírito que o sejam. Fora disso, o Espírito passa despercebido assim como o próprio objeto, que ele não submete *à vista do homem* senão quando julga oportuno o momento.

Se o houvesse querido, Jesus pudera ter produzido, *ele só,* o fato. Mas, os meios empregados eram mais prontos e mais fáceis para a consecução do fim visado. Com efeito, não era mais fácil e mais pronto que os Espíritos que o cercavam depositassem invisíveis, nos cestos vazios, os produtos que eles mesmos preparavam e os fossem tornando visíveis à medida que os discípulos ali depositassem os produtos que recebiam do Mestre, do que fazer este sair de suas mãos para as dos discípulos tudo o que fosse preciso para encher os ditos cestos?

Os produtos da multiplicação, tendo recebido as formas de pedaços de pão e de postas de peixe, como tais foram comidos. Não há aí de que vos espantardes. Os sonâmbulos magnéticos não tomam a água, o vinho, ou qualquer alimento como sendo o que se lhes diga que são? Não sabeis qual seja o poder da influência espírita no homem? Não compreendeis que fosse muito grande, sobre aqueles homens, a de Jesus e a da falange inumerável de Espíritos que o rodeavam? Não tendes visto aparecerem, sem que ninguém saiba como, sob a forma de coisas materiais, próprias para a alimentação humana, produtos obtidos com o em-

prego de fluidos produtores e que têm, *para o homem,* o aspecto, o sabor dos produtos humanos que representam?

Todos comeram e ficaram saciados e doze cestos, dizem os evangelistas, foram levados, cheios dos pedaços que sobraram.

Não se vos diz o que foi feito desses doze cestos, nem que os cinco pães e os dois peixes estivessem com os apóstolos. Não se vos diz igualmente se os pedaços que sobraram foram conservados.

Isso tudo pouco importa. Quaisquer que tenham sido a quantidade dos pães e dos peixes, as pessoas que forneceram os cestos e o destino dado a estes e ao que continham, o que é real é que o fato produzido por Jesus se verificou. Eis tudo o que importa se saiba.

Deveis compreender que, numa multidão tão numerosa quanto aquela, há sempre uma certa agitação. Terminada a distribuição dos pães e dos peixes, os apóstolos deixaram atirados ao chão os cestos de que se tinham servido para fazê-la e foram tomar a barca, a fim de se transportarem à outra margem, onde, conforme à ordem recebida, esperariam o Mestre, que ficava assistindo à dispersão do povo.

Mais preocupados com as suas necessidades espirituais do que com as do corpo, que no momento se achavam satisfeitas, os apóstolos não cuidaram de mais nada. A influência oculta que sobre eles era exercida lhes dirigia a atenção para aquilo que os pudesse interessar, sempre que se fazia preciso desviá-la de outros pontos. A ordem que Jesus lhes dera de passarem, *antes dele,* para a outra margem, tinha por fim preparar um novo fato que se devia produzir.

Na sua retirada, desordenada e confusa, aquela tão grande massa de homens, de mulheres e de crianças ia tropeçando nas cestas, algumas das quais foram

apanhadas vazias, enquanto que outras lá ficavam esmagadas, sem que ninguém se preocupasse com elas nem com o seu conteúdo.

Os fluidos componentes dos produtos fluídicos que, sob as formas de pedaços de pão e de postas de peixe, sobraram da distribuição, voltaram à fonte donde tinham sido tirados, logo que, sob a ação espírita, desapareceu dos mesmos produtos a tangibilidade e tudo entrou de novo na ordem da humanidade.

Tudo fora *preparado e previsto* para a execução das obras do Mestre.

Notai, por último, que a narração evangélica, feita sob a influência mediúnica, tratando do fato que acabamos de apreciar, reproduz mais uma vez, como convinha que se desse sempre, as impressões e as apreciações humanas. Notai também que Jesus, segundo decorre dessas impressões e apreciações, teve por fim, como sempre, despertar e chamar sobre si a atenção de seus discípulos e da multidão, por maneira que, acreditando todos, como acreditavam, *ser ele* de uma natureza humana igual à dos outros homens, ficassem vivamente impressionados por seus atos e palavras.

Nota da Editora — Convém ver —João, VI, 1:15.

MATEUS, Cap. XIV, v. 23-33. —MARCOS, Cap. VI, v. 46-52

Jesus e Pedro caminham por sobre o mar

MATEUS: V. 23. Tendo despedido o povo, subiu a um monte para orar; e, ao cair da noite, lá se achava ele só. — 24. Entretanto, a barca era impelida de um lado para outro pelas ondas no meio do mar, pois o vento era contrário. — 25. Mas, na quarta vigília da noite, Jesus veio ter com eles, caminhando por sobre o mar. — 26. Ao vê-lo andando sobre o mar, eles se turbaram e diziam: É um fantasma e, apavorados, se puseram gritar. — 27. Logo, porém, Jesus lhes falou assim: Tende confiança; sou eu; nada temais. — 28. Pedro lhe respondeu: Senhor, se és tu, manda que eu vá ao teu encontro caminhando sobre as águas. — 29. E Jesus lhe disse: Vem, e Pedro, descendo da barca, andou sobre a água em direção a Jesus. — 30. Mas, vendo que o vento estava forte, teve medo; e como começasse a submergir-se, bradou: Senhor, salva-me! — 31. Ato continuo, Jesus, estendendo-lhe a mão, o segurou e lhe disse: Homem de pouca fé, porque duvidaste? — 32. Assim que subiram para a barca, cessou o vento. — 33. Então, os que estavam na barca se aproximaram dele e o adoraram, dizendo: És verdadeiramente o filho de Deus.

MARCOS: V. 46. Depois de haver despedido o povo, subiu a um monte para orar. — 47. Ao cair da noite, a barca se achava no meio do mar; e Jesus estava só em terra. — 48. Vendo que seus discípulos tinham grande dificuldade em remar por lhes ser contrário o vento, Jesus, por volta da quarta vigília da noite, veio ter com eles, caminhando sobre o mar; e queria passar-lhes adiante. — 49. Eles, porém, desde que o viram caminhando sobre o mar, supuseram ser um fantasma e começaram a gritar; — 50, pois que todos o viram e ficaram apavorados. Ele logo lhes falou, dizendo: Tranqüilizai-vos, sou eu, nada temais. — 51. Subiu para a barca

onde eles estavam e o vento cessou, e eles ainda mais espantados ficaram; — 52, visto que não tinham compreendido a multiplicação dos pães: é que seus corações estavam cegos.

N. 174. Facilmente deveis compreender o fato de Jesus andar sobre as águas. Do mesmo modo que o Espírito pode atravessar os ares, podia Jesus, unicamente pela ação da sua vontade, privar o seu perispírito tangível do cunho humano que lhe ele imprimira e dar-lhe as condições etéreas das nossas formas espirituais.

No momento em que, caminhando por sobre o mar, veio ter com seus discípulos, *ele se colocara nas condições perispiríticas das aparições.* Seu corpo perispiritual, conservando a aparência do corpo humano, a visibilidade e a tangibilidade, era, quando deu a mão a Pedro, mais levedo que a água, do que as ondas do mar, tendo-se em vista o peso especifico destas.

Seus discípulos, como se vos diz, julgaram tratar-se de *um fantasma,* quando o viram a caminhar sobre as ondas. Ficaram sem *saber* se o que viam era mesmo o Mestre ou uma simples aparição. E que, nessa ocasião, como acabamos de dizer, Jesus se colocara nas condições perispiríticas das aparições que alguns deles já tinham podido observar. Em todos os tempos o mundo invisível esteve sempre em comunicação com a humanidade. Suas manifestações, que os homens não compreendiam por lhes desconhecerem as causas, passavam, mesmo na época do Cristo, por ser *ou* fant*asias* da imaginação, ou obra dos Espíritos malfazejos, ou ainda uma graça especial que o Senhor se dignava de conceder a esta ou àquela de suas criaturas na terra.

Entre os idólatras, vós o sabeis, essas aparições deram lugar a uma multiplicidade de deuses e deusas, dos quais foi vítima a credulidade do povo, explorada pela ambição ou pela cupidez.

Os Judeus, como os outros povos, tinham, nas suas famílias, médiuns videntes, que às vezes observavam a aparição de um amigo, de um parente, ou mesmo de alguns de seus patriarcas e profetas, pois, não o ignorais, os Espíritos podem revestir todas as formas.

Daí vem o não ter Pedro, que era médium audiente e vidente muito adiantado, muito desenvolvido, e médium também de efeitos físicos, podido reconhecer a Jesus e o haver tomado por *um fantasma.* Ele via no Mestre apenas a aparência inconsistente das aparições que já observara. Só quando Jesus o segurou pela mão verificou o apóstolo que era realmente o Mestre, pois ainda não tivera ensejo de experimentar *a tangibilidade* nas aparições.

Estando Pedro decidido, pela sua fé, a obedecer a Jesus, ordenou este, mentalmente, aos Espíritos que o cercavam, prepostos ao efeito de sustentarem o apóstolo sobre as ondas, que o sustentassem e assim pôde ele caminhar também por sobre o mar. Foi ainda obedecendo a uma ordem mental de Jesus que os mesmos Espíritos deixaram que ele se submergisse um pouco, no momento em que lhe voltava a dúvida.

Não era preciso que Jesus desse a mão a Pedro para que este, caminhando com ele sobre as águas, voltasse à barca. O amparo dos Espíritos prepostos à sustentação do apóstolo houvera bastado. Jesus, porém, querendo demonstrar a Pedro ser mesmo o Mestre quem ali estava e quem o sustentava pelo seu poder, lhe estendeu a mão. De fato, assim era, porque, se Jesus não o houvesse ordenado, os Espíritos não teriam auxiliado a Pedro a manter-se em equilíbrio caminhando pela superfície do mar.

Conforme há pouco dissemos, Pedro era, para nos servirmos de uma expressão consagrada, médium de efeitos físicos da mais alta monta. Assim, foi com o auxílio dos fluidos nele existentes que os Espíritos

prepostos lograram sustentá-lo, de modo que pudesse caminhar sobre as ondas. Foi ainda graças a essa mediunidade que ele conseguiu, auxiliado pelos Espíritos prepostos à realização desse outro acontecimento, libertar-se das correntes com que o ataram na prisão [11], fato que vos explicaremos quando chegar o momento.

Mas, quando mesmo Pedro não fosse médium de efeitos físicos, nem por isso teria deixado de ser sustentado pelos Espíritos prepostos e de caminhar, com o auxílio deles, por sobre o mar, uma vez que o Mestre o quisesse. Desde que tal fosse a vontade de Jesus, os Espíritos reuniriam em torno de Pedro os fluidos de que necessitavam para sustentá-lo e o fato se produziria exatamente como se deu.

Logo que Jesus e Pedro entraram na barca, *cessou o vento.* Cessou porque assim o ordenou Jesus mentalmente aos Espíritos prepostos ao governo dos ventos e das águas. Reportai-vos quanto a isto, ao que dissemos (n. 118, pág. 105 deste volume) com relação à tempestade que se desencadeou no mar e que por ordem de Jesus cessou.

Então os que estavam na barca se aproximaram dele e o adoraram, dizendo: És verdadeiramente o Filho de Deus.

Para o homem, fatos que tanto o surpreendiam não podiam provir senão do próprio Deus. Ora, sendo Jesus quem servia de intermediário para a produção dos fatos "milagrosos", o apelido que ele a si mesmo dava de *filho de Deus* lhe valeu imediatamente, aos *olhos dos homens,* o cunho da divindade. Sem atinarem com o sentido genérico das palavras — *meu pai* — que ele freqüentemente empregava, falando do Criador universal, os homens lhes deram de pronto

---

[11] *Atos* dos Apóstolos, *cap.* Xll, *v. 6 e 7.*

o *sentido restrito e* assim o consideraram como tendo sido *gerado* pelo *próprio* Deus, como sendo, portanto, uma personificação da divindade. Em conseqüência, adoraram-no, o que deu lugar ao erro, que tão profundamente se arraigou, segundo o qual Deus, querendo salvar a humanidade e resgatar-lhe as faltas, se oferecera *a si mesmo* em holocausto de propiciação. Aliás, foi bom que tal erro se houvesse generalizado, pois que *serviu* àquela época *e preparou o futuro reservado à* nova revelação.

O homem, sempre orgulhoso do seu valor pessoal, tão importante aos olhos do Criador se julgou, que entendeu só poderem suas faltas ser resgatadas por este em pessoa. Só Deus, isto é, só aquele que, por efeito exclusivo de sua vontade, segundo o modo de ver do próprio homem, precipitaria, se o quisesse, num completo caos todos os globos disseminados pelo espaço infinito, poderia operar tal resgate, mediante um sacrifício, imolando-se a si mesmo, rebaixando-se, conseguintemente, ao nível de suas criaturas indignas. Só assim, *sem dúvida,* a vitima imolada *seria digna daqueles cujo resgate representaria o preço da imolação.* Orgulho, orgulho do homem, que sempre se *considerou* o rei da criação, quando não é mais do que um miserável inseto que passa, por assim dizer, despercebido, como o mosquito que voa num raio de sol.

Mas, a nova revelação, erguendo o véu que ocultava *às* vossas vistas *a luz e a verdade,* vem, na época que o Onipotente predeterminou, quando as inteligências se desenvolveram e o progresso se realizou, dar-vos a conhecer *"quem é o filho" e* fazer-vos compreender quais o objeto e o fim da missão terrena de Jesus, a que *título e* com *que objetivo é* ele o representante do Pai, no que respeita à terra e *à* humanidade, mostrar-vos enfim que é o vosso protetor, vosso governador e vosso Mestre.

"O espanto, diz a narração evangélica, *de que se tomaram os* discípulos quando viram Jesus caminhando sobre o mar, mais ainda cresceu, ao verificarem que o vento havia cessado logo que ele entrara na barca; pois, não *tinham compreendido a multiplicação dos pães. porque o coração deles estava cego."*

Estas últimas palavras — *"porque o coração deles estava cego"* significam: — porque não procuravam compreender.

Seus olhos ainda estavam *velados.* Para os discípulos, a multiplicação dos pães se produzira, a bem dizer, por si mesma, pois que os pães e os peixes que Jesus partia pareciam renovar-se incessantemente nas suas mãos, do mesmo modo que nos cestos os pedaços se multiplicavam sem eles poderem ver por que meios e sem mesmo procurarem inteirar-se do fato. Não vos sucede algumas vezes ser testemunhas de acontecimentos que, na aparência, se produzem com derrogação das leis comuns à humanidade, observá-los sem os compreenderdes e sem sequer fazerdes o menor esforço por consegui-lo?

O caminhar Jesus por sobre as águas e a tentativa de Pedro para fazer o mesmo impressionaram mais os discípulos do que a multiplicação dos pães, porque, para o entendimento humano deles, o primeiro fato mais surpreendia, por isso que mais perceptível lhes era a impossibilidade de qualquer criatura transformar a superfície móvel do mar em terreno capaz de lhe resistir ao peso. Concorrendo cada um daqueles fatos, reciprocamente, para avivar a impressão do outro, ambos concorreram para que seus olhos se desvendassem e eles acabaram compreendendo os dois acontecimentos que, num só dia, presenciaram.

Compreenderam-no, não porque houvessem adquirido o conhecimento de suas origens e causas e dos meios por que se produziram, porquanto só à nova revelação estava reservado dar esse conhecimento aos

homens, mas porque apreenderam que tais acontecimentos denunciavam a ação de uma potência tão superior ao homem, que somente podiam ter por autor Deus, constituindo assim *"milagres"* operados pela própria divindade.

Não foi por não terem compreendido o fato material da multiplicação dos pães que os discípulos se encheram de espanto vendo Jesus caminhar sobre as ondas. Foi porque, na ocasião, não encararam aquele fato como obra do *próprio* Deus, conforme o consideraram posteriormente. Se assim o tivessem considerado logo que se deu, não se teriam admirado do outro. O primeiro *"milagre"* os houvera feito compreender do mesmo modo o segundo.

Nota da Editora — Convém ver João, VI, 16:24.

MATEUS, Cap. XIV, v. 34-36. —MARCOS, Cap. VI, v. 53-56

Curas operadas pelo contacto com as vestes de Jesus

MATEUS: V. 34. Tendo atravessado o lago, vieram eles à terra de Genesaré; — 35, e, reconhecendo-os, os do lugar espalharam a notícia por todo o país e lhe apresentaram todos os doentes; — 36, e lhe pediam que os deixasse apenas tocar na fimbria de suas vestes; e todos os que as tocaram ficaram sãos.

MARCOS: V. 53. Tendo atravessado o lago, vieram à terra de Genesaré onde aportaram. — 54. Assim que desembarcaram, os habitantes do lugar reconheceram a Jesus. — 55. Transmitiram a notícia a todo o país e começaram a trazer de todos os lados os doentes em seus leitos, para onde quer que ouviam dizer que ele estava. — 56. Em qualquer lugar que entrasse, burgo, aldeia, ou cidade, punham os doentes nas praças públicas e pediam lhes fosse permitido apenas tocar a fimbria de suas vestes; e todos os que nelas tocavam se curavam.

N. *175.* Já vos explicamos o poder magnético de que dispunha Jesus. O tocar-lhe nas vestes, fato que, devido à ignorância das causas e dos efeitos, os homens tinham por *"milagroso",* não passava de um meio material que lhes era indispensável.

A cura se operava pela ação da vontade daquele que exercia poder soberano sobre os elementos etéreos.

Os doentes se curaram todos, não por terem tocado na fímbria das vestes de Jesus, mas pela ação de sua vontade poderosa, como acabamos de dizer, pela ação magnética que ele exercia, pela emissão que fazia, sob o influxo desta ação, dos fluidos apropriados a cada espécie de doença, os quais eram dirigidos para o organismo do doente.

MATEUS, Cap. XV, v. 1-20. ¯MARCOS, Cap. VII, v. 1-23

Mãos não lavadas. — Tradições humanas. — Escândalo a desprezar. — Guias cegos. Verdadeira impureza. — O que vem do coração é que suja o homem, que o torna impuro.

MATEUS: V. 1. Então alguns escribas e fariseus que tinham vindo de Jerusalém se aproximaram de Jesus e lhe disseram: — 2. Por que transgridem teus discípulos a tradição dos antigos, não lavando as mãos antes de comer? — 3. Respondeu-lhes ele: E por que transgredis vós os mandamentos de Deus em obediência à vossa tradição? Deus disse: -4. "Honra a teu pai e a tua mãe¨; e: "Seja punido de morte aquele que houver ultrajado a seu pai ou a sua mãe". — 5. Vós, porém, dizeis: Quem quer que haja dito a seu pai ou a sua mãe: "Tudo que ofereço a Deus vos é útil", satisfaz à lei, — 6, embora, em seguida, deixe de honrar e assistir a seu pai e a sua mãe. Tornastes assim nulo o mandamento de Deus pela vossa tradição. — 7. Hipócritas, bem profetizou de vós Isaías, dizendo: — 8. "Este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. — 9. *E* pois em vão que me honram ensinando doutrinas e mandamentos dos homens." — 10. E, chamando para perto de si a multidão, disse: Ouvi e compreendei: — 11. Não é o que lhe entra pela boca o que suja o homem. — 12. Então, os discípulos, aproximando-se, lhe disseram: Sabes que os fariseus, ouvindo o que acabaste de dizer, se escandalizaram? — 13. Ele respondeu: Toda planta que meu pai celestial não plantou será arrancada pela raiz. — 14. Deixai-os, são cegos a conduzir cegos; ora, se um cego se faz guia de outro cego, cairão ambos no fosso. — 15. Disse então Pedro: Explica-nos essa nova parábola. — 16. Jesus lhe replicou: Também vós ainda sois tão baldos de inteligência? — 17. Não compreendeis que tudo o que entra pela boca desce ao ventre e é em seguida lançado em lugar

escuso? — 18. Mas o que sai da boca vem do coração e é o que mancha o homem, o torna impuro; — 19, pois que do coração vêm os maus pensamentos, os homicídios, os adultérios, as fornicações, os roubos, os falsos testemunhos, as blasfêmias, as maledicências. — 20. Estas as coisas que mancham o homem; mas, comer sem ter lavado as mãos não o torna impuro.

MARCOS: V. 1. Alguns escribas e fariseus vindos de Jerusalém foram ter com Jesus; — 2, e, tendo visto seus discípulos tomarem a refeição com as mãos impuras, isto é, sem as terem lavado, os censuraram; — 3, pois os fariseus e os Judeus não comem sem terem lavado as mãos muitas vezes, guardando a tradição dos antigos. — 4. E quando voltam da praça pública não comem sem se haverem banhado, tendo muitos outros costumes mais, cuja observância lhes foi transmitida pela tradição e eles conservam, como o de lavarem os copos, os jarros, os vasos de bronze e os leitos. — S. Perguntaram-lhe, pois, os fariseus e os escribas: Porque não seguem os teus discípulos a tradição dos antigos, comendo sem terem lavado as mãos? — 6. Jesus respondeu: Bem profetizou Isaías a vosso respeito, hipócritas, conforme está escrito: "Este povo me honra com os lábios, mas o seu Coração está longe de mim; — 7, é em vão que me honram ensinando doutrinas e mandamentos dos homens" — 8, pois, deixando de lado o mandamento de Deus, observais com cuidado a tradição dos homens, lavando os jarros e os cálices e fazendo muitas outras coisas semelhantes. — 9. E lhes dizia: Anulais totalmente o mandamento de Deus, para guardardes a vossa tradição. — 10. Assim, enquanto que Moisés disse: Honrai a vosso pai e a vossa mãe; e: Seja punido de morte aquele que houver ultrajado a seu pai ou sua mãe; — 11, vós dizeis: Se um homem diz a seu pai ou a sua mãe: "Tudo o que ofereço a Deus vos é útil", ele satisfaz à lei. — 12. E lhe permitis que não faça mais coisa alguma por seu pai ou sua mãe. — 13. Revogais assim a palavra de Deus pela tradição, que vós mesmos estabelecestes e deste modo fazeis muitas outras coisas semelhantes. — 14. Chamando novamente o povo para perto de si, disse: Ouvi-me vós todos e compreendei: — 15. Nada há do que existe fora do homem que,

entrando nele, o possa manchar, tornar impuro; o que sai do homem é que o mancha e torna impuro. — 16. *Se alguém tiver ouvidos de ouvir ouça. — 17.* Logo que, apartando-se do povo, entrou em casa, seus discípulos lhe perguntaram o que queria dizer aquela parábola; — 18, e ele lhes disse: Tão pouco inteligentes ainda sois? Não compreendeis que tudo o que está fora do homem, entrando nele, não pode sujar, tornar impuro; — 19, pois que nada disso lhe entra no coração e sim desce ao ventre, donde as fezes da alimentação têm que ser expelidas e lançadas no lugar secreto? — 20. E acrescentava: O que macula o homem é o que sai do próprio homem; — 21, pois de dentro dos corações dos homens é que saem os maus pensamentos, os adultérios, as fornicações, os homicídios, — 22, os roubos, as avarezas, as iniqüidades, as felonias, o orgulho, os desregramentos. — 23. Todos estes males vêm de dentro do coração do homem e o mancham.

N. 176. *Como Jesus,* também nós vos dizemos: desconfiai das tradições. As palavras dirigidas *pelo Justo* aos fariseus com inteiro cabimento se aplicam aos tempos de hoje. Desconfiai das tradições, pois que elas *deturparam* a lei de amor, de perdão, de olvido das ofensas, de mútuo auxilio, que Jesus pregou. Dessa lei suave a tradição fez o que já fizera da de Moisés. Deixai, portanto, de lado a tradição. *Retornai, retornai* singelamente ao Cristianismo *do Cristo,* segui-lhe os conselhos fraternais, caminhai *pelas sendas que traçou* e deixai que os orgulhosos fariseus dos vossos dias se escandalizem. Eles falam e procedem *com relação* a vós outros espíritas exatamente como falaram e procederam com relação a Jesus os fariseus de outrora. Deixai se escandalizem, porquanto também serão forçados a abandonar suas tradições e a voltar para aquela lei, mãe de todas as virtudes. Preservai-vos de tudo o que vos possa sujar. Não pronuncieis nenhuma palavra, não pratiqueis ato algum que a vossa consciência condene, ainda que

muito ligeiramente. Não vos entregueis a nenhum pensamento mau. Conduzi-vos com simplicidade, tirando boas coisas do bom tesouro do vosso coração e repartindo-as com os vossos irmãos, a fim de que por toda parte nasçam abundantes as virtudes e se encham de paz os corações.

Os Hebreus, fazendo um voto ou uma oferenda, podiam dispor, em favor do culto, de uma certa parte de seus bens. Desde então, pretextando que essa parte representava tudo o de que poderiam dispor em beneficio de seus pais, se consideravam dispensados de lhes prestar assistência. Alegavam, para se justificarem, que do que ofereciam ao Senhor os pais aproveitariam sob a forma de bênçãos celestes. Hipocrisia, tanto do ímpio, que *desse modo* profanava a divindade, quanto do sacerdote indigno, que tolerava e animava semelhantes profanações.

Esse o exemplo que Jesus escolheu para induzir os escribas e os fariseus a refletirem sobre o que chamavam — *a tradição dos antigos,* a rejeitarem tudo o que essa tradição encerrava de contrário à lei divina, tal qual o Senhor a revelara por intermédio de Moisés e dos profetas. Esse o exemplo que o Mestre escolheu para os reduzir ao silêncio, antes de dizer à multidão:

"Escutai-me e compreendei: Nada há fora do homem, que, entrando nele, o possa sujar, tornar impuro. Não é o que entra na boca do homem o que o suja, que o torna impuro; o que sai da boca do homem é que o suja, que o torna impuro. *Se algum de vós tem ouvidos de ouvir, que ouça."*

Os costumes *aditados* às leis reais é que constituíam a tradição dos antigos. O termo "costumes", aqui, indica — todas as doutrinas, prescrições, preceitos e mandamentos oriundos dos homens e por eles estabelecidos. Por leis reais designamos — as leis

divinas que, em obediência à vontade do Senhor, foram reveladas aos Hebreus por Moisés, *seja* a que ele recebeu no monte Sinai, mediante uma manifestação espírita[12], seja as que recebeu como médium inspirado, audiente, mediante, pois, manifestações espíritas também, porquanto, bem o sabeis, Deus não se comunica *diretamente* com os homens.

Vós outros cristãos tendes igualmente *a vossa tradição dos antigos,* representada pelas doutrinas, pelos preceitos, prescrições e mandamentos que os homens formularam, *alterando, deturpando, falseando,* com os seus acrescentamentos, a lei divina, que, em obediência à vontade de Deus, Jesus lhes revelou, mediante uma manifestação espírita, qual o foi o seu aparecimento na terra, seguido da aparente vida humana que teve, durante o desempenho da sua missão. Aquela lei, *com exclusão de qualquer outra,* se contém integralmente na palavra do Mestre, na palavra evangélica que, *velada pela letra* enquanto *era* isso *necessário,* constituiu a base, o fundamento e a fonte da nova revelação, que a vem explicar, tornar compreensível e desenvolver, *em espírito e em verdade,* na época marcada pelo Senhor para o advento do *espírito que vivifica,* em substituição *da letra que mata.*

Assim como Jesus veio combater, entre os Hebreus, *a tradição dos antigos,* arrancando desse modo toda planta que pelo pai celestial não fora plantada, também hoje o Espírito da Verdade, que representa o Cristo, complemento e sanção da verdade, vem, pela nova revelação, pelos Espíritos do Senhor, seus enviados, e mediante manifestações espíritas, combater entre vós tudo o que constitui *a tradição dos anti*gos, arrancando igualmente toda planta que pelo pai celestial não foi plantada.

---

[12] Ver a este respeito a explicação dos mandamentos (Decálogo).

O que Jesus disse aos escribas e fariseus daquela época se aplica aos escribas e fariseus de hoje, os quais, repelindo e rejeitando a nova revelação, trazida aos homens pelos Espíritos do Senhor, órgãos do Espírito da Verdade, se esforçam também por manter a *tradição dos antigos,* honram a Deus com os lábios, ensinando doutrinas e mandamentos humanos, com o que o honram em vão. Efetivamente, pode Deus admitir a pureza exterior, quando vê que o coração está sujo? Pode aceitar o culto dos lábios, quando vê que o coração se conserva frio? Pode abençoar o homem e perdoar-lhe, quando vê que este amaldiçoa e se vinga? Honrai a Deus, homens, do fundo dos vossos corações; submetei-vos, com simplicidade, à lei de amor que ele vos impõe; não sejais sepulcros caiados por fora; fazei que a pureza resida nas vossas almas, qualquer que seja o invólucro que a encerre.

"Toda planta que meu pai celestial não plantou, disse Jesus, será arrancada."

Dando esta resposta aos discípulos, que lhe diziam estarem os fariseus escandalizados, o pensamento de Jesus abrangia aquele momento e o futuro.

Com relação àquela época, havia nas suas palavras alusão às doutrinas e mandamentos humanos que a era hebraica produzira e que alteraram, desnaturaram, falsearam a lei divina do amor a Deus e ao próximo, lei que no Decálogo fora, por intermédio de Moisés, revelada aos Hebreus e que lhes traçara a via da moral, do dever, do progresso.

Com relação ao futuro, havia naquelas palavras uma alusão às doutrinas e mandamentos que o Mestre, com a presciência que tinha das fases e das condições do progresso humano, sabia que os homens viriam a promulgar, alterando, desnaturando,

falseando a lei de amor, a moral sublime que os seus ensinamentos e exemplos revelavam e se resumiam nestes dois mandamentos, que ele não prescreveu para os limites acanhados de uma nacionalidade, mas para todos os homens da terra, dizendo que toda a lei e os profetas se acham neles encerrados: "Amai-vos uns aos outros; — amai a Deus sobre todas as coisas e ao vosso próximo como a vós mesmos"; — "procedei sempre com os outros como quereríeis que procedessem convosco". Quer isto dizer: não façais nunca aos outros, nem material, nem moral, nem intelectualmente, quer nas relações sociais, quer nas de família, quer no trato íntimo, seja por palavras, seja por atos, o que não quereríeis que vos fizessem; do mesmo modo, fazei aos outros todo o bem que desejaríeis vos fizessem, se na posição deles estivésseis.

Aludia ainda Jesus às doutrinas e mandamentos humanos que viriam alterar, desnaturar, falsear o culto, todo espiritual, que ele viera instituir na terra: culto interior da alma, consistindo na pureza do coração, na retidão da consciência e na prática das boas obras, tendo por símbolo divino e único a justiça, o amor, a fraternidade, a liberdade e a igualdade perante Deus e perante os homens, a unidade e a solidariedade humanas entre todos, Judeus e Gentios.

Aludia também às doutrinas e mandamentos que os homens estabeleceriam como fruto de suas interpretações e que alterariam, deturpariam, falseariam o sentido da revelação que, *sob o véu da letra,* fora dada de sua origem, e o sentido, igualmente velado *pela letra,* das palavras que ele pronunciara, originando-se de tais interpretações os preceitos *materiais, disciplinares,* que ainda hoje se observam, e os dogmas, outros tantos mandamentos de instituição humana, os quais, como aqueles preceitos, serão arrancados, *pois são plantas que o pai celestial não plantou.*

Contudo, nada disso vos deve merecer censura. Tinha que ser assim, por efeito do livre arbítrio do homem e dos esforços e lutas do pensamento, de acordo com os preconceitos, as tradições e o estado das inteligências. Tais tinham que ser as condições e as fases do progresso humano.

Assim como a era hebraica *preparou* o advento da era cristã, também esta, sob o império e o véu *da letra,* preparou o advento da era nova do Cristianismo do *Cristo,* da era espírita. O reinado da *letra* preparou o reinado do *Espírito,* ainda *para vós* futuro, que se inicia com a nova revelação, com a revelação da revelação.

Sim, *toda planta que o Pai celestial não plantou será arrancada.* Estais pelo Mestre prevenidos de que, seja qual for o motivo que daí tirem os fariseus de hoje para se escandalizarem, tudo o que não provier da *fonte pura* será rejeitado, a fim de que o homem *recomece a sua trajetória e avance,* guiado pela fé, pela esperança e pelo amor. Em nome de Jesus e repetindo-lhe as palavras, nós vos dizemos: *Que os que têm ouvidos de ouvir* ouçam, porquanto chegaram os tempos de se cumprirem estas palavras: a *letra mata, o espírito vivifica.*

O Espírito da Verdade vem começar e levar por diante aquela obra de luz, de progresso, de regeneração. Vem destruir as doutrinas humanas, os mandamentos humanos e reconduzir os homens ao Cristianismo *do Cristo;* vem recordar-lhes, explicando-o e desenvolvendo-o *em espírito e em verdade,* tudo o que Jesus disse; vem ensinar-lhes toda a verdade, progressivamente, na medida do que puderem ir suportando; vem encaminhá-los para a unificação das crenças. E não está longe o tempo em que as diversas opiniões se congregarão ao derredor de uma só verdade, esta: Deus, uno, único e indivisível, criador incriado de tudo que é; — Jesus,

puramente Espírito, Espírito puro e perfeito, protetor e governador da Terra e da humanidade terrena; e os Espíritos do Senhor, Espíritos purificados, submetidos ao suave e bem-amado poder do nosso chefe, recebendo dele as ordens do pai comum e servindo de instrumentos da vossa regeneração e da vossa felicidade. É o que a palavra evangélica, *sob o véu da letra,* designa por: *Pai, Filho e Espírito Santo.*

O Espírito da Verdade vem reconduzir os homens à compreensão e à prática, *em espírito e em verdade,* da *lei divina,* tal como Jesus a revelou; vem, assim, reconduzi-los à prática da justiça, do amor e da caridade e, conseguintemente, à liberdade de pensamento e de ação, origem e meio de todos os progressos, à prática da igualdade perante Deus e perante os homens, pela observação de recíproca tolerância, pela simplicidade de coração, pela humildade de espírito, pelo desinteresse, pela renúncia de si mesmo, pelo devotamento, virtudes que trazem consigo a predominância do Espírito sobre a matéria, a afabilidade e a benevolência de todos para com todos, a severidade de cada um para consigo e a indulgência para com os outros.

O Espírito da Verdade vem induzir os homens a deixarem de adorar o pai no alto do monte ou em Jerusalém; vem torná-los de mais em mais, abstração feita dos cultos exteriores que ainda os separam e dividem, os adoradores que o pai quer ter, seus verdadeiros adoradores *em espírito e em verdade.*

"Deixai-os, dizia Jesus aos discípulos, falando dos fariseus de então, que rejeitavam a revelação por ele trazida aos homens, deixai-os, são cegos a conduzir cegos; ora, se um cego conduz outro cego, ambos cairão no fosso."

Estas palavras do Mestre se aplicam também aos fariseus dos vossos dias. Os que se obstinam em

caminhar nas trevas, arrastando consigo seus irmãos, sofrerão as mesmas penas que estes, até que abram os olhos. A expiação, porém, para os que *houverem persistido* em se fazer condutores de cegos, será mais longa e mais dolorosa do que para o cego que eles hajam conduzido e feito cair consigo no fosso. *Que os que têm ouvidos de ouvir ouçam.*

"Fora do homem, disse Jesus, não há coisa alguma que, entrando nele, o possa sujar, tornar impuro; o que o suja e torna impuro não é o que lhe entra pela boca, pois que isso não lhe vai ao coração e sim ao ventre, donde sai para o lugar secreto tudo o que, nos alimentos, se separa do que servia para a nutrição do corpo e deva ser expelido. O que sai da boca do homem é que o suja, que o torna impuro, porquanto o que sai da boca do homem vem do coração e do coração é que vêm e saem os maus pensamentos, os homicídios, os adultérios, as fornicações, os roubos, os furtos, a avareza, a felonia, as impurezas, a dissolução, o olhar perverso, invejoso (a cobiça), os falsos testemunhos, as maldades (toda e qualquer ação má, culposa), as blasfêmias, as maledicências (toda e qualquer palavra que traduza um mau pensamento, *quer* contra o Criador, *quer* contra os outros homens), o orgulho, a altivez (fruto do grande apreço de si mesmo, do seu mérito pessoal, do ponto de vista da inteligência ou da condição social, sentimento que leva o homem a desprezar seus irmãos ou a tratá-los com sobranceria e desdém), a loucura (transbordamentos do Espírito, que levam irrefletidamente a excessos criminosos)."

Com esse ensinamento quis Jesus que os apóstolos e, por intermédio deles, todos os homens compreendessem que os preceitos relativos aos alimentos, à natureza destes, à prática do jejum *material,* das privações *corporais,* destituídas de utilidade e proveito para o próximo, eram e são vãos e inúteis aos olhos de Deus. Quis fazer-lhes compreender que só havia, que só há um jejum agradável a Deus e que ele

admite: o jejum *moral, espiritual,* que se resume na abstenção de tudo o que seja mal, isto é: de tudo o que, nos pensamentos, nas palavras e nos atos, seja contrário à lei divina, evangelicamente revelada, de justiça, de amor, de caridade, de fraternidade.

Não vos admireis de que os que chamaram a si a sucessão dos apóstolos, os que se declararam seus *herdeiros e se* disseram *infalíveis,* hajam, no que respeita aos mandamentos humanos, às práticas materiais, ao jejum material, enveredado pela senda dos escribas e dos fariseus. Não vos admireis de que, passados dezoito séculos após a explicação que, respondendo a Pedro, Jesus deu aos apóstolos, nos vejamos obrigados a repetir: *"Como estais ainda baldos de inteligência!* quão pouco inteligentes sois!"

A Igreja que os homens instituíram era *humana* e, portanto, obrou *humanamente* quando, atendendo às suas necessidades, fez se curvassem as frontes dos que lhe podiam criar embaraços, dominou a matéria por meio de leis materiais e obstou ao desenvolvimento das inteligências, que, do contrário, um dia compreenderiam que ela se transviara. A falta da Igreja não consistiu em haver usado do seu poder material numa época em que os homens precisavam de freios e em que só ela se achava nas condições de lhos impor. Qual então a sua falta? A falta da Igreja consistiu na sua inércia, no seu espírito estacionário e mesmo retrógrado. Os séculos passaram trazendo cada um o seu contingente de civilização, de progresso, de luz. Só a Igreja se obstina em manter sobre os homens o véu com que lhes cobre as inteligências; *só* ela persiste em perpetuar a infância da humanidade, quando esta, em plena virilidade, se debate por lhe fugir aos entraves. Esforço vão o dela: a seu mau grado o homem usará da sua inteligência. E quantos, impelidos pela inteligência a que ela não quis amoldar-se, a repu-

diaram, considerando-a demasiado velha para lhes satisfazer às aspirações da alma! Uns chamaram em seu auxílio *o nada;* outros esperaram, por não saberem nem negar, nem crer. Aproxima-se, porém, a hora da libertação. As faixas vão cair e o espírito humano, regenerado, esclarecido, *esquecerá* todos os maracás que a Igreja ofecere à infância, se armará francamente com as armas *do Cristo e* entrará na liça.

MATEUS, Cap. XV, v. 21-28. —MARCOS, Cap. VII, v. 24-30

A mulher cananeiana

MATEUS: V. 21. Partindo dali, Jesus se retirou para os lados de Tiro e de Sídon. — 22. E uma mulher cananeiana, vindo dessa região, lhe bradou: Senhor, filho de David, tem piedade de mim; minha filha está sendo cruelmente atormentada pelo demônio. — 23. Jesus não lhe respondeu uma só palavra e seus discípulos, aproximando-se, lhe rogaram: Faze o que ela pede, a fim de que se vá embora, pois vem gritando no nosso encalço: — 24. Ele respondeu: Não fui mandado senão para as ovelhas perdidas da casa de Israel. — 25. A mulher afinal se aproximou dele e o adorou, dizendo: Senhor, socorre-me. — 26. Ele lhe respondeu: Não convém pegar do pão dos filhos e dá-lo aos cães. — 27. Replicou-lhe ela: Sim, Senhor; mas, os cãezinhos comem ao menos as migalhas que caem das mesas de seus amos. — 28. Disse então Jesus: Mulher, grande é a tua fé: seja-te feito como desejas. E no mesmo instante lhe ficou a filha curada.

MARCOS: V. 24. Dali partindo, foi Jesus para os confins de Tiro e de Sídon; entrou numa casa, desejando que ninguém o soubesse, mas não pôde ocultar-se; — 25, por isso que uma mulher cuja filha se achava possessa de um Espírito impuro, tanto que ouviu dizer achar-se ele ali, entrou *e* se lhe prostrou aos pés. — 26. Ela era gentia e de origem siro-fenícia. Suplicou-lhe que expulsasse da filha o demônio. — 27. Jesus lhe disse: Deixa que primeiro se saciem os filhos; pois, não se deve tomar do pão dos filhos para dá-lo aos cães. — 28. Ela, porém, respondeu: É verdade, Senhor; mas, os cãezinhos, debaixo da mesa, comem ao menos as migalhas das crianças. — 29. Ele então disse: Vai, que, por efeito do que acabas de dizer, já o demônio saiu de tua filha. — 30. Ao regressar a casa, verificou ela que o demônio saíra de sua filha, achando-se esta deitada no leito.

N. 177. Ai tendes uma apreciação da marcha do Cristianismo e da do Espiritismo que vem concluir a obra.

Jesus, que era todo amor e caridade, não repeliu a sério aquela mulher, nem o fez pelo fato de ela não pertencer à nação judia. Fê-lo para dar uma lição aos homens, mostrando-lhes que, por muito distanciado que se esteja das crenças cristãs, a fé em Deus pode operar o *"milagre"* que se lhe pede.

Que fora o que impelira a mulher a vir ter com o Mestre, senão a confiança que depositava na sua missão divina? Quem lhe inspirou a resposta que deu a Jesus, senão a sua fé viva, a sua confiança sem limites?

Podeis todos ser como a Cananeiana. Podeis todos, todos sem exceção, obter o que pedirdes, pela força e pela tenacidade da vossa fé. De nada serve que eleveis o coração a Deus, se, por não haverdes obtido logo o que pedistes, vos deixais abater e desanimais.

E necessária a perseverança na fé. Cumpre que o homem compreenda, como a Cananeiana, que o *"milagre pedido* se pode operar fora de suas vistas e que regresse *com paciência* a casa para verificá-lo. Falemos mais claramente e ao alcance de todas as inteligências: o que pedirdes com fé e perseverança sempre vos será concedido, mas nem sempre em condições que os vossos sentidos grosseiros possam no mesmo momento apreciar. Muitas vezes a graça humana que pedis não produz frutos senão na eternidade; mas, ficai certos que produz.

Compreendei bem quais o motivo e o fim que levaram Jesus a falar e a proceder com a Cananeiana da maneira por que se vos refere acima. Assim procedeu para dar uma *lição e um exemplo,* necessários àquela época e ao futuro. Fazia-se mister

chamar a atenção dos Judeus para a fé, a perseverança daquela mulher, cuja crença tanto diferia da deles. Cumpria também, para firmeza da obra empreendida, que, *por mais algum tempo,* ele deixasse medrar a crença na supremacia deles aos olhos do Senhor. Notai que só ao cabo da sua missão *e unicamente* aos discípulos disse Jesus que fossem pregar *por toda a terra.* Nas suas prédicas públicas nenhuma alusão faz aos Gentios, *parecendo* concentrar toda a sua atenção no povo judeu.

Para os Judeus, os *filhos* eram *eles.* Para Jesus, os filhos eram e são os que crêem e seguem a lei divina.

Ainda hoje, a Igreja, como os Judeus outrora, pretende ter o privilégio de constituir a família divina. Os Judeus que restam espalhados pela terra se consideram como os *"verdadeiros filhos".*

E vós? Não diremos que vós somente sois os *filhos,* que só das migalhas que deixais cair se alimentam, debaixo da mesa, os cãezinhos; mas vós os espíritas estais mais perto do que todos os outros de merecer o qualificativo de filhos de Deus.

Sede, pois, o que devem ser os que desejem usar dignamente desse grandioso título; tende fé forte e vivaz; tende a coragem das vossas opiniões e dos vossos atos; não *transijais* nunca com a vossa consciência; recebei o pão destinado aos "filhos", mas distribuí-o copiosamente com os "cãezinhos" que, famintos, pedem lhes seja permitido partilhar do alimento sagrado: o pão de vida e de verdade. Repetimos, porém: para isso é necessária uma fé viva, ativa e produtiva, que não descoroçoa com coisa alguma, que nada teme; é preciso um amor fecundo, que espalhe por toda a terra a semente santa e a force a dar bons frutos; é preciso, e aqui está para vós a maior dificuldade, uma abnegação completa, um absoluto

esquecimento das ofensas, uma caridade do coração e dos lábios, que não só perdoe, como ainda esqueça que tenha havido ofensa, um amparo, um concurso mútuos, mediante os quais o mais forte, o mais destro, o mais inteligente, o mais rico, sustente o que lhe é inferior, sem que este o perceba sequer. Disseram-vos, num falar criminoso, que a falta *oculta* era *absolvida.* Nós vos dizemos, em verdade, que o beneficio e o perdão *ocultos são* dez vezes maiores do que os que se ostentem ou reclamem agradecimentos.

Sede, pois, perfeitos, o bem-amados, quanto vo-lo permita a imperfeição da vossa natureza. Podeis muito, podeis mais do que ousais esperar. Ponde, portanto, em jogo todos os recursos da vossa inteligência, todas as forças da vossa alma para adquirirdes essa perfeição que vos exigimos. Ela se exalará dos vossos corações como fecundante perfume e nivelará, em toda a Terra, a condição humana, espalhando e fazendo frutificar em todos os corações as virtudes que vos pregamos.

Lançai, lançai em profusão as migalhas do pão que vos é dado, a fim de que os "cãezinhos famintos" se elevem à categoria de "filhos" do Senhor.

Deixai que se *saciem os filhos,* isto é, todos os homens de boa vontade que, sejam eles quais forem, sejam quais forem os cultos exteriores ou as crenças que os separem, buscam com fé a luz e a desejam receber. Deixai que se saciem *antes* dos *cãezinhos* que se conservam afastados da mesa donde caem abundantemente as migalhas do pão de vida e de verdade, que até rejeitam esse pão quando lhes é oferecido. Estes últimos são os que, incrédulos ou materialistas, intolerantes ou fanáticos, repelem a nova revelação, como os escribas e os fariseus repeliram a palavra do Cristo e depois a dos apóstolos.

Sim, *os filhos,* hoje, são os que procuram a verdade, esforçando-se por trilhar as sendas da justiça,

da caridade, do amor, da fraternidade. Perante o Senhor, os homens não são nem católicos, nem cristãos, nem judeus, nem muçulmanos, nem pagãos, nem heréticos, nem ortodoxos. Eles se dividem apenas em submissos à lei divina e em rebelados contra ela. Quem quer que, *em verdade,* se esforce por andar nas veredas do Senhor, seja qual for a designação que lhe dêem, *é filho do pai de família.*

Quanto à cura da filha da Cananeiana, já demos as explicações necessárias tratando de assuntos análogos. Está entendido que ela se achava subjugada por um Espírito mau.

O obsessor a trazia sempre em movimento e a impelia a não se sujeitar aos hábitos humanos, isto é: aos hábitos que o homem mais ou menos civilizado se impõe. Jesus a libertou, ordenando mentalmente ao obsessor que dela se afastasse e a sua libertação se verificou no instante mesmo em que a ordem foi dada. Liberta da subjugação, a filha da Cananeiana retomou os hábitos próprios do seu meio e sentiu a necessidade de um repouso que havia muito não tinha. Daí vem que a sua mãe a foi encontrar deitada no leito.

MARCOS, Cap. VII, v. 31-37

Cura de um surdo-mudo

V. 31. Deixando as cercanias de Tiro, veio Jesus, por Sídon, ao mar da Galiléia, atravessando o território de Decápolis. — 32. Trouxeram-lhe um surdo-mudo e lhe pediram que impusesse as mãos nele. — 33. Jesus, fazendo-o sair do meio da multidão e levando-o para um lado, lhe pôs os dedos nos ouvidos e saliva na língua. — 34. E, levantando os olhos para o céu, suspirou e disse: *Eph pheta,* isto é: "abri-vos". — 35. Logo se abriram os ouvidos ao surdo-mudo e se lhe soltou a língua, entrando ele a falar distintamente. — 36. Jesus a todos recomendou que nada dissessem a ninguém; porém, quanto mais ele o proibia, tanto mais divulgavam o que viam. — 37. E cada vez mais admirados diziam: Ele tudo tem feito; tem feito que os surdos ouçam e que os mudos falem.

N. 178. Já por muitas vezes temos tratado de casos análogos.

Jesus, o grande médico das inteligências, atuava então sobre a matéria, impressionando os sentidos grosseiros e materiais do homem. Hoje, porém, diante da multidão imensa que é a humanidade, ele se aproxima dos surdos e dos cegos, toca-os com o seu bendito dedo e diz: *Eph pheta.*

Abri-vos, inteligências entorpecidas; abri-vos, olhos vendados pela matéria; abri-vos para escutar as vozes dos Espíritos do Senhor que vos trazem seus ensinamentos, que vos ensinam a sua lei; abri-vos para contemplar a aurora do novo dia, do dia em que vos é trazida, da parte do Senhor, a liberdade, que implica o uso livre da razão, a apreciação dos fatos e das coisas, a aplicação da ciência e a marcha progressiva em todos os terrenos. A liberdade é o oposto da escravidão. A liberdade que *o Senhor* vos concede é o

despedaçamento das cadeias que a escravização *humana vos* impunha. Tende, pois, livre a consciência e não queirais outro guia que não seja o amor a Deus acima de tudo e ao próximo *mais do que a vós mesmos.*

¨Para operar a cura do surdo-mudo, Jesus, diz o evangelista, *lhe pôs os dedos nas orelhas e saliva na língua e, elevando o olhar para o céu, suspirou e disse:* Eph pheta: *abri-vos".*

Foi um exemplo dado aos discípulos, aos homens. Por ato exclusivo da sua vontade, unicamente pela sua força magnética, podia o Mestre restituir ao surdo-mudo a faculdade de ouvir e de falar. Mas, tanto os discípulos como os que os seguiam precisavam concentrar suas forças e usar da prece para alcançarem o resultado almejado, obtendo dos Espíritos superiores o necessário auxílio, consistente em escolherem e lhes porem nas mãos os fluidos apropriados. Era, portanto, preciso que o Mestre lhes ensinasse os diversos meios que tinham ao seu alcance, quando houvessem de operar.

Que, de dentro da sua ignorância orgulhosa, os "espíritos fortes", que desconhecem completamente o poder magnético dos Espíritos puros, dos Espíritos superiores, a natureza, os efeitos e as propriedades de ação dos fluidos sobre o organismo humano, não tachem de impossíveis esses fatos autênticos chamados *"milagres",* os quais todos se enquadram na ordem da natureza e se produzem segundo suas leis.

O magnetismo prova a possibilidade de tais fatos. A surdez de nascença e, portanto, o mutismo que lhe é conseqüente, provém muitas vezes de uma relaxação do órgão respectivo e, às vezes, também, de uma obstrução. A ação fluídica, exercendo-se sobre o aparelho da audição, sobre o tímpano, quando se ache distendido ou espessado, o contrai ou dilata, conforme ao

caso, dispersa os fluidos que se tenham acumulado ou prendido nos tecidos e restitui ao órgão a flexibilidade que perdera. E, assim, o surdo, logo que começa a ouvir, deixa de ser mudo.

Não vos cause espanto haja falado incontinenti aquele homem, que jamais articulara uma só palavra desde que nascera.

Deveis compreender que as palavras não lhe saíam a princípio tão distintas como as vossas. Quaisquer que tenham sido, porém, as que pronunciou, bastaram para encher de espanto a multidão. Além disso, como deveis igualmente compreender vós outros espíritas, sendo aquela cura de grande importância para a aceitação da crença que Jesus viera difundir, os Espíritos que sempre o acompanhavam auxiliaram, no mesmo instante, por meio do magnetismo espiritual, o desenvolvimento da nova faculdade que ele acabava de dar ao homem e, por meio da inspiração, facilitaram a este o uso dela.

Demais, não estava junto dele o seu anjo de guarda?

MATEUS, Cap. XV, v. 29-39. —MARCOS, Cap. VIII, v. 1-10

Multidão de doentes curados. — Multiplicação de sete pães

MATEUS: V. 29. Jesus, ao sair dali, veio costeando o mar da Galiléia e, tendo subido a um monte, lá se sentou.— 30. Logo dele se acercou grande multidão, onde havia mudos, cegos, coxos e muitos outros doentes que foram colocados a seus pés; e ele a todos curou; — 31, de sorte que a multidão se mostrava maravilhada por ver que os mudos falavam, que os coxos andavam, que os cegos enxergavam; e todos glorificavam ao Deus de Israel. — 32. Jesus chamou os discípulos e lhes disse: Faz-me compaixão este povo, pois há três dias está comigo e não tem o que comer; não os quero mandar embora em jejum, para que não desfaleçam pelo caminho. — 33. Os discípulos lhe disseram: Onde iríamos achar, neste deserto, pães que bastassem para saciar tão grande multidão? — 34. Jesus lhes perguntou: Quantos pães tendes? Sete, responderam eles, e alguns peixinhos. — 35. Ele ordenou ao povo que se sentasse no chão, — 36, e, tomando os sete pães e os peixes e rendendo graças, os partiu e deu aos discípulos, que por sua vez os deram ao povo. — 37. Todos comeram, ficaram saciados e ainda levaram sete cestos cheios dos pedaços que sobraram. — 38. Ora, os que comeram eram em número de quatro mil, fora crianças e mulheres. — 39. Tendo em seguida despedido o povo, Jesus tomou uma barca e veio para os arredores de Magadan.

MARCOS: V. 1. Naqueles dias, sendo de novo muito numerosa a multidão e não tendo o que comer, Jesus chamou os discípulos e lhes disse: — 2. Faz-me compaixão este povo, que há três dias está comigo e nada tem para comer. — 3. Se eu mandar que voltem para suas casas sem terem comido, desfalecerão pelo caminho, pois que vieram de longe. — 4. Os discípulos lhe responderam: Onde quem os possa fartar de pão neste deserto? — 5. Jesus perguntou: Quantos pães tendes? Eles responderam: Sete.

— 6. Ordenou então ao povo que se sentasse no chão e, tomando os sete pães e rendendo graças, os partiu e deu aos discípulos para que os distribuíssem e estes os distribuíram pelo povo. — 7. Tinham também alguns peixinhos. Ele os abençoou e ordenou que do mesmo modo os distribuíssem. — 8. Todos comeram, ficaram saciados e ainda encheram sete cestos com os pedaços que sobraram. — 9. Os que comeram eram cerca de quatro mil e Jesus os mandou embora. — 10. Logo, tomando uma barca com os discípulos, veio para as bandas de Dalmanuta.

N. 179. Com relação às curas que Jesus operou, não precisamos repetir explicações já dadas a esse respeito. Entre os cegos e os mudos que lhe apresentaram, uns padeciam de cegueira ou de mudez por efeito de subjugação, outros por efeito de enfermidade física do organismo humano.

Já recebestes explicações concernentes aos dois casos. Sabeis assim que, no primeiro, a cura se operava pelo afastamento do Espírito obsessor e pela ação magnética que, fazendo cessar a perturbação causada pela subjugação e pela libertação, restituía no mesmo instante ao órgão da audição ou da palavra o estado normal. No segundo caso, a cura se operava por ato da vontade de Jesus e pela ação fluídica que resultava dessa mesma vontade poderosa e da sua força magnética. O mesmo se dava com todos os outros doentes. Quanto aos coxos, Jesus os curava também pelos meios magnéticos, restituindo aos músculos a elasticidade que lhes faltava.

Pelo que toca à multiplicação dos sete pães e dos peixes, já vos explicamos (n. 173), de modo geral, os meios pelos quais essa multiplicação se operava. Não temos que voltar a esse ponto. O que vos dissemos relativamente ao fato da multiplicação dos cinco pães e dos dois peixes basta para que compreendais o fato análogo de que aqui agora se trata.

Não vos admireis de que os discípulos hajam perguntado a Jesus: "Onde quem os possa fartar de pão neste deserto?" O fato anteriormente ocorrido já lhes não prendia mais a atenção.

Repetindo a multiplicação, quis Jesus, exatamente, impressioná-los com dois exemplos iguais, a fim de, *mais tarde,* lhes dar a conveniente explicação, falando *do fermento dos Fariseus e dos Saduceus.*

MATEUS, Cap. XVI, v. 1-4 —MARCOS, Cap. VIII, v. 11-13

Recusa do prodígio pedido pelos Fariseus e Saduceus

MATEUS: V. 1. Os fariseus e saduceus se acercaram dele para o tentar e pediram lhes mostrasse um sinal no céu. — 2. Ele lhes respondeu: Ao cair da tarde dizeis: Fará bom tempo, amanhã, porque o céu está avermelhado; — 3, e ao amanhecer dizeis: O dia hoje será tempestuoso, pois o céu está de um vermelho sombrio. — 4. Sabeis portanto reconhecer o que pressagia o aspecto do céu e não podeis reconhecer os sinais dos tempos? Esta geração má e adúltera pede um sinal; nenhum lhe será dado senão o do profeta Jonas. E, deixando-os, se foi embora.

MARCOS: V. 11. Vieram os fariseus e começaram a discutir com ele, pedindo-lhe, para o tentarem, um sinal no céu. — 12. Jesus, dando profundo suspiro, lhes disse: Porque pede esta geração um sinal? Em verdade vos digo que nenhum sinal lhe será dado. — 13. E, tendo-os deixado, tomou de novo a barca e passou para a outra margem.

N. 180. Estes versículos carecem de importância.

Pelas palavras "fariseus e saduceus" — neles empregadas, os apóstolos designavam, de um modo geral, os incrédulos. Se bem que, sob o ponto de vista histórico ou religioso, os fariseus e os saduceus se diferençassem por outra coisa, que não apenas pela incredulidade, os discípulos, emparelhando-os, provaram que eles se assemelhavam como incrédulos, relativamente à missão e à doutrina de Jesus.

Os "fariseus e os saduceus" vieram ter com Jesus para o *tentar.* Quer dizer: para apanhá-lo em falta,

pois não reconheciam poder no Mestre para fazer o que lhe pediam.

Pediram-lhe que mostrasse no céu um sinal, isto é, qualquer coisa de surpreendente, fosse o que fosse. Não tinham, quanto à natureza do sinal, nenhuma idéia assentada, mas desejariam que Jesus, por exemplo, detivesse o movimento dos astros, ou fizesse aparecer no firmamento uma visão qualquer. Aquele que, para acreditar, faz questão *de ver* não sabe muitas vezes dizer o que deseja se lhe mostre. E ainda quando obtivesse a satisfação desse desejo, mesmo à *custa das leis naturais,* isso não lhe bastara. Trataria de explicar o fato de um modo que se lhe afiguraria racional, dado *o seu ponto de vista,* e exigiria *outra coisa.*

As versões dos dois evangelistas se completam, reproduzindo ambas as seguintes palavras de Jesus: "Esta geração má e adúltera pede um sinal no céu; em verdade vos digo que nenhum sinal lhe será dado; *nenhum sinal lhe será dado senão o do profeta Jonas*"[13]. "Jesus, diz o evangelista, *deu profundo suspiro".* Apreciação humana. Jesus procurou chamar a atenção dos discípulos para o que havia de doloroso no orgulho e na cegueira daqueles Espíritos culpados, que se condenavam por tal forma a uma longa e cruel expiação.

Apartando-se daqueles homens incrédulos, orgulhosos, obstinados e rebeldes, o Mestre se foi embora: "deixando-os, Jesus tomou de novo a barca e passou para a outra margem".

N. 181. Será acertado dizer-se hoje: 1º que Jesus, com a *antevisão do futuro,* quando respondia aos fariseus e saduceus de outrora, estendia, em mente, a sua resposta aos incrédulos de agora, os quais, fazendo oposição à revelação espírita e hostilizando-

[13] Ver, para compreensão e explicação *destas últimas palavras.* o n. 161

a, pedem aos espíritas, por prova da veracidade dela, um sinal no céu, *"um milagre"*, e que a esses *novos* fariseus e saduceus se aplicavam e devem ainda aplicar-se aquelas palavras: *"Em verdade vos digo que nenhum sinal lhes será dado; 2?* que o Espírito da Verdade, à semelhança do que fez Jesus com os fariseus e saduceus da época evangélica, *deixa* hoje esses incrédulos Espíritos, como os de então, orgulhosos, cegos, obstinados e rebeldes, sujeitos aos Espíritos do erro e da mentira?

Certamente.

MATEUS, Cap. XVI, v. 5-12. —MARCOS, Cap. VIII, v. 14-21

Fermento dos Fariseus e dos Saduceus

MATEUS: V. 5. Seus discípulos, tendo passado para a outra margem do lago, se esqueceram de levar pães. -6. Jesus lhes disse: Vede bem, preservai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus. — 7. Ouvindo isso, os discípulos pensaram de si para si: É porque não trouxemos pães. — 8. Conhecendo-lhes o pensamento, Jesus lhes disse: Homens de pouca fé, porque haveis de estar pensando que vos falei por não terdes trazido pães? — 9. Ainda não compreendeis e não vos lembrais dos cinco pães para cinco mil homens e de quantos cestos enchestes com o que sobrou? — 10. Nem dos sete pães para quatro mil homens e dos cestos que levastes? — 11. Como pois não compreendeis que não vos falei de pão quando disse: Preservai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus? — 12. O discípulos então compreenderam que ele não lhes dissera que se preservassem do fermento dos pães e sim da doutrina dos fariseus e dos saduceus.

MARCOS: V. 14. Ora, os discípulos se esqueceram de prover-se de pães, de sorte que um único pão traziam consigo na barca. — 15. E Jesus lhes deu este preceito: Vede bem, preservai-vos do fermento dos fariseus e do fermento de Herodes. — 16. Eles pensavam e diziam entre si: É porque não trouxemos pães. — 17. Jesus, conhecendo-lhes o pensamento, disse: Porque cogitais de não terdes trazido bastante pão? Ainda não sabeis, ainda não compreendeis? Ainda estão cegos os vossos corações? — 18. Tendo olhos, não vedes? tendo ouvidos, não ouvis? Perdestes a memória? — 19. Quando parti cinco pães para cinco mil pessoas, quantos cestos enchestes do que sobrou? Doze, disseram eles. — 20. E quando parti sete pães para quatro mil pessoas, quantos cestos de pedaços ficaram? Sete, responderam eles. — 21. E Jesus acrescentou: Como é então que ainda não compreendeis o que vos digo?

N. 182. Os próprios discípulos vos explicam as palavras de Jesus, comunicando-vos a interpretação que eles lhes deram, em seguida à observação que o Mestre lhes fez.

Também vós, novos discípulos de Jesus, preservai-vos do fermento ¨dos fariseus e dos saduceus¨ e do fermento "de Herodes", isto é: preservai-vos de todas as inspirações do orgulho, preservai-vos de toda submissão covarde ao poder, sempre que este tente exercer qualquer ação sobre as vossas consciências ou sobre os vossos atos morais. Sede humildes de coração, submissos aos vossos superiores, quaisquer que estes sejam. Dai a César o que é de César, mas não esqueçais *nunca* que é Deus quem faz os Césares e que só ele tem direito sobre todos.

Repetimos: preservai-vos de toda submissão covarde ao poder, sempre que este tente exercer qualquer ação sobre as vossas consciências ou sobre os vossos atos morais. Deveis resistir, com respeito, mas também com firmeza, a qualquer oposição, venha donde vier, visando impedir que executem a vontade de Deus os bons Espíritos que se comunicam com os homens *para,* mediante a nova revelação, concluir a obra do Cristianismo *do Cristo, regenerar* a Humanidade por meio da luz e da verdade, implantar, pela prática recíproca da justiça, do amor e da caridade, a fraternidade universal, dando assim cumprimento a estas palavras de Jesus: *"Tendes um único Senhor e sois todos irmãos¨.*

Sim, por maior que seja a oposição e venha donde vier, deveis, com respeito, mas com firmeza, defender o exercício do vosso livre arbítrio, da vossa liberdade de consciência. A verdade tem que se difundir: não deixeis que a sufoquem ao nascer.

MARCOS, Cap. VIII, v. 22-26

Cura de um cego

V. 22. Como chegassem a Betsaida, trouxeram-lhe um cego e lhe pediram que o tocasse. — 23. Tomando o cego pela mão, ele o conduziu para fora da aldeia e, passando-lhe saliva nos olhos e impondo-lhe as mãos, lhe perguntou se via alguma coisa. — 24. O homem, olhando, disse: Vejo a caminhar homens que parecem árvores. — 25. Jesus lhe colocou de novo a mão sobre os olhos e ele começou a ver, ficou curado, de sorte que via tudo distintamente. — 26. Jesus o mandou embora para casa, dizendo: Vai para tua casa e, se entrares na aldeia, não digas a ninguém o que te sucedeu.

N. 183. Jesus não se achava *só;* estava, como sempre, acompanhado. A recomendação que fez dizia respeito à visão do cego.

Da primeira vez que lhe impôs as mãos, o Mestre deu ao homem a vista espiritual. Viu ele então os Espíritos que se grupavam em torno de Jesus. Ao seu entendimento obscurecido esses Espíritos pareceram homens de gigantescas proporções. Pela segunda imposição das mãos, o Mestre curou os órgãos animais do homem e ele começou a ver, mas a ver apenas os outros homens seus semelhantes. A vista corporal lhe fora restituída. A proibição de Jesus se entendia, portanto, com a primeira visão. *Só* os discípulos ouviram as palavras do cego, por isso que, formando círculo em torno do Mestre, mantinham a multidão a certa distância.

Acabamos de dizer que, pela primeira imposição das mãos, Jesus desempecera no homem a vista espiritual. Expliquemos. Obedecendo à vontade do Mestre, o que mostra ter sido ele o autor do ato, os Espíritos que o cercavam fizeram com que o cego se

tornasse, na ocasião, *vidente,* desembaraçando-lhe da *matéria o espírito.* Para terdes a explicação deste fenômeno não precisareis mais do que recorrer à dos fenômenos magneto-espiritas. As coisas se passam em ambos os casos de igual maneira, só havendo a menos, no de que aqui se trata, o sono.

Falando dos fenômenos magneto-espiritas, não aludimos aqui *unicamente* ao magnetismo espiritual, mas *também* ao magnetismo humano *empregado* com o fim de desenvolver a vista espiritual. O Espírito, pelo contacto com os fluidos humanos que o cercam, adquire maior força. Seu perispírito, forrando-se, por assim dizer, com os eflúvios perispiríticos que o rodeiam, pode subtrair-se ao corpo que o envolve, o que lhe permite recobrar, momentaneamente, alguma liberdade.

O magnetismo ainda ensaia seus primeiros passos. O homem tem por demais desprezado o poder que o Senhor lhe pôs nas mãos; mal se dignou de lançar os olhos para a primeira página da introdução desse grande livro da ciência. Que o folheie com perseverança e lhe preste toda a atenção.

O magnetismo não constitui um jogo para divertimento dos curiosos; não é uma ciência ligeira destinada *apenas* a aliviar alguns sofrimentos. *É* um estudo grave, profundo, que reclama, para se tornar proveitoso, ilimitado desinteresse, fé viva, inesgotável amor ao próximo. Com esses três auxiliares, podereis, homens, colher ousadamente os frutos da árvore da ciência; repelireis horrorizados o mal e caminhareis a passos largos na senda do progresso.

Magnetizadores, a vós outros é que especialmente nos dirigimos. Trazeis em vós a fonte de todas as descobertas, de todas as ciências. Abri, trabalhando seriamente, as páginas desse grande livro e ai descobrireis todos os dias alguma beleza nova e vereis até onde pode chegar o poder do homem, quando tem a sustentá-lo o amor do bem, da verdade e do belo.

O magnetizador *sério,* que trabalhe visando o progresso da Humanidade, deve pôr o máximo cuidado na escolha dos sonâmbulos que hajam de secundá-lo nas suas pesquisas. Um só não basta, pois que *tal* Espírito, adiantado num dos ramos da ciência, pode ser completamente ignorante no que respeita a outro. Não falamos *aqui* da ciência *humana,* porquanto o sonâmbulo que, na condição de encarnado, seja extremamente simples de espírito, poderá ser *espiritualmente* muito adiantado, desde que seja também simples de coração. E o desprendimento traz *ao homem,* como sabeis, *inesperadas revelações,* graças aos Espíritos superiores aos quais o sonâmbulo serve de instrumento.

Ao fazer a escolha dos sensitivos, deve o magnetizador ter a preocupação de encontrar corações puros e devotados que ele instruirá na ciência magnética, moldando-os desde o primeiro momento, a pouco e pouco, para o gênero de trabalho acorde com a aptidão que manifestem. Este, quando em êxtase, poderá ser o *auxiliar* de um químico; *aquele* projetará luz nas trevas da história; *aquele outro* resolverá problemas mecânicos sobre os quais a Humanidade tem encanecido sem lhes achar a solução. Mas, para chegar a semelhante resultado, cumpre que tanto o magnetizador como o magnetizado sejam *puros de coração* e não busquem na ciência uma *exploração mundana.* De outro modo, ambos verão falir suas esperanças e os *Espíritos embusteiros* lançarão seus *lucilantes véus* sobre as mais sérias questões, por isso que os Espíritos superiores não se aproximam senão do que é puro, de conformidade com as leis de atração espiritual, fluídica. Só aos que tenham *o coração puro* eles auxiliam nas suas pesquisas, nos seus estudos, dando-lhes a luz, a ciência, a verdade. Só prestam o seu concurso, repetimos, aos que, *tendo em vista unicamente o progresso da Humanidade,* trabalhem

com ilimitado desinteresse, fé viva e inesgotável amor ao próximo, jamais *procurando na ciência* um meio de levar a efeito mundanas explorações. *Só* esses são capazes e dignos de se constituírem, entre vós, os auxiliares de Deus e dos Espíritos superiores, no tocante à marcha e à realização do progresso.

Repetimos novamente: o magnetismo ainda está na infância. Estudai-lhe com afinco as tendências, as possibilidades, *a fim* de o desenvolverdes. Apoiai-vos nele e mais depressa atingireis o ponto culminante para onde se orientam todos os vossos esforços. Qual é, com efeito, o estado do sonâmbulo? O do Espírito quase liberto do corpo. Esta massa de carne nada mais fica sendo para ele do que um instrumento que lhe serve a transmitir-vos seus pensamentos, suas sensações: exatamente o que sois, para nós, vós outros evocadores e médiuns — simples instrumentos.

O estado sonambúlico, desenvolvido e produzido repetidamente, eleva o Espírito, habituando-o a se libertar da sua prisão, mesmo durante o estado de vigília. Deste modo, espalhando pouco a pouco em torno de vós seus eflúvios libertadores, habituareis o homem a viver, por bem dizer, fora de si mesmo. A atmosfera que vos envolve se impregnará desses fluidos humanos e, assim como a miragem que flutua no horizonte se avoluma com as nuvens que a cercam e se lhe agregam, também esses fluidos atrairão os fluidos ambientes que vos circundam, e apressarão o desenvolvimento das vossas faculdades e a emancipação das vossas almas.

Acabamos igualmente de dizer que *o cego* viu os Espíritos que se grupavam em torno de Jesus e que, *ao seu entendimento obscurecido,* esses Espíritos pareceram homens de gigantescas *proporções, semelhantes a árvores pela altura do porte.*

Como a maioria dos que vivem na terra, ele desconhecia os efeitos do desprendimento espiritual. *Não lhe foi possível, pois, inteirar-se* do que se passava aos olhos do seu Espírito.

Os Espíritos que cercavam o Mestre, Espíritos aos quais *mais tarde* ele se referiu *dizendo que,* "se o quisesse, *seu pai enviaria milhares de anjos para o servirem",* não precisando apoiar-se no solo, se reuniam no espaço e, como a parte inteligente do ser é sempre o que mais atrai o olhar dos outros seres, o olhar *espiritual* do cego se dirigiu para a região superior dos que por ele eram vistos.

Nas aparições espíritas, ou no caso de desprendimento do Espírito do *vidente, o* que mais lhe prende a atenção é a sede propriamente dita do Espírito, a parte superior do corpo. Só depois de haver experimentado o contacto visual com essa parte superior do vulto é que o olhar do vidente desce e percebe o resto das formas, *isto mesmo se for necessário,* porquanto, na maioria das vezes, essas formas se apresentam indistintas, como que diluídas numa espécie de vapor.

As dimensões espíritas não são apreciáveis pelas medidas de que usais. Os Espíritos, librando-se no espaço, ultrapassavam as árvores na visão espiritual do cego. Suas formas imprecisas não lhe chamaram a atenção, por se achar esta voltada toda para as fisionomias que ele distinguia. Podemos acrescentar, para satisfazer à curiosidade minuciosa de alguns, que as formas humanas conservadas pelos Espíritos são geralmente mais amplas do que o eram na terra. Mesmo o homem, nos mundos superiores ao vosso, tem maior estatura do que vós outros e de muito maior pureza são as linhas de seu talhe.

Na terra, que ainda é um mundo inferior, um mundo onde ainda predomina a inferioridade moral, os fenômenos magneto-espíritas são amiúde obra de

maus Espíritos, tanto que produzem efeitos fluídicos violentos e dolorosos ou perigosos, tais como, em particular, as subjugações corporais, ou corporais e morais ao mesmo tempo. São também obra de Espíritos levianos, embusteiros, dando lugar a mistificações.

Tudo isso, porém, se passa debaixo da vigilância dos guias. Se produzem efeitos violentos, dolorosos, ou que pareçam perigosos, é que tais efeitos fazem parte da série de provações que o encarnado tem que sofrer. Sendo assim, os Espíritos protetores deixam que eles se produzam.

Tudo tem sempre um *objetivo sério.* Procurai, *cuidadosamente,* quais possam ter sido as causas determinantes da mistificação e deparareis ou com uma incredulidade sistemática, ou com uma confiança *orgulhosa,* ou com uma credulidade, uma inexperiência que precisavam esclarecidas para conduzirem à perspicácia e ao devotamento. Algumas vezes também é o caso de uma lição que convinha fosse dada às testemunhas, cuja atenção o encarnado se encarregara de despertar.

"A segunda imposição das mãos, dissemos, curou os órgãos animais do homem e este começou a ver, mas apenas os outros homens, seus semelhantes. A vista corporal lhe fora restituída".

A este respeito não precisais de explicação alguma. Já as tivestes, quando tratamos de casos análogos (ns. 121 e 178). Ao cego, cuja cegueira era acidental, mas antiga, a vista foi restituída pela vontade poderosa de Jesus, como sabeis, e pela ação de sua força magnética.

Para curá-lo, não precisava o Mestre de lhe passar saliva nos olhos nem de lhe impor as mãos. Também não era preciso que lhe desembaraçasse a visão espiritual e, para o conseguir, não se fazia mister igualmente que lhe passasse saliva nos olhos, nem que

o submetesse a uma primeira imposição das mãos, como não era necessária a segunda, para o que o homem recuperasse a vista corporal.

Procedendo *da maneira que se vos refere,* os atos e palavras de Jesus tinham, como sempre, o objetivo de dar aos homens de então e aos do futuro um *ensinamento, um exemplo.*

Duplo era o seu objetivo com relação aos discípulos. Pondo saliva nos olhos do cego e fazendo-lhe as imposições das mãos, ensinava-lhes, conforme já o explicamos tratando do surdo-mudo (n. 178), os diversos meios de que dispunham para operar.

Desembaraçando a visão espiritual do homem e interrogando-o nesse estado de desprendimento, Jesus atraía a atenção dos discípulos (do mesmo passo que a dos homens vindouros, que são os da época atual da nova revelação) para os mistérios de além-túmulo, para a imortalidade da alma, para a persistência da individualidade após a morte, tendo em vista o conhecimento, que a mediunidade vidente dera a alguns deles, das aparições espíritas e que hoje dá a alguns de vós.

Desembaraçando a visão espiritual do cego, interrogando-o e restituindo-lhe em seguida a visão corporal, mostrava Jesus aos homens, principalmente aos que no *futuro* viriam a ser esclarecidos pela nova revelação, viriam a aceitar a luz espírita, que aquele, cujo Espírito se acha dominado pela matéria ou a ela escravizado, está moral e intelectualmente cego, do ponto de vista espiritual, espírita; que esse não poderá recobrar e não recobrará *a vista,* senão quando seu Espírito exercer domínio sobre a matéria, dela se desprender, isto é, se libertar para dominá-la; que deste modo é que começa o progresso moral a que o desprendimento da visão espiritual do cego servia e serve de *símbolo;* que no progresso moral está a fonte, o instrumento, a senda e o meio de realização do

progresso material e intelectual, tendo por *símbolo a* restituição da vista corporal ao mesmo cego, logo depois do desprendimento espiritual, que faculta ao homem, progressivamente, sob a influência espírita, o conhecimento dos mistérios de além-túmulo, as descobertas e os segredos da ciência divina, o descortino dos horizontes do infinito.

MATEUS, Cap. XVI, v. 13-20. —MARCOS, Capítulo VIII, v. 27-30. —LUCAS, Cap. IX, v. 18-21

Palavras de Jesus confirmativas da reencarnação. Alusão às relações mediúnicas que podem existir entre os homens e as potências espirituais. Missão de Pedro na Igreja do Cristo. Verdadeira confissão

MATEUS: V. 13. Chegando às cercanias de Cesaréia de Filipe, Jesus perguntou a seus discípulos: Que é o que os homens dizem do filho do homem? — 14. Eles responderam: Uns dizem que é João Batista; outros que é Elias; outros que é Jeremias, ou um dos profetas. — 15. Jesus lhes perguntou: E vós quem dizeis que eu sou? — 16. Simão Pedro respondeu: És o Cristo, filho de Deus vivo. -17. Jesus respondeu: Bem-aventurado és, Simão, filho de Jonas, porque não foram a carne nem o sangue que isso te revelaram, mas meu pai que está nos céus. — 18. E eu te digo que és Pedro e que sobre esta pedra edificarei a minha igreja; e contra ela não prevalecerão as portas do inferno. — 19. Dar-te-ei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra será também ligado no céu e o que desligares na terra será desligado nos céus. — 20. Ordenou em seguida aos discípulos que a ninguém dissessem ser ele Jesus o Cristo.

MARCOS: V. 27. Jesus partiu dali com seus discípulos para as aldeias dos arredores de Cesaréia de Filipe e pelo caminho lhes perguntava: Quem dizem os homens que eu sou? — 28. Responderam eles: Uns dizem que João Batista; outros que Elias; outros que um como os profetas. — 29. Disse-lhes ele então: Mas, vós, quem dizeis que eu sou? Pedro, respondendo, disse: És o Cristo. — 30. E ele lhes proibiu que o dissessem a pessoa alguma.

LUCAS: V. 18. Sucedeu que um dia, estando de parte a orar rodeado de seus discípulos, Jesus lhes perguntou: Quem diz o povo que eu sou? — 19. Eles responderam: uns — João Batista; outros

— Elias; outros — algum antigo profeta que ressuscitou. — 20. Disse-lhes ele: E vós quem dizeis que eu sou? Simão Pedro respondeu: O Cristo de Deus. — 21. Ele então lhes proibiu muito expressamente que o dissessem a pessoa alguma.

N. 184. Uma explicação especial se faz aqui necessária.

(Mateus, v. 13-17; Marcos, v. 27-29; Lucas, v. 18-20). São muito importantes estas passagens dos Evangelhos, por isso que têm um *duplo objetivo:* lembrar aos homens os princípios da reencarnação e não deixar se esquecessem das relações mediúnicas que podem existir entre eles e as influências espirituais.

Jesus sancionava *assim,* de antemão, o que estava reservado a ser posto em evidência, explicado e desenvolvido, *em espírito e verdade,* pela nova revelação, *sob aquele duplo ponto de vista.*

Ali se encontra, *primeiramente,* em poucas palavras, a confirmação desta grande verdade, ainda por muitos contestada e rejeitada: *a reencarnação.*

Consideremos o que disse Jesus a seus discípulos:

"Que é o que os homens dizem do filho do homem? — Quem dizem que eu sou? — Quem diz o povo que eu sou? —E a resposta dos discípulos: Uns dizem que és João Batista; outros que és Elias; outros Jeremias, ou algum dos antigos profetas."

Vemos pelas perguntas e respostas acima que a opinião pública atribuía a Jesus uma origem espiritual anterior àquela sua existência terrena, vendo nesta uma existência nova num novo corpo. Tal opinião, que abrangia *a anterioridade da alma e a reencarnação,* era geralmente partilhada, sem encontrar oposição. Por quê? Porque os Hebreus sabiam pelas tradições conservadas, embora confusamente,

que o homem pode voltar muitas vezes à terra para concluir uma obra começada e interrompida pela morte humana.

Voltemos a Jesus: Vós outros, Católicos, Protestantes, *chamados* Ortodoxos, e Judeus, que não admitis a anterioridade da alma, a reencarnação, duvidais porventura da missão superior de Jesus?

Esse, Católicos, é o fundamento da vossa crença, pois que a fazeis remontar *até ao trono do Eterno.*

Vós, Judeus, sois forçados a admirar o caráter do reformador, embora maldizendo-o, pois ainda fazeis com ele o que vossos pais fizeram com os profetas. Todavia, concordais em que era um gênio superior, um homem animado de boas intenções — um *reformador* em suma.

Qual foi, Judeus, a resposta desse homem, que com a idade de doze anos causava assombro aos doutores da lei?

Dizei, zelosos Católicos, qual a resposta daquele que, descido do Pai para trazer a luz aos homens, conhecia, segundo a vossa doutrina, desde toda a eternidade, os segredos da natureza e da Criação?

Porventura, ele, que aos discípulos ensinava as verdades do alto, os repreende por motivo de uma heresia largamente espalhada?

Diz-lhes, por acaso, que a alma, *criada* para a carne em que habita, não pode nem deve mais voltar à terra, uma vez que a tenha deixado? Diz-lhes que, ao ser criada, a alma se une de tal modo ao corpo que, separada deste, não lhe fica mais pensamento humano algum, nem vida ativa — que ela se perde num infinito dificílimo de explicar, porquanto, *segundo a Igreja católica,* que destinação se há de assinar aos que morrem *com a mácula* do que essa Igreja chama *pecado original?*

As opiniões divergem a tal ponto que se torna difícil precisar as coisas. Exprimindo-nos, *como*

acabamos de fazê-lo, nós nos colocamos no ponto de vista da Igreja católica, ou, pelo menos, dos seus ministros. De fato: qual a sorte daquele que não recebeu o batismo? A condenação. Mereceu-a? Irá para os limbos, se viveu na ignorância. Há nisso, da parte de Deus, justiça? Que fez o recém-nascido para desmerecer aos olhos do Senhor? E, depois de batizado, que fez para ser colocado entre os eleitos? Que fez, para ir juntar-se a essas almas infantis condenadas a uma eterna neutralidade de sensações, a uma eternidade sem dores, mas sem alegrias, o homem *íntegro e inteligente* que, pelo "acaso, como dizeis, do seu nascimento", viveu desconhecendo o que fosse o batismo? Mandá-lo-eis expiar durante um lapso de tempo mais ou menos longo, no *"purgatório",* a culpa de haver nascido na obscuridade em vez de nascer na luz, a culpa de não ter adivinhado *essa verdade católica* que tantos outros conhecem e desprezam, por não encontrarem nela o que lhes satisfaça à inteligência? Eis aí porque, em nos colocando no ponto de *vis*ta da Igreja humana, ou, pelo menos, de seus ministros, dissemos ser difícil determinar as coisas, proceder a uma escolha entre tantas diferentes posições, inadmissíveis todas para o homem que reflete.

Não. Jesus, longe de repreender seus discípulos por se fazerem eco de um erro, longe de lhes dizer que a alma é *criada* para a carne em que habita, que não pode nem deve mais voltar à terra, se limita a lhes perguntar: *E vós quem dizeis que eu sou?* Nesta só pergunta não está a confirmação das idéias enunciadas? Formulando-a, não demonstrou o Mestre que admitia a possibilidade de ser ele João Batista, ou Elias, ou Jeremias, ou qualquer outro?

Por essa forma atendia ele ao presente, sem se descuidar do futuro. Como sabeis, sua palavra era e precisava ser *velada* quanto à reencarnação. Não havia chegado ainda o tempo de apresentar-se *aber-*

tamente aos homens, *em espírito e em verdade,* esta lei natural e imutável *nos seus princípios e nas suas conseqüências.* Tal encargo estava reservado à revelação, que o Espírito da Verdade, por intermédio dos Espíritos do Senhor, vos traz hoje, isto é: no tempo designado para a era nova.

A resposta de Pedro: *És o Cristo, filho do Deus* vivo, *o Cristo de Deus,* isto é, o enviado do Senhor; assim como as palavras que Jesus lhe dirigiu: *Bem-aventurado és, Simão, filho de Jonas, porque não foram a carne nem o sangue que te revelaram isto, mas meu pai que está nos céus; não foste tu que o disseste, foi meu pai quem to revelou",* patenteiam, oh! bem-amados, a revelação toda, revelação que foi, naquele momento, de *atualidade,* pela mediunidade de Pedro, e também *futura* pelas relações mediúnicas dos Espíritos do Senhor com os homens. Estes, como Pedro, são hoje e serão no porvir, para a nova revelação, médiuns *sinceros e humildes,* instrumentos escolhidos para transmissores da verdade ao gênero humano.

Por que meio houvera o Senhor feito a Pedro aquela revelação? Não é claro que, na ocasião, Pedro foi o instrumento falante que serviu para revelar a verdade? Que foi Pedro, em tal ocasião, senão um médium falante?

Já temos dito que Pedro possuía em altíssimo grau as faculdades mediúnicas. Por isso mesmo foi ele e não outro quem serviu naquele momento.

Não vos apegueis às inspirações e revelações dos *"santos",* dos *¨padres da Igreja¨,* para dizer: também eles eram médiuns, logo devemos crer *cegamente* nas suas palavras.

A vós, que compreendeis a verdade, podemos mostrar porque não vos deveis apegar às inspirações reveladas e *tantas vezes mentirosas.* Mas, para os incrédulos; que valor terão nossos esclarecimentos?

Não sabeis que a influência espírita sempre existiu e que, em todos os tempos, houve médiuns, alguns tendo perfeito conhecimento da fonte e da causa da ciência que possuíam, outros de todo em todo inconscientes?

Foi *assim,* graças à mediunidade e com o auxílio das relações mediúnicas com os Espíritos do Senhor, que os apóstolos, os discípulos, os evangelistas operaram por toda parte os *milagres* da fé. Multiplicando-os, eles espalhavam a fé por entre os homens, ignorantes, materiais.

Médiuns de todas as espécies, os apóstolos e seus discípulos serviam de instrumento às grandes vontades superiores. Em seguida, serviram de instrumentos, como eles, seus discípulos, os primeiros padres da igreja *do Cristo,* não os que fazem ato de fé no clericato, mas os primeiros cristãos sinceros e devotados; que morriam ignorados e humildes, após uma vida de propaganda laboriosa e perigosa, sem jamais requestarem a publicidade, as honras espirituais.

Depois, pouco a pouco, a mediunidade foi ficando na sombra, porque era preciso que os acontecimentos seguissem seu curso, que se fundissem todos os povos, adiantados e atrasados, e também porque, *vulgarizado* no seio de povos bárbaros, aquele conhecimento teria ocasionado grandes desordens. Deus permitiu que o conhecimento das nossas relações com a humanidade caísse no esquecimento, porque os homens eram maus e se achavam cercados de maus Espíritos. Em contraposição a um que caminhava nas sendas do Senhor, milhares de outros, provindos do meio de Espíritos inferiores, se compraziam no contacto com estes, mantendo-se sempre no mesmo meio.

Daí o tornar-se a mediunidade, a pouco e pouco, entre todos os povos da cristandade, apanágio de reduzido número de criaturas e afinal o desaparecer quase inteiramente, ou ficar na sombra. Tão profundo

foi, de fato, o esquecimento em que caíram aquelas faculdades, que os que, por orgulho ou cupidez, tentavam explorá-las, eram tidos na conta de feiticeiros e como tais encarcerados ou queimados. Igualmente tratados eram, ou pelo poder e pelo braço seculares, ou pela Inquisição romana, como possessos do demônio ou como heréticos, no longo período que se seguiu aos primeiros tempos do Cristianismo e no qual dominaram as potências clericais, o absolutismo religioso, a ignorância, a intolerância, o fanatismo, quer os que de boa fé, porém submetidos a influências más, produzem efeitos físicos ou manifestações mediúnicas, quer os que, livres pensadores, mas debaixo de boas influências, proclamavam uma verdade, ensinamentos contrários às prescrições dogmáticas, disciplinares da Igreja humana, uns e outros médiuns conscientes ou inconscientes.

Repetimos, não vos apegueis às inspirações reveladas dos "*padres da Igreja*" e dos "*santos",* para dizer: "Também eles eram médiuns, logo devemos crer *cegamente* nas suas palavras".

Eram médiuns, sim, mas ignorais quanto a mediunidade é perigosa para *quem não sabe servir-se dela?*

Ignorais que o Espírito encarnado atrai a si os Espíritos que se lhe assemelham pelas tendências, pelas idéias preconcebidas ou sistemáticas, de acordo com os preconceitos ou as tradições do meio em que se ache; que, como médium, pode ser submetido a uma influência má, tornar-se instrumento, inconsciente e muitas vezes patente, de Espíritos embusteiros e, assim, instrumentos do erro ou da mentira, do mesmo modo que o pode ser dos bons Espíritos, quando escolhido, como o foi Pedro, para a revelação da verdade que o Senhor queira se faça conhecida dos homens, nos tempos determinados?

Ignorais também que a charlatanaria ou a exaltação do Espírito encarnado pode tomar ou inculcar

como fruto da inspiração o que não passa de produto de uma organização *fraca ou má?*

Imaginais se deva atribuir a influências benéficas e elevadas os jejuns, as macerações, as flagelações, que certos religiosos se impunham, as existências ociosas e inutilmente passadas longe do mundo, de suas tentações, de seus combates, mas também das suas vitórias, na prática de mortificações que só o *"demônio"* podia inspirar, pois que o Deus de amor e de bondade as repele?

Aquele, que confiou ao homem a vida como um depósito precioso que lhe cumpre conservar e do qual tem que prestar contas exatas, poderia aprovar as torturas que os solitários se infligiam e cuja única utilidade era abreviar-lhes, *aos olhos dos homens,* a existência; era mudar o objetivo e os fins de uma vida que o homem deve conduzir e dirigir, segundo a lei divina, pela prática da lei do amor, que o Cristo proclamou, dos mandamentos, que declarou encerrarem toda a lei e os profetas e que sancionou com as suas lições e seus exemplos? pela prática, portanto, das leis morais de *adoração, trabalho, reprodução, conservação, destruição, sociedade, progresso, igualdade, liberdade, justiça, amor e caridade*[14], que, em seu nome, os Espíritos do Senhor vos explicam?

Não; não acrediteis *cegamente* nas palavras dos *"padres da Igreja" e* dos *"santos",* porquanto, se entre eles havia muitas vezes inspirações, mediunidade inconsciente ou patente, não raro também havia má influência, devida, já à exaltação de Espírito encarnado, já à fraqueza e precaridade da organização, já a tendências e idéias preconcebidas e sistemáticas, a preconceitos ou tradições do meio. Essa influência má era uma fonte de erros e embustes que tomavam, para a igreja humana, o caráter de *"milagres"* ou de *"re-*

---

[14] Ver, para explicação destas leis, O *Livro dos Espíritos,* parte III, cap. I a XI, ns. 614-892.

velações" do Alto, se vinham por intermédio daqueles cuja santidade era, aos olhos dela, manifesta pelo misticismo ou ascetismo e pela observância de todas as suas prescrições *materiais, dogmáticas e disciplinares.*

(Mateus, v. 18-19): Do ponto de vista espírita, portanto mediúnico, é que deveis considerar as palavras de Jesus registradas nestes versículos.

Pedro, médium desenvolvido e adiantado, era, nas mãos dos Espíritos do Senhor, um instrumento poderoso para a difusão da luz. Todos os discípulos do Cristo tinham utilidade, mas cada um na sua especialidade.

Pedro, ao contrário, dotado de uma organização física bastante maleável para se prestar a todas as influências mediúnicas, Espírito mais elevado do que os outros apóstolos fiéis, senão em pureza, pelo menos em inteligência, tinha mais amplo poder. Servia *assim* de pedra fundamental ao edifício. Sobre ele foi construída *a Igreja do Cristo,* que desse modo assenta em alicerces inabaláveis, porquanto a faculdade que ele possuía se vai espalhando e cada vez se espalhará mais. E, tal como a pedra principal do ângulo, todos, todos os verdadeiros espíritas e sobretudo médiuns *sinceros e humildes,* servireis para a construção desse edifício, trazendo cada um a sua pedra. E podereis, *espalhando* de mais em mais, *ao derredor de vós, a luz que fordes obtendo, ligar* também *e desligar* na terra e o Senhor *ligará e desligará no céu.*

Já vos dissemos em que sentido deveis tomar *estas palavras.* Elas não significam que o homem, pecador e sempre culpado, possa *absolver ou condenar,* proferindo na terra sentenças das quais não haja apelação; nem mesmo para Deus. Significam *apenas* que, conservando a integridade da alma e do coração, obtendo sempre e cada vez mais as luzes dos bons Es-

píritos, vos tornareis cada vez também mais aptos a julgar das coisas da terra e das coisas do céu, a dirigir os vossos irmãos pelo bom caminho e a distinguir com segurança os que se desviam e os que marcham fiéis.

Ê preciso vos expliquemos e façamos compreender aos homens, *em espírito e em verdade,* as palavras de Jesus, cujo *pensamento e sentido* a igreja humana *desfigurou, falseou* completamente.

(MATEUS, v. 18): E eu te digo que és Pedro e que sobre esta pedra edificarei a minha igreja.

Estas palavras de Jesus, particularmente dirigidas a Pedro, constituíram o ponto de partida do erro, tão largamente aceito, da *infalibilidade* do *"papa",* dito o sucessor daquele apóstolo, assim como da organização clerical, mas não do culto, que teve por base *a emblemática* ceia pascal.

Pedro, Espírito adiantado e devotado, além disso excelente instrumento mediúnico (era preciso que fosse assim), dispunha, por ser da vontade de Jesus e graças aos Espíritos superiores que o assistiam, de uma perspicácia que não podeis avaliar com exatidão. Seu olhar penetrante descia ao fundo das consciências, sondava os mais íntimos pensamentos. Não é certo que, ao dar começo à sua missão, ele se achava em comunicação com os emissários divinos? Ora, dotado de tal faculdade, ao seu alcance estava *ligar e desligar* na terra, pois que não fazia mais do que pronunciar, em voz humana, os decretos que *espiriticamente* lhe eram revelados. Mas, depois dele, quantos Pedros já se contaram entre os que se hão intitulado seus *sucessores?*

A Igreja do Cristo, em sua origem, foi a reunião dos fiéis escolhidos por Pedro e os outros apóstolos, que tinham consciência da superioridade do primeiro e obravam quase sempre de acordo com os seus com-

selhos e sob a sua direção, no tocante à difusão da boa nova. Constituíam aquela igreja os sinceros e verdadeiros crentes (Judeus ou Gentios) que aceitavam a lei de amor que o Mestre viera pregar aos homens. Dizemos Judeus e Gentios, porque todo aquele que *sinceramente* crê no seu Deus e se esforça por cumprir a lei de amor, faz parte da *Igreja* do Cristo. Qualquer que seja o terreno que forneça a pedra, esta virá reunir-se ao monumento.

A Igreja do Cristo é o conjunto dos filhos do Senhor, filhos submissos e zelosos, que se reúnem pelo pensamento, quando não podem fazer de fato. Ela não está nos templos que os homens edificam, nos quais, segundo o dizer do apóstolo Paulo, Deus não habita.

Pertence *à Igreja do Cristo* aquele que, qualquer que seja o culto exterior a que a reencarnação o tenha submetido, trabalha com todas as suas forças por obedecer, constante, séria e porfiadamente, à lei divina, praticando o amor a Deus acima de todas as *coisas, e ao próximo como a si mesmo, procedendo sempre para com os outros, em todas as circunstâncias, pelo pensamento, pela* palavra e pelos atos, como quereria que, para consigo, os outros procedessem.

Sim, *da Igreja do Cristo* fazem parte todos os que se submetem à lei divina escrita no livro que no coração de cada um se acha depositado.

"Sobre ti, Pedro, edificarei a minha igreja."

Pedro preside ao progredir da fé, ao desenvolvimento da inteligência, ao cumprimento das promessas de Jesus. Ele continuou no desempenho da sua missão espiritual, depois de haver cumprido a sua missão humana. Desempenhando esta, começou, com o auxílio dos outros apóstolos e dos discípulos que se

lhes associaram, a construir a Igreja *do Cristo.* Pelo desempenho da sua missão espiritual, prossegue na execução desta obra e a *concluirá.*

"E contra ela não prevalecerão as portas do inferno."

Compreendei o que exprimem estas palavras. Sendo a Igreja do Cristo o conjunto dos filhos do Senhor, não será atingido pelo sofrimento, pela expiação aquele que, tendo sabido manter a integridade do coração e da alma, se esforçou por cumprir, segundo a lei divina, todas as suas obrigações, todos os seus deveres para com o Senhor e para com os homens. Pedro, no desempenho da sua missão terrena, foi um discípulo enérgico, devotado, fiel *até à morte.* Quem quer que construa sobre *tal* base, não terá que temer as portas do inferno, isto é, a expiação e o sofrimento do remorso, pois que o seu proceder será reto e puro.

(MATEUS, v. 19): "E te darei *as chaves do reino dos céus*."

Dar-te-ei o conhecimento exato dos meios de chegar-se à perfeição moral.

"E tudo o que ligares na terra será ligado no céu e tudo o que desligares na terra será desligado no céu."

Jesus, assim falando, abrangia nas suas palavras o momento em que as proferia e o futuro, referindo-se a Pedro. Do ponto de vista da missão humana desse apóstolo, elas significavam que, Espírito adiantado e devotado, excelente instrumento mediúnico, como já o dissemos, em comunicação com os emissários divinos, tendo, porque tal era a vontade de Jesus e graças ao auxílio dos Espíritos superiores que o assistiam, a faculdade de sondar o fundo das consciências, de perscrutar os pensamentos mais íntimos, Pedro *ligaria e desligaria* na terra, pronunciando, em linguagem humana, os decretos que lhe seriam revelados *espiritualmente.*

Dos pontos de vista da sua missão *espiritual e* do futuro, que é a época atual em que se prepara a era predita do advento *do espírito,* aquelas palavras significam que Pedro, presidindo, como também já o dissemos, ao progresso da fé, ao desenvolvimento da inteligência, ao cumprimento das promessas de Jesus, *ligaria e desligaria* na terra, quando a faculdade que ele possuía durante a sua missão humana se fosse espalhando progressivamente e cada vez mais, para servir à nova revelação e à construção da *Igreja do Cristo,* igreja que o tem por pedra angular. *Ligaria e desligaria,* transmitindo, por intermédio dos verdadeiros espíritas e, sobretudo, dos médiuns *sinceros e humildes,* que seriam, como ele o foi, instrumentos mediante os quais os Espíritos superiores, os bons Espíritos, revelariam *espiritícamente* a verdade, o exato conhecimento dos meios de chegar-se à perfeição moral, pondo assim, gradualmente, os homens em condições de também *ligarem e desligarem.* Não quer isto dizer que Pedro os ponha em condições de *absolver ou condenar,* porquanto esse poder só o tem Deus e o seu Cristo, a quem o primeiro conferiu poderes ilimitados no tocante ao vosso planeta e que com ele se acha em relação direta. Quer dizer: em condições de viverem íntegros de coração e de alma, de obterem a assistência e as luzes dos bons Espíritos, de se tornarem por essa forma cada vez mais aptos para julgar das coisas da terra e das coisas do céu, para dirigir seus irmãos pelo bom caminho, para distinguir com exatidão os que se transviam e os que marcham fielmente.

Quanto ao fato de haver Jesus proibido aos discípulos que dissessem a quem quer que fosse ser ele o Cristo, filho do Deus vivo, o Cristo de Deus, bem deveis perceber o motivo de tal proibição: era necessário que os acontecimentos seguissem o seu curso.

N. 185. Para exprimirmos, *em espírito e verdade, o* pensamento, o sentido e o alcance destas palavras de Jesus (v. *18): "E eu te digo que és Pedro e que sobre esta pedra edificarei a minha igreja,* poderemos, resumindo numa fórmula tudo o que nos acabais de explicar acerca dos v. 18 e 19 de MATEUS, traduzir esses versículos da seguinte maneira: "Tu és Pedro e sobre ti, principal pedra angular, se apoiarão os homens; tu, que presidirás ao progresso da fé, ao desenvolvimento da inteligência e ao cumprimento das minhas promessas, congregarás esses mesmos homens, pedras também necessárias à construção da minha igreja, que será constituída pela reunião dos fiéis obedientes à lei do Senhor, de todos os que se esforcem por praticar, com integridade de coração e de alma, qualquer que seja o culto exterior de que se sirvam para adorar ao pai sobre a montanha ou em Jerusalém, o amor a Deus sobre todas as coisas e o amor ao próximo como a si mesmos, material, moral e intelectualmente; de todos os que se esforcem por observar a lei de amor e de fraternidade que trago ao mundo em nome daquele que me enviou, lei que os Espíritos do Senhor virão, de acordo com a minhas promessas e dirigidos por mim como Espírito da Verdade, explicar e desenvolver, nos tempos preditos, despojando da *letra o espírito.*

"E as portas do inferno não prevalecerão contra ela¨: O sofrimento e a expiação não atingirão a nenhum daqueles que, fazendo parte da minha igreja, se houverem esforçado por cumprir todas as suas obrigações, todos os seus deveres para com Deus e para com os homens?

"E te darei as chaves do reino dos céus¨: Dar-te-ei o conhecimento exato dos meios de chegar-se à perfeição moral?

"E tudo o que ligares na terra será ligado no céu e tudo que desligares na terra será desligado no céu¨: Enquanto cumprires a tua missão humana, sendo, como és, Espírito adiantado e devotado e, mais ainda, excelente instrumento mediúnico, estarás em relação com os emissários divinos. Por minha vontade e auxiliado pelos Espíritos superiores, que te assistirão, sondarás o fundo das consciências, os pensamentos mais íntimos; ligarás e desligarás na terra e tudo o que ligares e desligares na terra será ligado e desligado no

céu, por isso que pronunciarás, em voz humana, os decretos que te serão espiritiçamente revelados. Depois de teres desempenhado a tua missão humana, prosseguirás no da tua missão espiritual; então ligarás e desligarás na terra e tudo o que ligares e desligares na terra será ligado e desligado no céu, por isso que a faculdade que possuíste durante a tua missão humana se espalhará, nos tempos preditos, progressivamente, para servir à nova revelação e à construção da minha igreja, cuja principal pedra angular és tu. Presidindo ao progresso da fé, ao desenvolvimento da inteligência e ao cumprimento das minhas promessas, ligarás e desligarás, transmitindo progressivamente ao mundo a verdade pelos verdadeiros espíritas e sobretudo pelos médiuns sinceros e humildes, que serão, como foste durante a tua missão humana, instrumentos dos Espíritos do Senhor, por meio dos quais será espiritiçamente revelado o conhecimento exato, que te foi dado, dos meios de chegar-se à perfeição moral. Porás desse modo os homens, também progressivamente, em condições de ligarem e desligarem, como fizeste, mas não de absolverem ou de condenarem, porquanto esse poder só o têm Deus e o seu Cristo, a quem o primeiro conferiu poderes ilimitados no tocante ao planeta terreno e que com o pai se acha em relação direta; e sim de viverem íntegros de coração e de alma, de obterem a assistência e as luzes dos bons Espíritos, de se tornarem por minha vontade e com o auxílio dos Espíritos do Senhor, que os assistirão, cada vez mais aptos a julgar das coisas da terra e das coisas do céu, a dirigir seus irmãos pelo bom caminho, a distinguir os que se transviam e os que marcham fielmente?

Sim, como resumo do que vos dissemos em nome e da parte do Mestre.

N. 186. A Igreja romana, apropriando-se das palavras que Jesus dirigiu a Pedro, pretende ser a herdeira das promessas assim feitas àquele apóstolo, dos poderes e da missão que lhe foram conferidos; pretende que sobre ela *unicamente* deve a Igreja do Cristo edificar-se; que nas suas mãos estão *as chaves do reino dos céus;* que lhe assiste o direito de *absolver e de condenar;* que tudo o que absolve e vier a absolver na terra está absolvido e o será nos

céus; que tudo o que condena ou condenar na terra, está ou estará condenado nos céus; que fora *dela, da observância de seus dogmas e mandamentos.* não há salvação, o que exprime por esta divisa dogmática: *"Fora da Igreja não há salvação."*

Já dissemos que as palavras de Jesus eram *especialmente* dirigidas a Pedro. Nenhum homem na terra podia ou tinha o direito de atribuir-se a si a herança dessas palavras.

A Igreja desnaturou e falseou completamente o sentido e o alcance delas, dando-lhes interpretações humanas conformes à *letra* que mata, sem lhes apreender o *espírito que vivifica.*

Só lhe assistia o direito de se apropriar daquelas palavras *no seu verdadeiro sentido, que é o que, em nome do Mestre, vos acabamos de revelar espiriticamente,* se houvera trilhado *singelamente* o caminho que Jesus traçou, como podem apropriar-se delas todos os que, Judeus ou Gentios, trilharem esse caminho, com a assistência, a inspiração e o concurso que os bons Espíritos dispensavam a Pedro. Ela, porém, se transviou, do que resultou ficar privada da proteção concedida aos *"primeiros* pais da Igreja", que não são (já o dissemos) os que fazem ato de fé no clericato, e sim os primeiros cristãos *sinceros e devotados,* que morriam *ignorados e humildes,* depois de uma propaganda laboriosa e perigosa, *sem jamais buscarem a publicidade, as honras espirituais.*

Volte a Igreja ao caminho de que se afastou, retomando as *pegadas* dos apóstolos, *esclarecida* pela revelação *do Espírito da Verdade.*

Dispa o pastor, o "sucessor" de Pedro a púrpura que o cobre.

Fazendo-se a pedra angular do edifício, reconstrua e sustente a Igreja, que sobre ele repousa, ou, pelo menos, devia repousar, e lhe será dado *"ligar e*

desligar", no verdadeiro sentido destas palavras, trabalhar na verdadeira construção da Igreja *do Cristo e participar* da sua direção. A fé é humilde, teme o lustre e o fausto. Os esplendores da púrpura e do ouro perturbam a vista do chefe da Igreja, as pedras preciosas da tiara lhe fizeram esquecer o *simples bastão, o burel e os pés descalços* de Pedro.

Daí vem que a fé desertou, amedrontada, da Igreja e foi procurar abrigo entre os simples e os fracos. Abri-lhe os vossos corações, ela vos procura, chama e pede asilo. Não a repilais, oh! meus filhos. Quando os tempos forem consumados, os "sucessores" de Pedro descerão do trono para se assentarem no relvado do caminho.

Quando o cetro do "príncipe da igreja" houver cedido o lugar ao cajado do viajor, quando a púrpura houver caído e o burel cobrir os ombros daquele a quem os homens chamam o "Santo Padre" e os dos "príncipes da igreja", o que sucederá, pois que todos hão de voltar à *humildade* de que jamais se deveram ter apartado, então a fé, evolando-se dos vossos corações, se elevará grande e forte, para dominar ainda na Igreja *do Cristo,* e o "sucessor de S. Pedro" estenderá sua santa mão para abençoar o universo. E o universo lhe receberá a bênção *quando ele houver dito:*

AOS CATÓLICOS: "Levantai-vos; não sou mais do que homem, não sou mais do que vós outros; em verdade, creio que Deus não faz seleção de pessoas, que do seu agrado é todo aquele que o teme e cujas obras são justas, seja qual for a nação a que pertença";

quando houver dito, dirigindo-se a todos os homens indistintamente, qualquer que seja o culto exterior que professem:

"Deus me ensinou a não tratar de profano ou impuro a nenhum homem. Na terra, não chameis *vosso pai* a pessoa alguma, porquanto um ÚNICO pai *tendes — o que está nos céus:* não

chameis vosso mestre a pessoa alguma, porquanto UM só doutor tendes e UM só mestre: o Cristo e vós todos sois irmãos; segui os mandamentos, as lições e os exemplos do mestre, sua moral simples e sublime, esforçando-vos por lhe caminhar nas pegadas; amai a Deus, vosso criador, acima de todas as coisas e o próximo como a vós mesmos, porquanto nestes dois mandamentos ESTÃO ENCERRADOS toda a lei e os profetas; amai-vos uns aos outros, porquanto o fim visado por todos os mandamentos é a caridade, que nasce de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sincera, que se traduz em palavras e atos; lembrando-vos de que a cada um será dado de acordo com as suas obras e de que todos, pelas suas obras e de conformidade com estas, serão julgados. Rejeitando todas as doutrinas e mandamentos humanos, não adoreis MAIS ao pai nem sobre o monte nem em Jerusalém. E vós, Judeus e Gentios, não vos diferenceis, abstração feita dos cultos exteriores, no seio da grande família humana; tornai-vos, desse modo e de mais em mais, sob o império das leis de amor, de fraternidade, de unidade, os verdadeiros adoradores que o pai reclama, seus adoradores em espírito e em verdade. QUANDO isso se verificar, não haverá MAIS que um só rebanho e um só pastor; o Cristo e a Igreja do Cristo estará edificada, porquanto vós todos sereis filhos do Senhor. Trabalhai, pois, na obra comum da regeneração, por isso que todos vós sois chamados a pertencer ao número dos ELEITOS."

Orai para que assim seja, meus filhos. Nós trabalhamos cheios de zelo e os tempos se aproximam. Que o Senhor sobre vós estenda a sua poderosa mão.

Pedro vos abençoa.

N. 187. A Igreja romana pretende que, como sempre, o Espírito Santo a assiste e inspira; considera-se infalível e pretende que, por efeito dessa infalibilidade, nunca poderia ter-se enganado, nunca se enganou e não se enganará jamais; e, fundada nessa pretensa infalibilidade, proscreve a revelação espírita, que o Espírito da Verdade traz para a nova era por intermédio dos Espíritos

do Senhor, dizendo que essa revelação vem destruir o que ela chama — a *Igreja, seus dogmas e mandamentos.*

Pretensão humana, fruto do orgulho e da ambição, pretensão cega e falsa, que nenhum homem que pense pode tolerar.

Para admitir-se a infalibilidade da *Igreja,* fora preciso admitir-se como infalíveis os homens que a têm composto.

Não admitais que a influência misteriosa sob a qual praticais os vossos atos sérios se faça sentir em vós, quando não vos mostrais dignos de um contacto elevado.

O "Espírito Santo", debaixo de cuja influência pretendem estar "os príncipes da Igreja", quando ditam suas leis, não desceria a animar corpos impuros, sepulcros caiados. E quantos nem se dão ao trabalho de caiar-se!

O "Espírito Santo", isto é, essa influência oculta que guia o homem pela vontade do Senhor, não atua senão quando o homem se faz digno, dela.

Nos concílios houve jamais unidade de vistas? Os príncipes e maiorais da Igreja eram unânimes nas suas maneiras de ver, nas suas decisões? E acreditais que a justiça, a eqüidade, o que eles chamam: "a inspiração do Espírito Santo", tenham estado sempre do lado da maioria? Porventura, estiveram desse lado a verdade, a fé, a virtude? Não.

As opiniões, nos concílios, não se mostravam divididas? Ora, se os seus membros fossem todos inspirados *pelo Espírito Santo,* haveria divergências de opiniões?

As sentenças, que proferiram, apresentaram sempre o cunho, que deviam trazer, da eqüidade e da justiça? Ao contrário, as mais das vezes o que nelas se nos depara não são os interesses materiais e pessoais envoltos no manto da religião? a vingança e a má fé armadas com a cruz para, em nome da intolerância e

do dogmatismo que o divino modelo proscrevera, acusar de *heresia* e condenar *os inocentes?*

Onde estava a inspiração, quando havia debates? onde *o Espírito Santo e* quais as suas funções?

Não vos equivoqueis quanto ao *sentido* destas palavras de que acabamos de usar: "O Espírito Santo, debaixo de cuja influencia pretendem estar "os príncipes da Igreja" quando ditam suas leis, *não desceria a animar corpos impuros, sepulcros caiados".*

Exprimimo-nos *assim,* para usarmos dos termos de que se serve a Igreja romana. Poderíamos ter dito *"os Espíritos superiores", os "bons Espíritos", pois* que sabeis, pela nova revelação, que *"Espírito Santo"* é apenas uma designação simbólica, indicativa da falange sagrada dos Espíritos do Senhor. A Igreja, porém, não admite isso, persiste em espalhar *a falsa* crença dos Hebreus, ensinando que *o Espírito Santo é* o próprio Deus, *é* uma fração, se bem que *indivisível,* do grande todo. Tínhamos, pois, que nos cingir aos *termos de que ela usa.* Dizendo que *"o Espírito Santo não desceria a animar corpos impuros",* quisemos referir-nos, *sempre do ponto de vista católico,* ao fato de ser o corpo do homem ocupado pelo *Espírito Santo.*

N. 188. A Igreja romana pretende que a confissão auricular, por ela organizada e ainda praticada, foi instituída por Jesus; que ele a quis e prescreveu, conforme se deduz das palavras que dirigiu a Pedro (MATEUS, v. 19) e a seus apóstolos (JOÃO, XX, v. 22-23), e que essa confissão é, portanto, "obrigatória".

Mais uma vez — pretensão humana; erro oriundo de haver a Igreja considerado como dirigidas a si palavras que o eram *especialmente* a Pedro e aos apóstolos e de lhes ter, do mesmo passo, *desfigurado e*

falseado o sentido e o alcance. Estas palavras de Jesus aos apóstolos: *"Os pecados serão perdoados àqueles a quem os perdoardes e serão retidos àqueles a quem os retiverdes"* lhes foram então dirigidas como conseqüência do que o Mestre lhes acabava de dizer: "Recebei *o Espírito Santo",* dando-lhes, com a assistência e o concurso dos Espíritos superiores que os guiaram no desempenho de suas missões, o poder de, em linguagem humana, pronunciarem os decretos que lhes seriam espiriticamente *revelados.*

Não, não, Jesus não instituiu a confissão *tal* qual a Igreja *a organizou.* Ela teve que chegar a isso, como ides ver. O ponto *de partida* era racional; mas, *a origem* da confissão está no ato de *humildade* que todo cristão tinha que praticar, confessando *publicamente a seus irmãos* as faltas que cometera ou premeditara.

O ponto de partida se encontra nestas palavras de Jesus aos discípulos: "*Confessai-vos uns aos outros",* palavras cujo sentido era: "Dai, uns aos outros, abertamente, testemunho da vossa fé, *nada ocultando, a* fim de que mutuamente vos ampareis".

Baseado nessas palavras, que Jesus nos encarregou de vos repetirmos tais quais as pronunciou e que, conquanto nenhuma autenticidade *humana* tenham, pois não foram *impressas* com aquele sentido, os discípulos ouviram dele e as repetiram — foi que Tiago disse aos *primeiros* cristãos *(Ep. V, v.* 16): *"Confessai vossas faltas uns aos outros* e orai *uns pelos outros.* Foi ainda em conseqüência delas que Paulo, o apóstolo dos Gentios, disse *(Ep.* aos Hebreus, III, v. 12-13 e X, v. 24-25):

"Tomai cuidado, meus irmãos, para que algum de vós não caia num *desregramento do coração* e numa *incredulidade* que o separe do Deus vivo. Antes, exortai-vos todos os dias, *uns dos outros,* enquanto durar este tempo que a Escritura chama hoje,

para que algum de vós, seduzido *pelo pecado,* não caia no *endurecimento.* CONSIDEREMO-NOS *uns aos outros,* A FIM de nos excitarmos reciprocamente à *caridade* e *às boas obras.* Não nos *retiremos das assembléias dos féis,* como alguns se acostumaram a fazer, mas, EXORTEMO-NOS uns aos *outros,* pois vedes que o dia se aproxima."

Os irmãos que compunham as primeiras assembléias cristãs confessavam *em voz alta, diante de todos,* as faltas que haviam cometido, as fraquezas, os desfalecimentos a que tinham sucumbido. Esta a origem da confissão, que se tornou, pouco a pouco, *restrita* e acabou *não sendo mais* ouvida senão por um só, ao qual, *criação e instituição humanas,* foi atribuída a missão de *absolver* ou de *condenar.* Mas, nos primeiros tempos em que se praticou esta decisão, ao confessor, que deixou de ser aquele que proclamava sua fé, suas fraquezas, seus desfalecimentos, suas faltas em público, para se tornar o confidente de seus irmãos, cumpria, sem mencionar os culpados, submeter os fatos ao julgamento de uma assembléia composta do bispo, dos diáconos da igreja, e comunicar ao penitente a sua absolvição ou a condenação de que fora objeto. Dadas, porém, as delongas que a extensão do Cristianismo e o número dos penitentes tornavam cada vez mais difíceis de ser vencidas, o poder de julgar foi inteiramente posto nas mãos do confessor.

Estas palavras de Jesus aos discípulos: *"Confessai-vos uns aos outros"* significavam que, *praticando a igualdade humana, a fraternidade completa,* aquele que acabava de fazer a sua confissão sincera diante de seus irmãos reunidos ouvia em seguida, *por sua vez, a* confissão de cada um dos assistentes: de réu passava a ser juiz.

Semelhante confissão, feita *com sinceridade,* refreava os homens, pelo temor que lhes causava o

terem de desvendar um pensamento duvidoso que fosse, inspirava-lhes recíproca indulgência. Cada um temia o julgamento de seus irmãos e, conseguintemente, pregava pelo exemplo a caridade fraternal. Acreditais, porém, que fora possível conservar-se a prática de tal confissão?

Arrastados pelos novos vícios de uma era nova, os homens se afastaram pouco a pouco das assembléias cristãs e a confissão das faltas teria cessado de existir, se a houveram mantido em toda a sua pureza primitiva. Tornou-se então preciso restringir o auditório.

A confissão passou a ser feita *diante de pequeno número de fiéis escolhidos entre os íntegros.* Depois, como a licenciosidade aumentasse, imperiosa também se tornou a necessidade de diminuir ainda mais o número dos confessores. Limitou-se mais o número dos ouvidos que teriam de receber a confissão das faltas. Assim foi que se chegou a não as confiar senão a um só homem.

Deu causa igualmente a este resultado o se ter o abuso insinuado entre os que eram escolhidos para ouvir as confissões dos seus irmãos e guiá-los. Entraram a especular, traindo segredos que juravam guardar e deles faziam vergonhoso uso.

Esclarecido zelo animava os discípulos de Jesus e seus primeiros imitadores. Guiados pelos Espíritos do Senhor, sempre prontos a lhes mostrar a verdade por meio da inspiração, tinham eles o poder *de ligar e desligar.*

Seus sucessores, indignos dessa proteção, transviados da fé, não se conformaram todavia com perder a prerrogativa da *infalibilidade e* também qui-

seram *ligar e desligar.* Mas, os laços com que vos prenderam as almas nunca as impressionaram e muitas das que por esses laços foram despedaçadas deixaram traços profundos. *Infalível só o é* Deus. Os Espíritos não participam da sua infalibilidade, senão na medida das inspirações que dele recebem, imediata ou mediatamente, segundo a ordem hierárquica. Seja qual for o Espírito que tome um corpo de carne, isto é, que sofra a encarnação humana, está sujeito às fraquezas da carne. Resistir-lhes-á mais ou menos, porém as experimentará sempre.

Falando dos discípulos de Jesus e de seus primeiros imitadores, dissemos que, animados de *esclarecido* zelo e inspirados *pelos Espíritos do Senhor,* tinham o poder de ligar e desligar. Dissemo-lo no sentido de que, como já o temos explicado, se achavam em condições de julgar da pureza ou da culpabilidade dos que lhes pediam *conselhos.* Justo era, por conseguinte, da parte deles, o julgamento. Mas, nenhum se arrogou *jamais o* direito de julgar sem apelação, de *absolver ou* de *condenar.*

Não é certo que, se encontrardes um malfeitor, lhe direis: Não cometas essa ação culposa, incorrerás na sanção da lei e sofrerás *tal ou tal* repressão? Ao saberdes da morte voluntária de um de vossos irmãos, não pensais imediatamente que longa e penosa lhe será a expiação? E se vos achardes perto dele no momento escolhido para a consumação do ato de desespero, que o condena a penas cruéis, não lhe direis: "Detém-te, insensato; o gládio está suspenso sobre a tua cabeça, teu futuro será prenhe de torturas, verás a todos os instantes o teu corpo mutilado exprobrar-te o lhe teres privado da existência que te estava confiada; detém-te, em nome do teu Deus, em teu nome mesmo"? Porque podeis *dessa maneira* prevenir vossos irmãos e prever a sorte que lhes está reservada? Porque, com o código numa das mãos e

com os ensinamentos espíritas na outra, podeis prever o castigo que será infligido a *tal* ou *tal* falta.

O mesmo se dava com os apóstolos e com os discípulos que, tendo recebido a luz, eram inspirados e guiados pelos Espíritos do Senhor.

Acabamos de dizer: "Com o código numa das mãos e com os ensinamentos espíritas na outra", porque figuramos dois exemplos, um em face das leis humanas, outro em face das leis divinas.

No caso em que advertis o malfeitor prestes a cometer um ato repreensível, previsto e punido pela lei humana, tomamos para exemplo um ato humano passível de castigo que o vosso código humano permite prever.

No outro caso, são os ensinamentos espíritas que vos levam a advertir o homem prestes a cometer um ato cujas conseqüências, por ser este repreensível aos olhos de Deus e passível do castigo de Deus, prevedes, graças à luz que vos traz a revelação espírita.

N. 189. Que se deve pensar da confissão auricular, tal como a Igreja romana a instituiu?

Tem que cessar, mas ainda não chegou o momento.

Para as almas desejosas de caminhar nas sendas do Senhor, é ilusória. Para os Espíritos fracos é um freio.

Desgraçadamente, também constitui às vezes um abuso, pois que, no seio da humanidade, por toda parte, o mal está ao lado do bem. Em contraposição a uma criatura tímida e dócil que um bom sacerdote amparará com seus piedosos e esclarecidos conselhos, cem haverá (e poderíamos multiplicar o número) que não procuram o confessionário senão para preencher uma formalidade que o rito exige; muitos que dela riem e fazem objeto de escândalo; muitos que deixam de praticá-la por terem descoberto que seus diretores espirituais são homens falsos, que abusam do caráter

sacerdotal, imiscuindo-se nos segredos das famílias, para daí auferirem qualquer vantagem, mas nunca no interesse de seus penitentes; que se esforçam por afastar o Espírito de seu confitente das *grandezas* e da justiça de Deus, a fim de o enclausurarem num círculo de miúdas práticas e de idéias mesquinhas que o enleiam, impedindo-o de *voar* para o trono do Senhor.

Dia virá, já o dissemos, em que essas práticas *materiais* desaparecerão, em que os homens reconhecerão que devem amar o seu Deus *com a sinceridade nos corações.* E o melhor meio *de o amar é caminhar nas suas sendas. A* submissão às vontades do pai é a melhor prova de amor que o filho lhe pode dar.

Todo o culto então consistirá numa adoração sincera, da qual nada afastará o crente, na prática das boas obras, do amor, da caridade, da fraternidade. Tendo-se tornado adoradores do pai *em espírito e verdade, os* homens, seguindo a trilha da luz e da ciência, se entregarão à pesquisa, sempre progressiva, da verdade, cheios de humildade, de desinteresse, sem obedecerem a outro móvel que não ao desejo do progresso pessoal e do progresso coletivo, na ordem moral, na ordem física e na ordem intelectual. Todos, Judeus e Gentios, se reunirão nos templos, abstração feita dos cultos externos que por enquanto ainda os dividem e separam, a fim de entoarem louvores ao Altíssimo, celebrarem sua glória e sobretudo seus benefícios. Mas, a presidência dessas assembléias solenes será confiada ao mais digno, *eleito pelo voto unânime de todos. Os* homens, nessa época, rivalizarão em amor e virtude, pois que o eleito da assembléia, o chefe dos crentes, estará certo da proteção dos Espíritos do Senhor e suas revelações serão iluminadas e isentas de dúvidas e de incertezas.

Então, ó bem-amados, a confissão terá deixado de ser lei da Igreja e constituirá uma necessidade da alma.

Aquele que se sentir perto de uma fraqueza virá *publicamente* pedir a seus irmãos o amparo de suas preces, comparecerá naquelas assembléias, onde haverá um só coração e uma só fé, para rogar aos Espíritos protetores que o livrem dos maus pensamentos e lhe sustentem o ânimo periclitante.

Coragem, ó bem-amados; chegará o dia do reino de Deus, não duvideis. Não desanimeis por motivo da lentidão com que ele vem. Os materiais ainda não estão todos prontos, mas os obreiros já se acham entregues à obra, já talham as pedras que hão de ser utilizadas na edificação do templo do Senhor.

N. 190. A Igreja romana *pretende* ter, por meio da confissão auricular que ela instituiu, o poder *de ligar e desligar, de perdoar e de reter os pecados,* "não, ao que dizem seus ministros, *por uma simples declaração* do que Deus faz *no pecador,* MAS por um ato *jurídico* e por uma *sentença proferida com a autoridade de um juiz,* DESLIGANDO pela *excomunhão,* pela *recusa* e pelo *adiamento da absolvição,* ratificando Deus nos céus o julgamento dos ministros do culto católico, quando julgam segundo as regras que lhes ele prescreveu pela sua palavra *e pela sua Igreja."*

Orgulho. Que outra coisa senão o orgulho levou o homem a se arrogar *semelhante* poder?

Criatura ínfima, sujeita a todas as vicissitudes da matéria, enlaçada por todos os liames do vício, que outra coisa senão o orgulho levou o homem a acreditar que Deus, servindo de instrumento cego e complacente a suas vinganças, a seus instintos, à sua política, lhe ratificaria, sem mais exame, as decisões?

O orgulho insensato é que leva o homem a só duas coisas saber fazer: ou negar o seu Deus, ou colocar-se no lugar dele.

Volte a Igreja ao caminho e continue a percorrê-lo do ponto onde a deixaram Pedro e os apóstolos, os discípulos e seus primeiros imitadores, e então achará a Igreja do *Cristo,* cuja edificação eles começaram e o

Espírito da Verdade vem, progressivamente, acabar, por meio da nova revelação.

Compreenda ela o *verdadeiro* sentido das palavras que Jesus dirigiu a Pedro e aos apóstolos, sentido que *espiriticamente vos* revelamos em nome do Mestre, e então, como os *verdadeiros* espíritas, também trabalhará, inspirada pelo Espírito da Verdade, na edificação da Igreja *do Cristo.* Só então poderá, realmente, *ligar e desligar,* o que não quer dizer — *absolver ou condenar a* seus irmãos, *e sim* tornar-se pelo seu viver moldado na integridade do coração e da alma, pela obtenção das luzes dos bons Espíritos, cada vez mais apta a julgar das coisas da terra e das coisas do céu, a dirigir os homens, abstração feita dos cultos exteriores, pelo bom caminho, que é o dos mandamentos que Jesus declarou *encerrarem toda a lei e os profetas,* e a distinguir, com exatidão, os que se desviam e os que marcham fiéis.

MATEUS, Cap. XVI, v. 21-23. —MARCOS, Cap. VIII, v. 31-33. — LUCAS, Cap. IX, v. 22

Predição. — Palavras de Pedro. —Resposta de Jesus

MATEUS: V. 21. Em seguida começou Jesus a declarar aos discípulos ser preciso que ele fosse a Jerusalém, que aí sofresse muito dos anciãos, dos escribas e dos príncipes dos sacerdotes; que aí fosse morto e ressuscitasse ao terceiro dia. — 22. Pedro, chamando-o de parte, se pôs a repreendê-lo, dizendo: Tal não aconteça, Senhor; nada disso te sucederá. — 23. Jesus, voltando-se para Pedro, lhe disse: Afasta-te de mim, Satanás, tu me és motivo de escândalo, *pois* que não tens o gosto das coisas de Deus e sim o das coisas dos homens.

MARCOS: V. 31. E começou a lhes declarar ser preciso que o filho do homem sofresse muito e que fosse rejeitado pelos anciãos, pelos príncipes dos sacerdotes e pelos escribas, que fosse morto e que ressuscitasse três dias depois. — 32. Como falasse abertamente dessas coisas, Pedro, tomando-o de parte, começou a repreendê-lo. — 33. Jesus, porém; voltando-se e olhando para os discípulos, repreendeu a Pedro, dizendo: Tira-te da minha frente, Satanás, pois que não tens o gosto das coisas de Deus e sim o das coisas dos homens.

LUCAS: V. 22. E acrescentou: É preciso que o filho do homem sofra muito e que seja rejeitado pelos anciãos, pelos príncipes dos sacerdotes e pelos escribas, que lhe seja dada a morte e que ressuscite ao terceiro dia.

N. 191. (Mateus, *v. 21; Marcos, v.* 31; Lucas, *v. 22):* Tendo descido *à terra para dar aos homens a maior* prova, *o maior* exemplo de *amor e* de *abnegação que na terra* pudessem *existir,* cumpria *que Jesus* preparasse *seus* discípulos *para* aquele *ato im-*

portante da sua missão, a fim de que, aos olhos de todos, naquela época como no futuro, ficasse demonstrado que sua "morte" e sua crucificação estavam *previstos,* não foram acontecimentos puramente humanos.

Usando das expressões — *"ser morto", "ressuscitar" —,* dizendo ser preciso que *lhe dessem a morte* e que *ressuscitasse, o* Cristo se servia de linguagem que os homens pudessem compreender. Tendo o seu corpo a *aparência do corpo humano,* cumpria-lhe sofrer a metamorfose da *morte.* Depois, deixando no esquecimento o corpo de carne que *parecia* trazer, cumpria-lhe mostrar-se aos homens, para que ficasse comprovada a sua identidade. Preciso era, pois, que os homens fossem prevenidos do acontecimento que sobreviria, a fim de o apreenderem, porquanto os próprios discípulos não teriam compreendido o fato do *reaparecimento* de Jesus no meio deles, se o não houvessem encarado do ponto de vista da *ressurreição,* no sentido que davam a este termo.

Notai que, para os Hebreus, a ressurreição consistia no regresso da alma a um corpo de carne, a um corpo material, sem indagarem se se tratava sempre do mesmo corpo, sem inquirirem da origem nem do fim de tal corpo. Jamais se preocuparam com essa questão. Mas, tanto os discípulos como os Hebreus compreendiam a *"ressurreição"* anunciada por Jesus, como tendo que ser a volta da alma ao mesmo corpo. Essa a razão por que a Tomé permitiu ele pusesse a mão na abertura que lhe fizeram de um lado e os dedos nas chagas que os cravos lhe abriram nas mãos e nos pés. *Para esse efeito,* seu corpo fluídico de natureza perispirítica retomara, com a tangibilidade, a consistência, a aparência de um corpo humano.

Pela revelação que vos foi feita, *conheceis a* natureza do corpo de Jesus, de Jesus que era sempre Espírito, mesmo quando revestia aquele perispírito

tangível para, submetendo-se às necessidades da sua missão terrena, estar visivelmente entre os homens. Não houve nem *morte, nem ressurreição, no sentido dado a essas expressões.* Houve *simples aparência* de uma e outra coisa.

Foram *todos morais os* sofrimentos que o Mestre suportou na cruz. O que das chagas lhe saía era uma combinação puramente fluídica com as aparências de sangue. Bem sabemos que estas revelações vão alarmar grande número de Espíritos que muito se atêm às torturas *físicas* do grande modelo que vos foi enviado. Mas, indispensável é se resignem a ver em Jesus somente um Espírito, superior a todos os outros que concorreram para a formação do vosso planeta, que hão cooperado, cooperaram e cooperarão nas suas transformações, na realização de seus destinos, no seu progredir para a perfeição. Que se resignem a ver nele apenas um puro Espírito, *que revestiu* uma forma visível aos homens, mas cujos sofrimentos foram todos *morais,* resultantes do amor que consagrava e consagra a seus protegidos, por vê-los tão endurecidos. Dissemos: *a seus protegidos,* porque, como sabeis, ele é o protetor e o governador do vosso planeta. Nessa qualidade, experimentava o sofrimento que causa a urna mãe carinhosa o ter que punir o filho bem-amado.

Sim, vivendo o Cristo entre os homens vida espiritual, apenas revestido de um perispírito tangível com a aparência do corpo humano, a sua crucificação e bem assim todos os atos *materiais* praticados contra ele, não só por ocasião do sacrifício do Gólgota, como antes, nenhum efeito *físico-humano* tiveram. Nem de outro modo podia ser, pois que não havia a matéria do homem terreno.

E num Espírito que se apresentava visível e tangível poderiam tais efeitos produzir-se?

Atentai bem nos sentimentos que animavam a Jesus, na missão que viera desempenhar, no exemplo que dava aos homens. Ele se limitou a pronunciar em voz alta as palavras que serão mais tarde objeto de explicações nossas e que assim se resumem: "Está tudo cumprido, eis-me aqui, Senhor". E ele as pronunciou a fim de mostrar aos homens, por meio de um exemplo prático, a resignação, a obediência e a submissão que lhes cumpre ter diante das vontades do soberano Senhor. O brado que soltou não foi tampouco um brado de sofrimento. Ao "render a alma" (está claro que apenas no entender .dos homens), semelhante brado tinha por fim chamar-lhes a tenção para aquele momento supremo e fazer-lhes compreender, por uma expansão *de alegria* e não *de angústia,* a felicidade do Espírito que se desprende do grosseiro invólucro, para elevar-se ao seu Criador.

Os homens interpretam aquelas diferentes manifestações de acordo com as suas sensações pessoais. Regulando-se pelo que experimentariam em situação análoga, atribuíram as mesmas sensações ao Cristo, em quem não viam senão a parte material, acreditando-o possuidor de um corpo completamente material, *idêntico aos seus.*

Dissemos ser preciso que se *resignem* a ver no Cristo *simplesmente um Espírito,* isento por conseguinte das sensações *materiais e físicas,* porque sem dúvida a maioria dos homens dirá: "Que mérito era o dele em se submeter a tais torturas, se não experimentava o sofrimento físico?" *Não compreendem* os que assim falam que o sofrimento, na essência espiritual, é mais forte e mais vivo do que o possam ser, para os vossos corpos, quaisquer sofrimentos *humanos.* Jesus sofreu, oh! sim, sofreu cruelmente, não na sua "carne", mas *em seu Espírito.* Cada pancada do martelo nos cravos que lhe traspassavam as mãos e os pés fluídicos, mas tangíveis, lhe ia ferir a sensibilidade e

lhe fazia correr da alma o sangue mais precioso: o sangue *do amor e do devotamento* que *vos consagra.*

Homens carnais que *nada* mais vedes além das convulsões da carne, nunca vos sucedeu experimentar sofrimentos *morais* que de bom grado trocaríeis por todas as torturas da Inquisição?

A quantos pais e mães não tem acontecido verem o filho amado pagar com a mais negra ingratidão, com o abandono, com os maus tratos e mesmo com o crime, a ternura e a dedicação que lhe votavam? Se, em tal caso, lhes fosse oferecida a troca do sofrimento *moral* por uma dor física, ainda que das mais agudas, não aceitariam? Pois bem! o divino modelo, que por vós subiu ao Calvário, que padeceu por vós, sofreu, sofreu muito. Porém, não chegou ainda o momento de entrarmos nestas particularidades. Voltaremos a este ponto.

Quanto ao fato de haver o corpo de Jesus desaparecido do sepulcro, sabeis que o Mestre, todas as vezes que se achava longe das vistas humanas e não era solicitado pelas exigências de sua missão terrena a estar visível entre os homens, privava da tangibilidade o seu perispírito tangível e lhe restituía a aparência fluídica etérea, tornando-se invisível, conservando-se, todavia, os elementos que o compunham, prestes a se reunirem quando lhe aprouvesse. Então, seu Espírito puro e livre voltava para o espaço, para as regiões superiores.

Conforme o explicaremos oportunamente, Jesus fez que no sepulcro fosse achado o seu perispírito tangível, semelhante ao corpo humano, tal como fora retirado da cruz e depositado lá por José de Arimateia. Assim, o corpo perispirítico estava no sepulcro quando os príncipes dos sacerdotes e os fariseus compareceram, a fim de selarem o mesmo sepulcro e lhe porem guardas, depois de se certificarem de que o

corpo lá se achava. Logo que tais precauções foram tomadas, o sepulcro ficou vazio. Jesus tirou ao seu corpo de natureza perispiritual a tangibilidade, fê-lo retomar a aparência fluídica, etérea, sob a qual era invisível aos homens, e saiu do sepulcro, pois que, como sabeis, para o Espírito não há obstáculos, nem barreiras.

Desde então, repetimos, seu Espírito puro e livre voltou para o espaço, para as regiões superiores, conservando-se os elementos do seu corpo fluídico, instrumento da sua missão terrena, prontos a se agregarem outra vez, quando ele o quisesse, a fim de se apresentar de novo, "ressuscitado", no entender dos homens, de reaparecer, nas condições e circunstâncias de que mais longe trataremos e ser visto até à época da sua chamada ascensão. Nessa época, tendo concluído a sua missão na terra, deixou definitivamente aquele corpo de natureza perispirítica, que lhe servira para desempenhá-la, voltando seus elementos fluídicos aos meios donde haviam sido tirados. A partir de então, retomou ele, como Espírito, Espírito puro e perfeito, o desempenho da sua missão espiritual, na qualidade de protetor e governador do vosso planeta, missão que neste momento desempenha entre vós *por meio do Espírito da Verdade e da nova revelação.*

(Mateus, v. 22-23; Marcos, v. 32-33): Vamos agora explicar-vos as palavras que Pedro dirigiu a Jesus, ao acabar este de predizer os seus sofrimentos, sua "morte" e sua "ressurreição", e também a resposta do Mestre ao apóstolo. Do mesmo modo que os médiuns atuais, Pedro nem sempre estava debaixo de uma influência estranha e, desde que isso se verificava, seu Espírito agia livremente, como o fazem os vossos. Foi, pois, como homem que ele se viu presa do temor de perder o Mestre bem-amado. Naquele momento,

ficou entregue às suas próprias inspirações, como em outras ocasiões diversas. A influência dos Espíritos do Senhor que o dirigiam não se fazia sentir incessantemente. Não era possível que ele se visse sempre impedido de usar do seu livre arbítrio. Porventura supondes fosse a inspiração dos bons Espíritos que o levou a negar o Mestre?

Notai que Pedro ficava entregue a si mesmo todas as vezes que a seu lado estava Jesus para lhe corrigir os desvios e lhe ensinar a desconfiar da fraqueza da carne. O desempenho da sua missão humana ainda não principiara. Sua condição era ainda a do aluno que, sob as vistas do mestre, experimenta as forças e reconhece que nem sempre estas lhe bastam. Logo, porém, que o Cristo concluiu sua missão terrena, começou a de Pedro e dos outros discípulos e desde então se tornou incessante a assistência *dos* Espíritos superiores, incumbidos de os guiar, a fim de que *se desse o que devia dar-se.*

Passemos à severa resposta de Jesus. Todo Espírito encarnado é, conforme já o temos dito, falível, pela só razão de ser encarnado. Ora, Jesus queria que Pedro se mantivesse em guarda contra as fraquezas humanas, que sempre induzem a criatura a não sentir o gosto das coisas de Deus e a só ter o das coisas dos homens.

A expressão *Satanás* de que o Mestre usou com relação a Pedro, num sentido *puramente figurado,* significa a má influência. Pedro procurava desviar o Mestre de seu dever, personificava *desse modo a má* inspiração.

Respondendo ao apóstolo por aquela forma, apropriada ao momento e ao futuro, *quis* também Jesus lembrar a todos os que lhe ouviram as palavras, aos que as leriam e aos que as hão de ler, que a vontade do Senhor tem que predominar sobre qualquer outra vontade e que todos, encarnados e não encar-

nados, temos que nos curvar às suas leis, com submissão, respeito e amor. Mantende-vos, pois, em guarda contra as fraquezas humanas; uni-vos, uni-vos numa santa comunhão de pensamentos; confessai-vos sinceramente uns aos outros, isto é: exortai-vos uns aos outros, a fim de vos esclarecerdes, de vos amparardes mutuamente, fazendo a confissão das vossas fraquezas, sondando os vossos mais secretos pensamentos. Sede dulçurosos e humildes de coração, mas que a doçura em vós seja a que atrai o culpado para lhe conceder a graça, ou para obter-lha. Sede humildes de Espírito, mas que a humildade em vós seja essa humildade séria e profunda que impele o que a possui a se tornar pequenino diante de seus irmãos; a receber prazerosamente um conselho, venha donde vier; a não se julgar nunca acima de seus semelhantes, nem pelo dinheiro, nem pela posição social, nem pelas faculdades, nem pela inteligência, nem pelas virtudes; a procurar, ao contrário, dissimular o seu valor aos olhos dos outros, a fim de os não amedrontar e de não lhes fazer sombra. Sede submissos à vontade do vosso pai, demonstrando, porém, uma submissão cheia de reconhecimento, que com alegria recebeis as provações que lhe apraza enviar-vos, quaisquer que sejam. Sede submissos como o foi Job e mais ainda. Estejam vossos lábios, vossas almas sempre prontos a bendizer de todas as decisões do Senhor.

Não choreis nunca, homens, e menos ainda vós outros espíritas, que recebestes a luz bendita, senão de reconhecimento. São estas as *únicas* lágrimas que a fé pode derramar.

Ide em paz, ó bem-amados, sondai as vossas consciências e que o fundo delas esteja sempre limpo às vistas do Senhor.

N. 192. Por estas palavras que dirigiu a Pedro: "Afasta-te de mim, satanás; tu me és motivo de escândalo, pois que não tens o

gosto das coisas de Deus e sim das coisas dos homens", teria querido aludir Jesus: 1? aos que se encarregariam de continuar a obra de Pedro e dos discípulos e que, entretanto, devido à falibilidade de todo Espírito encarnado e às fraquezas humanas, haviam de expor a lei evangélica às fases de erros e de materialidade, por que tem passado, *deturpando-lhe* o sentido e o objetivo, afastando-a das linhas puras, simples e doces da sublime moral do Mestre, por efeito dos dogmas e mandamentos humanos, do orgulho, da intolerância, do fanatismo, do espírito de dominação, do despotismo religioso e também por efeito do gosto das coisas dos homens, isto é: das honras, do fausto, das dignidades, do poder, dos favores e vantagens de ordem espiritual e temporal, que não são coisas de Deus? — 2? a todos os que, nos tempos atuais da era nova, se mostram hostis e rebeldes à revelação espírita, como hostis e rebeldes à revelação do Cristo se mostraram os escribas, os fariseus, os príncipes dos sacerdotes e seus adeptos?

Sim. Como sabeis, Jesus possuía a presciência do futuro, das fases e condições dos progressos vindouros e todas as suas palavras tinham e têm ainda que alcançar o presente e o porvir.

MATEUS, Cap. XVI, v. 24-28. —MARCOS, Capítulo VIII, v. 34-38 e IX, v. I —LUCAS, Capítulo IX, v. 23-27

Meios e condições sem os quais não se pode ver na terra o reino de Deus, em todo o seu poder

MATEUS: V. 24. Disse então Jesus a seus discípulos: Se alguém quiser vir nas minhas pegadas, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me; — 25, porquanto, aquele que quiser salvar a vida a perderá e aquele que perder a vida por minha causa a encontrará. — 26. De que serve a um homem ganhar um mundo inteiro e perder a alma? Que preço dará o homem para recobrar sua alma? — 27. Pois o filho do homem tem que vir na glória de seu pai, com seus anjos; e então dará a cada um de acordo com suas obras. — 28. Em verdade vos digo: Alguns há, entre os que aqui se acham, que não morrerão sem ter visto o filho do homem vindo ao seu reino.

MARCOS: V. 34. E, chamado para junto de si o povo e os discípulos, disse: Se alguém me quiser acompanhar, renuncie a si mesmo, carregue a sua cruz e siga-me; — 35, porquanto, aquele que quiser salvar a vida a perderá, mas aquele que perder a vida por minha causa e do Evangelho a salvará. — 36. Pois, de que serviria a um homem ganhar um mundo inteiro e perder a alma? — 37. E que daria o homem em troca da sua alma? — 38. Aquele que de mim se envergonhar e das minhas palavras, nesta raça adúltera e pecadora, desse o filho do homem também se envergonhará, quando vier, acompanhado dos santos anjos, na glória de seu pai. — IX, 1. E acrescentou: Em verdade vos digo que, entre os que aqui se acham, alguns há que não morrerão sem que tenham visto chegar o reino de Deus em seu poder.

LUCAS: V. 23. E dizia a todos: Se alguém quiser vir nas minhas pegadas, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me; — 24, porquanto, aquele que quiser salvar a vida a perderá e aquele

que perder a vida por minha causa a salvará. — 25. Pois, de que serviria a um homem ganhar um mundo inteiro, fazendo-o em seu detrimento, e perder-se? — 26. Aquele que se envergonhar de mim e das minhas palavras, desse o filho do homem também se envergonhará, quando vier na sua glória, na de seu pai e dos santos anjos. — 27. Em verdade vos digo que, entre os que aqui se acham, alguns há que não morrerão sem que tenham visto o reino de Deus.

N. 193. Compreendei as advertências de Jesus. Sabeis que o devotamento absoluto, a submissão sem limites são as condições *únicas* mediante as quais chegareis à perfeição relativa que a humanidade pode alcançar. Não era demais, portanto, que ele insistisse neste ponto. Nunca o deveis perder de vista.

Quanto à promessa que fez a seus discípulos, afirmando-lhes que *a geração deles não passaria* e que muitos dentre eles *não morreriam sem ter visto aquelas coisas, vós* espíritas deveis apreender o sentido em que cumpre sejam tomadas estas palavras. Como as interpretarão os *doutores em teologia?* No sentido *figurado?* Que significação se lhes há de então atribuir? No sentido *literal?* Onde então achar a verdade delas e a realização do que afirmam?

Para *vós,* que ouvis e recebeis a revelação que vos faz *o Espírito da Verdade,* essas palavras, no seu verdadeiro sentido, que é o que *espiriticamente* se vos revela, eram dirigidas à categoria dos Espíritos que, encarnados naquela época, tinham de chegar, de reencarnação em reencarnação, ao tempo em que o reinado de Deus se estabelecerá realmente na terra, em que o filho do homem, aquele Espírito devotado e meigo, se mostrará em todo o seu esplendor aos homens, bastante puros para *lhe* poderem suportar o *fulgor espírita. As* palavras — *"não morrerão"* — foram empregadas para tornar a frase compreensível às inteligências dos que as escutavam, uma vez que

seus Espíritos não podiam apreender, em toda a extensão, a lei do retorno do Espírito à terra e uma vez também que ainda não era tempo de serem esclarecidos a tal respeito.

A maior parte dos Espíritos aos quais Jesus se referia, falando dos que viveriam na terra ao tempo da sua vinda, serão nesse tempo Espíritos purificados e se acharão reencarnados em missão.

Compreendei bem o sentido, *em espírito e verdade,* de todas as palavras do Mestre, para as quais se vos chama, *neste momento,* a atenção, palavras que, veladas *pela letra,* eram apropriadas aos tempos e às inteligências da época, que por elas tinham que ser tocadas e impressionadas: Desde o momento em que se entrega aos gozos materiais, o homem entra para a categoria dos que perdem a alma pelos bens mundanos, dos que a "vendem ao *demônio",* na frase tantas vezes repetida e mal compreendida. Para vender-se ao *demônio e* perder a alma, não é necessário que o homem faça, com *"o anjo das trevas", isto é,* com os maus Espíritos, pactos escritos em caracteres de sangue. *Basta* que, ultrapassando os limites do necessário, se entregue inteiramente aos instintos materiais da humanidade; pois que, assim, desce abaixo dos irracionais, por ele tão desprezados, mas que, entretanto, guiados por um instinto que também vós possuís, jamais saem dos limites que as necessidades da vida lhes traçam.

O homem não se pertence. Sua existência corporal humana é um empréstimo que o Senhor lhe faz, um meio que lhe concede de se depurar e de mais facilmente chegar até ele. O homem, portanto, assim como não deve apegar-se ao tesouro que afadigosamente conseguiu formar, tampouco se deve apegar ao corpo que traz, pois nenhum dos dois irá com ele para o outro mundo, nenhum dos dois lhe servirá de nada no outro mundo. Ambos, porém, nesse mundo

de provações, constituem um meio, que cada um tem de se experimentar a si mesmo, de cumprir suas obrigações para com Deus pela gratidão, para com seus irmãos pela caridade, para consigo próprio pelo desinteresse e pelo bom emprego de seus bens.

Nem ao corpo, nem ao tesouro deveis apegar-vos *exclusivamente, pessoalmente.* Cumpre que o vosso corpo constitua para vós, bem como o ouro que tendes em giro, apenas um meio de serdes úteis aos vossos irmãos. Tudo, pois, deveis fazer tendo em vista o adiantamento deles, sem que nenhum cálculo egoístico vos detenha, sem que leveis em conta o embaraço, as contrariedades, os inconvenientes que vos advenham das obras que *possais* realizar, em bem dos vossos irmãos, com o auxílio do vosso corpo, do mesmo modo que não deveis pensar nas privações que vos imporeis dispondo do vosso ouro em beneficio deles. Todavia, preciso é que nem de um nem de outro useis com prodigalidade, mas com *critério e ponderação.* Tudo, na vossa vida, deve estar submetido a este grande regulador: a razão, razão esclarecida pelo facho do amor e da verdade. Se vos dignardes de consultá-la *seriamente,* ela nunca vos deixará sem resposta; mostrar-vos-á sempre a linha *reta, sábia e segura.*

Não custareis de certo a compreender que de nada serve a um homem fazer na terra todos os sacrifícios, desde que não viva conformente às vontades do Senhor. De que lhe vale, de fato, *objetivando* a sua felicidade *pessoal,* sujeitar-se a todas as privações, a todas as macerações que um ritual mesquinho impõe, se lhe falta a caridade *para com seus irmãos,* o reconhecimento *para com o seu Deus,* se só o egoísmo o impele a procurar *"salvar" a* sua alma, se não cogita, para chegar ao bem, da alegria que, observando-lhe os esforços, seu Deus experimenta? Sob a influência de tal egoísmo não se assemelha o homem à criança que, tendo tido a promessa de uma recompensa se

bem cumprir os seus deveres, a isso se apega de todo o coração, ao ponto de não repousar nem dar tréguas ao seu esforço, enquanto não põe a mão no prêmio prometido; e que, não existindo o prêmio ou duvidando dele, cai de novo na indolência e na indiferença, pouco se incomodando com o amor e a satisfação do pai?

Não vos preocupeis, homens, com os vossos corpos mais do que for *necessário,* nem com as vossas almas de um ponto de vista pessoal. Cuidai dos primeiros como de instrumentos que vos são indispensáveis, a fim de que se prestem, o mais tempo possível, às exigências da causa comum.

Que as vossas almas sejam como as virgens que cercais de cuidados, de ternuras, de vigilância, para as entregardes puras às mãos daqueles que as venham desposar. Que o vosso objetivo, em qualquer ocasião, seja sempre o bem geral dos vossos irmãos, tanto na ordem material, quanto na ordem moral e intelectual, seja sempre a satisfação do vosso Deus.

Não vos pergunteis nunca: que progresso tenho feito para a felicidade eterna? Perguntai antes: que alegria tenho proporcionado ao pai eterno, que espreita todas as minhas ações, todos os meus pensamentos, que rejubila por ver germinar em mim a semente da verdade e do amor, lançada por ele em minha alma?

Oh! filhos bem-amados, que todos os vossos atos, que todos os vossos pensamentos tenham a guiá-los a gratidão ao vosso Deus e o amor aos vossos irmãos; que jamais *o egoísmo, o* interesse *pessoal,* manche a pureza das vossas consciências.

"Aquele que se envergonhar de mim e das minhas palavras, nesta raça adúltera e pecadora, disse Jesus, desse se envergonhará o filho do homem, quando vier na sua glória, na de seu pai e dos santos anjos, pois ele tem que vir e a cada um dará de acordo com as suas obras.

Estas palavras do Mestre abrangiam o passado, o presente e o futuro. Referem-se especialmente aos que, na era nova que se abre diante de vós, depois de terem conhecido a verdade, disfarçarem, *pelo respeito humano,* ou ocultarem suas convicções. Notai que não censuramos, aqui, aqueles que se vêem, mau grado seu, constrangidos, pelas suas posições sociais, a calar durante mais ou menos tempo seus pensamentos secretos. Esses devem, como os outros, espalhar a verdade, mas com prudência e medida, por isso que, muitas vezes, comprometendo suas existências materiais, comprometeriam igualmente o bom êxito do seu empreendimento. Falamos, sim, dos que temem o ridículo, os gracejos malévolos, dos que não ousam afrontar as atoardas de um meio contrário e se submetem, rindo com os que riem, motejando com os que motejam, receosos de que se lhes diga: *Também sois deles! A* esses Jesus se dirigirá como se dirigiu a Pedro e, quando o compreenderem, o mal estará feito e a expiação se seguirá. Assim como Pedro, desde que compreendeu, chorou, também os que houverem repelido a Jesus por temor dos homens compreenderão e expiarão. Com relação a eles, isso não será passageira fraqueza pelo desfalecimento da carne, *mas prolongado* ato da *vontade.* A expiação se regulará pela *duração* da falta.

Sim, dos que se hão envergonhado de Jesus, desde o seu aparecimento na terra até hoje, também o filho do homem se *envergonhou.* Esses, porém, não estão mortos. Expiaram primeiramente, depois lhes foi permitido reencarnar, de sorte que fizeram parte das gerações de Espíritos que se têm sucedido no vosso mundo, formando as gerações humanas. Consentido foi que o joio continuasse a crescer ao lado do trigo, para no cadinho da reencarnação tornar-se, a seu turno, bom grão, por meio da reparação e do progresso.

Ainda em vossos dias, neste período da era nova do Cristianismo *do Cristo,* da era espírita, que vai seguir o seu curso, até à época em que começará *a separação do joio e do bom grão,* de todos os que dele se envergonharem o filho do homem se envergonhará. Isso se há de dar, porque o respeito humano, de que acima falávamos, ainda existirá e se produzirá. Como outrora, os que se envergonharem de Jesus expiarão, *mas não morrerão.* Ser-lhes-á também permitido reencarnar na terra, visto que o joio tem que continuar *ainda* a crescer ao lado da boa semente.

Dos que dele se houverem envergonhado, Jesus se envergonhará até que a separação do joio e do trigo esteja acabada, até, portanto, ao momento em que ele virá ao "seu reino", na sua glória, na de seu pai e dos santos anjos, isto é, dos Espíritos que nesse momento o cercarão, Espíritos que são os que o assistem na sua missão e que têm trabalhado pelo progresso do vosso planeta, no qual se estabelecerá *então o* reino de Deus em seu poder. Nessa ocasião, todos os Espíritos que até aí se conservaram culpados, rebeldes, morrerão *para* o vosso *planeta.* Quer isto dizer que não lhes será mais permitida *a reencarnação na terra.* Eles se verão degredados para planetas inferiores, onde, como condição necessária a que se melhorem moralmente e progridam, a expiação corresponderá à duração da falta.

Também nessa ocasião é que Jesus dará a *cada um de acordo com as suas obras.* Estareis depurados, tereis progredido, mas não vos encontrareis todos *no mesmo grau* de desenvolvimento. Se não fora assim, de que serviria o julgamento, considerado do ponto de vista da recompensa? que utilidade teria tido a separação do joio e do trigo, encarada do ponto de vista da expiação e da depuração, que há de preceder àquela separação.

MATEUS, Cap. XVII, v. 1-9. — MARCOS, Cap. IX, v. 2-10. LUCAS, Cap. IX, v. 28-36

Transfiguração de Jesus no Tabor. — Aparição de Elias e de Moisés. — Nuvem que cobriu os discípulos. — Voz que saiu dessa nuvem e palavras que proferiu

MATEUS: V. 1. Seis dias depois, Jesus chamou a Pedro, a Tiago e a João irmão de Tiago e, afastando-se com eles, os conduziu a um monte elevado. — 2. E se transfigurou diante deles; seu rosto resplandeceu como o sol, suas vestes se tornaram como a neve. — 3. E eis lhes apareceram Elias e Moisés, que com ele falavam. — 4. Disse então Pedro a Jesus: Senhor, estamos bem aqui; se quiseres, faremos três tendas: uma para ti, uma para Moisés e uma para Elias. — 5. Pedro ainda falava quando uma nuvem luminosa os cobriu e uma voz, que da nuvem saía, disse: Este é meu filho dileto em quem hei posto todas as minhas complacências; escutai-o. — ó. Ouvindo isso, os discípulos caíram de rosto em terra, presas de grande temor. — 7. Jesus se aproximou, tocou-os e lhes disse: Levantai-vos e não temais. — 8. Erguendo então os olhos, eles a ninguém mais viram senão somente a Jesus. — 9. Quando desciam do monte, Jesus lhes fez esta recomendação: Não faleis a pessoa alguma do que vistes, até que o filho do homem tenha ressuscitado dentre *os* mortos.

MARCOS: V. 2. Seis dias depois, Jesus chamou de parte a Pedro, a Tiago e a João e os levou consigo a um alto monte e se transfigurou diante deles. — 3. Suas vestes se tornaram brilhantes e alvíssimas como a neve, de uma brancura tal como nenhum lavandeiro na terra poderia conseguir. — 4. E lhes apareceram Elias e Moisés a falarem ambos com Jesus. — 5. Disse Pedro então a Jesus: Mestre, aqui estamos bem; façamos três tendas: uma para ti, uma para Moisés e uma para Elias. — 6. Ele não sabia o que dizia, pois todos três estavam aterrorizados. — 7. Uma nuvem se formou e os cobriu; e dela uma voz saiu, dizendo: Este é meu filho

muito amado, escutai-o. — 8. Logo, porém, olhando a volta de si, a ninguém mais viram, senão a Jesus. — 9. Quando desciam do monte, Jesus lhes ordenou que a ninguém falassem do que tinham visto, até que o filho do homem houvesse ressuscitado dentre os mortos. — 10. E eles guardaram segredo do fato, excogitando entre si o que quereria dizer: até que o filho do homem ressuscite dentre os mortos.

LUCAS: V. 28. Cerca de oito dias depois de haver dito essas palavras, Jesus chamou a Pedro, a Tiago e a João e subiu a um monte para orar. — 29. E, enquanto orava, mudou-se-lhe o semblante; suas vestes se tornaram alvas e resplandecentes; — 30, e eis que dois homens com ele falavam, a saber: Moisés e Elias, — 31, que apareceram cheios de glória. Falavam-lhe da sua saída do mundo, a verificar-se em Jerusalém. — 32. Pedro e seus dois companheiros, que haviam adormecido, despertando, viram a majestade de Jesus e os dois homens que com ele se achavam. — 33. Sucedeu que, quando estes se iam afastando de Jesus, Pedro, não sabendo o que dizia, propôs: Mestre, aqui estamos bem; façamos três tendas: uma para ti, uma para Moisés e uma para Elias. — 34. Quando ele ainda falava, veio uma nuvem e os cobriu; e, como a nuvem os envolvesse, amedrontaram-se. — 35. E uma voz saiu da nuvem dizendo: Este é meu filho bem-amado; escutai-o. — 36. Enquanto a voz falava, Jesus estava só. Os discípulos se calaram, nada disseram a ninguém, por então, do que tinham visto.

N. 194. Respondendo a esta pergunta que Jesus dirigira a seus discípulos: *"E vós, quem dizeis que eu sou¨? já,* algum tempo antes, havia Pedro dito, sob a influência espírita, sob a inspiração mediúnica: *"És* o *Cristo, filho de Deus vivo, o Cristo de Deus¨,* e Jesus lhe replicara: *"Não foste tu que o disseste, foi meu pai quem falou em ti".*

A manifestação que se produziu no monte, em presença de Pedro, Tiago e João foi uma estupenda

manifestação espírita, que teve por fim mostrar a elevação espiritual de Jesus, afirmar a sua missão como Cristo, filho de Deus vivo, Cristo de Deus, e estabelecer, *sob um véu que a nova revelação mais tarde levantaria,* as promessas para o futuro.

Retomando, durante alguns momentos, à *vista dos discípulos,* por meio da transfiguração, os atributos da sua natureza, se bem que *velados,* pois de outro modo eles não teriam podido suportar-lhes o brilho, Jesus lhes dava uma idéia da sua elevação espiritual e da glória da vida que eles ambicionavam.

A presença de Moisés e Elias, visíveis para os discípulos, foi um meio de lhes ferir a imaginação e de, por assim dizer, *confirmar* diante deles a elevação espiritual do Cristo, como sendo *o Messias prometido.* Moisés e Elias tinham ambos prometido o Messias. A presença dos dois santificava e sancionava, aos olhos dos apóstolos, a missão que Jesus desempenhava, mostrando-lhes essa missão em toda a sua santidade.

A voz que saiu da nuvem e que disse, ainda presentes Moisés e Elias, embora suas figuras já começassem a apagar-se, como que sumindo-se pelo afastamento: *"Este é meu filho bem-amado em quem pus todas as minhas complacências, escutai-o",* afirmava, desse modo, em nome do onipotente, do pai, a missão de Jesus como sendo o Cristo, filho de Deus vivo, o Cristo de Deus, o Messias prometido.

Do ponto de vista do futuro, isto é, *da época atual* em que começa a era nova do Cristianismo *do Cristo,* a era espírita, a presença de Moisés e Elias consagrava, *para todos,* a intervenção dos Espíritos junto dos homens; era a manifestação espírita revelada aos apóstolos, era (conforme a nova revelação o explicaria e faria compreender nos tempos preditos, que são os vossos) a promessa para o futuro.

Jesus prometera a seus discípulos que sua lei se estenderia por sobre toda a terra e que todos os homens se congregariam em torno da bandeira que eles arvoravam. Ora, os discípulos necessariamente achariam que a duração da existência humana era por demais insuficiente para o desempenho dessa tarefa. Assim sendo, a presença de Moisés e de Elias, que também haviam empreendido a regeneração da Humanidade e fizeram promessas para o futuro, teve por fim ensinar aos apóstolos *como e em que condições eles continuariam* a obra que tinham empreendido.

Jesus também consubstanciava em si promessas para o futuro. Moisés e Elias prometeram o Messias, Jesus prometeu outro Consolador, *o Espírito da Verdade,* a revelação espírita, pela intervenção dos Espíritos do Senhor junto dos homens, intervenção que teve a consagrá-la, *para todos,* a presença de Moisés e de Elias no monte, em colóquio, *diante dos discípulos,* com o mesmo Jesus transfigurado. Desse modo se patenteou aos homens a glória, cujos caminhos teriam que ser *abertos e preparados* pela revelação espírita, glória que esta mesma revelação terá que realizar, a fim de que Jesus, como Espírito da Verdade, como complemento e sanção da verdade, possa, cumprindo suas promessas, aparecer e descer, em todo o seu fulgor espírita, ao vosso planeta, já então depurado e transformado, descer ao seio dos homens, já regenerados e purificados.

A narração dos mesmos fatos, isto é, da transfiguração de Jesus, da aparição de Moisés e de Elias, do envolvimento dos três discípulos por uma nuvem de onde saía a voz e das palavras ditas por essa voz, feita pelos três evangelistas sob a influência mediúnica, reflete impressões, apreciações e interpretações humanas. Cada um dos discípulos, relatando aqueles fatos, exprimiu as suas próprias sensações

e cada um dos evangelistas referiu o que lhe foi relatado.

Pedro, Tiago e João, obedecendo às ordens de Jesus, guardaram segredo do ocorrido. Só depois de concluída a missão terrena do Mestre, cada um narrou os fatos tais como se haviam passado consigo, de acordo com as sensações que lhe produziram e como a sua inteligência pôde apreender. Pelas narrativas dos três é que os fatos se divulgaram.

As três narrações evangélicas, coordenadas e reunidas, reproduzem, *no conjunto, esses* fatos como se passaram para os três discípulos, *relativamente as suas inteligências.*

Vamos coordená-las e reuni-las numa só para, em seguida, explicarmos sucessivamente, de acordo com a ciência espírita, *em espírito e em verdade,* os fatos narrados.

Jesus subiu a um monte para orar; chamou a Pedro, Tiago e João, levou-os consigo e os conduziu, sem mais ninguém, a um lugar à parte, nesse monte."

Jesus chamou e levou consigo Pedro, Tiago e João, porque, de todos os apóstolos, eram os que apresentavam disposições físicas mais favoráveis a torná-los aptos, mediunicamente, à manifestação espírita que se ia produzir, como devia suceder. Deus, já o temos dito e repetimos, nada espera do que chamais — o acaso. Tudo estava *previsto e preparado* para o desempenho da missão do Mestre na terra. Entrava no quadro dessa missão o serem os fatos, que teriam de passar-se no monte, presenciados por Pedro, Tiago e João, cujas encarnações se verificaram nas condições necessárias a que tudo quanto estivesse dentro das linhas de suas missões pudesse realizar-se e se realizasse.

"Chegados ao monte, enquanto Jesus orava. Pedro, Tiago e João foram mergulhados no sono. "

Não se trata aqui do sono ordinário, natural. Os três apóstolos ficaram nesse estado de torpor, que os médiuns experimentam quando se produz uma forte manifestação espírita. Foram envolvidos pelos fluidos que os Espíritos prepostos à manifestação lançaram sobre eles, a fim de os tornar aptos *a ver.* Sublinhamos as palavras *a ver,* porque só Pedro possuía *a faculdade da vidência. Os* dois outros, menos desenvolvidos, tiveram, sob a influência magneto-espírita, que ser postos em condições de ver com o Espírito a manifestação espiritual. Esta parte da narração evangélica é devida ao relato que Tiago e João fizeram das sensações que experimentaram. O evangelista referiu o fato *tal como* lhe foi narrado.

Despertando, eles viram.

Tendo-lhes sido, pelo desprendimento, desembaraçada a visão espiritual, eles ficaram aptos a ver os Espíritos de Jesus, de Moisés e de Elias, os quais logo se tornaram visíveis, e a manifestação se produziu.

"E Jesus, estando ainda a orar, se transfigurou diante dos três. Eles viram a sua glória: o aspecto do seu rosto se tomou muito outro, resplandeceu como o sol; suas vestes se tornaram resplendentes, brilhantes de luz. brancas como a neve, de uma brancura tal que nenhum lavandeiro na terra jamais seria capaz de a igualar."

Para os discípulos, para as suas inteligências, dada a ignorância em que se achavam das *causas e* dos *efeitos,* Jesus, semelhantemente ao homem que tira o manto quando este o estorva, se despojara, momentaneamente, do invólucro, que *para eles* tinha a aparência do corpo humano, e também das vestes que o cobriam.

Certo, se o quisera, Jesus teria podido despojar-se de suas vestes humanas, fazê-las desaparecer, tornan-

do-as invisíveis a olhos terrenos, como fazia sempre que voltava para o espaço, para as regiões superiores, o que acontecia quando se achava longe da vista dos homens, quando o desempenho da sua missão na terra não exigia que estivesse presente no meio destes. Teria podido igualmente privar da tangibilidade o seu corpo de natureza perispirítica e, conservando-o intangível, atrair a si os fluidos necessários a se tornar *visível* aos três discípulos com o aspecto, as formas, as aparências sob as quais cumpria que se mostrasse transfigurado. Retomaria depois a aparência corporal do homem e as vestes humanas, quando a nuvem cobriu os discípulos, que, cheios de assombro, caíram de rosto em terra, momento esse que Moisés e Elias aproveitaram para se subtraírem à vista dos três. Nada, porém, se faz sem utilidade ou necessidade e sem objetivo. Quais foram, então, a utilidade, ou a necessidade e o objetivo que determinaram passarem-se as coisas *como* se passaram?

A fim de operar a transfiguração, Jesus, por ato da sua poderosa vontade, atraiu a si os fluidos apropriados à produção dos efeitos que os três discípulos deviam ver. Com esses fluidos cobriu ele a aparência corpórea que lhe davam o seu perispírito tangível e as roupagens humanas que o revestiam e tomou, para serem vistas pelos discípulos, a forma e as aparências sob as quais queria mostrar-se-lhes. Deveis compreender que, mostrando-se-lhes transfigurado, Jesus se colocou ao alcance da observação dos discípulos. Efetivamente, *ao ver destes,* o perispírito tangível do Mestre, que *para eles* era um corpo humano, desapareceu. Foi como se Jesus houvera despido as vestes que trazia e tomado outras. Vós, porém, deveis compreender que as vestes com que Jesus se apresentava não podiam dissolver-se para se tornarem fluidicamente luminosas, como o pode um perispírito tangível. Jesus, portanto, o que fez foi cobrir aquelas

vestes de fluidos luminosos que, sem ofuscarem os olhares humanos dos três discípulos, lhes dessem todavia uma idéia da glória que ambicionavam.

Para eles, o rosto de Jesus resplandeceu como o sol, mas apenas quanto ao brilho. Não tendo podido suportar as irradiações do semblante do Mestre, os discípulos as compararam às fulgurações do sol, cuja luz os forçava a baixar os olhos. Jesus, porém, não se lhes apresentou "em toda a sua glória", em todo o seu fulgor espírita, em todo o seu esplendor. Ele se vestiu de escuro, por assim dizer, cobrindo-se de fluidos que, *para olhos* humanos, eram luminosos, mas de fato muito sombrios, relativamente à humanidade que lhe é própria.

Quanto ao brilho luminoso e à nívea alvura que as suas vestes tomaram por efeito dos fluidos que as envolveram, que as cobriram, o que houve foi apenas uma combinação fluídica, produzindo a aparência de roupagens, como sucede toda vez que um Espírito se apresenta com a forma corporal aparentemente vestida.

Lestes que *"a alvura das vestes de Jesus era tal, que nenhum lavandeiro na terra poderia jamais igualá-la".* Estas palavras precisam ser entendidas, segundo o espírito, *no sentido* de que ninguém na terra poderia jamais igualar ao Cristo em elevação. Ainda quando haja alcançado a perfeição sideral, isto é, se tenha tornado puro Espírito, o homem do vosso planeta. será sempre menos adiantado do que Jesus, ser-lhe-á inferior em *ciência universal.*

Jesus, como já o dissemos, retomou em parte, naquele momento, diante dos discípulos, os atributos da sua natureza. Ora, não sabeis que quanto mais elevado é o Espírito, mais luminoso parece às vistas humanas?

Para nós, para todos os Espíritos elevados, essa emanação luminosa nada tem de ofuscante, como não

o tem para vós outros um semblante ou um corpo mais ou menos belos. *Apenas* nos serve para comprovar a elevação dos Espíritos que nos cercam, do mesmo modo que pela tez verificais se um homem nasceu nas regiões glaciais ou nas areias do deserto.

Quanto mais elevado é o Espírito, tanto mais brilhantes parecem a sua luminosidade, a sua alvura, tanto mais suave, luminosa e nívea é a sua emanação.

Os mundos, considerados do ponto de vista do estado que lhes é próprio e do progresso planetário, estão sempre em relação com o estado e o progresso dos Espíritos que os habitam. São materiais ou espirituais, classificando-se de materiais os que servem de habitação aos Espíritos que encarnam na matéria. Quanto aos outros, não os há que sejam especialmente espirituais. Todos o são, desde que não mais os habitem Espíritos encarnados na matéria, isto é, Espíritos que revistam corpos *materiais.*

No que respeita aos mundos; sejam de ordem material, sejam de ordem espiritual, tantas são as suas gradações, dos pontos de vista da sua sucessão na categoria dos mundos, da sua progressividade e da sua utilidade como mundos intermediários, que não se lhes pode formar a escala, quer se trate de ir dos mundos materiais aos que se acham no estado fluídico, quer se trate de ir destes, que são os em que cessou a materialidade, aos que atingiram o estado de pura fluidez.

À medida que os mundos se depuram, a luz que os cerca se vai descolorindo por transições insensíveis, vai do vermelho ao azul e ao branco, passando por gradações sucessivas e intermédias de tons, que apreendereis atentando no que pode dar a paleta de um pintor. Notai que as chamas, quando as alimenta um corpo material, se colorem de nuanças diversas e parecem, por assim dizer, materiais, ao passo que as que provêm da inflamação de um gás são mais tê-

nues e mais brancas. Naturalmente, quanto mais elevado é o planeta, tanto mais branca e brilhante é a sua luz. Os mundos espirituais, que apelidais de celestes, aos quais *só* têm acesso os puros Espíritos, mundos que atingiram o estado de pura fluidez, são, na hierarquia dos mundos, os que projetam luz mais branca e mais brilhante.

Também entre os puros Espíritos, que, em pureza, são todos iguais, por haverem chegado todos à perfeição moral, há hierarquia, conforme já o explicamos (1º vol., n. 60, pág. 326), sob o ponto de vista da ciência universal. Todos, através da eternidade, se aproximam de Deus, sem, todavia, jamais poderem igualar o Criador incriado, eterno, infinito, Ser dos seres, Espírito dos Espíritos, tão sutil, tão resplandecente de alvura e de luz, que nenhum dos Espíritos puros mais elevados pode abrangê-lo com o olhar, nem lhe suportar as irradiações, quando se avizinha do foco da onipotência para receber a inspiração das vontades do soberano Senhor, do pai de tudo o que é.

O arco que se forma nas nuvens e a que dais o nome de arco-íris, arco que Deus, por intermédio de Moisés, seu enviado, indicou aos Hebreus como sendo *"o sinal da aliança perpétua entre ele e todas as criaturas vivas da terra", é, em espírito e verdade,* tirado da letra, que o vela, o espírito: o emblema — do progresso, dentro da unidade e da solidariedade, de todos os mundos e de *todas as essências espirituais,* em todos os reinos da natureza, quer *materializadas,* quer *encarnadas* no estado material ou no estado fluídico, quer perispiriticamente *incorporadas,* quer errantes na imensidade; é o emblema da marcha ascendente, una e solidária, de todos os mundos e de todas as essências espirituais a todos os graus da escala. Não esqueçais que, *para os Hebreus,* a terra era a criação inteira, não passando o céu, o firmamento, de acessórios integrantes da mesma terra.

O fenômeno da transfiguração, que Jesus realizou, não foi, como indicador de poder físico, um prodígio extraordinário, conforme pensais. Já não vos dissemos que Jesus não se mostrou em todo o seu esplendor, que ele se cobriu de fluidos, luminosos *para olhos humanos,* mas sombrios *em comparação com a luminosidade que lhe era própria?*

Dessa faculdade, desse poder dispõem todos os Espíritos elevados. Todos são aptos a produzir o mesmo fenômeno em condições correspondentes ao grau de elevação a que tenham chegado. Nós, como todos os Espíritos elevados, podemos alcançar o mesmo fim, *desde que isso seja necessário e permitido.* Assim é que podemos, *primeiro,* fazer-nos visíveis e tangíveis sob a forma humana; *depois,* operar a transfiguração, reunindo à volta de nós os fluidos luminosos necessários, tornados visíveis aos olhares humanos, fluidos esses, porém, sempre inferiores aos que correspondem à nossa elevação espírita.

Também no seio da vossa humanidade se pode produzir, como sabeis, o fenômeno da transfiguração. Esta, todavia, nenhuma relação tem com a que Jesus, Espírito apenas revestido de um perispírito tangível, realizou e que só os Espíritos elevados podem igualmente realizar. Dar-vos-emos ainda, ao concluir o presente capítulo, explicações a esse respeito.

"Ao mesmo tempo que viam a Jesus transfigurado, Pedro, Tiago e João viram dois homens, a saber: Moisés e Elias, que lhes apareceram a falar com Jesus, cheios de glória."

Moisés e Elias se tornaram visíveis aos apóstolos, *cheios de glória,* por isso que, como todos os Espíritos superiores, eles eram *luminosos* sob a forma ou a aparência humana.

Para reconhecerem a Moisés e Elias os discípulos não precisaram do socorro da inspiração, como quan-

do Pedro respondeu a esta pergunta do Mestre: "E vós quem dizeis que eu sou?"

No caso de Moisés e de Elias, eles viram e isso lhes bastou. Moisés apareceu com o sinal que mostrara aos Hebreus: as duas chamas sobre a cabeça. A tradição falava delas e os apóstolos o reconheceram por esse sinal. Quanto a Elias, não ignorais que a tradição referia ter esse profeta, no momento em que fora *arrebatado* para o céu, deixado o manto que trazia a Elizeu, seu discípulo e sucessor em Israel. Não ignorais tampouco que os Judeus jamais se apresentavam em público, numa solenidade qualquer, sem ser envoltos no manto que usavam. Ora, apresentado-se Elias ao lado de Moisés, sem o manto, os discípulos logo compreenderam de quem se tratava. Compreenderam, porquanto, como sabeis, Pedro e seus companheiros eram Espíritos adiantados, tolhidos pela carne, é certo, mas cujas inteligências, *em dados momentos,* a dominavam.

"Moisés e Elias falavam a Jesus da sua saída do mundo, fato que tinha de verificar-se em Jerusalém."

Isso foi apenas uma explicação dada aos homens, uma interpretação humana, que a compreensão do fato fez necessária. Foi o resultado das apreciações ou comentários a que deu lugar a presença de Moisés e de Elias, em circunstâncias tais que aos discípulos pareceu que eles falavam com Jesus. Foi ainda o resultado da interpretação destas palavras do Mestre: "Até que o filho do homem haja ressuscitado dentre os mortos", interpretação que o evangelista, sob a influência mediúnica, teve que registrar, conforme à narração que lhe fizeram os três discípulos, cada um exprimindo suas próprias sensações. Segundo o comentário que chegou a Lucas, Jesus recebera de Moisés e de Elias, que lhe apareceram cheios de glória, as necessárias instruções.

Jesus, que tinha a presciência do futuro, *já havia predito* sua ida a Jerusalém, sua *morte* e sua *ressurreição.* Nada tinha que aprender com Moisés e Elias relativamente a esses sucessos vindouros. Os três discípulos, tão perturbados ficaram com a manifestação, que perguntavam entre si o que queriam dizer estas palavras do Mestre: *"até que o filho do homem haja ressuscitado dentre os mortos".*

A presença de Moisés e de Elias nada teve que aberrasse dos fatos ordinários. Ambos estavam sempre junto de Jesus. Naquele momento *apenas se tornaram* visíveis. Não só Moisés e Elias, porém muitos outros Espíritos ainda mais elevados, estavam, como estão hoje, constantemente ao lado do Mestre, aguardando a manifestação de suas vontades para agirem.

O fato de *somente* Moisés e Elias se terem tornado visíveis explica-se pela circunstância de haverem ambos prometido o Messias e pela de que só a presença deles era necessária, *atentas às tradições dos Hebreus, à* manifestação e ao fim que ela visava.

"Ao afastarem-se Moisés e Elias, disse Pedro a Jesus: Mestre. estamos bem aqui; se quiseres, faremos três tendas, uma para ti, uma para Moisés e uma para Elias; ele não sabia o que dizia, pois estavam assombrados."

A proposta de Pedro para a construção de três tendas era ainda uma conseqüência dos erros hebraicos. Pedro *via* Moisés e Elias *"ressuscitados"* em corpos que *supunha* carnais e queria conservá-los junto do Mestre bem-amado. Ele estava perturbado. Como deveis imaginar, a manifestação não durou muito tempo.

Ao que se afigurou aos discipulos, já Moisés e Elias se iam embora, quando Pedro propôs a Jesus construir as três tendas.

Essa foi a sensação que eles tiveram, em conseqüência, ao mesmo tempo, da crença, filha dos erros hebraicos, de que Moisés e Elias haviam *"ressuscitado"* e traziam corpos carnais e da ignorância em que estavam das causas e efeitos espíritas. O que na realidade se passou é que, quando os discípulos supuseram que Moisés e Elias se iam afastando, estes começaram de fato a desaparecer das vistas deles, cuja tensão de espírito se enfraquecia. Para realizarem o desaparecimento aos olhos dos discípulos, Moisés e Elias se foram sumindo no ar, dando, porém, a impressão de que desapareciam por efeito do afastamento.

"Pedro ainda estava falando, quando viu uma nuvem que, tomando-se espessa e luminosa, os cobriu e de repente uma voz que saía da nuvem se fez ouvir, dizendo: "Este é meu filho bem-amado em quem hei posto todas as minhas complacências, escutai-o." Ouvindo essas palavras, os discípulos caíram de rosto em terra e foram presas de grande temor. Enquanto a voz se fazia ouvir, Jesus se aproximou deles, os tocou e disse: Levantai-vos e não temais; erguendo então os olhos e olhando logo para todos os lados, viram unicamente a Jesus, que se achava a sós com eles."

A nuvem luminosa que, fazendo-se espessa, cobriu os discípulos, não era senão a massa dos fluidos que os cercavam, os quais, reunidos e tornados *para eles visíveis* no estado luminoso, os envolveram.

Já vos demos a este respeito explicações, quando tratamos da luz que envolveu os pastores.

No momento em que Jesus tocou os discípulos e lhes disse: *Levantai-vos e nada temais já* Moisés e Elias se lhes haviam feito invisíveis. Pedro, Tiago e João, libertos da influência mediúnica, de posse novamente da vista corporal humana, não viram a mais ninguém, além de Jesus. E que o Mestre, dispersando os fluidos que atraíra a si, tornando-os de novo

incolores e invisíveis *para olhos humanos,* fizera cessar os fenômenos e os efeitos da transfiguração, de modo que ficou ali outra vez sozinho junto dos discípulos e com a mesma aparência que tinha quando, na companhia deles, subiu ao monte, isto é: com a que tinha, sempre que as exigências de sua missão terrena o obrigavam a estar presente entre os homens — a aparência da corporeidade humana.

"E, ao descerem do monte, Jesus lhes ordenou que a ninguém falassem do que acabavam de ver, até que o filho do homem houvesse ressuscitado dentre os mortos. — Eles guardaram segredo sobre o fato e, por então, a ninguém disseram o que tinham visto. E entre si perguntavam o que quereria dizer isto: *até que o filho do homem haja ressuscitado dentre os mortos."*

Não vos admireis de que, perturbados como ficaram, os discípulos inquirissem entre si o que teria querido Jesus dizer por estas palavras: — *até que o filho do homem haja ressuscitado dentre os mortos.* Eles não compreendiam o que isso significava, pela razão de que a reencarnação passara para a categoria das superstições, embora ainda houvesse quem nela acreditasse. Compreendiam que, decorridos séculos, uma alma voltasse a habitar outro corpo, tanto assim que compreenderam houvesse podido a alma do profeta Elias vir habitar o corpo de João Batista, filho de Zacarias e de Isabel. Mas, não logravam compreender que Jesus pudesse recomeçar imediatamente *outra* existência no mesmo corpo. De acordo com o que pensavam, o reaparecimento da alma só se dava mediante sua união com a matéria. Ora, *de um lado,* Jesus, *para eles,* estava revestido de um invólucro corpóreo idêntico aos dos outros homens, sujeito, como os destes, à morte *real e,* sendo assim, o Mestre não poderia retomar a existência, senão voltando sua alma ao cadáver. Neste sentido é que entendiam a palavra

"ressurreição". *Por outro lado,* ignoravam a natureza perispirítica do corpo de Jesus, a qual só pela atual revelação deveria ser e foi divulgada, explicada. Inteiramente desconhecidas lhes eram as combinações do perispírito e da tangibilidade.

Jesus proibiu a Pedro, Tiago e João que falassem a pessoa alguma do que tinham visto, *até que ele houvesse ressuscitado dentre os mortos,* porque, se os discípulos divulgassem imediatamente os fatos que presenciaram, antes de ocorrido o reaparecimento, a chamada "ressurreição" do mesmo Jesus, *ninguém lhes daria crédito.* Cumpria que o testemunho deles, com relação ao que se passara no monte, fosse aceito pelos homens, os quais, concluída a missão terrena do Mestre, tinham que ver nele, por efeito dos fatos realizados e das revelações que então se divulgariam e espalhariam, *um homem igual aos outros,* revestido de um corpo material humano, mortal e perecível, *e,* ao mesmo tempo, o filho de Deus *milagrosamente* encarnado.

Só nos resta agora explicar-vos o fenômeno da transfiguração do ser humano.

Este fenômeno, já o dissemos e repetimos, nada tem de comum com o que, na sua qualidade de Espírito revestido de um corpo perispirítico, Jesus produziu e que só os Espíritos elevados podem também produzir.

O homem por si só não pode operar o fenômeno da transfiguração. Indispensável lhe é para isso o concurso de seus irmãos errantes.

A transfiguração se produz igualmente, *ou* pela vontade do encarnado, ou independente da sua vontade, a seu mau grado, tanto tendo ele consciência do fenômeno, como não a tendo. No primeiro caso, a vontade do encarnado obra atraindo a si os Espíritos cujo concurso lhe é necessário. Para consegui-lo, não precisa fazer evocação alguma. Basta-lhe a vontade de

se transfigurar, desde que haja necessidade de que essa transfiguração se opere, isto é, desde que haja um fim *sério* a alcançar, para que os Espíritos que lhe são simpáticos o venham auxiliar.

Quando a transfiguração se verifica independentemente da vontade do encarnado, a seu mau grado, ele não passa de instrumento dos Espíritos que provocam o fenômeno, instrumento muitas vezes inconsciente, sobretudo se, por lhe ser estranha a ciência espírita, ignora as causas e os efeitos de tal manifestação.

Em geral, para a realização do fenômeno da transfiguração concorrem o perispírito do encarnado e o do Espírito, ou os dos Espíritos que produzem o fenômeno. Em virtude desse concurso, dessa adição de perispíritos, há uma combinação fluídica, por isso que o Espírito toma de empréstimo ao encarnado uma parte do seu fluido animalizado. O Espírito que opera mistura o seu perispírito com o do encarnado e este, envolvido assim em fluidos perispiríticos combinados, toma a aparência que o primeiro lhe queira dar. Coberto de tais fluidos, que não lhe é dado ver nem sentir, *mas* que sobre ele se estendem formando uma espécie de campânula, o encarnado toma, *para os que presenciam o fenômeno,* a aparência que o Espírito entenda de lhe dar, seja qual for. Mascarado pelos fluidos que o envolvem, não o podeis ver, senão como vo-lo queiram mostrar.

Falando dos fluidos, acabamos de dizer que "o *encarnado não os sente, nem os vê". É* que alguns encarnados, submetidos às influências que produzem o fenômeno, ficam num estado análogo ao estado magnético ou sonambúlico. Outros, como sucede com os médiuns, sentem a influência que os força, pela ação fluídica, a dirigir o olhar para *tal ou tal* ponto, sem terem consciência da mudança de aspecto que lhes foi imposta. Sentem que falam, quando por si mesmos não o teriam feito, mas não percebem quem lhes põe

nos lábios as palavras. Sentem, finalmente, que obram sem intervenção de suas vontades, nem de suas faculdades, mas não sentem nem vêem o agente que os impulsiona, que os envolve e transforma. Dá-se com eles o que se dá com o médium psicógrafo, que sente o braço impelido por ligeira pressão, mas não sente nem vê quem lhe atua no braço, para pô-lo em movimento, desde que não se trate de um médium também vidente, ou de um encarnado que possua a faculdade da vidência, da qual o Espírito use para se lhe tornar visível. No caso da transfiguração, o encarnado não sente nem vê o perispírito do Espírito, quando este torna visível e tangível a forma corpórea por ele mesmo produzida.

Só para os assistentes essa forma corporal é visível e tangível, a menos que uma causa fortuita exija que aquele que se transfigura a sinta e veja. Em tal caso, poder-se-ia, colocando-o defronte de um espelho, tornar-lhe visível aquela forma. Mas, semelhantes experiências pouca utilidade têm.

Pelas combinações fluídicas de seu perispírito com o do encarnado, pode o Espírito, que opera a transfiguração, não só tornar visíveis e tangíveis *aos assistentes* todas as aparências, que julgue conveniente mostrar-lhes, senão também dar ao paciente os traços fisionômicos, o olhar, o som da voz e até as maneiras habituais de falar da pessoa cuja aparência corporal queira reproduzir por meio da transfiguração. Para tudo isso conseguir, o operador se utiliza dos órgãos visuais e vocais daquele que lhe serve de instrumento, como se utiliza de seus membros para agir de qualquer modo. Se é preciso, os Espíritos se reúnem, a fim de alcançarem o objetivo visado. Mas, para tanto se faz mister que o paciente tenha em si latentes muitas mediunidades, o que é raro, principalmente *agora.* O futuro, porém, desenvolverá essas faculdades nos homens.

Em casos como o que acabamos de figurar, a ilusão é tal que os assistentes *acreditam* estar vendo, ouvindo e apreciando, em seu modo de proceder, a pessoa cuja aparência se lhes mostra pela transfiguração.

O Espírito que opera também pode, com o concurso de outros Espíritos que se lhe reúnem, visando esse resultado e mediante combinações e ações fluídicas exercidas sobre o paciente, dar-lhe a forma e a aparência de uma pessoa morta, com todos os sinais e caracteres da morte. Tal é ainda aqui a ilusão, que os assistentes acreditam ter diante dos olhos o morto cujo aspecto aparente se lhes mostra.

Seja qual for a aparência que apresente o transfigurado, seja, por exemplo, a de uma pessoa mais alta e mais robusta, seja a de uma criança, o peso *natural* do paciente não se altera, desde que para isso não concorram os Espíritos e que só a aparência tenha mudado. Somente com o concurso dos Espíritos aquele peso pode variar para mais ou menos.

Se não houver esse concurso, isto é, se não houver ação espiritual tendente a modificar o peso, a aumentá-lo ou diminuí-lo, se só a aparência mudou, o peso se conserva o mesmo. E facilmente deveis compreender a razão disso: é que, em tal caso, a quantidade de matéria, no corpo do paciente, não aumentou nem diminuiu. O aumento do peso *natural não* poderia provir senão do adicionamento dos perispíritos dos Espíritos que se comunicam, ao do paciente, da adição, aos deste, dos fluidos que o envolvem e operam a sua transfiguração. Ora, os fluidos mediante os quais nós operamos são ponderáveis para *nós,* mas, atualmente, são, para vós, imponderáveis. Não vos são mais ponderáveis do que o era o ar para vossos pais, antes que se inventassem os instrumentos apropriados a pesá-lo. O ar foi sempre pesado, entretanto vossos pais não o podiam pesar e o consi-

deravam uma essência sem peso nem capacidade. O mesmo se dá *atualmente* convosco, relativamente aos fluidos por meio dos quais operamos a transfiguração.

O fluido universal é um composto de fluidos diversos, formando uma única massa donde extraímos as partes de que necessitamos. Ele recebe a destinação que lhe é necessária e se amolda a tudo, conforme aos casos. Esses diversos fluidos são *para nós* ponderáveis, tanto na massa do fluido universal, como quando dela separados, constituindo o produto das extrações ou combinações que o Espírito realiza. Tudo tem peso na natureza, que é a fórmula e a síntese de todas as criações orgânicas e inorgânicas, assim do ponto de vista fluídico, como do ponto de vista material.

Os diversos fluidos de que se compõe o fluido universal, especialmente aqueles com que o Espírito opera a transfiguração, todos ainda imponderáveis *para vós outros,* não serão reconhecidos como ponderáveis, tal qual sucedeu com o ar que agora sabeis que o é, senão por meio de instrumentos e processos que ainda desconheceis e desconhecereis por muito tempo. Todavia, lá chegareis, porquanto grandes mistérios se vos desvendarão, quando conhecerdes as propriedades e o valor dos fluidos que vos cercam. A fim de alcançar esse conhecimento, faz-se mister que o homem aprenda a elevar-se através das camadas de ar que, para ele, são o que os mares distantes são para o camponês que jamais saiu da sua cabana.

Na depuração moral achareis o caminho desse progresso. Na depuração moral e no progresso intelectual se vos depararão os degraus por onde subireis a tais alturas. A primeira vos granjeará *mais poderoso concurso,* porque vos tornará aptos a compreender a ciência sem dela abusar. A aquisição do saber vos será então *facilitada.* E, quanto mais aprenderdes, tanto *mais facilmente vos elevareis.*

Só com o concurso e pela ação dos Espíritos prepostos pode o peso natural do paciente variar para mais ou para menos. O aumento e a diminuição desse peso são produto de uma ação espírita e fluídica exercida pelos Espíritos. Dizemos — pelos Espíritos — porque, para a realização de tais fenômenos, é necessário o auxílio de muitos Espíritos.

Para efetuar aumento ou diminuição de peso no paciente transfigurado, os Espíritos que o cercam e envolvem atuam fluidicamente, servindo-se dos meios de que usam para fixar no solo uma mesa leve, ou para levantar, como se se tratara de uma pena, um peso considerável.

Se querem obter aumento de peso do transfigurado, aqueles Espíritos tornam pesados os fluidos que o envolvem.

Se, ao contrário, o que querem é a diminuição de peso, os mesmos Espíritos o sustêm.

Assim, quando dão ao paciente a aparência de uma pessoa mais alta e mais robusta, eles, tornando mais pesados os fluidos, lhe produzem, *desde que isso seja necessário,* um aumento de peso que, para os assistentes, corresponda à diferença existente entre a pessoa cujo aspecto se lhes mostra e o mesmo paciente.

Assim também, quando a aparência dada a este é a de uma criança, os Espíritos operam nele a diminuição do peso, sustendo-o, de modo que, sendo preciso, ele tenha um peso correspondente ao talhe da criança que aparenta ser.

Nestes casos, em havendo ação dos Espíritos, o peso varia, correspondendo à aparência, *uma vez que* isso *seja necessário.* Do mesmo modo, *se também for necessário,* podem os Espíritos produzir aumento de peso, quando o paciente, alto e robusto, tenha a aparência de uma criança e *diminuição* de peso quando, sendo uma criança, tenha a aparência de uma pessoa alta e robusta.

Para, desse modo, produzir a transfiguração e os diversos efeitos que vimos de apreciar, não pode um Espírito obrar sozinho e o concurso dos perispíritos é indispensável, sempre que o Espírito, ou os Espíritos que operam são pouco elevados, sempre que o são tanto ou pouco mais do que vós. Eles então se servem dos elementos de mediunidade que encontram ao seu dispor. *Assim como,* para produzir ruídos ou outros efeitos físicos dessa natureza, é necessário o concurso de perispíritos análogos, *também,* para produzir-se a transfiguração, o paciente deve apresentar as disposições, as condições ou aptidões físicas necessárias a tal efeito. Quais sejam essas disposições, condições ou aptidões não podeis compreender, porque isso se prende à combinação dos fluidos perispiríticos e ainda não chegou a ocasião de entrarmos nesse estudo. E de simples intuição que, posto de parte o concurso dos perispíritos, o Espírito é o único agente do fenômeno. Porventura, quando ouvis estranhos ruídos, tendes dúvida de que o Espírito que os produz seja, no caso, o agente, o provocador?

Os Espíritos elevados, para operarem a transfiguração do ser humano, podem prescindir da existência de aptidões físicas no paciente. Gostam, porém, de encontrar neste condições favoráveis à obtenção do que desejam.

Se o encarnado não tem as aptidões físicas necessárias, recorremos aos fluidos que desejamos empregar e neles o envolvemos. Lançamos, por assim dizer, sobre o paciente de que nos servimos uma cobertura, que lhe dará a aparência que ele deva apresentar por efeito da transfiguração.

Assim é que, por meio dos fluidos luminosos, que tornamos visíveis aos *olhares humanos,* podemos colocar o paciente em condições de apresentar uma luminosidade tal, que lhe faça perder a habitual aparência humana. Podemos mudar-lhe esta aparência, dando-lhe, para ser visto pelos assistentes, aquela

que o momento nos indique ser a que mais lhes fira as imaginações. Desse modo podem alguns seres encarnados, como pacientes transfigurados, chegar não a um ponto de transfiguração tão elevado como o em que Jesus se apresentou aos três discípulos, mas a um ponto próximo desse, uma vez que o permitam suas disposições morais e físicas.

Diremos mesmo que as disposições morais só são necessárias debaixo de certo ponto de vista, por isso que, sendo preciso ferir as imaginações, podemos utilizar-nos de um instrumento indigno, mas no qual encontremos as aptidões físicas convenientes. Da mesma forma que vos servis de um instrumento imperfeito até que descubrais um bom, caso em que abandonais o que não preenchia senão uma apenas das condições precisas, e passais a fazer uso do que as reúne todas, também nós abandonamos o instrumento que só possui as qualidades materiais, isto é, as disposições físicas, logo que podemos servir-nos de outro, bom, que reúna as disposições morais e físicas necessárias. Deparando-se-nos um encarnado que preencha, do ponto de vista moral, as condições desejadas, estamos sempre prontos a fazer todos os esforços para remediar ao que lhe falte fisicamente. Mas, quão poucos sois os que possuís a fé assaz forte, a elevação dalma assaz grande, a renúncia assaz poderosa, a caridade assaz benigna, para nos atrair suficientemente!

Estes casos de transfiguração *ainda são mais raros* do que os *que emanam* de Espíritos da vossa elevação, ou pouco mais elevados do que vós, *os quais,* mesmo esses, são, como já o dissemos, *raros, muito raros.*

Nota da Editora — Conversando com os mortos, Moisés e Elias, ordenando a retirada de obsessores e, finalmente, ele mesmo aparecendo depois da morte e dando instruções aos apóstolos, Jesus revogou a lei antiga e promulgou o Espiritismo.

MATEUS, Cap. XVII, v. 10-13. —*MARCOS,* Cap. IX, v. 11-13

O Espírito de Elias reencarnado na pessoa de João, o Precursor, filho de Zacarias e de Isabel

MATEUS: V. 10. Seus discípulos então lhe perguntaram: Porque é que os escribas dizem ser preciso que Elias venha primeiro? — 11. Jesus lhes respondeu: Em verdade Elias tem que vir e restabelecer todas as coisas. — 12. Mas, eu vos digo que Elias já veio; eles não o conheceram e contra ele fizeram tudo o que quiseram. Assim também farão sofrer o filho do homem. — 13. Então, seus discípulos compreenderam que ele lhes havia falado de João Batista.

MARCOS: V. 11. E o interrogavam, dizendo: Porque é que os fariseus e os escribas dizem ser preciso que primeiramente venha Elias? — 12. Jesus lhes respondeu: É verdade que Elias tem que vir primeiro e restabelecer todas as coisas; que sofrer muito e ser desprezado, como está escrito a respeito do filho do homem. — 13. Mas, eu vos digo que Elias já veio e que eles o trataram como lhes aprouve, de acordo com o que a respeito dele fora escrito.

N. 195. Deveis compreender o fim e o alcance das palavras de Jesus em resposta à pergunta que lhe dirigiram os discípulos. Chamando-lhes a atenção para a volta de Elias na pessoa de João Batista, Jesus assentava *as bases* da revelação espírita, revelação que, mais tarde, no colóquio com Nicodemos, deixaria *veladamente* entrever e que depois os Espíritos do Senhor fariam aos homens, nos tempos marcados por Deus, explicando-lhes, *em espírito e verdade*, a lei natural e imutável da reencarnação, seu princípio fundamental, suas regras, seus fins e suas conseqüências.

Talhava assim Jesus *a pedra angular* em que repousaria o edifício do futuro.

Aquelas suas palavras, cobertas pelo véu da *letra,* pouca importância tinham, é certo, para os apóstolos, dada a natureza da época em que foram ditas, assim como para as gerações que se seguiram até aos vossos dias. Grande influencia, porém, teriam que exercer no futuro, sob o império do *espírito.* Naquele momento, apenas ratificavam as profecias dos livros antigos. Os apóstolos não precisavam do apoio da reencarnação. Se bem esta não constituísse lei entre os Hebreus, estava, todavia, como já o explicamos, no domínio das crenças da maioria deles. Verdade é que já "os es*píritos fortes"* a haviam combatido, cobrindo-a de ridículo, atribuindo-a a erros da superstição, fazendo enfim, séculos antes de Jesus e até à sua época, o que fizestes depois e fazeis ainda, isto é: pondo a luz debaixo do alqueire, para que o seu brilho não torne patentes, aos *olhos de todos,* tantos segredos que a *alguns* convinha ficassem ocultos. Jesus, pois, *ressuscitou essa* velha crença, *ressuscitando* Elias na pessoa de João Batista.

Ele proclamou assim, *segundo* o espírito e em *verdade, a* reencarnação do Espírito (da alma) de Elias no corpo de João, o Precursor, filho de Zacarias e de Isabel, mostrando a todos a lei natural e imutável do renascimento, lei essa da qual aquela reencarnação era apenas *um exemplo e uma aplicação,* entre vós, na ordem *geral* da natureza, pelo que respeita ao *reino humano.*

Não vos admireis de que os discípulos, aludindo ao que diziam os escribas e os fariseus: *ser preciso que primeiro viesse Elias,* tenham feito a Jesus aquela pergunta. Lembrai-vos do que eram *então* os discípulos de Jesus, todos saídos de ínfima classe social. Admirar-vos-íeis de que pergunta semelhante vos dirigisse algum dos vossos operários, que não soubesse ler e que não houvesse aprendido da história sagrada mais do que as poucas palavras baldas de sentido

com que a ela se refere o catecismo? Ao tempo do Mestre, a ciência teológica era, dentro da Igreja hebraica, o que ainda é nos dias de hoje: uma luz que se oculta, para que não esclareça a multidão e não lhe patenteie todas as feridas que a Escritura, essa pobre desfigurada, recebeu das interpretações humanas.

Falando de João Batista, disse Jesus a seus discípulos, com referência aos escribas e fariseus: *E eles não o conheceram,* isto é: não compreenderam que aquele que pregava o arrependimento e o advento do Reformador era o Elias que o Antigo Testamento prometera.

Por estas palavras: *Eu vos digo que Elias já veio e eles não o conheceram; contra ele fizeram tudo o que quiseram, conforme tinha sido escrito; e é assim que, farão sofrer o filho do homem",* os discípulos compreenderam que o Mestre lhes falava de João Batista, porque tais palavras lhes chamaram a atenção para o *único* homem que, aos olhos deles, podia preencher todas as condições do precursor prometido.

A *letra* da tradição[15] parece contrária à palavra de Jesus, que os discípulos compreenderam, relativa à volta de Elias à terra, à reencarnação de seu Espírito no corpo de João. Explicada, porém, *em espírito e em verdade,* a tradição confirma, em todos os pontos, o que disse o Mestre.

A razão e a ciência humanas, esbarrando *na letra* e não sabendo achar o *espírito,* rejeitam o que, pela sua ignorância, não podem explicar. Os Espíritos do Senhor vêm exatamente, pela nova revelação, projetar sobre tudo e por toda parte a luz e a verdade. Segundo a tradição interpretada *ao pé da letra,* Elias fora, à *vista de Eliseu,* arrebatado *e, encarnado e vivo,* subira ao céu num turbilhão.

Como, então, seria possível que, continuando

---

[15] Os Reis, liv. 4°, cap. II, v. 1-18.

Elias a viver encarnado, no céu, onde tudo é eternamente *Espírito,* a viver lá a vida *material do homem,* experimentando *todas as necessidades peculiares a essa vida,* seu *Espírito (sua alma)* reencarnasse no corpo de João, o Precursor, filho de Zacarias e de Isabel?

Quem quer, dentre vós, que pense, sente logo que, entendida assim segundo a letra, constituindo um desmentido às palavras de Jesus e conduzindo às mais inadmissíveis e absurdas conseqüências em face da razão e da ciência, aquela tradição *não exprime* a verdade.

A realidade das coisas, a verdade, ei-las aqui, segundo a mesma tradição, mas entendida, explicada *em espírito e verdade:*

Elias e Eliseu, sob a influência e a ação espíritas, eram, conforme os casos e as necessidades das missões que um e outro desempenhavam, médiuns videntes, inspirados, audientes e, como tais, instrumentos das vontades do Senhor.

Prevenido mediunicamente do seu próximo fim, portanto do termo próximo da sua missão terrena, inspirado e guiado pelos Espíritos do Senhor, Elias se afastou do meio dos homens, levando consigo seu discípulo Eliseu, a fim de prepará-lo para a revelação a que ia servir de instrumento, desempenhando entre os Hebreus a missão de profeta. Não sabendo até que ponto a mediunidade se poderia desenvolver em Eliseu, ao pedido que este lhe fez de ser o seu sucessor, para guiar e corrigir o rebanho de Israel, Elias respondeu: "Se me vires, *terás o que me pedes". O* mesmo era que dizer a Eliseu: "Se a faculdade mediúnica está em ti bastante desenvolvida, tu me verás em ocasião que outros olhos não o conseguiriam e isso será o sinal de que o Senhor te aceita para meu sucessor".

Caindo das alturas, o raio consumiu o corpo material de Elias e seu Espírito, revestido do peris-

pírito que conservava ainda os caracteres e a forma do corpo de que acabava de separar-se, se elevou no espaço, em direção às regiões superiores, visível ao olhar mediúnico de Eliseu, e depois desapareceu, tornando-se-lhe invisível. As nuvens de vapor que se escapam das locomotivas, dos fornos das usinas, e se elevam no espaço não são a princípio visíveis para os vossos olhos carnais, depois não se vão sumindo, até desaparecerem inteiramente, tornando-se-vos de todo invisível?

"Quando eles, prosseguindo seu caminho, dizem as Escrituras, marchavam conversando, eis que surge um carro de fogo, puxado por cavalos de fogo, e os separa um do outro, subindo Elias ao céu num turbilhão. Ora, Eliseu via e exclamava: Meu pai, meu pai, vós, o carro de Israel e seu guia. Depois disso nada mais viu."

Naquele momento, pois, Eliseu teve, como havia de suceder, visão mediúnica. O carro de fogo e os cavalos de fogo representam o raio que fulminou o corpo material, humano, de Elias, ao mesmo tempo que o seu invólucro perispirítico se elevava sob os olhares do discípulo atento. Como não ignorais, os Espíritos do Senhor se servem muitas vezes dos elementos como meio de realizar atos determinados pela sabedoria divina.

Não vos espanteis de que o raio tenha tomado, para a visão mediúnica de Eliseu, as aparências ou a forma de um carro de fogo puxado por cavalos de fogo. Não é verdade que o raio toma, *às vossas vistas,* diversas formas? Não cai, *ora* como um globo ígneo, *ora* como uma barra, como lâminas torcidas, etc.? Eliseu o viu, naquele caso, conformente à *disposição* em que os Espíritos do Senhor o haviam colocado *para ver,* pois que ele acreditou, *como devia acontecer,* que Elias fora arrebatado pelo carro e pelos cavalos de fogo. Dissemos que *os Espíritos do Senhor o dispuseram a ver* as coisas sob aquele aspecto. Essa proposição nossa não vos pode causar estranheza, porquanto sabeis que, por meio de uma ação espírita

exercida sobre o cérebro do médium, os Espíritos conseguem que este *veja o* que eles *queiram* seja visto, com as aparências que dão às combinações fluídicas apropriadas à visão mediúnica.

Não vos surpreendais, tampouco, de que, no instante mesmo em que o raio lhe consumiu o corpo material, Elias, Espírito elevado encarnado em missão, se haja inteirado do que acabava de passar-se e se tenha tornado, sob a forma humana da qual vinha de ser separado, visível ao olhar mediúnico de Eliseu. Nenhum esforço era necessário para isso, pois, como sabeis, o perispírito conserva o aspecto, a forma do corpo que o revestiu, sobretudo no momento em que acaba de separar-se deste. Mesmo, portanto, que se tratasse de um caso ordinário, não teria havido mais do que simples ação mediúnica da parte de Eliseu. Mas, ainda quando se fizesse necessário um ato de vontade, um esforço qualquer, imaginais que a Elias, preparado como estava para uma separação imediata do corpo em que habitava e sendo como era um Espírito muito elevado, fosse preciso tempo para se inteirar do seu novo estado? Não vedes que a maior parte dos vossos irmãos, iniciados na nova revelação, recobram instantaneamente, uma vez desencarnados, suas faculdades espíritas?

À visão *mediúnica* de Eliseu se afigurou que o carro e os cavalos de fogo subiam como um turbilhão, isto é: qual coluna de vapores luminosos que, *diante de seus olhos,* rodopiasse, como as nuvens que o furacão açoita.

Deveis compreender que, vivendo numa época em que se ignoravam os efeitos do raio, a Eliseu não acudisse a idéia de procurar os vestígios do corpo de Elias, vestígios que, aliás, não encontraria. Os Espíritos prepostos lhe desviaram de semelhante pesquisa o pensamento, fazendo-o *ver* Elias a subir para o céu num turbilhão.

Daí vem que, aos que lhe propunham ir procurar o seu mestre, respondia ele: "Não o *façais".*

Nada obstante, muitos insistiram em procurar Elias. Não o encontraram, dizem as Escrituras.

Ao regressarem esses, Eliseu lhes ponderou: ¨Não vos havia eu dito que não o fizésseis?" Os Espíritos prepostos ocultaram de todos os pesquisadores os vestígios do corpo consumido.

Deus, com a sua presciência e sabedoria infinitas, apropria aos tempos, às inteligências, às necessidades de cada época, de cada era, os acontecimentos, os atos, as revelações, fazendo que se produzam nas condições mais convenientes à marcha lenta, porém regular e sempre progressiva da vossa humanidade.

Em face da resposta que, quando interrogado *relativamente a Elias,* lhes deu o Mestre, seus discípulos compreenderam que João Batista era Elias, o mesmo Elias que as profecias anunciavam como devendo ser o precursor do Cristo.

O que, porém, Jesus naquela ocasião não podia nem devia dizer e que agora tem que ser dito é o *seguinte: Moisés —Elias —João Batista — são uma mesma e* única entidade. Estamos incumbidos de vos revelar isso, porque chegou o tempo em que se tem de *"realizar" a "nova aliança",* em que todos os homens (Judeus e Gentios) se têm que abrigar debaixo de uma só crença, da crença — em um Deus, uno, único, indivisível, Criador incriado, eterno, único eterno: o *Pai;* em Jesus Cristo, vosso protetor, vosso governador, vosso mestre: *o Filho;* nos Espíritos do Senhor, Espíritos puros, Espíritos superiores, bons Espíritos que, sob a direção do Cristo, trabalham pelo progresso do vosso planeta e da sua humanidade: *o Espírito Santo.*

Sim, Moisés, Elias e João Batista são um só; *são o mesmo Espírito* encarnado três vezes em missão. Esse Espírito, quando foi Moisés, preparou a vinda do Cristo e a anunciou *veladamente;* quando foi Elias,

deu grande brilho à tradição hebraica e anunciou, nas suas profecias, que teria de ser o precursor do Cristo; quando reencarnou em João, filho de Zacarias e Isabel, foi esse precursor.

Essas três figuras eram *o emblema* da tríplice missão desempenhada em três épocas diferentes, e, por meio da aparição de Moisés e de Elias no Tabor, aos três discípulos, foram postas ao alcance das inteligências humanas, ensinando Jesus aos homens que João Batista era Elias, que voltara à terra.

Moisés, Elias e João foram sempre o mesmo Espírito reencarnado, mas não a mesma personalidade humana, a mesma individualidade terrena.

Assim é que, no Tabor, quando da transfiguração de Jesus, um Espírito superior, da mesma elevação que Elias e João, tomou a figura, a aparência de Moisés.

Tais substituições se dão *quando necessárias* — por Espíritos da mesma ordem.

A reencarnação esteve esquecida durante longo tempo. Convinha que tal acontecesse, porque se tornou preciso que um véu fosse lançado *entre os* homens, cheios de vícios, de charlatanices, de superstições, e os mistérios de além-túmulo, até que a humanidade, pelos progressos realizados, se mostrasse apta a apreender esses mistérios e a lei natural e imutável da reencarnação, que lhe seria pelos Espíritos do Senhor revelada, *em espírito e verdade,* no seu fundamento e nas suas conseqüências. Aqueles mistérios e esta lei desvendam aos homens as sendas da expiação, da reparação e do progresso, sempre abertas ao Espírito, que, trilhando-as, chegará à perfeição moral e também à realização de seus destinos, por efeito da justiça de Deus, cujos tesouros de bondade e misericórdia infinitas são inesgotáveis.

No seu diálogo com Nicodemos, Jesus deixou *intencionalmente* envolto em sombras, obscuro, o prin-

cípio da reencarnação, aguardando a luz espírita que, mediante a nova revelação, viria patenteá-lo *em todo o seu brilho,* mostrando-o, ao mesmo tempo, incrustado, *sob o véu da letra,* em diversos pontos, *nos seus ensinos.*

Tudo tem a sua razão de ser na marcha dos acontecimentos. Quantos abusos não se houveram originado do contacto, consciente e voluntário, dos Espíritos com a humanidade!

Ainda agora, quando as vossas inteligências estão mais desenvolvidas, os vossos Espíritos mais fortes, mais instruídos, que de práticas ridículas da parte de uns, da de outros que confiança absurda! E, no entanto, deveríeis todos estar *maduros,* pois que se *aproxima o tempo da colheita.*

Pelo transviamento de tão grande número de espíritas, podeis julgar do que teria acontecido *outrora.*

Não vos socorrais do argumento de que a influência espírita existia igualmente, então como hoje.

Existia, sim, mas em termos muito diferentes. *Na sua maioria,* os ignorantes e culpados da terra, quando volviam ao estado de Espíritos livres, isto é, quando na erraticidade, eram conservados na ignorância da faculdade, que possuíam, de se aproximarem dos encarnados.

Somente os que se haviam, *em comparação com os outros,* elevado e desprendido da matéria, podiam usar daquela faculdade. Hoje, todos dela fazem uso, porque lhe podem e devem compreender os efeitos.

Servimo-nos há pouco da expressão — *na sua maioria* — porque havia naquela época e houve sempre, tanto no período cristão, como no período hebraico, em todas as épocas e em todos os lugares, Espíritos que se constituíram instrumentos das provações e expiações dos encarnados.

Os que *então* eram de elevação superior à destes atuavam sobre alguns dos homens menos maus, a

fim de os elevar e tornar guias dos outros. O Senhor não vos confiaria uma arma perigosa; mas, também não seria capaz de deixar-vos expostos, sem defesa, aos golpes dessa mesma arma.

Hoje, estais aptos a compreender e a vos manter em guarda. A criança, se se aproxima de armas perigosas, fere-se; o homem as maneja e delas tira partido.